Allana Joyce Soares Gomes Scopel

A APROPRIAÇÃO DO PARQUE DA JUVENTUDE PELOS SKATISTAS

Belo Horizonte

2014

Allana Joyce Soares Gomes Scopel

A APROPRIAÇÃO DO PARQUE DA JUVENTUDE PELOS SKATISTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação

Linha de pesquisa: Lazer e Sociedade

Orientadora: Profa. Dra. Ana Claudia Porfírio Couto

Belo Horizonte

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação *A apropriação do Parque da Juventude pelos skatistas* de autoria da mestranda Allana Joyce Soares Gomes defendida e aprovada em 24 de julho de 2014, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Profa. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto (Orientadora)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Leonardo Brandão
Centro de Ciências Humanas e da Comunicação
Universidade Regional de Blumenau

Prof. Dr. Luiz Alex Silva Saraiva
Faculdade de Ciências Econômicas
Universidade Federal de Minas Gerais

Ao meu grande amor e companheiro Daniel Scopel.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Minas Gerais, e ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, pela oportunidade de realizar esse mestrado.

À CAPES, pela bolsa concedida ao longo dos dois anos de mestrado.

À minha orientadora, Ana Claudia Porfírio Couto, por toda a sua dedicação durante esses dois anos, muitos foram os aprendizados conquistados ao seu lado.

À minha mãe, Francisca Eloneide Modesto Soares, por sua coragem, seu apoio e por sempre acreditar nos meus sonhos. Aos meus irmãos, Amanda e Allison, por estarem sempre ao meu lado quando preciso. Enfim, a essa família linda que sempre aturou as minhas chatices.

Ao meu pai, José Gomes da Silva, por ter investido na minha educação.

Aos meus sogros, Magaly e Sérgio Scopel, pelo acolhimento, cuidado e carinho recebidos. E pelas inúmeras orações.

A todos os professores do programa, pela humanidade, atenção e conhecimento. Agradeço especialmente à Christianne Luce Gomes e José Alfredo, muito obrigada por terem me recebido tão bem na UFMG. Agradeço também à Cinira, sempre disposta a resolver os nossos pepinos.

À turma do Bill: Paula, Bruno Nigri, Bruno Oceli, Walesson, Amarildo e especialmente à Romilda, pelas inúmeras conversas e por termos dividido tantas vezes nossas angústias intermináveis. “Eita turma arretada, sôh!”

Aos demais colegas do programa, por ter sido tão bem recebida. Agradeço especialmente ao Rafael Fróis, pelas conversas sobre política, por ter me apresentado a lugares e pessoas inesquecíveis e por toda a sua hospitalidade, serei sempre grata.

À Nathalia Milanez, minha companheira de AP que riu tantas vezes dos meus devaneios, que me acompanhou nos momentos de desopilação e dividiu comigo suas alegrias e tristezas, sentirei sua falta.

Agradeço ainda a toda a hospitalidade mineira, todos aqueles que eu tive a oportunidade de conhecer durante esses dois anos de mestrado, nunca me senti tão em casa, estando tão longe.

Aos amigos de São Paulo, que vão deixar muitas saudades. Aos que deixei no Ceará, daqui a pouco "saudade já não mata a gente".

Não posso deixar de agradecer aos skatistas que fizeram parte dessa pesquisa, se mostrando tão solícitos e dispostos a ajudar com a produção do conhecimento, sem vocês nada disso teria acontecido. Agradeço especialmente a Carlos Pretto, sempre solícito e dedicado ao desenvolvimento do skate; à Renatinha, grande skatista, obrigada por toda a sua ajuda; a todas as meninas da Sessão Feminina, por estarem dispostas a me ajudar, tanto na prática do skate como na minha pesquisa; ao Ricardo Tossi, pela sua disposição em fornecer informações, apresentar pessoas e esclarecer dúvidas; ao Cassio Narina, por ter me contado a história desse lugar com tanta riqueza de detalhes. Enfim, a todos, muito obrigada!

À minha instituição, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, por estar investindo na minha formação. Aos meus colegas de trabalho e profissão, especialmente à Simone Castro, Manoel Luís, Mariana Carvalho e Marcelo Marques. Aos meus queridos alunos, que me motivam a continuar acreditando no grande poder da educação e do lazer.

Finalmente, agradeço ao meu agora esposo, Daniel Scopel, por todo o seu amor, dedicação, apoio, carinho, amizade, cuidado e compreensão.

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (Boaventura de Souza Santos)

RESUMO

O intento dessa dissertação foi investigar as formas de uso e apropriação do Parque da Juventude pelos skatistas. Para tanto, nos apoiamos em uma abordagem qualitativa de investigação, buscando inspiração teórico metodológica na antropologia urbana e na etnografia. A metodologia foi composta por pesquisa documental e de campo. Esta última se concretizou por meio de observação participante do cotidiano dos skatistas no Parque da Juventude – localizado no Centro da Cidade de São Bernardo do Campo - SP – e de entrevistas semiestruturadas com 8 voluntários, sendo duas mulheres e seis homens, compreendendo skatistas com idades, tempo de skate e modalidades de prática variados. O tratamento dos dados foi feito por meio de análise de conteúdo. A dissertação está dividida em dois capítulos de referencial teórico e um de discussão dos dados da pesquisa à luz da teoria. O marco teórico foi construído por meio da discussão acerca dos estudos do lazer e sua conceituação. Além disso, apresentamos um breve desenvolvimento histórico do skate. Abordamos ainda o espaço urbano, especialmente as categorias cidade, espaço, cotidiano e lugar, além de fazer uma apresentação do espaço urbano estudado. Os resultados evidenciaram que os processos de apropriação espacial do Parque da Juventude, pelos skatistas, são formados por elementos bastante complexos, envolvendo sua trajetória espacial ao longo da história. Vimos que a transformação espacial daquele equipamento envolveu a participação efetiva dos skatistas que sempre lutaram por conquistas de espaços para o skate na cidade de São Bernardo do Campo. Além disso, as características que mais marcam o uso daquele equipamento envolvem: o modo como os skatistas lidam com as regras do Parque estabelecidas por Lei; as disputas espaciais; a formação de grupos de sociabilidade; a busca pela legitimação do skate feminino; os espaços/tempos destinados exclusivamente às práticas de skate das crianças, dos *Old Schools* e das mulheres; a heterogeneidade de seus usuários; o modo como os funcionários que também são skatistas conciliam suas tarefas profissionais às suas práticas de skate no Parque, demonstrando a inexistência de uma separação estanque entre o lazer e as obrigações profissionais; e a busca por outros lugares. Compreendemos ainda que a produção de formas legítimas de apropriação do Parque da Juventude ocorre a partir de quatro balizadores: os processos de negociação entre skatistas e gestão pública; a transgressão em suas variadas formas; a formação de redes de sociabilidade, esta entendida enquanto uma importante dimensão do lazer; e a produção da identidade ao longo da história no cotidiano daquele equipamento, permitindo a produção de lugares, os lugares dos skatistas no Parque da Juventude.

Palavras-chave: Lazer. Skate. Espaço urbano. Equipamento. Uso. Apropriação.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation was to investigate the uses and ownership of *Parque da Juventude* (Youth Park) by the skateboarders. Thus, we rely on a qualitative research approach, seeking theoretical and methodological inspiration in urban anthropology and ethnography. The methodology was consisted of literature, documentary and field research. The latter was achieved through observation participation of the daily activity of skaters at *Parque da Juventude* - located in the center of the city of São Bernardo do Campo-SP - And semi structured interviews with eight volunteers, including two women and six men, comprising skater's ages, time skateboarding and modalities varied practices. The data analysis was done by using Content Analysis. The dissertation is divided into two chapters of the theoretical references and a discussion of the survey data in the light its theory. The theoretical reference was constructed through the discussion of leisure studies and its conceptualization. Furthermore we present a brief historical development of skateboarding. The urban space, especially the categories town, space, daily life and place were also approached besides making a presentation of the urban space studied. The results showed that the processes of space ownership of the *Parque da Juventude* by the skateboarders are formed by complex elements involving its space trajectory throughout history. It was seen that the space transformation of that equipment involved an active participation of skaters who always fought for conquer spaces for skateboarding in São Bernardo do Campo. Moreover, the characteristics that most characterize the use of that equipment involves: how the skaters deal with the rules established by the Park established by law; space contests; formation of groups of sociability; the pursuit for female skaters legitimacy; spaces / times reserved exclusively to the practice of skateboarding by children, by the Old Schools and by women; users heterogeneity; how employees who are also skateboarders reconcile their professional activities to their skate practices in the park, demonstrating the absence of an isolated separation between leisure and professional obligations; and the search for other places. We understood that the production of legitimate ways of appropriation of the *Parque da Juventude* occurs from four hallmarks: the negotiation processes between skaters and public management; transgression in its various ways; the formation of social networks understood as an important dimension of leisure; and the production of identity throughout history in the everyday activity of that equipment, allowing production of places, the place of the skaters in the *Parque da Juventude*.

Key words: Leisure. Skate. Urban space. Equipment. Use. Appropriation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pista *Wave Park*.....44

Figura 2 - Região do Grande ABC na Região Metropolitana de São Paulo.....65

Figura 3: Mapa Turístico do Município de São Bernardo do Campo.....69

Figura 4: Vista aérea Parque Cidade de São Bernardo Raphael Lazzuri.....71

Figura 5: Pista Ana Brandão.....72

Figura 6: Vista aérea do Parque da Juventude.....74

Figura 7: Vista panorâmica do *Street Park*.....75

Figura 8: Horário de utilização do *Street Park*.....78

Figura 9: Pista molhada em dia chuvoso.....84

Figura 10: Fila de skatistas esperando o término da sessão mirim.....86

Figura 11: Pista Velha.....89

Figura 12: Visualização aérea do Parque da Juventude.....90

Figura 13: Wave Cat, 1981.....91

Figura 14: Pista do Paço depois da construção do *half pipe*.....92

Figura 15: Sessão de sexta-feira.....121

Figura 16: Sessão de domingo.....121

Figura 17: Grupo de *streeteiros*.....128

Figura 18: Skatistas e funcionários na guarita.....131

Figura 19: Garotos fazem sua própria sessão de skate.....146

Figura 20: Bar do Deco.....159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABS	Associação Brasileira de Skate
ABESK	Associação Brasileira dos Empresários do Skate
AFSK	Associação Feminina de Skate
ANPEL	Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer
ASSCS	Associação de Skate de São Caetano do Sul
ASSBC	Associação de Skate de São Bernardo do Campo
CBSK	Confederação Brasileira de Skate
CAJUV	Coordenadoria de Ações para a Juventude
CELAR	Centro de Estudos de Lazer e Recreação
CELAZER	Centro de Estudos do Lazer
CEU	Centro Educacional Unificado
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONPAHC	Conselho de Patrimônio Histórico e Cultural de São Bernardo
ENAREL	Encontro Nacional de Recreação e Lazer
EER	Equipamento Esportivo Radical
EUA	Estados Unidos da América
GETUR-SBC	Grupo de Turismo de São Bernardo do Campo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OEE	Operador de Equipamento Esportivo
PUC-RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PMSBC	Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo
SESC	Serviço Social do Comércio de São Paulo
SBC	São Bernardo do Campo
UBS	União Brasileira de Skate
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO 14

2. DE QUE LAZER ESTAMOS FALANDO? 27

2.1 Breve panorama sobre os estudos do lazer 27

2.2. Discussão conceitual 30

2.3 A trajetória do skate: das ondas na Califórnia às pistas de São Bernardo do Campo . 37

2.3.1. A chegada ao Brasil e o seu desenvolvimento no estado de São Paulo 40

2.3.2. Da Pista do Paço ao Parque da Juventude 51

3. ESPAÇO URBANO 56

3.1. A cidade contemporânea 56

3.2. Espaço e suas categorias 60

3.3. O espaço urbano em questão 64

3.3.1. A trajetória do espaço em São Bernardo do Campo 66

3.3.2. Os *picos* de skate no ABC Paulista 72

3.3.3. O Parque da Juventude 73

4. DISCUTINDO A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E PRÁTICA SKATISTA 80

4.1. O cotidiano dos skatistas no Parque da Juventude: o olhar da pesquisadora 80

4.2. Uma análise da apropriação do Parque da Juventude pelos skatistas 87

4.2.1. A pista antes e depois do Parque da Juventude 88

4.2.1.1 Primeira fase: o surgimento da Pista Velha 88

4.2.1.2. Segunda fase: a evolução da Pista do Paço 92

4.2.1.3. Terceira fase: o abandono, a marginalização e as disputas espaciais 93

4.2.1.4. A disputa pelo espaço: ser considerado ou não *local* da pista 97

4.2.1.5. A disputa pelo espaço: skatistas, *bikers* e *rollers* 100

4.2.1.6. O surgimento do Parque da Juventude: o espaço é (re)conquistado pelos skatistas? 102

4.2.1.7. O que mudou? O que se perdeu? O que se ganhou? 105

4.2.2. O Parque da Juventude segundo os skatistas 115

4.2.2.1. Os pontos positivos 116

4.2.2.2. "Só tem rampa aí, cê é louco": os pontos negativos 119

4.2.2.3. O que pensam os skatistas sobre as regras do Parque? 122

4.2.3. O uso do Parque da Juventude pelos skatistas 127

4.2.3.1. O skate na pista do Parque 127

4.2.3.2. A Sessão *Old School* 132

4.2.3.3. A Sessão Feminina: finalmente a vez é das meninas 136

4.2.3.4. A galera do skate: a sociabilidade 141

4.2.3.5. As práticas transgressivas 143
4.2.3.6. As disputas espaciais 148
4.2.4. Os outros lugares do skate 152
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS **162**
REFERÊNCIAS **169**
APÊNDICE A – TCLE – Skatista **180**
APÊNDICE B – TCLE – Responsável pelo adolescente **181**
APÊNDICE C – Carta de anuência da coordenação do parque **182**
APÊNDICE D – Guia de entrevista – OEE (street park) **183**
APÊNDICE E – Guia de entrevista – Skatista nova geração **184**
APÊNDICE F – Guia de entrevista – Skatista do sexo feminino **185**
APÊNDICE G – Guia de entrevista – Skatista geração *old school* **186**

1. APRESENTAÇÃO

A pesquisa ora apresentada está inserida no universo dos estudos que relacionam a problemática do lazer com as questões que envolvem o espaço urbano. Iniciamos esse trabalho dissertativo apresentando preliminarmente a aproximação teórica com o tema de pesquisa. Seguidamente apresentaremos nossa problemática central, objetivos, justificativa e metodologia.

O crescente processo de urbanização do Brasil vem evoluindo desde o final do século XIX e início do século XX (MARICATO, 1997). Atualmente, é responsável pelo surgimento de grandes regiões metropolitanas que concentram quantidades cada vez mais expressivas de pessoas nas cidades. O último censo demonstra que 84,4% dos brasileiros vivem em áreas urbanas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2010). Esse fato evidencia questões que há pouco tempo não faziam parte das demandas sociais brasileiras. Dentre elas, destacamos aquelas vinculadas ao campo do lazer que, gradativamente, vem sendo compreendido como "uma problemática essencialmente urbana" (MARCELLINO, 2008, p. 21).

Sendo assim, as formas de apropriação, criação e fruição do espaço urbano se configuram como uma questão contemporânea com grande repercussão nos estudos sociológicos e antropológicos no Brasil. O modo como os indivíduos se encontram e se relacionam nos seus tempos e espaços citadinos, e como esses atribuem significado às suas ações, configura-se em um leque de possibilidades de objetos de estudo para diferentes investigações. Assim, autores como Magnani (2003, 2007, 2008, 2012), Marcelino, Barbosa e Mariano (2006), Pellegrin (2004), Rechia (2003, 2006), vêm realizando pesquisas acerca de temáticas relativas a ocupação do espaço urbano como espaço de vivências culturais. Tais estudos levam em consideração, consonante Magnani (2007):

> [...] tanto os atores sociais com suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores etc.) quanto o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço (MAGNANI, 2007, p. 19).

Destarte, a partir de uma compreensão abrangente de lazer, o qual é reconhecido como uma dimensão da cultura e uma necessidade humana, constituindo-se a partir da relação entre a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social (GOMES, 2011),

acreditamos que suas manifestações necessitam ser discutidas também e principalmente no âmbito das relações espaciais e não apenas a partir da dimensão tempo, como é tão reconhecido no senso comum mas também no âmbito acadêmico, essencialmente em oposição ao tempo de trabalho. O nível de desenvolvimento urbano em que se encontra a sociedade atual faz com que aumente a necessidade de se investigar e discutir a relação dos modos de apropriação espacial urbana por meio das manifestações culturais, entre elas as experiências de lazer.

Nesse contexto, alguns movimentos culturais são evidenciados, muitos deles trazendo estranhamento, preconceitos, conflitos, e disputas espaciais. Dentre as práticas mais comuns dos grandes centros urbanos, caracterizadas pela necessidade de apropriação do espaço, podemos destacar a pichação, o grafite, a prática de danças de rua e aquelas modalidades classificadas na categoria dos esportes radicais, tais como o patins *in line*[1], o *parkour*[2] e o skate. Nessa conjuntura, destacamos o skate, o qual apresenta-se como uma prática cultural, cada vez mais popular nos aglomerados urbanos e com grande repercussão nos meios de comunicação.

A prática do skate evoluiu em relação a técnicas e equipamentos, atingindo alto grau de performance e avanço tecnológico. Possui diferenciadas maneiras de ser praticado, podendo ser vivenciado nos tempos/espaços de lazer, utilizado para fins de deslocamento ou de modo profissional. Sua prática competitiva é responsável pela espetacularização que o envolve atualmente e movimenta a crescente indústria dos chamados esportes radicais. No entanto, essas formas não necessariamente aparecem isoladas umas das outras, ao contrário, estabelecem relações entre si.

Além disso, "a disseminação do skate pelo Brasil, representada por múltiplas formas de prática e significação, apresenta como um dos efeitos, sua inserção no universo científico" (TEIXEIRA; FREITAS; CORREIA, 2012, p. 124). Como resultado, muitas pesquisas, realizadas por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, destacam a prática do skate e os sujeitos que o praticam como objeto central de variados estudos. Trabalhos estes, "oriundos da Sociologia, História, Antropologia e, da própria Educação Física, que passaram a discutir conceitos como profissionalização, identidade, tribos, urbanidade, esportivização" (TEIXEIRA, FREITAS e CORREIA, op. cit., p. 127).

É perceptível ainda, principalmente nas décadas de 2000 e de 2010, o aumento de estudos com a temática do skate no contexto dos espaços urbanos, tais como Améstica et. al.

---

[1] Modalidade de patins, também chamada de patins *street*, é considerada uma modalidade radical, praticado com patins de rodas em linha, em variadas superfícies, como *half pipe, street park* e nas ruas.

[2] Atividade cujo princípio básico é mover-se de um ponto a outro o mais rápido e eficientemente possível, usando principalmente as habilidades do corpo humano.

(2006), Borden (2001), Brandão (2006, 2008, 2011), Machado (2011, 2012a, 2012b), Olic (2010), Peters (2009), Saraví (2012), Woolley e Johns (2001), discutindo questões que envolvem: encontros, conflitos, corpo, arquitetura, apropriação espacial, usos e ressignificações do espaço, entre outras problemáticas. Nesse sentido, podemos citar o trabalho de Peters (2009), que investiga o modo como os skatistas se apropriam de espaços destinados a outros fins (circulação, passeio) e os transformam em espaços *skatáveis*[3]; Brandão (2006, 2008, 2011), que estudou o skate a partir de uma abordagem histórica e ressaltou a problemática do uso do espaço da cidade pelos praticantes de *street skate*[4] e Machado (2011, 2012a, 2012b), que investigou os sentidos atribuídos a prática do *street skate* na cidade de São Paulo.

Contudo, o debate está em seus processos iniciais, os resultados encontrados nas pesquisas existentes, ao mesmo tempo que respondem algumas questões, propiciam outras que contribuem para o não esgotamento do tema e a imersão, cada vez mais profunda, no universo dessa prática e sua relação com a cidade.

Diante do exposto e mediante o contexto atual em que se encontram os desdobramentos do skate no Brasil, fica claro que ainda existem muitas questões a serem discutidas sobre o uso do espaço urbano para essa determinada prática cultural. Percebemos, como visto acima, que, dentre as pesquisas pertinentes a essa temática, há uma predominância nos estudos de espaços públicos abertos, tais como praças e ruas, que não foram projetados especificamente para a prática do skate, mas que são ressignificados para esse fim, principalmente pelos adeptos do *street skate*.

Estamos propondo aqui uma perspectiva diferente, cujo foco de investigação foi a apropriação de um espaço público fechado, com portaria e horário de funcionamento, que foi construído especificamente para a prática de atividades radicais, sendo frequentado principalmente por skatistas. Nos propusemos assim a contribuir para o debate que envolve os desdobramentos advindos com a apropriação do espaço urbano pela prática do skate, tomando como *lócus* da pesquisa o Parque Cidade Escola da Juventude Città Di Maróstica ou Parque da Juventude[5] (como é conhecido pelos seus frequentadores), localizado no centro da cidade de São Bernardo do Campo (SBC), região do ABC Paulista[6], no estado de São Paulo.

---

[3] Expressão nativa identificada por Machado (2011), faz referência a espaços que possuem equipamentos urbanos que se tornam obstáculos nos quais as manobras são realizadas.

[4] Também chamada de *street style*, esta modalidade consiste em praticar skate usando elementos encontrados nas ruas das cidades como obstáculos a serem superados pelos skatistas, podendo ser praticado também em pistas de skate, conhecidas como *skate parks* ou *street parks*.

[5] Este será o termo utilizado para designar o parque em estudo por conta da afinidade que a população frequentadora tem com o mesmo. Além deste, em alguns momentos, será utilizado também o constructo Parque.

[6] Engloba as cidades Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

O Parque da Juventude foi construído a partir da revitalização da antiga Pista do Paço Municipal ou Pista Pública de SBC. Sua trajetória de 32 anos está intrinsecamente relacionada aos desdobramentos do skatismo em SBC. A cidade é, hoje, reconhecida mundialmente pela sua tradição na prática do skate, já que esta vem evoluindo desde a década de 1970, quanto ao número de atletas, modalidades, técnicas, profissionalização, surgimento de pistas e aumento do incentivo governamental.

Antes do surgimento do Parque da Juventude, a trajetória da Pista do Paço foi marcada pela constante participação da comunidade skatista, que teve papel fundamental na conquista de melhorias e ampliações, em alguns momentos por meio de reivindicações feitas às instâncias públicas, em outros, angariando verba para reparos e reformas que seriam feitos pelos próprios usuários.

Construída em 1982, foi uma das primeiras pistas públicas do estado de São Paulo. Ao longo de mais de 30 anos de existência passou por muitas reformas e duas grandes revitalizações. Uma em 1988, quando foi ampliada e deixou de ser apenas um *bowl*[7], passando a ser caracterizada como um *skate park*[8]. A outra revitalização aconteceu quase 20 anos depois e deu origem ao atual Parque da Juventude, num processo que culminou em uma grande modificação espacial, não apenas na sua estrutura física, mas interferiu na dinâmica das relações sociais e culturais daquele segmento espacial com a cidade de SBC e com o ABC Paulista.

Hoje, o Parque da Juventude oferece uma variedade maior de serviços, recebe uma quantidade e diversidade maior de usuários e, além disso, é um local fechado, com horário de funcionamento, contratação de profissionais por concurso público, dispondo de regras de segurança e convívio, sendo ainda regido por uma lei municipal que regulamenta o seu uso. Localizado entre as avenidas Faria Lima e Armando Ítalo Setti, possui mais de 21 mil metros quadrados. É composto também por uma grande infraestrutura, com administração, fraldário, lanchonete, loja de utensílios esportivos, vestuários, sanitários e sala de atendimento de primeiros socorros.

Além disso, o Parque da Juventude não é, como era a antiga Pista do Paço Municipal, um equipamento voltado apenas para a prática de skate. Conhecido também como Parque Radical, ele foi projetado para ser um equipamento de lazer público especializado em

[7] Pista em formato de bacia, com suas paredes em formato côncavo (transição), possui paredes verticais (ângulo de 90º). Esse primeiro *bowl* é hoje chamado pelos skatistas de Pista Velha.

[8] É um complexo formado por variados tipos de pistas e obstáculos, servindo à pratica de diferentes modalidades de skate. É também chamado de *street park* e pode ser utilizado ainda por adeptos das modalidades mais radicais de bicicleta e patins.

oferecer atividades radicais. Dessa forma, é composto por várias estruturas destinadas a este fim, sendo elas: muros para prática de escalada; plataforma para tirolesa e rapel e determinados aparelhos específicos à prática de skate, patins *in line* e bicicleta BMX (*bike*)[9]: *half-pipe*[10]; área aberta reservada para *freestyle*[11]; pista para *fingerboard* (skate de dedo); pista de *dirt jumping*[12], pista de skate mirim (para crianças de até 12 anos) e *street park* (também chamada de pista de skate). Dispondo ainda de pista de caminhada, aparelhos para alongamento e *playground*. Além da parte estrutural, o Parque também oferece oficinas de esportes radicais e é palco de alguns campeonatos, *shows*, apresentação de espetáculos teatrais e circenses, entre outros eventos comemorativos realizados em feriados, tais como dia dos pais, aniversário da cidade, entre outros.

Acreditamos que as transformações ocorridas no espaço urbano estão imbricadas com suas práticas socioculturais. Nessa dinâmica o espaço deixa de ser apenas um cenário e passa a fazer parte das ações urbanas, podendo influenciá-las e por elas ser influenciado. Assim, as modificações ocorridas no Parque da Juventude trouxeram uma nova realidade para o uso e a apropriação desse equipamento.

Diante dessa realidade, começamos a nos perguntar como os skatistas passaram a usar, e até que ponto eles conseguem se apropriar daquele espaço para suas práticas de lazer, diante do atual estado de desenvolvimento espacial no qual se encontra o Parque da Juventude.

Sendo assim, a referida pesquisa possui como tema central as práticas urbanas de lazer e a sua relação com o espaço, e está inserida nas discussões referentes à apropriação espacial, ou seja, à reflexão sobre o modo como os sujeitos estabelecem suas práticas de skate em um espaço construído para atender, não apenas skatistas, como também um público diversificado e, além disso, possuir caráter regulador, burocrático e racional, próprios de um equipamento gestado pela iniciativa pública, permeado por regras que visam controlar suas práticas e disciplinarizar seus corpos.

A escolha por investigar um segmento do espaço tão específico e delimitado, diante de um contexto tão grande em termos de escala e tão complexo em relação aos processos sociais e culturais, como o espaço urbano, se deu por acreditarmos que só é possível conhecer as

[9] Modalidades de bicicleta considerada radical, baseada na execução de manobras em diferentes terrenos, como *street park* e também nas ruas.
[10] Pista com no mínimo 3,50 m de altura, podendo ser de concreto ou madeira, em formato de meio tubo (parecendo um grande U), havendo entre a borda de ferro (coping) e a parede em curva (transição) uma parede com vertical (90º com o chão, ou seja, reta).
[11] Modalidade, também chamada de estilo livre, consiste em realizar manobras consecutivas, como uma coreografia, em lugares planos.
[12] Modalidade de bicicleta praticada em rampas de terra, com alturas e distâncias variadas. Consiste em transpor vários saltos efetuando diversas manobras no ar.

vivências de lazer em sua condição real e concreta quando nos permitimos um olhar aproximado e específico. No entanto, não podemos desconsiderar o contexto espacial mais geral. No caso do objeto aqui proposto, é preciso ter em mente que o equipamento estudado, o Parque da Juventude, está inserido e estabelece relações com os processos urbanos da cidade de SBC, assim como com a região metropolitana a qual faz parte, no caso o ABC Paulista. Pois, parafraseando Magnani (2008, p. 47), "recortar um objeto ou tema de pesquisa na cidade não implica cortar os vínculos que mantém com as demais dimensões da dinâmica urbana, em especial, e da modernidade, em geral".

Assim, a escolha por investigar um grupo específico de atores sociais que possui formas também bastante específicas de ocupar o equipamento que nos propomos a estudar, ou seja, por meio de suas práticas de skate, se deu porque acreditamos que isso nos permitiria captar aspectos da dinâmica urbana que não seriam considerados ou percebidos se fossem admitidos exclusivamente por meio de uma visão macro daquela região (Idem, 2012).

Mas por que estudar esse equipamento em particular? Pois ele sintetiza muito da complexidade pela qual a vida social das cidades contemporâneas vem passando, marcadas pelos condicionantes advindos das chamadas sociedades modernas e pós-modernas. Numa realidade onde os carros ocupam, cada vez mais, o lugar das pessoas, marcada pela aceleração contemporânea, que fez com que surgissem novos ritmos de deslocamento de corpos e de ideias, juntamente com as novas tecnologias, a expansão demográfica, e o aumento do urbano e do consumo (SANTOS, 1997). Todos esses fatores fomentam a necessidade de considerar os lugares numa escala mais local, identificando suas formas de uso e apropriação, tendo em vista que estas produzem as descontinuidades do tecido urbano (MAGNANI, 2008).

Compreendemos, portanto, que os processos de transformação pelos quais a antiga Pista Pública de SBC passou e continua passando, hoje enquanto Parque da Juventude, bem como as formas de uso desenvolvidas pelos skatistas, fazem parte da complexa configuração espacial urbana contemporânea.

Destarte, o objetivo geral deste estudo foi investigar como os skatistas usam e se apropriam do equipamento de lazer conhecido como Parque da Juventude.

Além disso, objetivamos especificamente investigar como se deu o processo de modificação da antiga Pista do Paço de SBC, culminando no surgimento do Parque da Juventude; Conhecer os skatistas que frequentam o Parque da Juventude; Conhecer as representações sociais do Parque para os skatistas que o frequentam; Analisar as relações espaciais do Parque da Juventude por meio dos skatistas e de suas práticas de lazer.

Em relação aos caminhos metodológicos percorridos, a presente pesquisa seguiu os pressupostos da abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2006, p. 24) "o universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e reinterpretadas pelos sujeitos que as vivenciam". A autora credita que a partir de uma ruptura com o pensamento positivista, as Ciências Sociais passaram a considerar a subjetividade como elemento fundamental e as relações sociais como essência e resultado da atividade humana, criadora, afetiva e racional. Considera ainda que "o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação" (MINAYO, 1996, p. 22).

Ademais, a construção dos caminhos metodológicos que seriam percorridos para a realização da referida pesquisa contou com determinados pressupostos da antropologia interpretativa. Fomos assim, inspirados nos caminhos propostos por Geertz (2008), que propõe um conceito semiótico de cultura, compreendendo-a como teias de significados que devem ser analisadas de modo interpretativo. Para o autor, a cultura, enquanto "sistemas organizados de símbolos significantes [...] não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base para sua especificidade" (GEERTZ, 2008, p. 33).

Para compreender a análise antropológica é necessário entender a prática da etnografia e o que define seus procedimentos é o esforço intelectual que eles representam. Assim, o autor utiliza a "descrição densa" como forma de distinguir o significado das ações por meio da interpretação de uma "hierarquia estratificada de estruturas significantes" (GEERTZ, 2008, p. 05):

> [...] a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo [...] (GEERTZ, op. cit., p. 07).

Dessa forma, a construção metodológica da nossa pesquisa de campo foi inspirada na etnografia, assim como em alguns conceitos e metodologias desenvolvidos pela antropologia urbana, entendida como:

> [...] uma delimitação no amplo e vago campo conhecido como 'antropologia das sociedades complexas', reservando a denominação de antropologia urbana *stricto sensu* para o estudo de grupos sociais e suas práticas quando propriamente inscritas na trama da cidade, isto é, articulados na e com a paisagem, equipamentos ou instituições urbanas, considerados não um mero cenário, mas uma parte constitutiva dessas práticas (MAGNANI, 2002, p. 25).

Sendo assim, a pesquisa se propôs a estudar as relações sócio culturais dos skatistas no contexto o qual eles estão inseridos, onde eles criam e recriam suas práticas e significados – ou seja, no contexto urbano, mais especificamente no equipamento urbano de lazer chamado de Parque da Juventude.

Entendemos que "as descontinuidades significativas do tecido urbano não são o resultado de fatores naturais, [...] são produzidas por diferentes formas de uso e apropriação do espaço, que é preciso, justamente, identificar e analisar" (MAGNANI, 2008, p. 38). Segundo essa lógica, são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam os espaços urbanos.

De acordo com Agier (2011), para se realizar uma Antropologia da Cidade, esta não deve ser "[...] considerada 'uma coisa' que eu possa ver nem 'um objeto' que eu possa apreender como totalidade. Ela transforma-se num todo decomposto, um holograma perceptível, 'apreensível' e vivido em situação." Além disso, é necessário ainda "deslocar o ponto de vista da cidade para os citadinos" e também "deslocar a própria problemática do objeto para o sujeito, da questão sobre o que é a cidade [...] para a pergunta sobre o que faz a cidade" (Ibid., p. 38).

Para uma investigação guiada nesses termos é importante considerar ainda que os diferentes aspectos da cultura são situados historicamente, em um nível microssociológico (GEERTZ, 2008). Barreira e Lima expressam a eficácia de uma microssociologia:

> [...] que não deve abdicar da ideia de inserir os objetos de pesquisa na trama dos processos sociais. Se o bairro é um microcosmo de um universo relacional mais complexo, o esforço de uma recomposição de idas e vindas deve ser apreciado tendo em vista evitar a percepção de uma particularização de práticas sociais cujo sentido se efetiva no contexto urbano mais amplo, envolvendo a cidade, sua história e suas conexões com processos mais abrangentes de expressão da vida social. (BARREIRA; LIMA, 2013, p. 540)

Diante disso, para discutir o uso e a apropriação do Parque da Juventude pelos skatistas, foram combinados os recursos metodológicos de análise documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Na primeira fase da pesquisa foram analisados os documentos. O termo documento "designa toda fonte de informações já existente" (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.166). Para o referido estudo foram necessários documentos com dados referentes às características físicas do Parque, informações a respeito de sua história e de sua regulamentação de uso.

Dessa forma, para coletar informações acerca do desenvolvimento histórico do equipamento estudado, buscamos reportagens em edições antigas do jornal A Folha de São Paulo e da revista Cemporcento Skate Magazine, disponíveis na internet. Tivemos contato ainda

com trechos de reportagens de revistas antigas, fotos e vídeos do arquivo pessoal de alguns skatistas. Além disso, foram analisados sítios virtuais especializados em skate, tais como o da Confederação Brasileira de Skate (CBSK), Associação Feminina de Skate (AFSK), *blogs* particulares e também algumas páginas de redes sociais, como *Facebook* e *Youtube*. Estes últimos contribuíram também com informações mais recentes, depois do surgimento do Parque da Juventude.

Para obter dados sobre a regulamentação e estrutura física do Parque da Juventude analisamos o Decreto Nº 16.096, de 16 de agosto de 2007, que regulamenta a Lei Municipal nº 5.698, de 28 de junho de 2007, que dispõe sobre a criação e denominação do Parque Cidade Escola da Juventude Città Di Maróstica (Parque da Juventude) e dá outras providências. Além das informações recebidas na coordenação do Parque.

Os dados quantitativos e historiográficos sobre a região do ABC Paulista e SBC foram pesquisados em livros de história, fotos e documentos históricos disponíveis em bibliotecas municipais, além de mapas encontrados na internet. Páginas virtuais de entidades públicas também foram navegadas, tais como o portal da Prefeitura de São Bernardo do campo, do Estado de São Paulo e do IBGE.

A fase de observação participante ocorreu depois do término da pesquisa documental. Para a sua realização foi necessária a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e assinatura do termo de anuência (Apêndice C) pelo coordenador geral do Parque da Juventude, autorizando a realização das observações participantes, a emissão de informações sobre a gestão do Parque e a entrada da pesquisadora na área restrita aos skatistas para realização das observações.

Essa fase da pesquisa se desenvolveu entre o dia primeiro de agosto de 2013 até 24 de novembro de 2013, sendo que nas duas últimas semanas foram feitas também as entrevistas. As primeiras observações aconteceram em dias e horários aleatórios, serviram para que a pesquisadora entendesse melhor a dinâmica do Parque e em que dias e horários os skatistas mais utilizavam o espaço.

É válido ressaltar que a observação participante aconteceu não apenas por meio do olhar, mas também através do usufruto de diferentes serviços do equipamento, tais como caminhada, participação em algumas aulas da oficina de skate feminino, uso da pista para andar[13] de patins e skate, entre outros. Essa forma mais participante da pesquisa concentrou-se

[13] A expressão *andar de skate* ou apenas *andar*, é utilizada para nomear o ato de praticar skate. O termo *correr* é também utilizado nesse sentido, sendo mais usual para designar a competição, por meio da expressão *correr campeonato*.

principalmente no primeiro mês do período de observação. Depois delimitamos nosso cronograma de observação de acordo com a grade de horários destinadas ao skate no *street park, half pipe* e no *street* mirim do Parque da Juventude. Nesse ínterim, observávamos as sessões no *street* a partir de ângulos e perspectivas diferentes, ora ficávamos onde poderíamos ter uma visão geral e ampliada da pista, ora a observávamos da sua grade de proteção, em outros momentos da portaria que dá acesso a sua entrada e em outros ficávamos dentro da pista. Além do *street*, as outras áreas do Parque eram também observadas. O *half pipe*, no entanto, passou quase todo o período da pesquisa de campo fechado e a pista de *street* mirim só abria nos finais de semana. Nessa segunda fase, além de observar, também escutávamos diálogos e conversávamos com skatistas e funcionários.

As situações consideradas importantes para os objetivos da pesquisa foram registradas em um diário de campo, da seguinte forma: em campo a pesquisadora fazia curtas anotações em um pequeno bloco de nota ou ainda em um aplicativo de texto de um celular, a narrativa dos acontecimentos do dia de observação só era escrita no diário de campo no término da observação e em outro ambiente, fora do Parque.

Essa fase da pesquisa permitiu fazer uma descrição detalhada do Parque da Juventude; gerou também informações sobre o perfil dos skatistas e o modo como eles estabelecem suas práticas no Parque, suas sociabilidades, o modo como eles lidam com as regras; conhecemos ainda a dinâmica dos funcionários, que também são, em sua maioria, skatistas e as disputas espaciais. Pudemos entender também as diferenças nos modos de usar o Parque de acordo com o dia da semana ou acontecimento de algum evento. Esses elementos foram utilizados de modo a fazer um contra ponto com os dados obtidos com as entrevistas e nos deram subsídios para atingir os objetivos propostos para a pesquisa. Serviu ainda para selecionar os voluntários que foram entrevistados.

A terceira fase da pesquisa se deu por meio das entrevistas semiestruturadas, estas favoreceram uma exploração aprofundada dos saberes, representações, crenças e valores dos sujeitos entrevistados (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Os skatistas que participaram das entrevistas foram selecionados a partir de alguns critérios: a frequência assídua ao Parque, a proximidade com a pesquisadora durante as observações, a disposição para contribuir com a pesquisa e a idade. Dessa forma, procuramos formar um grupo de voluntários composto por skatistas de diferentes faixas etárias, que foram divididos em duas categorias: nova geração (com idade até 35 anos) e *old school* (acima de 35 anos). Consideramos também a modalidade de prática, os skatistas entrevistados deveriam ser

adeptos de uma das modalidades mais praticadas no Parque (*street skate*, vertical[14] e *overall[15]*). O tempo de prática de skate também influenciou na seleção, estabelecemos que os voluntários deveriam ter pelo menos cinco anos de prática e de uso do Parque da Juventude.

Foram selecionados oito voluntários. Dois deles, além de serem skatistas, são também funcionários, sendo um deles Operador de Equipamento Esportivo (OEE)[16] e o outro responsável por projetar pistas e fazer obstáculos e melhorias no *street park;* quanto a modalidade, três são praticantes de vertical, um de *overall* e quatro praticantes de *street skate*; em relação à idade, três são da categoria *old school*, uma mulher de 39 anos e dois homens, um de 37 e outro de 48 anos e cinco da nova geração, sendo quatro homens e uma mulher, com faixa etária variando entre 17 e 28 anos. Além disso, dos oito entrevistados dois andam de skate profissionalmente.

As entrevistas foram realizadas seguindo o roteiro preestabelecido nos guias de entrevistas. Foram utilizados quatro guias diferentes (Apêndices D, E, F e G), um para os skatistas da nova geração de skate, um para os *olds school* e um específico para skatistas do sexo feminino. Essa divisão se deu por entendermos que esses três perfis de usuários possuíam diferenças bem delimitadas nas formas de uso e apropriação daquele equipamento. Um outro guia foi também utilizado especificamente para o OEE responsável por monitorar a pista de skate em variados horários, por este ter contato direto com os skatistas e com a dinâmica da pista de skate. Porém, por este ser também skatista, ele foi entrevistado a partir da utilização de perguntas tanto do guia para skatistas quanto do guia para OEE.

Todas as entrevistas foram realizadas nas dependências do Parque da Juventude, nas proximidades da pista de skate, pois acreditamos que isso geraria um ambiente de informalidade e descontração. Antes da realização da entrevista cada entrevistado assinou um termo de compromisso livre e esclarecido (Apêndice A) contendo o objetivo da pesquisa, a explicação dos procedimentos da entrevista, a descrição dos benefícios esperados, informação de que a identidade do informante seria preservada e que ele poderia retirar o consentimento e interromper sua participação a qualquer momento da entrevista. Além disso, para o skatista adolescente houve também um termo de consentimento que foi assinado pelo seu responsável.

As falas foram gravadas por meio de um *software* de gravação instalado em um aparelho de celular e armazenadas automaticamente em formato *online* por meio do aplicativo

[14] Modalidade praticada em *half pipes* e *bowls*.
[15] Modalidade que consiste na mistura de estilos de outras modalidades, no caso do Parque da Juventude eles mesclam manobras feitas nas pistas em transição com manobras próprias do *street skate*.
[16] Os OEE são responsáveis pelo controle do uso dos espaços para atividades radicais, tal como o *street park*.

onedrive. Posteriormente, todas as entrevistas foram transcritas na íntegra por um profissional não envolvido com a pesquisa, incluindo também os elementos de comunicação não verbais como pausas, hesitações e correções.

É importante destacar também que, durante as entrevistas, as perguntas não foram feitas necessariamente da forma e na ordem que estão descritas nos guias. O desenvolvimento da arguição dependia do teor da resposta à questão básica norteadora, alguns entrevistados já respondiam muitos dos componentes do guia, outros não, alguns ainda entravam em um assunto que seria perguntado posteriormente, fazendo com que mudássemos a ordem das questões. Elementos novos também foram acrescentados por eles e, sendo estes pertinentes à pesquisa, geravam novas perguntas, ao passo que estas poderiam ser também utilizadas em outras entrevistas.

Optamos pela escolha dessa dinâmica, pois, de acordo com Laville e Dionne (1999), a entrevista semiestruturada permite maior flexibilidade se comparada ao questionário e a entrevista estruturada, nela os entrevistadores podem explicitar algumas questões no curso da entrevista e reformulá-las para atender as necessidades do informante, podendo haver ainda, mudança na ordem das perguntas em função das respostas obtidas. Além disso, o investigador tem a possibilidade de acrescentar perguntas para fazer precisar ou aprofundar uma resposta.

Para a interpretação dos dados coletados foi utilizado o método de análise de conteúdo, descrito por Bardin (2009) como um:

> [...] conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando a obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2009, p.44).

Quivy e Campenhout (1992) acreditam que nas investigações de cunho social é crescente a utilização da análise de conteúdo, pela sua possibilidade de tratar meticulosamente informações e testemunhos que apresentam graus de profundidade e complexidade, permitindo satisfazer tanto as exigências de rigor metodológico quanto as de profundidade inventiva.

Dessa forma, seguindo a perspectiva de Bardin (2009), em um primeiro momento, logo após o término da pesquisa de campo, fizemos uma pré-análise de todos os dados recolhidos, por meio de leituras, no intuito de superar o estranhamento inicial e começar a fazer relações com a teoria.

No segundo momento fizemos a codificação dos dados brutos, organizando o conteúdo das entrevistas em unidades, separando as características pertinentes do conteúdo em

unidades de registro. A unidade de registro escolhida para o conteúdo analisado foi o tema, dessa forma, o conteúdo de todas as entrevistas foi analisado de modo a perceber quais os temas que mais se repetiam. Assim, trechos de entrevistas foram recortados e divididos semanticamente, sendo considerada a frequência com que cada unidade de registro aparecia, determinando assim sua importância para a análise. Os componentes temáticos permitiram organizar o conteúdo em categorias, estas foram determinadas à posteriori, pois optamos por selecioná-las a partir dos próprios dados obtidos (FLORES, 1994).

A partir disso o conteúdo foi reduzido em quatro categorias: A pista antes e depois do Parque da Juventude, diz respeito à transformação espacial ao longo do tempo; O Parque da Juventude segundo os skatistas, reflete as representações sociais dos skatistas em relação ao Parque da Juventude; O uso do Parque da Juventude pelos skatistas, envolve a prática cotidiana dos atores sociais; Os outros lugares do skate, destaca a relação entre os vários lugares do skate. Com as categorias escolhidas, novas leituras do material de campo foram feitas e, a partir de então, realizamos a interpretação por meio do diálogo com a teoria.

O texto aqui apresentado é o resultado da investigação que foi feita com base na trajetória teórico-metodológica expressada nessa apresentação. Este está organizado da seguinte maneira: O Capítulo 1 traz a apresentação do trabalho. No Capítulo 2 foi feita uma discussão teórica sobre o lazer, no qual apresentamos um breve diagnóstico dos estudos do lazer e contextualizamos algumas teorias no intuito de discutir e esclarecer a linha conceitual escolhida para essa pesquisa. Apresentamos ainda um breve panorama do skate ao longo do tempo, com foco no seu desenvolvimento no estado de São Paulo e em SBC.

O Capítulo 3 expressa a discussão teórica sobre o espaço urbano e esclarece determinados termos que foram utilizados no diálogo com a pesquisa empírica. Expõe ainda elementos importantes relativos ao espaço urbano estudado, a partir de uma visão macro apresenta um panorama do espaço que engloba a região do ABC Paulista, em particular a cidade de SBC e especificamente o Parque da Juventude.

O Capítulo 4 traz em primeiro lugar uma descrição do que foi percebido por meio do olhar, posteriormente discute o discurso dos sujeitos à luz da teoria, fazendo contrapontos com as observações. E assim, interpretamos e esclarecemos os modos de apropriação do Parque da Juventude pelos skatistas.

Por último, são apresentadas as considerações finais que discorrem sobre a compreensão geral da investigação e apresentam as principais conclusões acerca do objeto proposto para esta investigação, possibilitando a elaboração de futuras pesquisas envolvendo o tema.

2. DE QUE LAZER ESTAMOS FALANDO?

Estamos propondo aqui um breve panorama sobre os estudos do lazer e uma reflexão sobre os caminhos conceituais pelos quais o campo vem passando, no intuito de esclarecer o ponto de vista conceitual proposto para essa investigação, pois acreditamos que as manifestações de lazer estão intrinsicamente relacionadas à dinâmica dos espaços urbanos contemporâneos. O marco teórico aqui proposto se apresenta, assim, como um importante ponto de partida para a discussão do espaço urbano e suas apropriações a partir das manifestações de lazer urbanas.

Além disso, esse capítulo também apresenta o skate, enquanto uma manifestação tipicamente urbana. Por meio de uma breve sintetização de seu desenvolvimento ao longo do tempo e em constante relação com o espaço, principalmente os desdobramentos de sua prática no Brasil, no Estado de São Paulo e na cidade de SBC, na qual a história do skate se confunde com a própria trajetória do Parque da Juventude.

2.1 Breve panorama sobre os estudos do lazer

No contexto internacional, as primeiras pesquisas sistematizadas sobre o campo do lazer surgiram na segunda metade do século XIX (GOMES; MELO, 2003). Para Werneck[17] (2003 apud GOMES; MELO, 2003), essa sistematização é fruto de uma mudança de enfoque para a compreensão do lazer, a partir da visão difundida principalmente pelas sociedades modernas urbano-industriais, que concebe o lazer como tempo/espaço propício para a vivência de múltiplas experiências classificadas por não serem pertencentes ao mundo do trabalho. Assim, a partir do tempo livre gerado com as sociedades industrializadas, surgiu a necessidade de conhecimento e controle desse tempo. Um exemplo disso foi o aparecimento de um campo denominado Sociologia do Lazer nos Estados Unidos da América (EUA) (GOMES; MELO, 2003).

Outrossim, Marcellino (1996) acredita que apesar de temas como ócio e não-trabalho já serem de interesse da Filosofia Social, é só a partir da sociedade industrial que o lazer ganha importância na produção de pensadores sociais do século XIX. Podem ser citados como exemplos de autores importantes que marcaram o estudo sobre as temáticas do lazer nessa

[17] WERNECK, Christianne L. Gomes. **Significados de recreação e lazer no Brasil**: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964). 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

época, economistas como Veblen, escritor do clássico *A teoria da classe ociosa*, de 1899, e o francês Paul Lafargue, autor de *O direito à preguiça*, datado de 1880, considerado o primeiro manifesto em favor do lazer dos operários (MELO, 2010).

Porém, é só a partir do século XX que se desenvolve sistematicamente o estudo da questão do lazer, com teóricos como Huizinga, autor de *Homo Ludens*, de 1938 (MARCELLINO, 1996), filósofos como Bertrand Russel, que escreveu *Elogio ao ócio,* em 1935, e cientistas sociais, como Georges Simmel, que se dedicaram a estudar o lazer e suas temáticas desde o início do século XX, sendo de grande importância ainda, a obra de E.P. Thompson, *A formação da classe operária*, de 1963 (MELO, 2010).

Em relação aos estudos da temática no Brasil, Gomes e Melo (2003) afirmam que o lazer da população já estava presente no século XIX, no discurso de engenheiros e sanitaristas responsáveis pelas reformas urbanas. Melo (2008) concorda com essa afirmação relatando que as primeiras intervenções brasileiras relacionadas ao lazer aconteceram nas últimas décadas do século XIX, partindo de preocupações com o tempo livre da população das grandes cidades do momento.

Duas ocorrências históricas marcam essa preocupação. A primeira é o surgimento das organizações de trabalhadores, que, semelhante as da Europa, lutam pela redução da jornada de trabalho; e a segunda diz respeito ao contexto de modernização da sociedade brasileira, que compreende os momentos festivos como elemento importante para a vida nas cidades em crescimento (MELO, 2008).

Os estudos nacionais mais estruturados sobre a problemática do lazer começam a aparecer nas primeiras décadas do século XX. Um exemplo disso são as ideias do professor Frederico G. Gaelzer que, nos anos 1930, no Rio Grande do Sul, destacava o bom uso das horas de lazer como um problema que deveria ser estudado (GOMES; MELO, 2003).

Dessa forma, as investigações sobre essa temática nessa época giravam em torno da reflexão sobre o modo como o cidadão aproveitava seu tempo livre, numa tentativa de empregar atividades saudáveis, higiênicas e moralmente aceitas para as horas de lazer da população. Um outro exemplo dessa fase são as pesquisas de Arnaldo Sussekind, datadas de 1940, e a obra do sociólogo Acácio Ferreira, *Lazer Operário,* escrita em 1959, de grande importância para o tema e com apresentação de dados empíricos de grande valor para a época (Ibid.).

Todavia, muitos estudiosos, tais como Marcellino (1996), Gomes e Melo (2003), Gomes e Pinto (2009), Melo (2010), entre outros, acreditam que é só a partir da década de 1970 que há, no Brasil, um efetivo processo de organização, sistematização e consolidação do lazer

como campo de estudos e de intervenções. Assim, desse momento em diante vêm acontecendo um aumento quantitativo e qualitativo das discussões, além da conformação de um campo acadêmico com o tema lazer (MELO, 2010).

Gomes e Pinto (2009) relatam que nesse período surgiram diversos eventos científicos, contribuindo para aprofundar o conhecimento sobre o tema. São citados: o *Seminário sobre o lazer: perspectiva para uma cidade que trabalha*, realizado em São Paulo, em 1969, pela Secretaria de Bem Estar Social e o Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC-SP); o primeiro Seminário Nacional do Lazer, em Curitiba, em 1974; o primeiro Encontro Nacional de Lazer, no Rio de Janeiro, em 1975; além disso, em 1976, houve o Congresso para uma Carta do Lazer, evento internacional promovido pela Fundação Van Clé, que contou com a participação de 42 países, incluindo o Brasil.

A década de 1970 foi marcada também pela criação de centros de estudos sobre o lazer, tais como o Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR), que foi criado em 1973 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Essa mesma universidade criou ainda o primeiro Curso de Especialização em Lazer *lato sensu*. Nessa época surgiu também o Centro de Estudos do Lazer (CELAZER), grupo de estudos e pesquisas empíricas organizado pelo SESC de São Paulo que contou, a partir do final de 1970, com a orientação do sociólogo francês Joffre Dumazedier (GOMES; PINTO, 2009).

É importante salientar que o debate sobre o campo do lazer no Brasil ao longo das décadas de 1970 e 1980 se fundamentou basicamente nos escritos de Dumazedier (1973; 1975; 1979), suas ideias foram compartilhadas no país por meio de palestras, cursos, consultorias e livros traduzidos para o português (GOMES; MELO, 2003, GOMES; PINTO, 2009). Já entre os estudiosos nacionais, de acordo com Gomes e Pinto (2009), se destacaram nessa época Medeiros (1975), Requixa (1977, 1980) e Gaelzer (1979).

Em meados dos anos 1980, surgem autores de relevantes contribuições para os estudos nacionais sobre o lazer, tais como Camargo (1986; 1998), seguidor e multiplicador das ideias de Dumazedier, tendo sido orientado por ele no seu doutorado. Marcellino (1983; 1987; 1990), com uma vasta obra que se estende até os dias atuais, é outra grande referência para produção nacional sobre o tema (GOMES; MELO, 2003).

Na década de 1990 muitos são os autores que se dedicam à produção no campo teórico do lazer, sendo destacados Antonio Carlos Bramante, Heloisa Turini Bhruns, Leila Mirtes Pinto, Christianne Luce Gomes Werneck. Isto posto, houve uma diversificação nos estudos brasileiros sobre o lazer, que deixaram de ser frutos de reflexões apenas sociológicas e passaram a ser estudados a partir de diversas perspectivas (Ibid.).

A partir de então, é perceptível um crescente desenvolvimento no tocante aos estudos do lazer no país. Gomes e Melo (2003) já percebiam, no início dos anos 2000, um notável crescimento na produção acadêmica, por meio do aumento de pesquisas, produções e teóricos com interesse no assunto. "Assim, embora tenha muito a avançar, nos últimos anos o campo do lazer ampliou de maneira significativa o conhecimento produzido no Brasil [...]" (GOMES; PINTO, 2009, p. 90).

Como exemplos desse desenvolvimento temos a Revista LICERE, existente há 15 anos como revista específica do campo; o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, com nível de mestrado e doutorado ofertado pela UFMG; os eventos Lazer em Debate, que está em sua 14ª edição e o Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL), já existente há 25 anos; a recém-fundada Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL), entre outros eventos, periódicos e grupos de pesquisa espalhados por todo o país que estudam especificamente o campo do lazer ou possuem linhas de pesquisa que envolvem esse tema.

Contudo, apesar da multiplicação dos enfoques, das perspectivas de abordagem e dos embates teóricos no campo, ainda não são comuns discussões conceituais mais aprofundadas, necessitando haver maior investimento quanto à investigação e reflexão sobre o conceito de lazer (MELO, 2011).

A presente dissertação não objetiva realizar esse aprofundamento das discussões acerca do conceito de lazer, apenas fazer uma breve reflexão e apontar os caminhos que por hora foram escolhidos para o embasamento teórico do trabalho proposto.

2.2. Discussão conceitual

Em relação à discussão conceitual, os estudos do lazer no Brasil são marcados por diferenças de pontos de vista. O primeiro embate conceitual relaciona-se a sua origem, dividindo o campo principalmente em duas linhas de pensamento: uma defende o surgimento do lazer nas antigas sociedades gregas e outra o entende como produto da moderna sociedade urbano-industrial (GOMES, 2004; MARINHO; PIMENTEL, 2010; GOMES; ELIZALDE. 2012). Entre os autores seguidores da primeira corrente podemos citar De Grazia (1966) e Frederic Munné (1980), já em relação aos estudos brasileiros, temos aqueles desenvolvidos pelas autoras Medeiros (1975) e Gomes (2004), entre outros. A segunda vertente foi defendida por outros influentes estudiosos europeus como Friedmann (1972) e Dumazedier (1973), exercendo influência também em muitos estudos nacionais, tais como aqueles desenvolvidos

por Camargo (1986), Marcellino (1983, 1987), Melo e Alves Júnior (2003), apenas para citar alguns exemplos.

Em relação a isso, Melo (2011) faz uma reflexão acerca da temporalidade do lazer e questiona os limites do conceito e o seu entendimento como um fenômeno moderno. Para ele, o que é comumente compreendido como lazer seria "a organização da diversão observável a partir do século XVIII, imersa e marcada por todas as dimensões que definem e caracterizam a modernidade" (MELO, 2010, p. 14) ou apenas "um possível arranjo da diversão, não o único, talvez nem mesmo na modernidade" (MELO, 2011, p. 74).

Sobre esse assunto, Parker (1978) compreende que, nas sociedades primitivas, as atividades de cunho recreativo não eram entendidas como períodos definidos de lazer. Não havia uma separação nítida entre as várias atividades da vida cotidiana, tais como ritos, festejos religiosos e atividades econômicas. Dessa forma, o autor entende que a concepção moderna de lazer se diferencia da primitiva por meio de sua distinção temporal e espacial das demais esferas da vida.

Segundo o autor, a concepção grega de lazer nada tem a ver com o trabalho ou com qualquer atividade que sirva a este. Assim, ele reconhece uma distinção entre lazer e lazer ideal, destacando que, tanto na Grécia como nos dias atuais, este segundo existe apenas para uma minoria privilegiada.

O que se percebe é que a maioria dos teóricos brasileiros que se propuseram a estudar o lazer, mesmo que reconheçam seu surgimento antes da modernidade, defende a ideia de que só houve uma sistematização, organização e uma separação bem definida dos tempos de lazer e demais tempos sociais após os desdobramentos da revolução industrial.

Conforme Gomes e Elizalde (2012, 82):

> Independentemente de que a ocorrência histórica do lazer seja situada na Grécia clássica ou na modernidade europeia, é possível observar que a Europa, com suas práticas e instituições, é considerada imprescindível e determinante para o "surgimento" do lazer em todos os cantos do mundo, inclusive na América Latina. Assim, se perpetua a ideia de que existe uma história única e universal do lazer, que coloca a Europa em uma posição central, destacada e que deve ser tratada como válida para todo o mundo.

Compactuando com o entendimento dos autores, compreendemos ser necessária uma forma de olhar mais contextualizada, a qual considere mais as práticas e a diversidade das relações socioculturais, e menos um modelo pretensamente universal, que serve apenas para a manutenção de um tipo específico de sociedade (ocidental, moderna e capitalista).

Para explicar o modo como o lazer vem sendo tratado a partir de uma lógica universalizante, nos amparamos nas ideias de Boaventura Santos e Meneses (2010). Os autores defendem a existência de uma epistemologia dominante, reivindicatória de uma pretensa universalidade que se instalou na ciência moderna e que é resultante de uma intervenção epistemológica. Sendo, esta, apenas possível através da força da intervenção política, econômica e militar do colonialismo e do capitalismo modernos imposta aos povos e culturas não-ocidentais e não-cristãos.

Esses fatores fizeram com que fossem descredibilizadas e suprimidas todas as práticas que contrariam os interesses dessa dupla intervenção. Os autores afirmam que o colonialismo, além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, por meio de uma relação desigual de "saber-poder", suprimindo muitas formas próprias de saber de povos e nações colonizados, num processo de homogeneização do mundo (Ibid.).

Diante disso, acreditamos que, para o entendimento do complexo desenvolvimento do conceito de lazer, é necessário levar em consideração o colonialismo que está oculto nesse processo. Para Gomes e Elizalde (2012), as duas vertentes mais difundidas sobre a origem do lazer citadas acima, são ainda amplamente utilizadas para balizar os estudos sobre a temática e, à medida que servem para reforçar o mito da centralidade da Europa, excluem a participação de outras realidades e contribuem para a universalização e a descontextualização do conceito, podendo gerar redes de dominação, "colonialidade do poder e do saber" (Ibid., p. 77). Esse fator contribui, ainda para:

> [...] a manutenção de uma lógica evolutiva e linear que define os tempos, as histórias, as culturas e as práticas de todas as realidades e de todos os povos que, por sua vez, devem almejar o modelo ocidental – urbano, industrial e capitalista – como o ideal a ser alcançado para atingir um suposto progresso (GOMES; ELIZALDE, 2012, p. 74).

Consonante a isso, acreditamos que ainda são poucos os trabalhos nacionais que contribuem para uma compreensão contextualizada do lazer, que fuja dos determinantes eurocêntricos e de uma visão que serve apenas para manutenção e perpetuação do *status quo* balizado pelo capitalismo ultra-avançado:

> O capitalismo global, mais que um modo de produção, é hoje um regime cultural e civilizacional, portanto, estende cada vez mais os seus tentáculos a domínios que dificilmente se concebem como capitalistas, da família à religião, da gestão do tempo à capacidade de concentração, da concepção de tempo livre às relações com os que os estão mais próximos [...] (BOAVENTURA SANTOS; MENESES, op. cit., p. 18).

Outro elemento determinante para a conceituação do lazer é a sua vinculação direta com o trabalho. Para Gomes e Elizalde (2012), desde o século XIX o lazer vem sendo vinculado às categorias trabalho e tempo livre, concebidos a partir de uma perspectiva sociológica de autores, em sua maioria, europeus e norte-americanos.

Dessa forma, a produção teórica do lazer no Brasil esteve (e em certa medida ainda é) por muito tempo pautada majoritariamente em concepções que compreendem o lazer em caráter de oposição ao trabalho e demais obrigações da vida. Na maioria das vezes, essa produção toma como base os estudos do sociólogo francês Joffre Dumazedier, referência para muitos estudiosos do campo até os dias atuais, que baseou sua concepção de lazer em estudos empíricos desenvolvidos na França, nas décadas de 1950 e 1960 (GOMES, 2004).

Dumazedier (1979) compreende o lazer como elemento essencial para as sociedades avançadas no tocante a suas funções: de descanso da fadiga proporcionada pelas obrigações; divertimento para fugir do tédio; e, ainda, de desenvolvimento das capacidades do corpo e do espírito para fugir da especialização funcional imposta pela rotina do trabalho.

Esse entendimento de lazer, em sua relação com a práxis social e o trabalho, se apresenta de forma a contribuir para a manutenção do *status quo*. Para Marx (1987), o trabalho não precisa ser apenas um produtor de valor de uso. "Como atividade que visa, de uma forma ou de outra, à apropriação do que é natural, o trabalho é condição natural da existência humana, uma condição do metabolismo entre homem e natureza independentemente de qualquer forma social" (MARX, 1987, p.42). Ou seja, para as concepções que veem o lazer de maneira funcionalista em oposição ao trabalho, o que é chamado de trabalho é, na verdade, o trabalho assalariado que significa a exploração da força de trabalho, a expropriação do tempo do trabalhador pelos detentores dos meios de produção.

Na sociedade capitalista ocidental o trabalho é alienado e, sendo assim, o trabalhador não se percebe no seu produto final. Como explica Chauí (1999, p.34):

> Para que o trabalho se torne alienado, isto é, para que oculte, em vez de revelar, a essência dos seres humanos e para que o trabalhador não se reconheça como produtor das obras, é preciso que a divisão social do trabalho, imposta historicamente pelo capitalismo, desconsidere as aptidões e capacidades dos indivíduos, suas necessidades fundamentais e suas aspirações criadoras e os force a trabalhar para outros como se estivessem trabalhando para a sociedade e para si mesmos.

Diante dessa realidade, compreendemos que o lazer também faz parte e contribui para a sua manutenção, não podemos falar de lazer crítico e criativo quando ele é apenas um apêndice do trabalho, contribuindo para a exploração, alienação e reificação do trabalhador. O

lazer, visto desse ângulo, faz parte ainda do processo de superprodução e da indústria do consumo, sendo vendido como uma mercadoria e consumido como uma falsa necessidade.

Sendo assim, numa sociedade capitalista, marcada pela desigualdade, pelo consumismo e pela busca desenfreada por lucro, não podemos pensar o lazer fora da sociedade do trabalho, não qualquer trabalho, mas o trabalho assalariado, alienado. O lazer, nesse caso, vem imbricado a ele, pois o último é justamente dependente do primeiro, enquanto o lazer é apenas um instrumento para que o trabalho seja cada vez mais produtivo, lucrativo, e alienante. Sendo considerado de forma utilitarista, em suas variadas funções: fuga da realidade, compensação do trabalho desumano, consumismo, controle social, dentre outras.

Segundo Gomes e Elizalde (2012), a partir dessa lógica, o lazer é cada vez mais percebido como mercadoria e possui a finalidade primeira de gerar lucro para a economia. Isso leva ao consumo alienado do lazer, com tendência escapista, compensatória e sobreconsumidora.

Porém, esta é apenas uma forma de pensar o lazer, enquanto oposição a um trabalho alienado. Assim como existem outras formas de trabalho, o lazer também pode ser compreendido de outra maneira. Se, como dito anteriormente, o "trabalho é condição natural da existência humana" (MARX, op. cit., p.42), o lazer também o é. Parafraseando Adorno (2002), "a distinção entre trabalho e tempo livre foi incutida como norma a consciência e inconsciência das pessoas" (ADORNO, op. cit., p. 106).

Dessa forma, acreditamos ser possível pensar o lazer para além do pensamento hegemônico, porque esse entendimento não dá conta de explicar as relações existentes que fogem à lógica dominante. Não apenas em sociedades ditas complexas, mas como uma possibilidade de revelar práticas sociais cotidianas diversificadas que estabelecem relações com demais dimensões da vida e que não estão sujeitas ao mundo do trabalho.

Além disso, se é certo que a modernidade é marcada pelo controle e disciplinarização dos corpos, pela artificialização dos tempos/espaços socioculturais, não é correto naturalizar o lazer como fruto dessa sociedade, pois sempre que na história encontramos tentativas de controle, são notáveis também as inúmeras formas de resistência.

Não podemos fechar os olhos para as manifestações culturais que se diferenciam das atividades artificializadas surgidas com o intuito de manutenção, desenvolvimento e ordenamento do estado social que surgiu após a Revolução Industrial e a urbanização. Pensar o lazer em oposição ao trabalho ou como um fenômeno nascido na modernidade é apenas uma forma de perceber a realidade, é possível e urgente a busca por outras formas, baseadas em outras práticas e organizações sociais.

Gomes e Elizalde (2012) acreditam que são necessários novos olhares para os saberes e práticas socioculturais locais, resistentes ao sistema neoliberal capitalista e que são geralmente desconsiderados pela lógica dominante. A partir da compreensão do lazer como uma necessidade humana e uma dimensão da cultura, vendo nele uma possível alternativa para a lógica hegemônica, permitindo a valorização à diversidade cultural e servindo com uma possibilidade de desenvolvimento de sociedades mais solidárias e sustentáveis.

Diante dessa realidade, os autores compreendem o lazer como um fenômeno dialógico, vulnerável e contraditório, podendo contribuir para a continuação do *status quo,* reforçando as desigualdades, injustiças e alienações, como também expressar uma possibilidade de liberdade, contribuindo para que as pessoas se coloquem como sujeitos sociais, históricos e políticos. O entendimento do potencial crítico, transformacional e criativo do lazer contribuirá para que a segunda opção seja mais bem valorizada (GOMES; ELIZALDE, op. cit.).

Acreditamos que os estudos do lazer possuem um amplo campo de manifestações a serem consideradas e investigadas. Sendo assim, não podemos fechar os olhos para determinadas manifestações, a exemplo daquelas que se misturam a lógica das grandes cidades e que, muitas vezes, acontecem como resposta às necessidades humanas, a despeito de qualquer elemento racionalizador do sistema capitalista. Podemos citar variadas práticas culturais urbanas que ocorrem em espaços teoricamente impregnados pela lógica do controle, ordenação e disciplinarização, mas que fogem a suas regras. Tais como as danças de rua, feiras populares, manifestações artísticas de variadas naturezas, festas, pichação, grafite, *parkour*, skate, entre outros.

Dessa forma, compreendemos que o lazer deve ser cada vez menos pensado e investigado com base em determinantes que o percebem como um mero conjunto de atividades extraídas do tempo das obrigações, mas considerando a diversidade e os determinantes históricos, sociais e culturais que envolvem esse fenômeno. Para dar conta da complexidade das sociedades contemporâneas, novos caminhos devem ser buscados.

Diante do exposto, percebemos a importância de uma compreensão abrangente do lazer. Assim, para o que aqui estamos nos propondo a discutir, nos pautamos nos conceitos de Gomes e Elizalde (2012) e Pinto (2004, 2007). Os primeiros conceituam lazer "como uma necessidade humana e dimensão da cultura caracterizada pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espaço social" (GOMES; ELIZALDE, op. cit., p. 82). Já Pinto (2007) o compreende como tempo/espaço/oportunidade privilegiada para vivências lúdicas.

Nesse sentido, o lazer é constituído a partir da articulação de três elementos básicos: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social. A **ludicidade** se refere "à

capacidade do *homo ludens* – em sua essência cultural disposta a brincar, jogar, imaginar, compartilhar, desfrutar, rir e se emocionar – de elaborar, aprender e expressar significados". É também uma linguagem referenciada no brincar, marcada pela exaltação dos sentidos e emoções diversas e contraditórias (GOMES; ELIZALDE, 2012, p. 82). Além disso, para Pinto (2007), o lúdico se revela como uma vivência significativa, sendo seus sentidos (intenções dos sujeitos) e significados (princípios, modos e atitudes que estruturam a ação) atribuídos pelos que brincam.

Já as **manifestações culturais**, são as práticas sociais vivenciadas como desfrute e fruição da cultura, se manifestando por meio de festas, jogos, passeios, poesia, expressões corporais, festivais, formas diversas de educação, entre inúmeros outros tipos. O **tempo/espaço social** é composto por dimensões inseparáveis, ou seja, a dimensão tempo é indissociável da dimensão espacial, e vice-versa, um não pode ser explicado sem o outro. Assim, "o tempo/espaço é um produto das relações sociais e da natureza e constitui-se por aspectos subjetivos, simbólicos, concretos e materiais, evidenciando conflitos, contradições e relações de poder" (GOMES; ELIZALDE, op. cit., p. 84).

Além do mais, Pinto (2004) considera o lazer como um tempo regido pela lógica *kairós*, sendo assim, ele é compreendido em relação à qualidade de sua apropriação e não pela lógica instrumental de seus usos, como ocorre na constituição do lazer segundo princípios da sociedade industrial:

> Como vivência de um tempo *kairós*, o lazer é momento de escolha e de superação de limites sociais postos às realizações desejadas. Os sujeitos atribuem sentidos à duração, à posse/pertencimento dos lugares, aos modos de ser e conviver, aos afetos, fazeres e aprendizagens vividos. A essência dessa experiência reside, em parte, no ajustamento dos sujeitos às condutas postas pelas regras institucionais [...]. Mas, em parte, também na resistência a essa ordem, pois os eventos e as rotinas não possuem fluxos de mão única. Aí reside a possibilidade de liberdade no lazer. Liberdade construída no binômio produção/reprodução da vida sociocultural (GOMES; PINTO, 2009, p.100).

Diante disso, acreditamos que não exista uma única lógica de aproveitamento dos tempos/espaços de lazer. E, a partir do surgimento de diversos tipos de ordenação, controle e coerção de suas manifestações – sejam eles por meio de regras e leis ou da imposição de espaços e atividades ditos apropriados – surgirão, ao mesmo tempo, outras formas de fruição cultural seja por meio de resistência, adaptação ou negociação. Sendo criadas assim, novas formas de apropriação desses espaços/tempos de lazer pelos sujeitos participantes do processo.

No que concerne à necessidade de lazer, coexistem diferentes lógicas. Ou seja, em um único espaço podem coexistir práticas alienadas, mas também emancipatórias. Uma mesma

manifestação de lazer pode assumir a forma de dominação e de resistência, ao mesmo tempo em que nela podem coexistir sujeitos e objetos de ação.

Diante disso, consideramos que, consonante Gomes e Elizalde (2012), numa perspectiva crítica, questionadora e transformacional, o lazer pode contribuir para a reflexão sobre a realidade dominante e para a busca de alternativas, pautado em uma lógica contra-hegemônica, permitindo, ainda, que a diversidade cultural seja reconhecida, valorizada e respeitada. Só assim poderemos contribuir para o desenvolvimento dos estudos do lazer, compreendendo-o de forma contextualizada, considerando tipos variados de grupos sociais e suas práticas culturais, com seus espaços e tempos diversificados.

Diante desse entendimento, podemos relacionar o lazer às práticas de skate. Este, enquanto uma manifestação essencialmente urbana, se originou a partir de sua fruição como uma manifestação lúdica e espontânea (HONORATO, 2012). Depois passou por um processo de esportivização e profissionalização, como veremos a seguir. Porém, acreditamos que este não tenha perdido sua essência lúdica, sendo ainda uma manifestação cultural que possui estreitas relações com o espaço/tempo social e com a necessidade de fruição e apropriação do espaço urbano. Seus praticantes atribuem sentido ao espaço por meio de suas práticas, que possuem caráter de liberdade e criatividade, visto que a cada movimento e superação de obstáculos distribuídos nos inúmeros equipamentos da cidade, o skatista produz e transforma o espaço urbano.

Não estamos dizendo com isso que não possam existir outras formas de vivenciar o skate, pois sua profissionalização traz elementos como o consumo, a espetacularização, a massificação e a racionalização dos produtos, práticas e espaços do skate que contribuem para diminuir seu aspecto de ludicidade, liberdade, criatividade, produção e vivência efetiva da cultura. Mas mesmo a prática profissional do skate não pode ser considerada de maneira estanque, ela relaciona-se com as demais dimensões da vida e apresenta um limiar muito tênue com sua vivência nos espaços/tempos de lazer.

2.3 A trajetória do skate: das ondas na Califórnia às pistas de São Bernardo do Campo

A grande maioria dos escritos sobre skate corrobora com a origem norte-americana de sua prática, tendo surgido aproximadamente entre 1950 e 1960 (SARAVÍ, 2012). No entanto, o pesquisador Noll (2000)[18], citado por Brandão (2008), revela que o primeiro skate

[18] NOLL, Rhyn. **Skateboard retrospective**. EUA: Schiffer Book, 2000

foi patenteado em 1939. Já a localização de seu surgimento e disseminação parece ser um consenso, situando-se na Califórnia, Estados Unidos da América (EUA) (BRANDÃO, 2008; SARAVÍ, 2012). Nos EUA, skate é chamado de *skateboard*[19], (traduzido para o português, skate indica algo próximo a patinar e *board* significa tábua, *skateboard* seria então o ato de patinar sobre uma tábua).

Apesar da escassez de documentos relatando os detalhes da origem do skate, é consenso que seus primórdios tenham forte relação com o surfe praticado na California. Uma das principais fontes documentais utilizada por muitos autores, além de revistas especializadas e depoimentos de skatistas veteranos, é o documentário *Dogtown and Z-Boys: onde tudo começou*, produzido em 2001, por Stacy Peralta (BRANDÃO, 2006, 2011; HONORATO, 2004; SARAVÍ, 2012).

De acordo com o documentário, no fim dos anos 1950 o skate se tornou popular em Malibu, os *shapes*[20] eram parecidos com as pranchas de surfe em tamanho menor. As manobras eram inspiradas naquelas feitas pelos surfistas no mar. Em 1963 começa a ser praticado como uma atividade alternativa para adolescentes e jovens estadunidenses. Fabricantes começaram a formar equipes e realizar campeonatos. Nessa época o skate ganha notoriedade na mídia e grande popularidade nos EUA, mas essa realidade não se prolonga por muitos anos, acabando repentinamente em 1965. A partir de então, o skate passou a ser considerado uma atividade do passado. Aqueles que andavam tinham dificuldade em conseguir comprar seu skate por causa da baixa comercialização do produto. Assim, os praticantes passaram a construir seu próprio skate, utilizando rodas de patins e pedaços de madeira que eles moldavam em formato de prancha de surfe (DOGTOWN AND Z-BOYS, 2001).

Entretanto, em 1972, alguns skatistas de uma região de Los Angeles – Califórnia, conhecida pelo nome de *Dogtown* (caracterizada por ser a parte mais pobre da região, com os maiores problemas sociais, sujeira e violência) fundaram uma loja chamada *Jeff Ho and Zephyr Surfboard Productions,* objetivando resistir ao *surf* comercial que estava crescendo na época. Seus proprietários criaram também a Equipe de Surfe *Zephyr* (os *Z-Boys*), com surfistas de *Dogtown*. Essa equipe exerceu grande influência para a prática e disseminação do skate ao redor do mundo (Idem).

Ainda no ano de 1972, um surfista, chamado Frank Nasworthy teve a ideia de substituir o material utilizado para fazer as rodas, que antes eram de argila, por poliuretano

[19] Essa nomenclatura também é utilizada no Brasil, sendo chamado também de carrinho, porém o termo skate é mais comum.
[20] Em inglês, significa prancha.

(Brandão, 2006). Segundo Saraví (2012), essa descoberta foi de grande importância para a difusão e expansão dessa atividade. “O resultado foi a criação de pistas, campeonatos, marcas, fábricas e lojas especializadas” (BRANDÃO, 2006, p. 31).

Essa foi a época em que os surfistas de *Dogtown* começaram a andar cada vez mais de skate, eles faziam isso após os ventos diminuírem e as ondas ficarem escassas, então passavam a reproduzir as manobras do surfe nas ladeiras de asfalto. Assim, o skate passou a ser considerado uma extensão do surfe. Os surfistas procuravam reproduzir manobras vistas em filmes de praticantes renomados, adaptando-as para o skate. Eles reutilizavam os espaços da cidade, se apropriavam de ladeiras, ruas, parques, qualquer superfície de asfalto na qual eles pudessem deslizar sobre os skates (DOGTOWN AND Z-BOYS, 2001).

É importante destacar aqui a existência um outro filme, também norte-americano, chamado *Skaterdater,* que foi realizado a partir de um trabalho de conclusão de curso da Universidade da Califórnia em Los Angeles (BRANDÃO, 2012a). O filme, produzido por Marchall Backlar, e encontrado facilmente na internet, mostra jovens descalços deslizando sobre um skate de dimensões pequenas que lembra muito uma prancha de surfe. As cenas em sua maioria mostram os garotos descendo ladeiras, fazendo manobras nas calçadas e pulando obstáculos. Numa mistura do que seria hoje as modalidades d*ownhill longboard* (com trocas de pés, enquanto descem), *street skate* (ao traspor alguns obstáculos das ruas) e *freestyle* (com manobras de equilíbrio em terreno plano) (SKATERDATER, 1965).

Ainda nos anos 1970, segundo o documentário *Dogtown and Z-Boys* (2001), o estado da Califórnia passou por uma grande seca. Com o racionamento obrigatório de água, as piscinas, existentes em grande quantidade naquele estado, tiveram que ser esvaziadas. Dessa forma, os skatistas descobriram as transições existentes naquelas piscinas secas e começaram a explorá-las, experimentando que tipo de manobras poderiam ser realizadas naquela superfície. Com isso, os skatistas de *Dogtown* são hoje considerados os primeiros a praticarem a modalidade vertical, fazendo manobras que utilizavam não só a transição das paredes, mas também a borda das piscinas. Brandão (2006), em sua análise desse documentário, destaca que o skate vertical se deu por dois fatores: a apropriação dos movimentos do surf na prática do skate e a grande seca pela qual passou o Estado da Califórnia em meados de 1970.

Nessa época, piscinas de residências particulares eram invadidas por skatistas que corriam o risco de serem pegos pela polícia e pagar multas por danos materiais. As piscinas acabaram sendo apropriadas pelos skatistas e passaram a fazer parte de seu espaço de prática e, assim como na região onde eles surfavam, nas piscinas apropriadas pelos *Z-Boys* era necessário

permissão e consenso para que alguém não considerado pertencente ao grupo pudesse andar (DOGTOWN AND Z-BOYS, 2001).

Ainda segundo o documentário, em 1975 o skate recomeça a ganhar popularidade nos EUA, revistas especializadas em skate ressurgem, outras são criadas, começam a se multiplicar as empresas especializadas na modalidade bem como os campeonatos promovidos por elas. A partir de então as revistas de skate, com inúmeras fotos de skatistas realizando novas manobras, começaram a chegar a outros lugares, influenciando o estilo de vida skatista em várias partes do mundo. Esse estilo não envolvia apenas as manobras, mas também o jeito de se vestir, os códigos, gírias e modos de agir. A principal revista especializada da época era a *Skateboarder*. A grande repercussão desse tipo de revista fez com que surgissem os primeiros patrocinadores, criando um fato totalmente novo para os skatistas: ganhar dinheiro com uma prática até então considerada pela grande maioria da população como um ato de vandalismo (DOGTOWN AND Z-BOYS, 2001).

A partir de então o skate começou a seguir uma trajetória independente do surfe e a indústria cultural passou a desenvolver novos itens para vender, tendo como foco de mercado consumidor o público jovem. Além de disponibilizar para o consumo produtos relativos à prática, como rodas, *shapes*, rolamentos, e numerosos acessórios que incluiam roupa, sapatos, música, entre outros (SAVARÍ, 2012). Dessa forma, a indústria do skate, as competições e os patrocínios ao mesmo tempo em que ampliaram o reconhecimento do skate contribuíram para o processo de profissionalização, esportivização e consumo que se desenvolve até os dias atuais com bastante força.

2.3.1. A chegada ao Brasil e o seu desenvolvimento no estado de São Paulo

Em relação aos primórdios dessa prática no Brasil, há escassez de estudos e documentos que atestem precisamente o seu surgimento. Savarí (2012) acredita que o Brasil provavelmente foi o primeiro país da América Latina em que o skate encontrou ambiente propício para um desenvolvimento maciço em grande escala. Segundo Brandão (2006), a prática do skate chegou ao Brasil na década de 1960, antes de sua expansão pelo mundo depois da descoberta do poliuretano. Descoberto por jovens, o skate passou a ser praticado nessa época, principalmente na cidade do Rio de Janeiro.

As pesquisas existentes relatam que este, assim como nos EUA, também surge em território brasileiro como uma derivação do surfe. Entre outras versões, existem alguns depoimentos que indicam sua primeira aparição em 1964, na Urca, no Rio de Janeiro

(HONORATO, 2004). Esse fator se deu em decorrência das viagens de alguns surfistas brasileiros para a Califórnia que tiveram contato com a prática de skate e trouxeram para o Brasil (BRANDÃO, 2012a), bem como pelas informações de revistas americanas trazidas por turistas ou fãs. Assim, por muito tempo o skate foi praticado aqui apenas como uma diversão, sem regras definidas (SAVARÍ, 2012, p. 67).

Além da cidade do Rio de Janeiro, São Paulo também fez parte dos momentos iniciais da configuração do skate no país. Segundo relatos de skatistas colhidos na pesquisa histórica de Brandão (2012a), um dos primeiros espaços que serviram à prática do skate na cidade de São Paulo, em meados da década de 1970, foram as ladeiras do bairro Sumaré, a Rua Doutor Queirós Guimarães (localizada no Bairro Morumbi) e algumas ruas do Bairro Pacaembu. Esta última ficou conhecida pelos skatistas da época como *Tapetão*. Várias ruas do Bairro Sumaré eram apropriadas pelos skatistas, que percorriam um circuito de ladeiras escolhido por eles. Além disso, assim como no Rio de Janeiro, os skatistas tinham acesso a informações sobre manobras e novos equipamentos, além das rodas de poliuretano que tinham surgido há pouco, por meio de alguns surfistas brasileiros que viajavam aos EUA. (Ibid.)

Outras regiões também podem ter sido palco dessa origem, porém não conseguimos encontrar documentos ou estudos históricos que comprovassem essa hipótese. Brandão (2012a) relata que um dos primeiros registros sobre a prática do skate foi encontrado na revista Veja, "em sua edição do dia 24 de outubro de 1973, quando ela noticiou – pela primeira vez desde que foi fundada – o 'mais novo divertimento' dos jovens paulistanos: o 'surfe de asfalto'" (BRANDÃO, 2012a, p. 78).

No início, os skates existentes no Brasil eram improvisados com eixos e rodas de patins, que eram fixados em uma madeira qualquer, cortando-a no formato que viam nas páginas de revistas norte-americanas. Só no ano de 1974 os primeiros skates passam a ser vendidos no Brasil, porém sendo comercializados apenas em lojas de surfe (Ibid.).

Ainda segundo esse autor, como o desenvolvimento do skate no Brasil era totalmente baseado em sua prática nos EUA, os nomes das manobras, bem como o nome de marcas nacionais de skate e gírias, possuíam e continuam carregando nomes na língua inglesa. Assim, o uso do inglês "estruturou-se como um código de comunicação entre os skatistas, o que revela a influência norte-americana na formação e direcionamento desses novos costumes" (BRANDÃO, 2008, p. 11).

Ainda na década de 1970, surge no país a Revista Geração Pop (chamada somente como Pop a partir da edição 32), que comunicava assuntos relacionados ao estilo musical pop e noticiava a prática do skate com regularidade, entre outros temas considerados de interesses

juvenis. No ano de 1974 a 1976, a divulgação do skate na revista Pop "esteve muito associada ao surfe e a um perfil de juventude entregue aos prazeres do corpo", sendo também entendido apenas como uma das práticas corporais promovidas a partir de elementos lúdicos, como as pranchas de surfe, não havendo foco nas competições (BRANDÃO, 2012a, p. 70).

Essa década foi marcada ainda pelo uso de maconha pelos praticantes e por uma considerável quantidade de acidentes, inclusive fatais, por conta do grande número de skatistas e pela falta de equipamentos de segurança adequados. Diante disso, uma forte coibição do skate de rua caracterizou o início dessa atividade em São Paulo, tendo sido proibido no ano de 1975 na capital paulistana. A repressão se dava por meio de abordagem policial – algumas vezes de forma truculenta e com uso de arma de fogo – prisões e apreensão de skates. Surgindo também nessa época, como medida de disciplinarização, o primeiro espaço da cidade reservado especificamente para a prática de skate. Esse foi chamado de *Rua do lazer: skate* e só funcionava aos finais de semana numa área restrita do Bairro Morumbi. (Ibid.)

Além disso, de acordo com a narrativa de Brandão (2008), era comum nessa época a divulgação de espaços da cidade propícios à prática do skate, tais como ruas, estacionamentos de mercados e até monumentos que podiam ser apropriados para que os skatistas desenvolvessem suas habilidades:

> Deste modo, esses jovens que faziam uso do skate, mais do que simplesmente transitar pela cidade, passavam a tomá-la como um local de interpretação, lendo-a das mais diversas formas. [...] Desta forma, a cidade pode apresentar variados discursos e se tornar um local propício à sinergia de criações. Para além de suas casas e funções objetivas, a cidade pode revelar elementos de subjetivação em suas enunciações arquitetônicas (BRANDÃO, op. cit., p. 12-13).

Machado (2011) compactua com Brandão quando acredita que, ao praticar skate nas ruas da cidade, os skatistas transitam e interagem com a dinâmica urbana à procura de equipamentos que possibilitem suas práticas.

O final da década de 1970 foi marcado pela mudança do enfoque dado até então à pratica de skate. Este, além de passar a ter características mais independentes do surfe, começa a ganhar elementos mais competitivos:

> No final de 1976 – mas principalmente a partir de 1977 – até o término da revista, o skate passou a ser retratado com uma maior autonomia em relação ao surfe, sendo apontado como um 'esporte' com peculiaridades próprias. A questão da competição passa a ocorrer também nessa época, quando a revista Pop passou a evidenciar outras características do skate, representando-o já inserido num processo de esportivização e próximo aquilo que viria a ser chamado de 'esporte radical' (BRANDÃO, 2012a, p. 69).

Honorato (2004) destaca uma série de fatores que vieram a culminar no processo de esportivização do skate no Brasil. O primeiro deles teria sido a inauguração da primeira pista de skate da América Latina, em Nova Iguaçu-RJ, em 22 dezembro de 1976. Segundo o autor, esta contribuiu para revolucionar a prática do skate brasileiro. Sua arquitetura sofreu influência da Revista *Skateboarder* que mostrava americanos em pistas e piscinas. Nela foram construídos dois *bowls* de aproximadamente 20º de inclinação, o que ocasionou a mudança do estilo livre praticado nas ruas e ladeiras para o estilo *bowlriding*[21]. Além disso, esse local sediou o primeiro campeonato de pista do Brasil em julho de 1977, diferenciando-se daqueles até então realizados, com as modalidades *freestyle* e *slalom*[22] (HONORATO, 2004).

Após o surgimento da primeira pista de Skate ocorreu a proliferação de novas pistas, bem como a do Clube Regatas Flamengo (RJ-1977), Alphaville (SP-1977), Jacarepaguá (RJ-1978), Mooca (SP-1978), Jurêre (SC-1978), Viamão (RS-1979), Campo Grande (RJ-1979) (Ibid.). Em 07 de julho de 1977, na Av. Santo Amaro, foi construída a Pista *Wave Park* (Figura 1), considerada a primeira pista com nível internacional do Brasil, idealizada e construída pelo Americano radicado no Brasil Charles Putz (SKATE CURIOSIDADE, 2008).

Os meios de divulgação eram o Jornal do Skate, um canal de TV a cabo, Revista Brasil Skate e Revista *Esqueite*. Esta última foi a primeira revista especializada em Skate no Brasil, seu exemplar nº 01 foi publicado em setembro de 1977, com tiragem de 30.000 exemplares (HONORATO, 2004).

Em 1978 e 1979, o número de adeptos de campeonatos e pistas aumentou substancialmente, o skate passa então a se difundir por todo o território nacional. Surgem instruções de como julgar uma competição, divisão de categorias (sênior e júnior), novas manobras e um novo estilo de andar (vertical), os equipamentos são melhorados. Todos esses fatores contribuíram para fazer com que o skate passasse a ser visto como um esporte. "A esportivização da modalidade Skate aparece como um elemento de diferenciação, produzindo comportamentos extremamente elaborados num sentido mais regulamentado e autocontrolado" (HONORATO, 2004).

[21] Nome dado na época para a modalidade praticada nos *bowls*.
[22] Consiste em passar por vários cones alinhados fazendo *zigue-zague*, tentando ser o mais rápido sem derrubá-los.

Figura 1: Pista *Wave Park*.
Fonte: Skate Curiosidade, 2008

Contudo, existem resistências quanto ao enquadramento do skate como um esporte. Soares e Brandão (2012, p. 20) acreditam que "o processo de transformação de diferentes práticas corporais em esporte é, certamente, uma das mais esmagadoras formas de massificação de gestos e de comportamentos". Os autores acreditam que é possível pensar a prática do skate como um movimento de resistência à esportivização, já que o seu enquadramento no conceito de esporte "[...] implica uma subordinação à lógica esportiva e, gradualmente, um apagamento de suas liberdades em nome do treinamento, da competição e do mercado" (Ibid., p. 20).

Portanto, deixamos claro que não pretendemos naturalizar a prática do skate como um esporte. O skate é por nós compreendido como uma prática cultural urbana, vivenciado majoritariamente como uma manifestação de lazer, seja ele praticado nas ruas ou em pistas, de modo competitivo ou não, de forma amadora ou profissional.

No início da década de 1980, o skate entrou em um processo de declínio. As iniciativas até então realizadas no desenvolvimento esportivo e no investimento financeiro e

tecnológico diminuíram, e as pistas começaram a ser desativadas. As atividades que estavam em voga nesse período eram o patins *inline* e a *bike*, o que estimulou os fabricantes e comerciantes a investir mais nesses setores, estagnando novas aplicações econômicas e tecnológicas no Skate. Dessa forma, em 1980 após o fechamento das pistas existentes, iniciou-se um período marcado pelo desenvolvimento dos estilos chamados livres, o *freestyle* e o *street style,* e declínio do estilo vertical (HONORATO, 2004).

Nesse período, apesar dos campeonatos serem escassos, foi inaugurada uma pista de skate no Itaguará Country Clube, em Guaratinguetá-SP, havendo nela a organização do 1º campeonato de skate em 1982 (SKATE: O ESPORTE EMOÇÃO, 1987). Ainda em 1982, ocorreu o I Campeonato de *Downhill*[23] e *Longboard*[24] na rua de lazer do bairro Morumbi e aconteceu simultaneamente um campeonato de *freestyle* no pavilhão do Ibirapuera, ambos na capital paulista (HONORATO, 2004). É também nesse ano que surge a Pista Pública de SBC[25].

São perceptíveis nesses campeonatos as primeiras aproximações com a nova modalidade, o *street style*, que se firmou nesta década e revolucionou mais uma vez o skate, se disseminando rapidamente pelas ruas das cidades, juntamente com um outro forte movimento urbano da época, o *punk rock* (HONORATO, 2004).

Brandão (2008) também destaca a relação estreita do skate na década de 1980 com a cultura *punk*, originária de países europeus, principalmente da Inglaterra. Essa aproximação contribuiu para encorajar skatistas a se aventurarem, não apenas pelas ruas, ladeiras e praças, mas a utilizarem outros aparelhos urbanos, tais como corrimãos, escadas, paredes, bordas de muro e bancos, numa apropriação que carrega um tom de transgressão, contestação, irreverência e rebeldia. O relato abaixo demonstra o modo como essa relação se mostrava na prática:

> Calça descolorida e rasgada, com a camiseta da banda preferida e um bracelete de pontas. Skate or Die! Skate and Destroy! Go Skate or Go Home, ou qualquer frase de efeito estavam ecoando em cada quarteirão. Marcando muito bem essa atitude, o 2º Campeonato Brasileiro de Guaratinguetá foi um desfile de punks e simpatizantes. A cidade foi invadida por alfinetes e penteados que iam do moicano ao espigado ou pintado. Essa atitude começou a incomodar os moradores da pacata cidade, e logo após eles entraram em guerra contra os skatistas. (BOLOTA[26], 2000 apud BRANDÃO, 2012a, p. 192).

[23] Modalidade em que o skatista desce ladeiras em cima do skate, pode atingir altas velocidades.
[24] Modalidade em que o skatista desce ladeiras enquanto faz manobras de slide (derrapadas).
[25] Sua trajetória será apresentada no próximo tópico deste capítulo.
[26] BOLOTA, F. Anos 80. In: BRITTO, E. (org.). A onda é dura: 3 décadas de skate no Brasil. São Paulo: Parada Inglesa, 2000. p. 33.

Assim, as atitudes transgressoras dos praticantes de skate começaram a causar incômodo, já que espaços destinados à passagem de transeuntes, tais como praças e ruas movimentadas, estavam sendo disputados com os skatistas. Além disso, sua prática também era e ainda é vinculada ao uso de drogas, formação de *gangs* e baderna.

Já em 1984 os campeonatos continuaram aumentando, juntamente com a divulgação das práticas do skate por meio das revistas e também da televisão. Em São Paulo surgiu a *Overall* e, em 1986, foi publicada a *Yeah!* (HONORATO, 2004). A partir de então uma sequência de acontecimentos fizeram com que a prática do skate voltasse a se tornar popular, não apenas em São Paulo mas em todo o País, mobilizando, junto a isso, a reorganização do mercado financeiro e dos avanços tecnológicos.

Numa busca por matérias sobre skate em edições da década de 1980 do Jornal a Folha de São Paulo, foi possível encontrar muitas notícias que atestaram o aumento de sua importância e o modo como este passa a fazer parte gradualmente das questões relativas ao lazer, espaço urbano e esporte no estado de São Paulo.

O caderno *A Folhinha* desse jornal, de 19 de outubro de 1986, traz uma reportagem de duas páginas, escrita por Thaís Oyama, sobre a prática do skate em São Paulo, revelando que nos últimos tempos essa atividade volta a ganhar popularidade, além de apresentar algumas características dos skatistas, como modos de se vestir, o uso de apelidos, categorias, equipamentos, locais de vendas, locais de prática, revistas especializadas (Yeah e Overall). Destaca também que na cidade de São Paulo ainda não existiam pistas públicas para essa prática e os skatistas andavam nas ruas do bairro Morumbi, nas ladeiras de Perdizes e Sumaré; outros iam até a Pista do Paço Municipal em São SBC e também para as cidades de Guaratinguetá e Jacareí. (OYAMA, 1986)

Ainda em 1986, vários outros acontecimentos e curiosidades foram noticiados no jornal A Folha de São Paulo, tais como matérias falando sobre Associação Brasileira de Skate (ABS), com sede na capital paulista, fundada no ano anterior; a inauguração de pistas particulares de skate, destacando informações sobre suas características, foram três nesse ano, apenas na cidade de São Paulo. Uma outra notícia relatava o grande crescimento da modalidade se comparado a períodos anteriores. Segundo Bruno Camargo, presidente da ABS, em 1986 já existiam cerca de 10 mil skatistas no país, com associações em nove capitais (FOLHA DE SÃO PAULO – ESPORTES, 1986).

As reportagens veiculadas na época evidenciavam ainda o clima de disputa gerado pela grande apropriação das ruas pelos skatistas. Como é possível perceber na reclamação enviada por um leitor sobre o trânsito em uma região na zona Sul de São Paulo; ele afirmava

que um trecho entre duas ruas daquela região teria se tornado perigoso e insuportável, e acrescentava: "para aumentar a confusão, um bando de desocupados e arruaceiros tomou conta da rua, nela instalando uma rampa de skate, o que inferniza os moradores" (FOLHA DE SÃO PAULO – CIDADES, 1986).

Existe um vídeo, facilmente encontrado na internet, de 1987, produzido pela *Vision Sports Films,* chamado *Skate: o Esporte Emoção* que narra basicamente a trajetória do Campeonato Brasileiro de Skate realizado em Guaratinguetá-SP. O vídeo começa falando do surgimento do skate na Califórnia, mas foca no seu desenvolvimento esportivo e competitivo. Mostra manobras realizadas na 5ª edição desse campeonato, realizada nos dias 10, 11 e 12 de abril de 1987. É possível ver faixas de empresas apoiadoras do evento, tais como *URGH!* e *Mad Rats*. Além disso, todas as modalidades disputadas no campeonato são descritas e demonstradas por meio dos vídeos dos competidores, sendo elas *street style, freestyle, bowl, banks*[27]. (SKATE, O ESPORTE EMOÇÃO, 1987).

O ano seguinte é marcado por um grande impasse entre a prefeitura de São Paulo e os skatistas da cidade. A Folha de São Paulo, em 20 de maio de 1988, relatou que o prefeito Jânio Quadros proibiu a prática de bicicleta e skate no Parque Ibirapuera por considerá-los "uma ameaça para adultos, senhoras e, sobretudo, crianças, cujo abuso é impossível corrigir". O tenente encarregado de fazer cumprir a medida disse não saber como seria feita a fiscalização. Afirmou que as bicicletas e skates apreendidos não seriam devolvidos.

Após esse acontecimento os skatistas paulistanos promoveram uma passeata em protesto a essa proibição e em reivindicação a uma pista pública. O que acabou resultando num decreto que proibia a prática do skate, não apenas do Parque Ibirapuera, mas também nas ruas da cidade, com a detenção e encaminhamento dos praticantes menores de idade ao juizado de menores. Essa ação foi entendida como um ato de retaliação depois da passeata organizada pelos skatistas, e dividiu a opinião da população (TOKITAKA, 1988).

Nessa década foram destaques no universo do skate também o surgimento de campeonatos profissionais e a participação de skatistas brasileiros em eventos no exterior. Além disso, aconteceu ainda a estreia do Programa Conexão Skate do vereador de São Paulo e skatista Alberto Hiar, conhecido como Turco Loco e o 4º lugar no Campeonato Mundial de *Munster* – Alemanha, conquistado pelo paulista da cidade de Guarulhos, Lincoln Ueda (HONORATO, 2004). É importante destacar ainda a construção da Pista de Skate de Santo André.

[27] Uma variação dos *bowls*, mas possuindo altura e transições com inclinação menores.

Em 1988, no dia 09 do mês de abril, houve a realização do *Sea Club Overall Skate Show*, quando foi montado um *half-pipe* de madeira de 8,80m de largura e 3,20m de altura. Os competidores seriam os 24 melhores skatistas da modalidade vertical do Brasil, além de outros convidados como os norte-americanos Lance Mountain e Tony Hawk (consagrado posteriormente como melhor skatista de todos os tempos) (SKATE CURIOSIDADE, 2009).

E em outubro de 1989, o skatista e funcionário da prefeitura Sergio Negão projetou o que se transformaria na Pista de Skate de São Caetano. Era um complexo contendo *half pipe*, *bowl, banks*, mini rampa e uma grande área de street, considerado na época a maior e melhor pista da América Latina. As sessões aconteciam pela manhã, tarde, noite e madrugada (CEMPORCENTO SKATE MAGAZINE, 1996).

No início da década de 1990 uma recessão econômica afetou a indústria americana e consequentemente a economia global, ocasionando um difícil início de década para o universo do Skate. No Brasil viveu-se uma inflação descontrolada com percentuais inconstantes, que inibiu os investimentos. Além disso, o Plano Collor bloqueou as contas bancárias desestabilizando as empresas profissionais do skate. Com a retração do mercado, a revista especializada *Overall* parou de publicar e algumas empresas especializadas foram fechadas, fazendo com que a prática do skate em São Paulo tivesse certa estagnação (HONORATO, 2004). Apesar de essa crise ter atingido principalmente a organização competitiva e comercial do skate, sua prática de uma forma geral foi afetada, mesmo suas manifestações recreativas e não competitivas, pois houve um declínio na sua divulgação, na oferta de equipamentos de skate, no surgimento e manutenção de pistas, entre outras consequências.

Porém, logo houve uma reorganização, que teve início com a fundação da Associação Brasileira dos Empresários do Skate (ABESK). No ano de 1991, a ABESK em conjunto com a União Brasileira de Skate (UBS) – fundada em 1988 – retoma a organização de eventos. É relevante mencionar a publicação, em setembro de 1991, da primeira edição da Revista Tribo Skate, existente até hoje. Houve ainda um aumento da popularização da modalidade *street* e o surgimento de novas manobras (HONORATO, 2004).

Em março de 1992, a Pista Pública de Skate de São Caetano foi interditada, segundo a revista Cemporcento Skate Magazine (1996). A prefeitura alegou não ter pessoal suficiente para organizar as práticas, além do uso inadequado dos equipamentos de segurança pelos skatistas. Mas o motivo principal foi a quantidade de usuários (segundo a revista não eram skatistas) que utilizavam a pista para o uso de drogas.

Há relatos ainda que nessa época havia um projeto tramitando na Câmara da Cidade para a construção de uma escola municipal e um hospital nessa pista (UVINHA, 1997). Foram

3 anos de tentativas frustradas da Associação de Skate de São Caetano do Sul (ASSCS) para reabertura da Pista, até que, em 21 de dezembro de 1995, ela foi reaberta por meio de um contrato de comodato, no qual a ASSCS assumiu a responsabilidade administrativa, social e financeira da pista. A partir de então passou a ser aberta ao público das 9 horas às 21 horas e os skatistas deveriam se cadastrar a um custo de três reais e pagar taxa mensal de cinco reais para usá-la. Na época a ASSCS tinha como objetivo a estruturação da pista como um clube, oferecendo condições para o desenvolvimento de skatistas (CEMPORCENTO SKATE MAGAZINE, 1996).

Na cidade de São Paulo, segundo reportagem da revista Cemporcento Skate Magazine (1995), no dia 3 de agosto de 1995 houve uma sessão solene em comemoração ao dia municipal do skate, este tinha sido fundado naquele ano pela Prefeitura de São Paulo a partir de um projeto do vereador Alberto Hiar. Na solenidade foram homenageados alguns skatistas paulistas premiados no exterior, entre eles foram citados: Digo, Ferrugem, Bob Burnquist e Piolho. Nessa reportagem há ainda um trecho do discurso do vereador Alberto Hiar, identificado na revista como *Turco Loco,* nele é notável o foco na dimensão esportiva do skate.

> Se movimenta mais de 5 milhões de dólares nesse esporte... O skate é um esporte, por isso ele tem que ser representado numa casa parlamentar como a câmara municipal de São Paulo... o skate como todo esporte acaba sendo como um bem social, onde se quer tirar jovens abandonados da rua e colocar um skate embaixo do seu pé... O que a gente quer com o dia do skate? Tentar cada vez mais tentar ganhar respeito perante a sociedade por ser um esporte discriminado e as vezes até marginalizado (CEMPORCENTO SKATE MAGAZINE, p. 21, 1995).

Em 1996, segundo estudo de Uvinha (1997), a Pista de Skate de Santo André, uma das áreas de lazer da cidade mais frequentadas na época, foi destruída para a construção do Complexo Viário José Amazonas, com avenidas, pontilhões e viadutos. Após reivindicação de skatistas a prefeitura prometeu uma outra pista, mais moderna, a ser construída no interior de um parque municipal. Mas apenas na gestão seguinte, em 1997, foi inaugurado o Parque da Juventude de Santo André, que na época tinha apenas uma minirrampa móvel e uma promessa de que receberia uma área de *street skate* e, posteriormente, uma minirrampa e um *half pipe* fixos. A entrada seria franca. (Ibid.) Nesse Parque seria construído a pista conhecida hoje como Ana Brandão.

Em 1997, a pista de São Caetano do Sul continuava sendo paga, cobrava-se o valor de 2 reais pela diária e 5 reais pela mensalidade. Era frequentada por skatistas são-caetanenses, mas também de outras cidades do ABC Paulista, estes a consideravam a melhor pista da região e um modelo de infraestrutura e gestão a ser seguido, com segurança e dispondo de obstáculos

modernos (UVINHA, op. cit.). Em julho de 1997, foram desapropriados seis metros dessa pista, devido ao início das obras de demolição da Guarda Municipal (vizinha da pista), para a construção do Parque Aquático Carlos Antônio Biazzoto (Ibid.). Em troca, a prefeitura concordou em realizar uma reforma, assim, a pista ficou fechada durante cerca de dois meses e foram instalados novos equipamentos para compensar o espaço perdido (CEMPORCENTO SKATE MAGAZINE, 1997).

Ainda nesse ano, o editorial da revista Cemporcento Skate Magazine destaca a fase promissora por que a prática do skate vinha passando nos últimos anos. Com praticantes mais organizados, aumento no número de mulheres skatistas e o aumento de novos skatistas nos campeonatos e sessões de skate não competitivas.

Em 1999, a mídia eletrônica passou a investir mais em canais de TV a cabo e produção de vídeos nacionais e importados. A banda *Charlie Brown Jr*., do vocalista e skatista Chorão, lançou seu segundo disco. A internet passou a transmitir campeonatos ao vivo, surgiram também vários sites especializados. O skatista Jorge Kuge, interessado em resgatar o velho espírito *for fun* do Skate, organizou o Urg Skate Lengends 99, no *banks* da pista de Guaratinguetá, com a categoria Master (vencida por George Rotatóri), no intuito de relembrar os primórdios do skate no estado de São Paulo. (HONORATO, 2004)

Na década de 2000, a quantidade de campeonatos e eventos de skate continuou crescendo, juntamente com o investimento financeiro, a exposição nas mídias e os patrocínios. O skate passa a ser reconhecido como um esporte de alto rendimento, espetacularização e com capacidade de gerar grandes lucros.

No dia 29 de julho de 2008, foi inaugurada uma nova pista pública em São Caetano do Sul, esta surgiu para substituir a antiga pista pública da cidade, desativada em 2006. Localizada numa região central, em frente a um terminal rodoviário. Desde então a pista passou a funcionar de quarta a sexta, das 10 horas às 18 horas; aos sábados e domingos, das 10 horas às 14 horas. Na segunda-feira a pista abria para uma sessão *old school* (acima de 35 anos), para profissionais com carteirinha da CBSK e para as meninas (HIROSHI, 2008).

É interessante destacar que no final da década de 1990 e na década de 2000 começaram a surgir eventos e projetos que evidenciavam os skatistas que começaram suas práticas em décadas anteriores, bem como pistas antigas, já consideradas pertencentes à história do skate no estado.

Além disso, segundo a CBSK, na década de 2000, muitos foram os acontecimentos que contribuíram para o desenvolvimento do skate de alto rendimento em São Paulo: a organização de etapas de campeonatos mundiais, tais como o *Crail World Cup*: em 2001, na

cidade de SBC e em 2002 e 2005, em São Paulo; a escolha do paulista Bob Burnquist como skatista do ano, pela *Transwolrd* em 2007; em 2008, acontece o Brasil X Games em São Paulo; em 2008 e 2009, as primeiras edições da Mega Rampa no Brasil, também em São Paulo. Além da cobertura de campeonatos e entrevistas de personalidades do skate em programas de TV (CBSK, 2014).

Os dados dessa época mostram uma forte popularização do skate de competição, praticado profissionalmente, com alto grau de performance técnica. Os investimentos nessa época parecem ter sido, em sua maioria, para essa forma de praticar skate. Todavia, a partir de meados de 2000 até os dias atuais – apesar da espetacularização do skate, principalmente a modalidade vertical, continuar sendo amplamente veiculada pela grande mídia – muitas são as iniciativas públicas no sentido de contribuir para o acesso às práticas de skate nas suas variadas formas de manifestação, mas também objetivando uma organização e controle dessas práticas, por meio da oferta de oficinas, competições e construção de espaços considerados apropriados. Podemos citar como exemplo de iniciativa pública, o surgimento dos Centros Educacionais Unificados (CEUs): complexos educacionais, esportivos e culturais, caracterizados como espaços públicos múltiplos, que foram criados pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo e são localizados nas áreas periféricas da Grande São Paulo. Atualmente, dos 45 CEUs existentes, 16 possuem pista de skate.

Outro exemplo é a organização do Circuito Sampa Skate, evento dividido em várias etapas durante todo o ano, que consiste na realização de diversos campeonatos realizados em pistas públicas, muitas delas localizadas dentro dos CEUs. Este circuito, fruto de uma parceria entre a empresa Skate *Contest* e a Prefeitura de São Paulo, surgiu em 2003 e acontece até os dias atuais. Esses dois exemplos demonstram os avanços em relação à conscientização sobre a importância da consideração do espaço urbano ao se pensar em políticas públicas para a prática de skate.

2.3.2. Da Pista do Paço ao Parque da Juventude

O desenvolvimento histórico do que é hoje o Parque da Juventude possui estreita relação com os desdobramentos do skate na cidade de SBC. Esta é considerada a segunda cidade do estado de São Paulo na qual a prática do skate se tornou efetiva e popular. De acordo com

exposição sobre a história do skate em SBC, organizada por Nascimento e Pretto (2012)[28], os primeiros skatistas dessa cidade eram jovens que se identificavam com o estilo de vida urbano. Estes, não tendo acesso à prática do surfe, começaram a andar em skates improvisados e se organizavam em grupos que se diferenciavam pelo local da cidade onde andavam de skate.

Entre os anos de 1977 e 1978, houve um grande desenvolvimento dessa prática em SBC. Muitos *picos*[29] de skate foram conquistados, ladeiras eram utilizadas, rampas feitas de pedaços de madeira eram construídas nas ruas pelos próprios skatistas, que também começaram a organizar os primeiros campeonatos entre os grupos existentes na cidade.

Em 1979, surge a Pista *Wave Cat*, que durante a sua existência, até o ano de 1982, era considerada a maior pista de concreto da América Latina. Foi frequentada por muitos skatistas advindos de várias cidades das imediações, inclusive da capital, tendo sido de grande importância para a formação de muitos skatistas na modalidade vertical, muitos deles praticam e/ou vivem financeiramente do skate até os dias atuais (NASCIMENTO; PRETTO, 2012).

Em 1982, o skatista são-bernardense Osmar Fossa se torna o primeiro campeão do skate brasileiro, no primeiro campeonato de skate de Guaratinguetá (Ibid.). Como vimos, esse ano também marcou o surgimento da Pista do Paço, assim SBC entrou para a história do skate como uma das primeiras cidades do Estado de São Paulo a possuir uma pista pública, nem mesmo a capital paulista possuía uma.

Seu surgimento, em 1982, foi possível a partir da iniciativa do skatista Jorge Kuge, que fez um esboço do que seria a pista baseado em uma outra pista, já conhecida entre a comunidade skatista, no estado do Rio de Janeiro. O prefeito vigente se interessou pelo projeto e autorizou a obra do que seria a primeira pista pública de SBC. Na época, essa construção foi bastante esperada por skatistas profissionais e pela mídia, porém não teve a aceitação esperada. A primeira construção era formada por um *bowl* que logo afundou e foi inutilizado por conta das fortes chuvas da época, sobrando apenas uma grande pista que possuía um lado com paredes altas e permitiam grau elevado de dificuldade e uma parte rasa que gerava um deslizar mais lento. Essa segunda pista é a chamada Pista Velha e é a única construção que permanece até os dias atuais, agora inserida no complexo de lazer do Parque da Juventude. (NASCIMENTO; PRETTO, 2012).

[28] Exposição *A história do skate em São Bernardo do Campo*, de curadoria de Flavio Nascimento e Carlos Pretto, exposta durante a comemoração dos 30 anos da Pista Velha de SBC, ocorrida no Parque da Juventude no dia 30 de junho de 2012.
[29] Qualquer equipamento urbano que possibilite a prática de skate.

Dessa forma, a Pista Velha passou seus primeiros anos sendo considerada uma pista de baixa qualidade, por isso durante quatros anos foi frequentada apenas por skatistas de SBC (Ibid.). A Pista passou pela sua primeira reforma em 1984, com a instalação de uma grade de proteção, essa reforma partiu da iniciativa de grupos de skatistas de SBC. No ano de 1987, os skatistas da cidade tiveram a iniciativa de fundar a Associação de Skate de São Bernardo do Campo (ASSBC), que contribuiu para a conquista de boa parte do reconhecimento e das ações públicas conquistadas pelos skatistas ao longo dos anos. Nessa década o *freestyle* teve um grande crescimento, ganhando muitos adeptos em SBC (ONG SKATE SOLIDÁRIO, 2014).

Em 1988 teve sua primeira ampliação, que foi fruto de negociações entre a recém-fundada ASSBC e a Secretaria de Serviços Urbanos e a Prefeitura da época. A ampliação contou com a construção de uma área para *street skate* e um *half-pipe* (NASCIMENTO; PRETTO, 2012).

Em uma reportagem do dia 08 de fevereiro de 1988 percebemos que a mídia tratou a reforma como sendo o surgimento de um parque de skate: "Manobras radicais marcaram a abertura de um parque de skate na Praça Samuel Sabatini, em São Bernardo do Campo, São Paulo. Houve um passeio de mais de 2 mil skatistas na cidade" (FOLHA DE SÃO PAULO, 08 de fevereiro de 1988, p. 16). Entretanto, no desenvolvimento do referido artigo é esclarecido que a pista já existia naquele local:

> O projeto da pista foi proposto pela Associação de Skatistas de São Bernardo do Campo (ASSBC) e apresentado ao prefeito da cidade. Aprovado, gastou-se para remodelar o precário local já existente cerca de Cz$ 4 milhões, de acordo com o secretário de serviços urbanos do município, João Américo Martins (FOLHA DE SÃO PAULO, 8 de fevereiro de 1988, p. 16).

Pouco tempo depois dessa inauguração, no dia 27 de março de 1988, o jornal A Folha de São Paulo trazia uma outra reportagem sobre a Pista do Paço e divulgava a transmissão do Torneio Vitória de Skate TV Cultura que seria promovido pelo programa Vitória, da TV Cultura, na Pista do Paço Municipal de SBC.

Em maio do mesmo ano, a pista já era considerada o principal ponto de encontro dos jovens do ABC Paulista, com frequência aproximada de três mil jovens por final de semana (TOMISAKI, 1988). Ainda no ano de 1988, no mês de agosto, os skatistas conquistaram uma importante aquisição, a área de *street* infantil, que surgiu para suprir a demanda de crianças que surgia e requeria maior segurança. Além disso, foram inaugurados o *tribanks*[30] e uma área para

[30] Essa pista possui o formato de três grandes buracos interligados, com grande profundidade e paredes vertivais.

freestyle (NASCIMENTO; PRETTO, 2012). Em novembro, alguns skatistas norte-americanos foram convidados a se apresentar no *half-pipe* da Pista (FOLHA DE SÃO PAULO, 30 de novembro, 1988, p. 4). Nos anos de 1988 e 1989, aconteceram os primeiros Interbairros, um circuito de campeonatos organizado pela ASSBC realizados em vários locais da cidade. Assim eram escolhidos os melhores skatistas de cada bairro que disputariam a final na Pista do Paço (NASCIMENTO; PRETTO, 2012).

No início da década de 1990, o skate se torna mais técnico e a modalidade *street* fica mais popular, os skatistas começam a criar novos obstáculos dessa modalidade com o intuito de disputar os campeonatos emergentes. Em 1994, há uma maior visibilidade do skate feminino na mídia local, quando a skatista Renata Paschini foi destaque em uma reportagem no jornal Diário do Grande ABC. Mais conhecida como Renatinha, a atual presidente da AFSK, começou a andar de skate aos 14 anos e foi uma das pioneiras do skate feminino na região do ABC Paulista. (Ibid.)

Nessa década, com o surgimento de novas técnicas e modalidades, os skatistas de SBC sentem a necessidade de ampliações e melhorias na Pista do Paço. Uvinha (1997) constatou, em sua pesquisa sobre os skatistas do ABC Paulista, que em meados dos anos 1990, os frequentadores da Pista do Paço estavam insatisfeitos com a situação em que esta se encontrava na época, alegavam que faltava manutenção, modernização e segurança. Nesse período as melhorias eram realizadas pelos próprios usuários, bem como a promoção de campeonatos.

Durante essa fase de abandono das iniciativas públicas, os skatistas se apropriaram daquele espaço, criando laços de identificação muito fortes. Um pouco dessa realidade foi demonstrada no documentário Vida Sobre Rodas (2010), de Daniel Baccaro. Segundo depoimentos do filme, havia um grupo que tomava a frente da organização do espaço, chegando a escolher quem poderia usufruir dele, como se a pista fosse de domínio particular e não pública. Sendo assim, os skatistas que não faziam parte daquele grupo que dominava a Pista, precisavam aceitar os termos de uso que ali eram impostos pelos usuários mais antigos, esse fato chegou a intimidar muitos praticantes de outras cidades de São Paulo, que preferiam frequentar pistas particulares.

Um Artigo de uma edição de 1996 da revista Cemporcento Skate Magazine conta que nesse ano aconteceu o Campeonato Brasileiro de *Banks* Profissional de SBC. Este foi organizado pelos usuários da pista e aconteceu no *tribanks* da, já considerada lendária, Pista de Skate de SBC. Segundo a revista a realização do campeonato foi importante pois:

> 1 – A pista de SBC vem sofrendo o que podemos chamar de 'sucateamento', ou seja, tudo tem sido feito para fechá-la (para quem não sabe, as luzes da pista já não são mais acesas à noite), até porque correm boatos que a prefeitura de SBC vai construir um terminal rodoviário no local da pista. Não preciso falar aqui sobre a importância de São Bernardo para a história do skate nacional. Um campeonato deste porte pode chamar a atenção dos responsáveis no sentido de que vale mais a pena investir e reformar do que simplesmente destruir.
> 2 – Há muito tempo São Bernardo não sediava um campeonato de *banks*. [...] bom público, ótima premiação e, o que é melhor, muito skate nos dois dias. (VIEGAS, 1996, p.19-20)

Nesse mesmo ano foi construída uma minirrampa num bairro chamado Jardim Hollywood, esta teria sido idealizada pelos skatistas do bairro. Além desta, mais quatro outras pistas foram construídas em praças localizadas em pontos diferentes da cidade, totalizando cinco pistas em praças de cinco bairros diferentes da cidade. Assim, em 1998, graças a existência dessas pistas, o campeonato Interbairros foi organizado novamente pela ASSBC (NASCIMENTO; PRETTO, 2012).

Finalmente, em 2004, a antiga Pista de SBC foi fechada para que pudesse ser feita uma grande revitalização. Esta culminaria, três anos depois, na construção do Parque da Juventude, inaugurado e aberto ao público em 22 de agosto de 2007.

Ainda no ano de 2004, com a principal pista da cidade interditada para reforma, muitos eventos foram realizados em pistas menores, localizadas em diferentes bairros da cidade, assim algumas eram revitalizadas enquanto outras eram construídas a partir de iniciativas de moradores e skatistas. O final dessa década foi marcado por muitos campeonatos na modalidade *banks* e também pelo reencontro de skatistas que haviam parado de andar há alguns anos e o reconhecimento daqueles veteranos do skate, chamados agora de *Olds School*, sendo promovidos campeonatos e categorias específicos para esse público (NASCIMENTO; PRETTO, 2012).

Hoje o skate é uma atividade muito popular em SBC, muitos são os eventos promovidos durante todo o ano, tanto particulares como de iniciativa pública. E o Parque da Juventude é o equipamento central dessa prática urbana, além de ser um símbolo de sua história, é lá que acontecem os maiores projetos de iniciativa à prática do skate e os eventos e campeonatos de maior amplitude.

3. ESPAÇO URBANO

Objetivamos aqui dialogar com conceitos e termos que serão utilizados ao longo da dissertação, por estes serem necessários para a qualidade da discussão do estudo empírico. Para tanto, optamos por fazer uso da interdisciplinaridade, buscando em diferentes disciplinas e campos de conhecimento, elementos que pudessem contribuir para o tema. Ou seja, o intento não foi resolver problemas de dualidade, tampouco eleger um conceito chave que servisse para esclarecer toda ordem do que estamos chamando, por hora, de espaço urbano. Ao invés disso, buscamos caminhos teóricos que nos ajudassem a compreender aquilo que estava sendo assimilado no estudo de campo, além de contribuir para o debate acadêmico em torno do tema.

Diante disso, partindo do pressuposto de que uma discussão interdisciplinar contribuiria para o enriquecimento do debate proposto, a nossa base teórica se pauta na Geografia Crítica, com base principalmente na obra de Milton Santos (1997, 2004, 2008, 2012), bem como em Henri Lefebvre (2001, 1999), entre outros seguidores dessa linha teórica da disciplina. Da mesma forma, principalmente para com o debate sobre modos não hegemônicos e universalizantes de se pensar a cidade, nos amparamos ainda em alguns estudiosos da Antropologia Urbana, tais como Magnani (2007, 2008, 2012) e Oliven (1980, 2007).

3.1. A cidade contemporânea

No intuito de buscar uma reflexão sobre o modo como as cidades vêm se modificando ao longo do processo de urbanização, procuramos uma breve reflexão em pressupostos desenvolvidos por Henri Lefebvre, para quem a sociedade está a caminho de sua urbanização completa. Como podemos perceber em suas palavras: "Denominemos 'sociedade urbana' a sociedade que resulta da urbanização completa, hoje virtual, amanhã real" (LEFEBVRE, 1999, p. 15). Dessa forma, o autor defende a hipótese teórica de que o termo *sociedade urbana* pode ser usado para denominar aquela que nasce da industrialização e a sucede, a sociedade pós-industrial.

Assim, ao analisar as modificações pelas quais vêm passando as cidades ao longo desse processo de urbanização completa, ele prefere explorar o eixo espaço-temporal da realidade urbana compreendendo a *cidade política* perto de sua origem. Dessa forma, explica que a cidade tradicional grega e romana era caracterizada pela oposição entre obra e produto. A propriedade do solo era eminentemente do monarca, símbolo da ordem e da ação, os camponeses e as comunidades pagavam tributos para conservarem sua posse efetiva. Além

disso, os lugares de troca e de comércio, assim como as pessoas relacionadas a eles eram excluídos da cidade política. (LEFEBVRE, 1999)

"É apenas no ocidente europeu, no final da Idade Média, que a mercadoria, o mercado e os mercadores penetram triunfalmente na cidade" (Ibid., p. 22). Com isso, as cidades começam a ser modificadas, fazendo surgir uma outra racionalidade urbana, novos saberes, conhecimentos e técnicas, fazendo com que a *cidade mercantil* ou cidade comercial surja depois da cidade política. Por volta do século XIV, na Europa Ocidental, a troca comercial torna-se função urbana, dando origem a uma nova estrutura do espaço urbano. A cidade não é mais vista "como uma ilha urbana num oceano camponês", o campo agora não passa de seu horizonte, seu limite. Os camponeses produzem para a cidade, para o mercado urbano (LEFEBVRE, 1999, p. 23).

Nos séculos XVI e XVII, ocorre a inversão que "substitui a primazia camponesa pela prioridade urbana", nascendo a imagem da cidade, e é nesse período também que aparecem, na Europa, os planos de cidades. Essa inversão de sentido é acompanhada pelo crescimento do capital comercial, da existência do mercado que precede o nascimento do capital industrial e da *cidade industrial* (Ibid., p. 240).

Dando continuidade a esse processo, o grande acúmulo de riquezas faz surgir a burguesia como classe hegemônica e inicia-se a industrialização, transformando drasticamente a cidade e toda a sua estrutura social. A indústria se aproxima das cidades em busca de mão de obra, capitais e mercado consumidor e fomenta importantes transformações em sua morfologia.

Para Lefebvre (2001), a industrialização pressupõe a ruptura do sistema urbano preexistente, desestruturando as estruturas estabelecidas. "A passagem do capitalismo comercial e bancário e da produção artesanal para a produção industrial e para o capitalismo concorrencial faz-se acompanhar por uma crise gigantesca" (Ibid., p. 7). Assim, a indústria nascente se instala perto das fontes de energia, de meios de transporte, de matérias primas e de reservas de mão de obra. Assim, passa a produzir seus próprios centros urbanos, cidades, aglomerações industriais, ora pequenas, ora médias, ora gigantes.

Surge então, o movimento duplo chamado por Lefebvre de implosão-explosão:

> Ou seja, a enorme concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, satélites etc.) (LEFEBVRE, 1999, p. 26).

Em consequência desse processo de industrialização, há também o desenvolvimento do que Lefebvre prefere chamar de mundialização, a disseminação das relações de produção e da lógica do capital e do crescimento econômico. Com isso, as particularidades são minimizadas em favor de uma homogeneização que viabiliza a constituição de um mercado cada vez mais global. No entanto, o autor identifica resistências ao processo de homogeneização, nas quais traços da realidade subsistem em meio ao movimento de implosão-explosão das cidades (LEFEBVRE, op. cit.).

Nessa conjuntura, é importante destacar seu conceito de isotopias, estas são compreendidas como "partes comparáveis do espaço que se expressam e se leem (nos planos, nos percursos, nas imagens mais ou menos elaboradas pelos 'sujeitos') de modo que se possa aproximá-las", como por exemplo, aquelas produzidas pelo racionalismo de Estado. Segundo o autor, as isotopias são "lugares do mesmo, mesmos lugares. Ordem próxima". Enquanto que as heterotopias são "o outro lugar e o lugar do outro, ao mesmo tempo excluído e imbricado. Ordem distante". Não deixando de existir entre eles os espaços neutros (cruzamentos, lugares de passagem, lugares que não são nulos, mas neutros), além das rupturas/suturas (a avenida que separa dois bairros), podendo haver ainda a superposição de espaços com funções diferentes. (LEFEBVRE, 1999, p. 119-120)

Diante desses elementos, acreditamos que uma análise do espaço urbano deve ser realizada – para além de um mero estudo físico e estrutural do espaço – de maneira a considerar as sociedades, cada vez mais complexas, que o habitam. Parafraseando Castells (1983, p. 14), "o processo de formação das cidades está na base das redes urbanas e condiciona a organização social do espaço".

Nesse sentido, acreditamos que um diálogo com determinados estudos da antropologia urbana nos ajuda a compreender um entendimento de cidade mais real, dinâmica e humana. Como por exemplo, Oliven (2007), em seu livro *Antropologia de grupos urbanos*, acredita que nas cidades onde as sociedades complexas se mostram mais contraditórias, elas se tornam o centro de convergência de variados processos e fenômenos sociais, podendo intervir no seu desenvolvimento, mesmo não sendo sua principal causa. O autor, ao destacar sua convicção de que a cidade não é a causa principal de processos sociais diversos, mas sua consequência e lugar em que estes ocorrem, se opõe à vertente teórica que compreende a cidade como uma variável explicativa. Segundo o autor, essa vertente entendia a cidade como uma variável independente capaz de gerar ações diversas na vida social, sendo os modos de vida gerados por ela um foco a ser estudado (OLIVEN, 1980, 2007).

O autor afirma também que a cidade, como uma variável explicativa, teria o poder de criar uma cultura urbana caracterizada pela desorganização social e cultural. Além do mais, autores que seguem essa teoria acreditam que o estabelecimento das cidades e da urbanização é a causa do surgimento de uma cultura marcada pela fragmentação de papeis sociais, isolamento, secularização, superficialidade, anonimato, competitividade, ocasionando relações sociais transitórias e fugazes, afrouxamento de laços, conflito e desorganização (OLIVEN, 2007). Para o autor, esse modelo explicativo – bem como aqueles baseados no culturalismo, que utilizaram, por exemplo, a teoria da modernização para explicar o desenvolvimento e subdesenvolvimento de sociedades – opera a partir de análises equivocadas e simplistas (Idem, 1980, 2007).

Compreendemos essas ideias do autor em paralelo com aquelas que percebem a cidade a partir dos sujeitos que a produzem e das redes de relações diversas que nela são estabelecidas. Sendo assim, é importante reconhecer que o espaço citadino é mais do que uma mera divisão de fronteiras ou um lugar de passagem. "As ruas de uma cidade representam suportes e corredores de uma sociabilidade diversificada, portadora de uma vitalidade social e simbólica muitas vezes desconhecida" (BARROS, 2005, p. 14).

Com isso, identificamos que Barros possui um ponto de vista diferenciado do entendimento de Oliven (1980, 2007). Ele explica que a cidade, a partir dos desdobramentos advindos com a modernidade, emerge na contemporaneidade "[...] como lócus de tensão e proposição de novas sínteses entre os fluxos desterritorializados de poder e a particularização da experiência" (BARROS, op. cit., p. 64). Assim, a vida urbana contemporânea acontece nas megalópoles ou é por elas influenciada. Porém, o autor aproxima-se do entendimento de cidades complexas quando destaca que, mesmo que as megalópoles sejam marcadas por formas espaciais segmentadas, descontínuas e segregadoras, o território urbano se caracteriza tanto pelos espaços fluxos, pelos circuitos de passagem, pela velocidade e pela articulação global, quanto pelos lugares identitários, estes últimos marcados pela fragmentação local. "Paradoxalmente, o mundo da supermodernidade reafirma particularidades em meio à aceleração da experiência espaciotemporal" (Ibid., p. 67).

Essas ideias contribuem para a superação de propostas teóricas que compreendem os grandes aglomerados urbanos como sendo compostos apenas por relações sociais fragmentadas e pautadas nos hibridismos e desencontros. Passando a priorizar outros tipos de relações no uso do espaço urbano, compreendendo que os variados componentes desse espaço apresentam maior grau de permanências e regularidades na paisagem urbana (MAGNANI, 2007).

Entendemos assim, serem necessários mais estudos envolvendo a relação do espaço urbano com os grupos culturais e suas redes de sociabilidade, no intuito de conhecer realidades que vão além dos determinantes históricos e sociais advindos com a contemporaneidade, pautados nos processos globalizantes, nas acelerações, nos desarranjos identitários, presentes no atual "momento da modernidade fluida" (BAUMAN, 2001, p.12). Assim poderíamos buscar naquilo que fica, procurando "chamar a atenção, primeiro, para a sociabilidade [...] e, segundo, para as permanências e regularidades, em vez da fragmentação e nomadismo" (MAGNANI, op. cit., p. 19).

Dessa forma, acreditamos que, por mais que os inúmeros fragmentos da cidade sejam geridos a partir de uma lógica dominante de poder, que segue um sistema econômico e social gerido pelos ditames dos chamados tempos pós-modernos, a realidade da vida na cidade é regida a partir de premissas não pré-definidas, mas contraditórias, que se moldam mais às práticas e menos aos pressupostos totalizadores das estratégias socioeconômicas e políticas.

Carlos (2004), em seu livro *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade,* debate novas formas de pensar a cidade. Assim, partindo do princípio de que as relações sociais se realizam na forma de relações espaciais, a autora compreende que para uma reflexão sobre a cidade é fundamental uma reflexão sobre a prática sócio-espacial, ou seja, sobre o modo como a vida se realiza na cidade, enquanto formas e momentos de apropriação.

Destarte, a cidade, enquanto construção humana, é um produto histórico-social, sendo impossível pensá-la separada da sociedade e do momento histórico atual. As transformações espaço/temporais advindas com o mundo moderno *geram* continuidades e descontinuidades, modificando a morfologia urbana contemporânea (Ibid.). Esses pressupostos teóricos ressaltam assim a necessidade de debater a cidade a partir dessas complexidades, descontinuidades e contrariedades que marcam o espaço urbano contemporâneo.

3.2. Espaço e suas categorias

Muitas são as categorias que envolvem o constructo espaço, elencaremos aquelas consideradas mais pertinentes à nossa proposta. Para tanto, partiremos de estudos desenvolvidos pelo geógrafo Milton Santos, no intuito de chegar a um conceito pertinente de espaço.

Assim, parafraseando Santos (2008), entendemos que:

> o espaço não é nem uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho (SANTOS, 2008, p. 27).

De tal modo, por meio da compreensão do espaço enquanto um processo dialógico com as demais dimensões da vida, o autor passa a defini-lo como "o conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá" (SANTOS, 2004, p. 62). Deste modo, o espaço se dinamiza e se transforma por meio da dialética entre esses sistemas. Enquanto os sistemas de objetos condicionam a forma como as ações acontecem, os sistemas de ações proporcionam a criação de novos objetos ou se realizam em objetos preexistentes. Por conta disso, para o autor, a definição do espaço geográfico varia de acordo com a natureza dos objetos e das ações existentes em cada momento histórico (SANTOS, 2012).

Ao mesmo tempo, em suas reflexões sobre o conceito de espaço, esse autor evidencia o cotidiano, considerando-o como uma importante dimensão para esse estudo. Segundo Santos (1997), a dimensão do cotidiano diz respeito ao acontecer e surge em consequência do aumento dos objetos, fixos, e das ações, fluxos.

Do mesmo modo, Carlos (2004) acredita que, para uma compreensão do espaço urbano na contemporaneidade, é cabível a análise da vida cotidiana, pois é nela onde a prática social espacial se desenvolve, a sociedade produz o espaço, apropria-se dele e o domina. A autora introduz a categoria da apropriação nesse processo relacional, que envolve o espaço e a vida cotidiana, portanto, a apropriação:

> se refere a um lugar determinado no espaço, a uma localização e distância que se relaciona com outros lugares da cidade, ganhando qualidades específicas. Mas apropriação e dominação se separam no mundo moderno, entram em conflito; a dominação ganha o conteúdo das estratégias políticas que produzem o espaço da coação, posto que normatizado pela ordem que se impõe a toda a sociedade, direcionando a prática espacial, à medida que a apropriação se realiza enquanto prática criativa em luta contra a norma (Ibid., p. 8).

O espaço na cidade contemporânea é marcado por esse jogo entre apropriação e coação. Acreditamos que estas não aparecem sozinhas, enquanto um lugar é gerido por ações coercitivas mediatizadas por processos políticos, o sujeito não é completamente direcionado por elas, ele também se apropria do espaço a seu modo, por meio de sua prática cultural.

Silva (2007, p.6) corrobora com isso, quando explica que os modos de apropriação são observados a partir da 'pequena história', do cotidiano diário. "Ou seja, no banal, no

familiar, que explicam as mudanças ou a sociedade urbana que se constitui nesse começo de século".

Leite (2010), em seu estudo intitulado *A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea*, também apresenta o cotidiano como categoria analítica do espaço urbano, sendo utilizado por ele para compreender a dinâmica social da vida urbana contemporânea. O cotidiano assim, é percebido não apenas em relação a suas características mais comuns de regularidade, contiguidade, rotinização, mas leva em consideração também as rupturas repentinas, que ocorrem nos fluxos de regularidades.

Essas rupturas são importantes para a compreensão da vida no contexto urbano contemporâneo, pois contribuem para o entendimento de algumas ações cotidianas que não fazem parte da normatividade predominante, possibilitando a compreensão de mecanismos e de práticas sociais que alteram a conflitante vida urbana contemporânea (LEITE, op. cit.).

Dessa forma, compactuamos com a premissa do autor quando este destaca ser impossível pensar sociologicamente a cidade contemporânea sem levar em conta as interrupções que determinadas práticas sociais imprimem sobre a vida cotidiana, considerando-se o caráter multifacetado e fragmentado da vida urbana atual. Para tanto, são "necessárias as regularidades, tanto quanto as irregularidades; tanto a ação normativamente ordenada, quanto a ação contingente" (LEITE, 2010, p. 739).

Além disso, para uma compreensão da relação do espaço com o cotidiano, é necessário ainda, a consideração de uma outra dimensão, a do tempo, este entendido por Santos (1997) como sendo determinado pelo espaço, já que o "espaço banal" relaciona-se com as dimensões do acontecer e o acontecer é balizado pelo lugar, ou seja:

> Por *tempo*, vamos entender grosseiramente o transcurso, a sucessão dos eventos e sua trama. Por *espaço* vamos entender o meio, o lugar material da possibilidade dos eventos. E por *mundo* entendamos a soma, que é também síntese, de eventos e lugares. A cada momento, mudam juntos o tempo, o espaço e o mundo. De tal modo, nossa grande tarefa é a de apreender e definir o Presente, segundo essa ótica (SANTOS, op. cit., p.41).

O autor chama a atenção ainda para a existência de um tempo universal ou tempo despótico, caracterizado como hegemônico e "responsável por temporalidades hierárquicas, conflitantes, mas convergentes" (SANTOS, 1997, p. 31). Existem assim, temporalidades hegemônicas, na qual os agentes hegemônicos da sociedade (economia, política, cultura) hegemonizam os demais. Seguindo essa lógica, os espaços se adaptam, tornando-se também espaços hegemônicos, reguladores de ações (Ibid.).

Em relação a isso, Carlos (2004), ao analisar a morfologia urbana, aponta para uma indissociabilidade entre tempo e espaço e uma profunda contradição nos processos de apropriação do espaço pela sociedade. Pois, se por um lado, a relação espaço/tempo é marcada pelo surgimento de um tempo efêmero – que surge em decorrência da produção de uma nova racionalidade do processo produtivo marcada pela técnica – e de um espaço amnésico – produzido pelo seu uso, cada vez mais normatizado, que se reproduz sem referências, marcado por um tempo acelerado, comprimido, imposto e quantitativo. Por outro lado, essa mesma relação pode proporcionar a construção de um outro tipo de cidade, tendo a possibilidade de se produzir identidade nos interstícios espaciais que sobrevivem a essa lógica.

Esse fator é possível por meio do modo de apropriação, que se apresenta pela articulação cotidiano-lugar-identidade. Ou seja, o uso contribui para a produção da identidade do cidadão com o lugar, através das relações sociais, permitindo o desenrolar da vida cotidiana. "Se a 'ausência de memória' pode ser entendida como um processo que diz respeito ao sentido da não-identificação do habitante em relação ao lugar precípuo da vida; esta é reversível. Há latente, no lugar, os germes da vida que foge ao normatizado e que se impõe" (CARLOS, op. cit., p.87). Para a autora, a consideração do lugar envolve ainda:

> a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana (estabelecendo um vínculo entre o "de fora" e o "de dentro"), instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo ou melhor se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial (CARLOS, 2007, p.17).

Além disso, Santos (1997) acredita que o lugar surge como possibilidade de quebra do global, pois enquanto a globalização causa fragmentação, o lugar une, como afirma:

> A dimensão fragmentada é a tribo – união de homens por suas semelhanças – e o lugar – união dos homens pela cooperação na diferença. A grande revolta se dá através do espaço, do lugar, ali onde a tribo descobre que não é isolada nem pode estar só. Esse lugar tanto se pode chamar Ngoro Karabad como Los Angeles. O mundo da globalização doentia é contrariado no lugar (SANTOS, 1997, p. 36).

Assim, o lugar é constituído por duas características principais: a configuração territorial e a normatização, nele ocorre a solidariedade porém não orgânica, mas regulada, organizacional. "É pelo lugar que revemos o Mundo e ajustamos nossa interpretação, pois, nele,

o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora" (Ibid., p. 37).

Santos explica ainda que a diversidade caracteriza os lugares e que, ao mesmo tempo em que muda o mundo, mudam também os lugares. "Os eventos operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente" (SANTOS, 2012, p. 158). O autor acredita que o grande papel do lugar na produção da história é a sua possibilidade de construir uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos.

O que temos hoje são novos lugares, adaptados as acelerações contemporâneas e ao crescente esforço da globalização que atinge também os processos territoriais. Nesse novo lugar o real acontece, os costumes são mantidos, porém em uma nova roupagem, por meio da organização, da renovação, reutilização do lugar (Idem, 1997).

Ou seja, de acordo com as ideias dos autores supracitados, os lugares se apresentam enquanto possibilidade da realização do real, do encontro, do permanente, da identidade e da história, que se realiza no plano do cotidiano. Porém eles não podem ser compreendidos de maneira simplista e descontextualizada, devemos entender, como explica Santos (1997), que o lugar na contemporaneidade acelerada e globalizada passa por adaptações, suas funções são reformuladas para atender a realidade atual.

Vendo as coisas desse modo, acreditamos que as formas de apropriação influenciam na produção desses lugares, distribuídos nos espaços e subespaços urbanos. Assim, aliado ao entendimento abrangente de cidade, visto no tópico anterior, essas categorias são extremamente importantes para a compreensão de determinado espaço urbano, tanto em sua totalidade, como especificamente, por meio dos equipamentos urbanos.

3.3. O espaço urbano em questão

O marco urbano da nossa investigação é a cidade de São Bernardo do Campo, mais especificamente o Parque Cidade Escola da Juventude Città Di Maróstica (Parque da Juventude). Apesar de não estarmos nos propondo a fazer uma pesquisa de abrangência regional, entendemos a importância de uma breve apresentação, tanto da cidade de SBC como do espaço urbano do ABC Paulista, apresentando ainda alguns de seus equipamentos relacionados à prática do skate.

O ABC Paulista, comumente conhecido apenas por ABC, faz parte da região metropolitana de São Paulo (Grande São Paulo) e é formada por três municípios, sendo eles:

Santo **A**ndré, São **B**ernardo do Campo (SBC) e São **C**aetano do Sul. Essa região faz parte hoje do chamado Grande ABC que compõe, além dessas três, também as cidades: Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra (Figura 2).

Nessa região a cidade de SBC possui a maior população (805.895 habitantes em 2013), com densidade demográfica de 1.869,36 hab/km² e também a maior área (409,478 km²) (IBGE, 2014).

Figura 2: Região do Grande ABC na Região Metropolitana de São Paulo
Fonte: Agência de Desenvolvimento Econômico Grande ABC[31], 2014.

O acesso da cidade de São Paulo a essa região é feito principalmente pelas rodovias Anchieta e Imigrantes, pelas avenidas Cupecê, Engenheiro Armando de Arruda Pereira, dos Bandeirantes, dos Estados, Salim Farah Maluf e também pelo Rodoanel, pelos corredores de trólebus e pelos trens urbanos da CPTM.

Para Rodrigues e Ramalho (2007), o ABC Paulista é a região que melhor reflete o processo de industrialização do Brasil, principalmente a partir dos anos 1950. A formação dessa

[31] Disponível em: <http://www.agenciagabc.com.br/grandeabc0709br/grande-abc/index.php?id=14> Acesso em: 02/jun/2014.

região aconteceu com a concentração de um aglomerado de empresas em volta da cidade de São Paulo. Houve ainda a instalação de grandes fábricas e a constituição de um parque formado por pequenas e médias empresas fornecedoras. O principal ramo industrial era o automobilístico, controlado por empresas multinacionais, esse setor impulsionou o desenvolvimento regional do ABC Paulista. Essa origem marcou a região em termos de ordenamento urbano, políticas públicas e sindicalismo, os operários metalúrgicos do ABC tiveram uma forte organização e formaram um sindicato representativo em todo o país.

Porém, nas últimas décadas o setor industrial automobilístico foi atingido por uma reestruturação a nível mundial, causando grande impacto nas regiões onde as fábricas estavam instaladas. Esse fato desencadeou o processo de reespacialização da indústria automotiva brasileira ocorrida a partir da segunda metade da década de 1990, atingindo diretamente o ABC Paulista, afetando trabalhadores, suas instituições e regiões que estavam perdendo ou ganhando fábricas (RODRIGUES; RAMALHO, 2007).

Hoje o setor de serviços vem crescendo substancialmente na região. Em SBC é o setor que mais possui atividades e também o que mais cresceu nos últimos anos, teve crescimento de 51,8% entre 1997 e 2007 (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO (PMSBC), 2008).

3.3.1. A trajetória do espaço em São Bernardo do Campo

A cidade de SBC nasceu no ano 1553, segundo registros oficiais, porém o historiador Médici (2012) não concorda com essa origem, já que a data refere-se a uma vila que deixou de existir em 1560. No entanto essa vila, Vila Santo André da Borda do Campo, fundada em 8 de abril de 1553, permaneceu como símbolo da origem da região pois seria o ponto de origem comum dos atuais municípios de SBC, Santo André e São Caetano do Sul (MÉDICI, 2012).

O atual nome da cidade, São Bernardo do Campo, foi consolidado em 1717, advindo de uma capela que homenageava o santo, na fazenda dos monges Beneditinos. Assim, o aniversário da cidade é comemorado no mesmo dia do santo padroeiro de SBC, em 20 de agosto. Em 23 de setembro de 1812 a vila foi elevada à freguesia, Freguesia de São Bernardo do Campo, pelo marquês de Alegrete, ocupando o espaço aproximado do que é o Grande ABC hoje. (Ibid.)

A partir de 1875 várias levas de imigrantes italianos chegaram ao estado de São Paulo. As famílias italianas que chegavam eram divididas em colônias, estas viriam a se

transformar em bairros e distritos de SBC e em cidades que fazem parte da Região do ABC Paulista. Uma outra imigração importante para a região foi a japonesa, que foi dividida em grupos de imigrantes que chegaram em épocas diferentes (STANGORLINI, 1988).

Posteriormente, em 1889, a Freguesia de SBC foi elevada à condição de município autônomo, com o mesmo nome (MÉDICI, op. cit.). Com a ligação direta entre as cidades de Santos e São Paulo por meio da ferrovia, o trecho de SBC perdeu seu movimento. O Bairro da Estação já tinha uma boa população estabelecida, e em 1867 foi considerado um centro urbano, e recebeu o nome de Santo André. Com o tempo passou a ser sede do município, principalmente pela facilidade de acesso, em face das proximidades com a ferrovia. Assim, o município passou a receber o nome de Santo André e SBC foi rebaixado à condição de distrito em 1938. Mas, alguns anos mais tarde, emancipou-se política e administrativamente, e se desvinculou de Santo André no ano de 1944 (STANGORLINI, 1988).

O século XX foi marcado pela transformação do rural em urbano, da industrialização acelerada, dos grandes loteamentos urbanos, da construção da Via Anchieta e da Rodovia dos Imigrantes e, a partir dos anos 1960, dos primeiros núcleos irregulares, chamados de favelas. Nas décadas de 1970, 1980 e 1990, os espaços das antigas chácaras, transformadas em indústrias, passaram a ser ocupados por conjuntos habitacionais de várias classes e pelo setor terciário e de serviços (MEDICI, 2012).

O lazer em SBC vem mudando conforme sua história. Na época das colônias era comum a reunião para escutar músicas (italianas em sua maioria), jogar jogos de mora, jogos de baralho, bochas (bolas). Entre as manifestações religiosas havia a procissão dos carroceiros, a mais antiga manifestação religiosa da cidade, existente até hoje no mês de setembro. Durante os festejos católicos aconteciam bingos, quermesses, leilões, havia barracas com comida, bebida e jogos. As festas juninas da região também remontam a essa época, em louvor aos santos São João, Santo Antonio e São Pedro eram marcadas por fogueira, fogos, balões e bailes. As crianças das colônias brincavam com brinquedos feitos a mão (STANGORLINI, op. cit.).

Já na década de 1910 começaram a surgir campos de futebol, campeonatos e times na Vila de SBC e de Santo André. Segundo Stangorlini (1988), o primeiro time de futebol das colônias de SBC surgiu em 1915, o Flor de São Bernardo do Campo. O primeiro clube de SBC foi criado em 1963, chamava-se Clube de Campo Aranamy, na estrada da família Alvarenga, chamada Três Lagos, hoje localiza-se no Bairro do Alvarenga. Em 1979 passou a chamar-se Comdoro Country Club.

A Represa Billings, que hoje é um dos mais frequentados pontos de lazer da região, foi construída entre os anos 1926 e 1930. Além disso, alguns equipamentos existentes até os

dias atuais foram criados a partir de iniciativas de moradores de bairros, estes formados a partir das antigas colônias de SBC e Santo André. Tais como o Clube de Campo MESC, fundado em 20 de fevereiro de 1959 e a Companhia Cinematográfica de Vera Cruz, que produziu grandes filmes de abrangência nacional entre os anos de 1939 e 1954 (STANGORLINI, op. cit.).

Um antigo estúdio dessa companhia foi transformado no Centro de Convenções, Feiras e Certames Vera Cruz. Em 1987 o espaço foi tombado pelo Conselho de Patrimônio Histórico e Cultural de São Bernardo (CONPAHC), e os antigos estúdios passaram a sediar eventos como a tradicional Feira de Móveis de São Bernardo, Feira das Nações, Shows, Bailes entre outros. Hoje é chamado de Pavilhão Vera Cruz e possui propostas para revitalização de seu espaço (GRUPO DE TURISMO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO (GETUR-SBC), 2014).

Atualmente a cidade de SBC limita-se com São Vicente, Cubatão, Santo André, São Caetano do Sul, Diadema e São Paulo. Considerada a capital econômica da região, é a cidade do ABC que possui economia mais desenvolvida, com PIB de 29.939.604 bilhões (Capital Social, 2013). Está localizada a 22 km do centro de São Paulo, a 50 Km do Porto de Santos, a 45 Km do Aeroporto Internacional de Guarulhos e a 18 km do Aeroporto de Congonhas. Cruzam seu território as rodovias Anchieta, Imigrantes, Índio Tibiriçá e Rodoanel (GETUR-SBC, 2014).

Os principais pontos turísticos e equipamentos urbanos da cidade são: a Chácara Silvestre, antiga residência de uma família tradicional hoje é onde funciona o Museu do Folclore, situada na Av. Wallace Simonsen, 1800, Bairro Noa Petrópilis; Câmara da Cultura, foi gabinete de vários prefeitos, Câmara Municipal e Casa de Esportes, fica na Rua Marechal Deodoro, 1325, Centro; Espaço Henfil, foi construído em memória de Henrique Filho, maior cartunista da época da ditadura militar, promove exposições de artes. Possui ainda o Ginásio Poliesportivo, na Av. Kennedy, 1155. E os teatros: Lauro Gomes, maior e mais moderno da cidade, construído em 1964, Rua Helena Jacquey, 171, no distrito de Rudge Ramos; Cacilda Becker, reformado recentemente, localizado na Praça Samuel Sabatini, 50, Paço Municipal de SBC; Elis Regina, na Av. João Firmino, 900, Bairro Assunção; Abílio Pereira, Praça Cônego Lázaro Equini, 240n, Beata Neves; Procópio Ferreira, Av. Francisco Alves, 460, Paulicéia; Martins Pena, Praça Marquês de Alegrete, 44, Vila Gonçalves. (BIBLIOTECA GUIMARÃES ROSA, 2013).

Ainda segundo informações encontradas na Biblioteca Guimarães Rosa (2013), dentre os principais patrimônios culturais estão: Igreja Presbiteriana, Rua Dr. Fláquer, 824,

Centro, Primeira igreja presbiteriana de SBC; Capela de Nossa Senhora da Boa Viagem, Rua Marechal Deodoro, Centro. Além de outras capelas e igrejas e imóveis históricos.

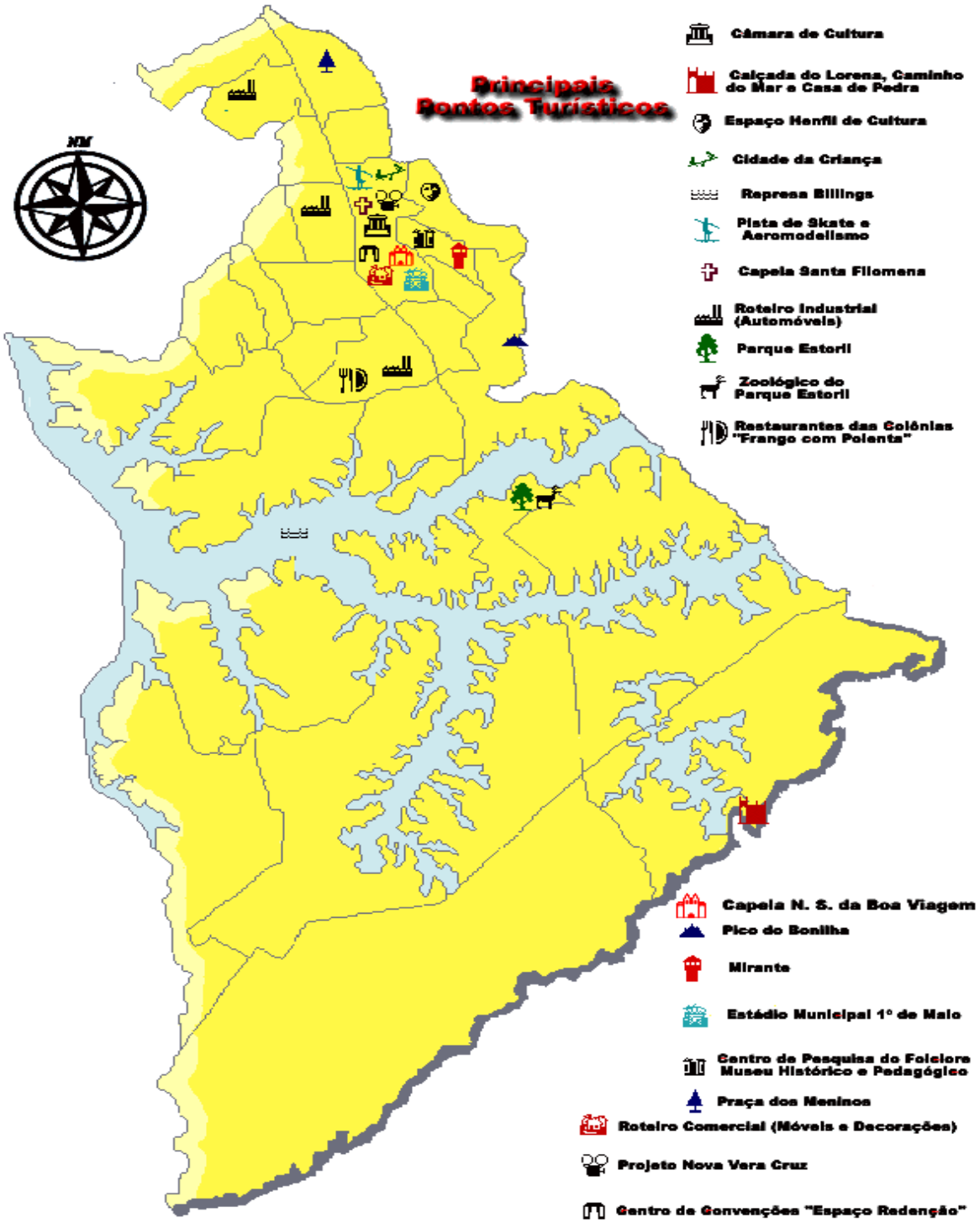

Figura 3: Mapa Turístico do Município de São Bernardo do Campo
Fonte: Sbcampo.com (2014)[32].

[32] Disponível em: <http://www.sbcampo.com.br/turismo.php> Acesso em: 02/jun/2014

Analisando a localização dos principais equipamentos urbanos de lazer da cidade, podemos perceber que a grande maioria está concentrada no centro de SBC, como é possível visualizar na Figura 3.

A cidade também possui atrativos naturais, já que 53,7% de sua área são de proteção aos mananciais, sua vegetação é composta por trechos de Mata Atlântica original na área próxima à Serra do Mar. Possui também como atrativo natural a represa Billings (maior reservatório artificial da América Latina), que tem 70% da área dentro de SBC (PMSBC, 2014).

No trecho da Serra do Mar situado entre o Rio das Pedras e o Rio Cubatão existe a Calçada do Lorena, construída em 1792, para transporte de pessoas e mercadorias levadas em burros, ligando São Paulo ao litoral, foi utilizada por D. Pedro I em 7 de setembro de 1822, sendo citada como a Estrada da Independência. Em 1913 foi adaptada para a passagem de veículos automotores e passou a se chamar Caminho do Mar (SP-148) (BIBLIOTECA GUIMARÃES ROSA, 2013). Hoje a estrada é de concreto e não é mais utilizada para passagem de veículos, frequentada apenas como percurso turístico.

Além disso, a cidade é privilegiada em relação à quantidade e estrutura de seus parques urbanos. Abaixo listamos suas características[33].

A **Cidade da Criança** foi o primeiro parque temático do Brasil, fundada em 10 de outubro de 1968, passou por várias reformas realizadas pela Prefeitura da cidade. Tendo sido reinaugurada em janeiro 2010, após passar cinco anos fechada. Os principais atrativos são a Cidade da TV (cidade cenográfica que conta a história da TV brasileira), teleférico, trem fantasma, arborismo, submarino, entre outros. Possui área de 37.742m², localizada à Rua Tasman, 301, Jardim do Mar. Aberta ao público de terça à domingos e feriados de 9h às 17h. A entrada é gratuita, já os brinquedos são pagos, o custo destes varia entre 5 e 10 reais. Possui estrutura para receber 20 mil visitantes, possui média de visitantes por dia de 1300 pessoas.

O **Parque Engenheiro Salvador Arena** localizado na Av. Caminho do Mar, 2.980, em Rudge Ramos, foi inaugurado dia 18 de dezembro de 2005. Com área total de 15 mil m², possui pista de caminhada de 400 metros, lago com chafariz e cachoeira artificiais, teatro de arena com arquibancada para 420 pessoas, *playground*, área para prática de atividades físicas e de contemplação. Possui ainda um aquário de água doce. A estrutura de apoio conta com administração, lanchonete, fraudário, posto médico, sanitários e bicicletário. Horário de funcionamento: 6h às 21h, de segunda a domingo.

[33] Informações retiradas do Guia da Cidade de SBC de novembro de 2013, ano 3, nº 36, produzido pela Secretaria de Comunicação da Prefeitura de SBC.

O **Parque Cidade de São Bernardo Raphael Lazzuri** (Figura 4), situado em um dos bairros centrais e nobres da cidade. O número de pessoas que frequentam o parque durante a semana é de cerca de 1.500 pessoas por dia e nos fins de semana aproximadamente 3 a 5 mil pessoas. O parque ocupa uma área de 25.000 m², possui três áreas de *playground*, pista de corrida e caminhada (com dois percursos), teatro de arena, lanchonete, sanitários, fraldário, atendimento de primeiros socorros, administração, aparelhos para ginástica e área de contemplação (bancos, floreiras, som ambiente, paisagismo, fontes e espelhos d'água). O parque também possui desenho e sinalização preparado para pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. Localizado na Av. Kennedy, 1111, Bairro Anchieta. Horário de funcionamento: segunda a domingo, das 6h às 22h.

Figura 4: Vista aérea Parque Cidade de São Bernardo Raphael Lazzuri
Fonte: PMSBC (2014).

Além desses parques urbanos, existe um outros dois em sua área rural, o primeiro deles é o **Parque Municipal Estoril "Virgílio Simionato"** fica na Rua Portugal, s/nº, bairro Estoril, Riacho Grande. Foi inaugurado em 05 de outubro de 1985. É considerado o mais completo do ABC Paulista, nele estão presentes trechos de Mata Atlântica e parte da área da represa Billings. Em uma área de 153.000m², possui capela, sanitários, vestiários, administração, quiosques, brinquedos. Oferece teleférico, pedalinhos, paintball, tiro ao alvo, entre outros. Além do Zoológico de São Bernardo do Campo ou Zoológico do Parque Municipal Estoril "Virgílio Simionato" que também fica nas suas dependências.

O segundo, **Parque Chácara Silvestre,** possui cerca de 85.000m², oferecendo *playgrounds*, áreas de convívio, pista de caminhada, trilha, áreas de ginástica e alongamento,

ciclovia. Além de visita ao casarão histórico. Localizado na Av. Wallace Simonsen, 1800, Nova Petrópolis. Funciona de segunda a domingo, de 6h às 18h.

3.3.2. Os *picos* de skate no ABC Paulista

As pistas estão distribuídas pelo ABC da seguinte forma[34]: Em **Santo André**, a maior pista e também considerada a mais completa em relação a obstáculos de *street skate* é a pista púbica conhecida como Ana Brandão (Figura 5), fica no interior do Parque da Juventude Ana Maria Brandão possui corrimões, *banks* e *funbox*[35], está localizada à Rua Capitão Mário Toledo de Camargo, s/nº, Jardim Ipanema.

Figura 5: Pista Ana Brandão
Fonte: industrybmx.blogspot (2014).

A *Pista do Campestre* possui características que a diferenciam da maioria das demais pistas públicas do ABC, ela a única pista pública coberta da cidade, foi construída toda em madeira e é aberta 24 por dia, surgiu da iniciativa de um grupo de skatistas do Bairro Campestre que levou um projeto para a prefeitura que construiu a pista em um galpão municipal, localizada à Rua Vitória Régia, Campestre.

A *Urgh Tent Skate Park* é uma pista particular, trata-se de uma área coberta com obstáculos para prática da modalidade vertical, possui um *half pipe* de 3,90 metros de altura, uma minirrampa, uma microrrampa, todos interligados e de madeira, fica aberta de terça-feira

[34] As informações foram encontradas do Guia de Pistas da revista Cemporcento Skate Magazine e das páginas virtuais Boardsports e Skate for life. Disponíveis respectivamente em: http://cemporcentoskate.uol.com.br/guiadepistas; http://www.boardsports.com.br/seu_roteiro/07_04_raninho_indica.shtml; http://skate4life.com.br/pistas-de-skate-no-abc/. Acesso em: 01 de outubro de 2013.
[35] Obstáculo contendo escadas, rampas, corrimão, próprios do estilo *street*.

a sexta-feira, das 14 horas às 22 horas, sábados, das 10 horas às 22 horas, domingos e feriados das 12 horas às 20 horas, localizando-se na Avenida Cel. Fernando Prestes, 450.

O *Bowl New Board* é um *bowl* de madeira localizado dentro de uma loja de artigos de skate com mesmo nome. O custo é de R$ 7,00 para andar por duas horas, funciona de terça-feira a quinta-feira, e no sábado, das 10 horas às 18 horas, e na segunda-feira e sexta-feira, das 10 horas às 20 horas. O endereço é: Rua Padre Manuel da Nóbrega, 382; Em Santo André há ainda uma pista no Parque Norio Arimura, na Rua Macedônia, s/nº - Pq. Capuava.

A cidade de **São Caetano do Sul** possui uma pista pública dentro do *Centro de Referência da Juventude Estação Jovem*, é a única pista de skate no ABC que possui um *Snake Banks*[36]. A pista conta ainda com um espaço para a prática de *street*. O horário de Funcionamento é: segunda-feira, das 12 horas às 20 horas; terça-feira a sexta-feira, das 10 horas às 20 horas; sábado, domingo e feriados, das 12 horas às 18 horas. O endereço é: Rua Serafim Constantino, s/nº, Centro.

Em **São Bernardo do Campo**, existe a *Pista da Paulicéia*, esta é pública e fica localizada em uma praça na Rua Dráusio, s/nº, possui corrimão, *banks* e semicápsula. Lá é perceptível a falta de manutenção, o asfalto está rachado e as bordas das transições estão quebradas. Além dela têm também a *Pista do Hollywood*, na Rua Ipanema s/nº, Jardim Copacabana. É uma pista pública, fica localizada em uma Praça e possui minirrampa, corrimão e escada.

Além das pistas os skatistas também andam nas ruas, em praças, ladeiras, estacionamentos, monumentos e demais estruturas urbanas que possibilitem manobras ou apenas o deslocamento de skate. Um pico bastante conhecido em SBC é o estacionamento do Ginásio Poliesportivo, o Paço Municipal, que fica em frente ao Parque da Juventude, entre outros.

3.3.3. O Parque da Juventude

Neste tópico apresentaremos a descrição espacial do Parque da Juventude, tomando como base aquilo que foi percebido através do olhar durante as observações participantes. Posteriormente destacaremos alguns pontos de sua regulamentação que compreendemos importantes para entender a sua dinâmica de uso e apropriação. Como apresentado no Capítulo 1 o Parque Cidade Escola da Juventude Città Di Maróstica é mais conhecido pela população da

[36] Um grande *bowl* com as paredes em formato de ondas, como se fossem vários *bowls* interligados.

região como Parque da Juventude (Figura 6). Localiza-se no ponto central da cidade de SBC, em frente ao Paço Municipal, onde se encontra a Prefeitura Municipal de SBC e suas secretarias.

Figura 6: Vista aérea do Parque da Juventude
Fonte: Google (2014).

Quando entramos no Parque, ao olhar para o lado esquerdo a primeira coisa que visualizamos é a sua secretaria, com uma janela por onde é feito o atendimento ao público, ao lado dessa janela tem um mural com panfletos explicativos, cartazes e folders de eventos, um porta-jornal localizado no chão ali ao lado abriga vários exemplares do Guia da Cidade, que possui distribuição mensal. Mais à frente e à esquerda fica a porta que dá acesso à secretaria.

Ao seguir adentrando o espaço, passamos pela pista de corrida e caminhada que circula toda a área construída. Logo após, ao olhar para a direita logo se vê a entrada do grande *street park* (Figura 7), chamado também de pista de skate ou apenas *street* que é circundada por uma grade de proteção. Na sua entrada possui uma catraca de contagem de pessoas e uma área coberta com bancos de concreto que dá acesso ao portão do *street* e é onde os Operadores de

Equipamentos Esportivos (OEEs) ficam controlando a entrada das sessões de skate, *bike* e patins. Logo no início das observações, passamos a chamar essa área de *guarita*.

Figura 7: Vista panorâmica do S*treet Park*
Fonte: Ricardo Cobos

Um largo corredor, margeado pelo *street* de um lado e por um jardim e um grande banco de outro, leva a parte coberta do parque, onde se encontram os banheiros feminino e masculino, pequenos bancos arredondados, enfermaria e salas de apoio, além de uma escada e uma rampa de acesso ao andar de cima.

Quando seguimos a pista de caminhada em direção ao lado esquerdo do Parque, logo após um jardim, encontramos o grande *half pipe* de madeira, este fica isolado por grades de ferro e quando não está sendo utilizado possui uma corrente que passa por toda a sua extensão e fica entre suas paredes verticais, impedindo o seu uso. Seguindo pela pista de caminhada visualizamos ainda um grande pátio aberto, localizado em frente ao palco para *shows*. Continuando ainda pela pista de caminhada passamos por trás das paredes de escalada, estas ficam em uma área isolada por um pequeno portão. Continuando a caminhada, chega-se ao *street* mirim, uma área estreita, isolada por uma grade e portão de entrada, encostada no muro, aos fundos do Parque. Continuando contornando o Parque visualiza-se o parque infantil e também os fundos do *street*.

No andar de cima se encontram a lanchonete, a loja de artigos de skate e os vestuários, além de um espaço aberto que de um lado dá acesso ao *half pipe* por um pequeno portão de ferro, que sempre estava trancado com correntes e cadeado. Do outro lado tem-se

uma vista panorâmica para a pista de skate, lá é comum ver observadores encostados no parapeito observando as sessões de skate, *bike* ou patins que estão acontecendo embaixo. Por esse motivo optamos por chama-lo de *arquibancada*. Do andar de cima visualiza-se ainda a pista de *dirt jump*, que se encontra ao lado do palco, e as torres de estrutura para a prática de tirolesa que também ficam nos fundos do parque. Estes dois últimos aparelhos passaram todo o período da pesquisa de campo desativados.

Durante as observações percebemos que o Parque é frequentado todos os dias, no horário de 6 horas às 22 horas. Víamos pessoas de idade variadas que ocupavam o espaço para descansar nos grandes bancos que se espalham por quase toda a extensão do Parque; fazer um lanche; assistir as sessões de skate, *bike* ou patins que acontecem no *street park;* comprar algo na loja especializada em skate; estudar; se reunir em grupos, tais como grupos de alunos de determinado colégio, perceptível por meio do uniforme que usam, grupos de jovens religiosos que se reúnem para conversar e fazer orações, grupos de jovens, homens e mulheres também se reúnem para escutar música em aparelhos de celular, outros ensaiam coreografias no palco.

Além disso, existem os corredores, caminhantes, patinadores, *bikers* e em maior quantidade, os skatistas, que se espalham por todo o espaço, mesmos nos dias em que o *street* permanece fechado, sempre víamos pessoas com skate na mão, ou o utilizando para se deslocar pelo Parque ou ainda fazendo pequenas manobras nos seus variados espaços.

Para entender melhor a regulamentação do uso do Parque da Juventude, principalmente das práticas de skate, apresentamos aqui informações conseguidas a partir da análise do Decreto Lei Nº 16.096, de 16 de agosto de 2007[37], que regulamenta o uso do Parque da Juventude. Além de informações adquiridas na própria coordenação do Parque.

Segundo o citado regulamento a gestão e o gerenciamento do Parque são de responsabilidade da Coordenadoria de Ações para a Juventude (CAJUV) e da Secretaria de Serviços Urbanos, à primeira compete aprovar a programação de serviços. O Parque possui ainda uma coordenação própria, vinculada à CAJUV. Em relação ao uso do Parque pela população os interessados na prática de esportes radicais devem apresentar documento com foto para acesso aos Equipamentos Esportivos Radicais (EER) se maiores de 18 anos; se adolescentes entre 12 e 18 anos de idade incompletos apresentar foto 3x4 e termo de autorização subscrito pelo pai ou responsável legal com firma reconhecida. Para os adolescentes é expedida ainda uma carteirinha que deve ser apresentada sempre que utilizarem qualquer EER.

---

[37] Disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/comuns/pqt_container_r01.asp?srcpg=parque_esportes_radicais&lIHTM=true> Acesso em: 06/06/14.

Em relação à regulamentação da segurança, o decreto estabelece que é obrigatório o uso de capacete, com sua respectiva fixação, para a utilização de qualquer EER existente nas dependências do Parque. Para mais, é obrigatório o uso de joelheira e cotoveleira para a utilização do *half pipe*. O regulamento deixa claro ainda que a administração do Parque não fornecerá nenhum item de segurança, excetuados os equipamentos de segurança básica para a prática das modalidades de escalada, rapel e tirolesa.

Para o início da atividade esportiva os praticantes de qualquer modalidade radical deverão se aquecer, acompanhados por profissionais especializados, antes de adentrarem aos EER, sob pena de suspensão temporária da prática. É importante destacar que esse tipo de ação não foi observado em nenhum momento das observações participantes.

Ainda em relação à segurança, o regulamento decreta que para a utilização do *half pipe*, o praticante deverá possuir técnica suficiente para iniciar sua volta da parte superior do obstáculo (*dropar*), não sendo permitido iniciar pela parte inferior (*flat*).

Segundo esse decreto o *street park* permanece aberto de quarta-feira a domingo, nos horários das 9 horas às 22 horas, sendo dividido em baterias[38] de uma hora de duração que seguem um cronograma preestabelecido pelo Parque, de acordo com as modalidades, skate, *bike* e patins.

As baterias são divididas da seguinte forma (Figura 8): na quarta-feira e na sexta-feira, os horários das 9 horas às 19 horas são compostos por baterias para a prática de skate; a partir das 19 horas o uso do parque passa a ser para prática de patins e *bike*; na quinta-feira, das 9 horas às 15 horas, a pista é reservada para as baterias de skate, das 15 horas às 18 horas, para patins e *bike*, e das 18 horas em diante volta para o skate. Nos finais de semana, das 8 horas às 11 horas, acontece o Horário Mirim, reservado para crianças de até 12 anos de idade (segundo a Lei, este é o único horário que essa faixa etária pode estar dentro do *street*). A partir de 11 horas, no sábado o horário segue a mesma sequência da quinta-feira, e no domingo a mesma divisão da quarta-feira e da sexta-feira. A terça-feira os EER são disponibilizados para a realização de oficinas.

[38] No intuito de controlar o número de praticantes, para evitar acidentes, foi estabelecido um limite de 100 praticantes por vez no *street* e 10 no *half pipe*, caso a sessão ultrapasse esse contingente, a cada uma hora há um rodízio de usuários.

Figura 8: Horário de utilização do *Street Park*
Fonte: PMSBC (2014)[39].

Além da divisão por modalidade de prática, há ainda dois horários especiais. O primeiro deles, denominado Sessão *Old School*, acontece toda segunda-feira, das 18 horas às 21 horas e 30 minutos, é um horário exclusivo para skatistas com idade acima de 35 anos. O segundo deles é chamado de Sessão Feminina, Horário Feminino ou ainda Terça Feminina, funciona toda terça-feira, das 18 horas às 21 horas e 30 minutos, é exclusivo para mulheres praticantes de skate, *bike* e patins de todas as idades.

Cada Bateria é organizada por funcionários do Parque, possuindo o cargo de OEE, estes são responsáveis pela formação dos grupos; pela conduta no *Street Park* e demais EERs; administração do tempo decorrido da bateria e retirada do grupo do respectivo EER quando necessário.

Achamos importante enumerar ainda algumas proibições previstas no regulamento. Tais como: adotar atitudes atentatórias aos bons costumes; trafegar em skate, *bike*, e patins *in line* ou qualquer outro tipo de carrinho fora das áreas permitidas[40], inclusive na pista de *cooper* e caminhada; utilizar, para manobras esportivas radicais, qualquer tipo de objeto ou espaço público que não sejam específicos ou considerados próprios para manobras, a exemplo de cercas, poste de iluminação, guias, árvores e outros; utilizar parafina no *coping* (borda de ferro), ou em qualquer obstáculo da pista; fumar, portar alimentos, lanches e bebidas, alcoólicas ou não, nas áreas dos EER; adentrar no Parque com bolas, raquetes, brinquedos do tipo *bumerangue*, pipas, e outros, a critério da administração do Parque; adentrar nas áreas dos EER

[39] Disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/dados1/JUVENTUDE/street-park.jpg> Acesso em: 06/jun/14
[40] Segundo a coordenação do Parque as áreas permitidas são os EERs e o pátio em frente ao palco de shows.

sem portar documento de identificação com foto ou se recusar a apresentá-lo, quando solicitado por funcionário devidamente credenciado do Parque.

Existe ainda um artigo sobre penalidades que adverte: havendo descumprimento ao regulamento, os usuários ou seus responsáveis serão advertidos e convidados a se retirar do Parque e acompanhados até a saída, caso a advertência não surta efeito. Além disso, os danos provocados deverão ser ressarcidos pelos causadores ou seus responsáveis.

Durante as observações, bem como nas entrevistas, percebemos continuidades e descontinuidades ao que está decretado nesse regulamento, esses fatores poderão ser percebidos no capítulo a seguir.

4. DISCUTINDO A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO E PRÁTICA SKATISTA

Apresentamos neste capítulo a discussão das informações que foram adquiridas na pesquisa de campo. Esta apresentação foi dividida em duas partes: inicialmente fizemos uma breve descrição daquilo que foi percebido pelo olhar em relação ao uso do Parque. Posteriormente é apresentada a interpretação do discurso dos sujeitos, que foi analisado à luz da teoria.

Acreditamos que essa forma de exposição permite um melhor entendimento das diferenciações e aproximações que foram se evidenciando quando estabelecemos uma relação entre a prática dos skatistas e o seu discurso, percepções captadas nos diferentes momentos da pesquisa de campo.

4.1. O cotidiano dos skatistas no Parque da Juventude: o olhar da pesquisadora

O intuito desta sessão é apresentar a descrição das impressões adquiridas a partir do olhar. Sendo assim, apresentamos o que pôde ser percebido na dinâmica cotidiana do uso do Parque da Juventude pelos skatistas que o frequentam.

Quando as primeiras observações foram iniciadas, o nosso acesso ao Parque da Juventude se deu através de ônibus, saindo da cidade de São Paulo. A distância entre o ponto de partida e o de chegada, no centro de SBC, é de, aproximadamente, 15 quilômetros, e o tempo gasto variava de acordo com o trânsito, oscilando entre 25 minutos e 1 hora e 30 minutos. A caminhada entre o ponto de ônibus e o parque durava em torno de 5 a 8 minutos, podendo ser feita por meio de uma passarela transposta sobre uma grande avenida ou pelas faixas de pedestre que a cruzavam. Do alto da passarela podíamos avistar quase toda a extensão do Parque e o que mais chamava a atenção era a movimentação dos skatistas no *street park*. Ao transitarmos pela avenida, era possível ver alguns skatistas se dirigindo para o Parque da Juventude usando o skate como meio de transporte, cruzando ruas, passando pelos carros e subindo pelas calçadas. Além disso, à medida que nos aproximávamos, o barulho de carros, buzinas, sirenes e transeuntes, típicos das grandes cidades, ia sendo substituído pelo som das rodas dos skates deslizando sobre o piso de granilite do *street*.

A dinâmica das observações aconteceu na primeira fase de forma a nos permitir uma melhor ambientação com o Parque através da ocupação do espaço como usuários, caminhadas pelas suas dependências, observação das sessões no *street*, momentos na lanchonete, visitas à loja de skate, entre outros. Em seguida, retomamos o contato com a

coordenação do Parque da Juventude[41], a qual em momento algum impôs qualquer entrave à possibilidade de realização da pesquisa, recebendo-nos com atenção e disponibilidade. A entrada em campo, junto aos skatistas, foi feita através da Sessão Feminina, após deixarmos claro nosso intuito de realizar uma pesquisa. Seguindo a mesma dinâmica, passamos também a utilizar o espaço/tempo do horário feminino como usuários, o que permitiu uma maior aceitação e um relacionamento mais próximo com as skatistas daquele horário, o que acabou se estendendo, posteriormente, aos demais skatistas frequentadores do Parque.

Como vemos, a inserção no campo aconteceu *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2012), onde uma pesquisadora pode ser reconhecida não como uma *igual*, mas como alguém que vem *de fora* para aprender a andar de skate, ou seja, uma *não local*[42] e uma skatista aprendiz.

Além da Sessão Feminina, passamos a utilizar a pista em outros horários, principalmente naqueles em que a quantidade de skatistas era menor, porém essa dinâmica aconteceu apenas nos períodos iniciais da pesquisa de campo, pois poucas foram as vezes em que participamos dos horários mistos, acontecendo mais frequentemente a inserção nos horários exclusivos para mulheres. Essa prática não se estendeu muito, logo paramos de andar de skate, não chegando a sair da categoria de aprendiz.

À medida que a pesquisa avançava, íamos nos afastando da posição de usuários do Parque da Juventude como skatistas iniciantes, passando, consecutivamente, a assumir a posição de pesquisadores, muitas vezes confundidos com jornalistas ou com novos funcionários do Parque.

Nessa segunda fase da observação, aproximamo-nos mais de algumas pessoas que foram de extrema importância para a pesquisa: eram skatistas, principalmente um dos OEE, que durante toda a pesquisa de campo explicavam a dinâmica das práticas visualizadas e faziam uma mediação entre nós e demais skatistas. Dessa forma, sentíamo-nos à vontade para observar a dinâmica cotidiana dos praticantes por meio de um olhar *de perto e de dentro*.

As conversas aconteciam, na maioria das vezes, na *guarita*. Aquele espaço foi um dos que mais nos chamou a atenção: depois de cerca de um mês de observações, percebemos que aquele lugar era palco de muitas relações e rico em informações extremamente relevantes para os objetivos da pesquisa, diferentemente do interior da pista, onde os skatistas se

[41] O contato inicial com a coordenação foi feito à época da construção do projeto de pesquisa da dissertação, em 2012.
[42] Expressão dos skatistas para diferenciar aqueles que são considerados pertencentes aquele espaço e aqueles que não são. Esse termo será discutido na próxima sessão do capítulo.

espalhavam em grupos pelos vários obstáculos, fazendo com que, muitas vezes, não nos sentíssemos à vontade para passar mais do que alguns minutos, à exceção dos horários exclusivamente femininos. A partir dessa percepção, muitas foram as observações feitas de fora do *street*: da *arquibancada*, no andar de cima, de onde se tem uma visão geral da pista; assim como dos vários pontos da grade que a circunda, locais onde pudemos analisar as relações de prática mais de perto e até escutar as conversas entre skatistas. Entretanto, era na *guarita* onde permanecíamos a maior parte do tempo.

A *guarita* era o local onde mais percebíamos o cotidiano dos skatistas, de onde era possível ver o momento em que entravam e saíam do Parque e do *street*, em que podíamos observar as práticas e relações que aconteciam tanto no interior quanto fora da pista, víamos as relações de sociabilidade dos funcionários do Parque entre si, e entre estes e os skatistas. Naquele espaço observava-se ainda o comércio de produtos, as trocas de informações sobre o mundo do skate, as contações de histórias, as piadas, e ainda era possível analisar manobras no *street*. Esses fatores faziam com que aquela pequena área que compunha a *guarita* fosse apropriada pelos skatistas como um dos seus lugares dentro do Parque da Juventude, ou seja, mais do que simplesmente utilizado, era produzido pelos skatistas de acordo com seus interesses, necessidades e relações de sociabilidade.

Em relação à idade dos adeptos do skate, de uma forma geral foi possível identificar uma certa superioridade numérica de jovens. Porém, um olhar mais cuidadoso conseguia perceber uma tendência a uma mistura de idades. Na grande maioria das vezes, víamos em uma mesma sessão de skate, crianças, adolescentes e adultos, muitas vezes andando juntos, como se segue:

> Todos os que estavam na área de *street* pareciam se conhecer. Era um grupo um pouco heterogêneo, tinham desde crianças que aparentavam ter por volta de 12 anos ou menos, adolescentes e adultos jovens, era um grupo de 10 homens. Em um momento um garoto estava sentado num caixote com um celular filmando uma manobra de um skatista adulto [...] (DIÁRIO DE CAMPO, 02/10/3012).

Além dessa heterogeneidade de idades, encontramos ainda alguns padrões que se repetiam. Por exemplo, dentro da pista aqueles que ocupavam os obstáculos do estilo *street* aparentavam ser, em sua maioria, mais jovens que aqueles que faziam manobras apenas nos *bowls* e *banks*. Nas manhãs e tardes havia mais crianças e jovens andando na pista do que adultos. À noite e nos finais de semana não era comum ver muitas crianças e a quantidade de adultos parecia ser maior ou equivalente a de adolescentes. Além disso, dentre os skatistas que

víamos espalhados, muitas vezes andando de skate em áreas não permitidas, quase todos eram crianças e adolescentes.

Quanto às características físicas, estas também variavam, à primeira vista não percebíamos muitas particularidades que diferenciassem os skatistas dos demais usuários do Parque, a não ser pelo porte do skate e do capacete. Depois de algumas observações, percebemos um elemento discreto que era utilizado por muitos, principalmente pelos mais jovens: o cadarço, substituindo o cinto no cós da calça ou bermuda, ou substituindo a presilha do capacete. Era comum ainda vê-los vestindo camisetas de cores e estampas diversas, boné embaixo do capacete, fones de ouvido, tênis apropriado para a prática de skate, de cadarço e sem qualquer tipo de amortecimento. Os capacetes eram de cores diversas e, em sua maioria, cobertos com adesivos personalizados. Já nas mulheres não foi percebido o uso do cadarço, nem de boné e os fones de ouvido não eram tão comuns quanto nos homens, elas apresentavam características diversas, mas todas seguiam o padrão de usar adesivos variados no capacete e tênis apropriado para a prática. Excepcionalmente, era possível ver ainda tipos pertencentes a grupos socioculturais mais definidos, tais como aqueles que se vestem com uma característica mais *punk*, com cabelo cortado estilo moicano e pintado com cores vibrantes, uso de *piercings* e correntes. Outros, diferentemente, levavam *dreads* no cabelo e usavam roupas com estampas de *reggae*.

Quanto ao sexo, com exceção da Terça Feminina e do horário mirim, o skate no Parque da Juventude é uma prática quase que exclusivamente masculina. Durante as baterias mistas de skate, muitas vezes não se viam mulheres, em um dia inteiro de observação geralmente aparecia uma skatista que permanecia pouco tempo na pista, de uma só vez foi possível ver apenas três mulheres andando entre os homens.

Em relação à ocupação da pista de skate, esta variava de acordo com o horário e dia da semana. Os horários exclusivos do skate eram frequentados por uma quantidade maior de pessoas, quando comparados aos horários de *bike* e patins *in line*. Como consta no regulamento visto anteriormente, nas segundas-feiras as atividades consideradas radicais não funcionavam no Parque e a pista de skate ficava fechada, com exceção apenas da Sessão *Old School*. Nas terças-feiras aconteciam as oficinas de esportes radicais, sendo os espaços ocupados por crianças, adolescentes e jovens de até 29 anos, os quais participavam das oficinas, patins *in line*, *street skate* e *skate* mirim, além da Sessão Feminina, que funcionava à noite.

Nas quartas e sextas-feiras, nas primeiras horas da sessão de skate, durante o dia, o movimento dentro do *street* era calmo, comum ter no máximo 20 skatistas. Após as 11 horas essa quantidade aumentava gradativamente, chegando a atingir um número que podia passar de

70 pessoas. Nas quintas-feiras, as primeiras horas do dia assemelham-se às da quarta, com poucos skatistas na pista, porém com uma pequena peculiaridade: no horário de almoço, a partir das 11 horas, esse número geralmente aumentava, voltando a decair depois das 13 horas, permanecendo abaixo dos 20 até o término da sessão de skate, às 15 horas. Durante a noite, porém, a quantidade de skatistas era sempre grande, chegando a passar de 70 skatistas praticando ao mesmo tempo.

Um fator que influenciava a quantidade de skatistas na pista durante a semana eram os campeonatos. Em vésperas de competições a quantidade de skatistas era maior do que a que normalmente se via. Outrossim, mais do que nos outros dias, era possível ver muitas crianças com idade abaixo de 12 anos dentro da pista, algumas acompanhadas pelos pais.

Ademais, pelo que percebemos, em dias chuvosos a dinâmica do Parque também mudava: os aparelhos de atividades radicais não funcionavam, a lanchonete e a loja permaneciam fechadas e o espaço ficava quase que completamente vazio (Figura 9).

Figura 9: Pista molhada em dia chuvoso
Fonte: Pesquisa de campo, 14/08/2013

Os finais de semana no Parque da Juventude eram dias em que a quantidade de usuários aumentava drasticamente, comparando-se ao restante da semana. Em dias ensolarados a visão que se tinha era parecida com a de um clube, um parque arborizado ou mesmo um trecho de praia. Pessoas de idades variadas se espalhavam por todos os ambientes do espaço, sendo muito comum ver famílias reunidas e muitas crianças de diversas idades brincando com seus patinetes, motos infantis, skates, bicicletas e patins. A pista de skate estava sempre cheia, era possível ver entre 60 e 100 pessoas durante as baterias de skate, com oscilações durante o dia, diminuindo nos horários de almoço.

O pátio que fica em frente ao palco também permanecia cheio durante quase todo o final de semana, com pessoas de idades diferentes, skatistas, *bikers*, *rollers*[43], casais e crianças pequenas. Por toda a extensão do Parque era comum ver crianças e jovens fazendo manobras de skate e patins em espaços proibidos, no vão coberto em frente aos banheiros, em frente aos bancos e até mesmo na pista de caminhada. O *street* mirim, que ficava fechado durante a semana, nos finais de semana estava sempre movimentado. Na lanchonete o movimento era intenso.

Alguns aparelhos que geralmente permaneciam sem funcionamento durante a semana eram utilizados nos finais de semana, tais como as paredes de escalada e o *half pipe.* Este, porém, foi desativado a partir do dia 25 de agosto de 2013.

Nos sábados e domingos, no Horário Mirim, as crianças ocupavam o *street park* para praticar skate, *bike* ou patins *in line*. Durante essas sessões mirins observadas, geralmente a pista ficava muito cheia, difícil estimar a quantidade, pois, além das crianças, muitos adultos ocupavam a pista, estes acompanhavam as crianças para proteger, ensinar a andar ou apenas observar de longe, fazendo fotos e vídeos. Assim, entre crianças e adultos era possível ver mais de 100 pessoas na pista.

Nesse horário a *arquibancada* ficava também cheia de observadores, na área da guarita também se encontravam muitos adultos, em sua maioria skatistas conversando, observando seus filhos e esperando o término daquela bateria para poderem andar de skate. No interior da pista a grande maioria dos acompanhantes eram homens e estavam lá para auxiliar seus filhos e filhas em suas primeiras manobras ou para ajuda-los a evoluir em suas práticas. A quantidade de skatistas era visivelmente superior aos praticantes de patins e *bike*. Em relação ao sexo, a quantidade de meninos era maior que a de meninas, mas a presença feminina na pista era maior em relação aos demais horários mistos.

A princípio só conseguimos visualizar caos nessas sessões, já que eram formadas por muitos adultos e uma grande quantidade de crianças de idades discrepantes – meninos e meninas entre 2 e 4 anos de idade aprendendo seus primeiros movimentos ao lado de outros, mais velhos e maiores, que já possuíam um desenvolvimento motor bem mais avançado e realizavam manobras de alto grau de dificuldade.

Entretanto, depois de algumas observações foi possível perceber certas convenções e algumas tentativas de organização. Tais como o grito de um garoto "olha a *bike*, olha a *bike*" antes de descer de uma transição alta em direção a um espaço onde estavam posicionadas outras

[43] Patinadores da modalidade patins *in line*.

crianças e pais. Uma outra forma de organização percebida foi a espacial: aproximando-se do fundo da pista, onde se encontravam os *bowls,* chamados de saboneteira e *boomerang,* e a mini rampa, era possível observar crianças mais experientes, não necessariamente as mais velhas, mas aquelas que possuíam mais habilidade e segurança, via-se muitas delas *dropando* e realizando manobras complexas nas transições. Já em uma outra área, com transições ainda maiores, mas sem *bolws,* geralmente ficavam crianças visivelmente mais velhas, em relação às ocupantes das transições menores.

Às onze horas, quando encerrava o horário mirim, a transição para a próxima bateria de skate, exclusiva para pessoas acima de 12 anos, acontecia de forma muito rápida, sendo comum ver uma fila de skatistas adultos na entrada do *street* poucos minutos antes das 11 horas (Figura 10).

Figura 10: Fila de skatistas esperando o término da sessão mirim
Fonte: Pesquisa de campo, 25/08/2013

Após esse horário, era também corriqueiro que muitas crianças que estavam na pista se dirigissem ao *street* mirim, porém em menor quantidade, pois a capacidade deste em relação ao outro é várias vezes menor. Além de que, não era permitido aos pais entrarem na área exclusiva para as crianças, devendo os mesmos permanecerem encostados na grade de proteção ou sentados no gramado próximo, fosse para auxiliar ou simplesmente observar. Algumas vezes havia a presença de um adulto na parte de dentro, um monitor de oficina ou ainda um OEE, dando instruções ou apoiando algumas crianças com as mãos enquanto estas desciam a minirrampa. Um dado curioso que pudemos observar é que, ao contrário do Horário Mirim, no *street* mirim não era possível ver muitas meninas, visualizamos no máximo uma por vez.

Com relação ao *street park,* o mesmo ficava sempre lotado durante as baterias de skate, principalmente em dias quentes e ensolarados, sendo comum nos horários entre 12h30min e 14 horas haver uma pequena redução na quantidade de praticantes, em sua maioria do sexo masculino – no máximo foram vistas três mulheres ao mesmo tempo em um final de semana.

Além dessas, outras impressões serão apresentadas e discutidas junto com a análise do discurso, fazendo um contraponto entre as dimensões do olhar e da fala.

4.2. Uma análise da apropriação do Parque da Juventude pelos skatistas

A análise de conteúdo do discurso dos sujeitos que usam o Parque para suas práticas de skate faz parte do conjunto de elementos eleitos para a compreensão do modo como os skatistas se apropriam do equipamento de lazer em estudo. Nesta seção do trabalho dissertativo, apresentamos a discussão do conteúdo dos depoimentos dos skatistas, procurando fazer um contraponto com informações captadas através do olhar, fundamentados por meio do diálogo com a teoria.

A análise das entrevistas teve início logo após as suas transcrições. Dessa forma, os áudios foram escutados novamente para que o texto das entrevistas pudesse ser revisado, em seguida, foram feitas releituras dos textos finalizados. As categorias de análise foram escolhidas e o conteúdo das entrevistas foi reagrupado de acordo com o tema e o sentido que expressavam.

Nesse processo percebemos que não seria possível tratar as questões de maneira estanque, já que os temas não se apresentavam cronologicamente ordenados à medida que as questões eram respondidas. Um mesmo tema se apresentava mais de uma vez, não necessariamente em conformidade com a questão, já que após a pergunta de partida, na qual, como explicado no primeiro Capítulo, os skatistas tinham a oportunidade de falar abertamente sobre o tema geral proposto, eles acabavam perpassando variados temas que eram sendo esmiuçados durante o decorrer da entrevista. Dessa maneira, durante todo o desenvolvimento das entrevistas, os temas acabavam sendo retomados, interpenetrando-se e estabelecendo relações entre si. Optamos, pois, por não remeter as falas dos jovens às perguntas especificadas nos guias de entrevistas. O conteúdo das entrevistas foi dividido e reagrupado de acordo com cada categoria selecionada à posteriori.

Para a designação das falas dos entrevistados, foi utilizado um critério de composição, no intuito de manter o anonimato dos skatistas, sendo cada trecho de depoimento identificado a partir de uma sequência de critérios: o primeiro se refere ao tipo de entrevistado,

divididos em Skatista (Sk.) e Funcionário (F); o segundo diz respeito à numeração, que varia entre 1 e 6, para os skatistas, e 1 e 2, para os funcionários; o terceiro condiz com o sexo, masculino (M) e feminino (F); o quarto critério relaciona-se à geração em que o skatista se enquadra, sendo dividido em Nova Geração (NG) e *Old School* (OS); o quinto e último envolve a modalidade mais praticada, *Street* (St.), Vertical (V) e *Overall* (O). Quando a fonte da fala ou informação é o Diário de Campo, a mesma é designada por meio da sigla DC, seguida da data da observação.

4.2.1. A pista antes e depois do Parque da Juventude

Esta categoria refere-se à visão dos skatistas sobre as mudanças ocorridas no seu espaço de prática ao longo do tempo, considerando o surgimento do Parque da Juventude a partir da revitalização da Pista do Paço – que foi quase que completamente destruída nesse processo – um marco que divide os modos de uso e apropriação daquele espaço em antes e depois do Parque.

4.2.1.1 Primeira fase: o surgimento da Pista Velha

Todos os sujeitos que foram entrevistados conhecem um pouco dos 32 anos de história da Pista Pública de SBC, mesmo os mais jovens. Porém, quem nos contou toda a sua trajetória foi o skatista e funcionário do Parque, que esteve presente em todos os seus momentos, atuando enquanto protagonista de sua transformação espacial. Além dele, outros skatistas relataram um pouco dessa trajetória durante as observações.

Esses depoimentos estão em acordo com as informações conseguidas a partir das fontes documentais, expostas no Capítulo 2, porém nos traz uma riqueza de detalhes que não estão escritos em nenhuma reportagem, foto ou vídeo da época. Segundo ele, a antiga pista foi construída em frente ao Paço Municipal de SBC, em 1982: "Era só a Pista Velha, aquele primeiro buraco que tinha e um *bowl*, outra piscina redonda. Só que toda essa área que a gente está aqui era um brejo, não fizeram com uma estrutura boa, esse *bowl* deu uma afundada. Nós perdemos essa pista." (F/Sk. 2: M OS V)[44]. Dessa forma, assim como visto nas fontes documentais, fica claro que a única estrutura que ficou daquela pista pública, e permanece até os dias atuais, é o *bowl*, em formato de uma grande piscina, que é chamada hoje de Pista Velha

[44] Critérios de composição: F: Funcionário; Sk.: Skatista; 2: Numeração referente ao entrevistado; M: Sexo; OS: *Old School* – Referente à prática; V: Vertical – Referente à modalidade.

(Figura 11) e que teve, com a construção do Parque, suas paredes remodeladas para eliminar as imperfeições que prejudicavam o deslizamento perfeito do skatista na pista.

Figura 11: Pista Velha
Fonte: Adrena News, publicado em 29/05/2012[45]

Talvez seja essa Pista Velha o principal motivo que fez com que os skatistas da região lutassem pela permanência daquele espaço até os dias atuais. Ela é um marco de resistência, pois simboliza todas as lutas pela conquista do espaço urbano skatista que foram sendo vencidas ao longo da história do skate naquela região, permanecendo, pois, como um monumento, ao longo de mais de 30 anos.

O sentido de monumento que queremos expressar refere-se ao entendimento de Lefebvre (1999), que o compreende como algo que se difunde e se concentra de variadas formas e vai além de si próprio, na medida em que ultrapassa seus limites materiais. Para o autor, "os monumentos projetam uma concepção de mundo no terreno, enquanto a cidade projetava e ainda nele projeta a vida social (a globalidade)" (Ibid., p. 32). Neste sentido, conseguimos perceber a Pista Velha enquanto um monumento dentro de um outro monumento – o Parque da Juventude. Este último foi forjado com uma intenção que vem *de fora*:

[45] Na foto aparece o skatista Sandro Dias, mostra a Pista Velha antes do surgimento do Parque da Juventude, porém não há informação de quando ela foi feita. Disponível em: <http://www.adrenanews.com.br/skatenews/30-anos-de-pista-sbc/815> Acesso em: 20/05/2014.

> simboliza o poder e aquilo que este escolhe para ser transmitido às pessoas do presente e do futuro. Sua monumentalidade deriva da intenção de fazer do espaço urbano um palco com cenografia exuberante capaz de gerar emoções, reviver tradições e repactuar relações através do 'espetáculo' assistido de perto ou de longe. (RODRIGUES, 2001, p. 51)

Na figura 12 conseguimos visualizar um pouco da monumentalidade do Parque e o seu impacto na paisagem da cidade de SBC.

Figura 12: Visualização aérea do Parque da Juventude
Fonte: Google Mapas, 2014

Já a monumentalidade da Pista Velha foi sendo forjada *de dentro*, no seu cotidiano, no seu *habitat*, nos processos de apropriação, ao longo de sua história. Senão para toda a sociedade, mas para a categoria skatista, a Pista Velha permanece não apenas como uma forma física, mas simbólica. Tanto para aqueles mais velhos, que estiveram presentes no seu surgimento, como para os que vieram depois, que vão adquirindo esse simbolismo por meio da história oral daquele monumento, que vai sendo passada ao longo do tempo. Sendo assim, foi primordial para a nossa investigação conhecer o modo como a história dessa pista é representada pelos skatistas.

Quando surgiu, a Pista Velha não atingiu as expectativas dos skatistas da cidade de SBC, os quais estavam esperando um espaço de alta qualidade, que pudesse substituir a *Wave Cat* (Figura 13), pista particular que fechou em 1982, como visto no Capítulo 2.

Figura 13: Wave Cat, 1981
Fonte: Skatecuriosidade.com (2014).

A fala seguinte explicita o modo como a Pista Velha foi recebida na época:

> [...] o projeto dessa pista [Pista Velha], o projeto é muito bom, só que a construção na época não teve nenhuma assessoria, então a pista saiu toda torta. Então nós chegamos e tivemos um choque. – Caramba, você sai de um negócio perfeito [Wave Cat] e vem pra esse? Aí nós tivemos o que, que fazer: se adaptar. Nisso muita gente foi pra outro lugar, que tinha mais dinheiro, pra lá, pra cá, como a gente não tinha grana... (F/Sk. 2: M OS V).

Um outro relato, dado por um skatista *old school* durante um dia de observação da Sessão *Old School*, também explica um pouco dessa realidade:

> A pista inicialmente era uma pista bem difícil [...] As transições, elas foram feitas ehhh com muitas irregularidades, então era um pedaço de cimento que não cobria exatamente aonde tinha que ter a transição então formavam-se quinas, buracos. Então era mais complicado andar, então nós tínhamos que realmente andar muito bem e absorver todos os trancos que a pista nos dava. Então quem andava bem na Pista Velha eu falo que andava bem em qualquer pista de skate (DC, 21/10/2013).

Aqueles que permaneceram frequentando a Pista Velha, mesmo com suas imperfeições, foram os mesmos que conseguiram conquistar muitas de suas reformas e melhorias, alguns deles ainda permanecem nos dias atuais, não só usufruindo do Parque, mas contribuindo na produção daquele espaço. Como é o caso dos dois skatistas que nos contaram esses relatos, eles eram membros fundadores da ASSBC e um deles é hoje o funcionário responsável pelos projetos das pistas de skate do Parque da Juventude.

Essa primeira pista permaneceu sem alterações por mais de quatro anos, sendo frequentada por um pequeno grupo, em sua maioria, moradores de SBC que possuíam vínculos de amizade, até que o espaço passou por sua primeira modificação.

4.2.1.2. Segunda fase: a evolução da Pista do Paço

Em 1987 surge a ASSBC. Nesse mesmo ano, essa associação conseguiu aprovar, junto à prefeitura, uma ampliação para a Pista: "Todos os amigos que andavam aqui, que já pleiteavam por melhorias por isso aqui. Aí fizemos um projeto e surgiu a primeira reforma" (F/Sk. 2: M OS V). A partir dessa reforma o espaço se transformou em um grande complexo, um *skate park*, que ficou conhecido como Pista do Paço ou Pista Pública de São Bernardo, onde, além da Pista Velha, foi construído também um *half pipe* (Figura 14) e um *tri-banks*, e ainda uma área de *street* adulto e infantil. Aqui é interessante relembrar que, segundo exposição da história do skate em SBC, exposta no Capítulo 2, a inauguração dessa revitalização só aconteceu em fevereiro de 1988.

Figura 14: Pista do Paço depois da construção do *half pipe*
Fonte: Fotolog Pequenoskate (2014)

A fala a seguir mostra o modo como o entrevistado rememora essa conquista da associação:

> Meu, isso daí deu uma levantada boa em São Bernardo, porque São Bernardo sempre foi um dos polos de skate do estado de São Paulo e do Brasil. Nos anos, quando fechou

> a *Wave Cat*, até 87, nós ficamos bem pra trás, porque só tínhamos a Pista Velha, aí começaram a surgir *halfs* em outros lugares [...] Aí em 87 conseguimos essa reforma, aí a associação trabalhou bastante em cima de campeonatos, fizemos três anos o Interbairros, separávamos a cidade em doze bairros grandes, aonde todo final de sema, uma vez por mês tinha uma etapa, selecionava os melhores e vinha fazer a final aqui. O skate foi legal, evoluiu, São Bernardo evoluiu bastante, uma pista diferente. (F/Sk. 2: M OS V)

Essa narrativa revela o grau de participação da comunidade skatista da época na busca do reconhecimento dessa prática. Foi a união dos skatistas locais que conseguiu conquistar mais e melhores espaços de prática e fortalecer o skate na cidade de São Bernardo do Campo, além de chamar a atenção para skatistas de outros lugares do estado.

Segundo o relato, aquele espaço passou alguns anos sendo um grande polo de skate da região. Depois disso, a Pista começou a se deteriorar e necessitava de uma outra reforma. Porém os skatistas, por muito tempo, não conseguiram convencer as instâncias municipais a investirem naquele espaço.

> [...] aí, mais uma vez, infelizmente os políticos não olharam pra isso daqui. Eles não olhavam, a gente pedia reforma, eles vinham, pintavam a grade, tapavam um buraquinho e iam embora, e não era isso que nós precisávamos. Né, o skate ele vai evoluindo como tudo e precisa de uma, de uma atualização. Aí ficou quase uns dez anos, de 95 até 2005 mais ou menos, a pista ficou cheia de buraco, largada [...] (F/Sk. 2: M OS V)

Analisando os relatos sobre essa fase da Pista do Paço começamos a perceber a complexidade de seu processo de transformação espacial, o modo como os sistemas de objetos e de ações se inter-relacionam na dinâmica da cidade de SBC. A medida que o skatismo evolui, os skatistas se unem e se organizam e a pista passa por modificações físicas que acabam influenciando também no desenvolvimento da prática do skate naquela região.

A partir de então, a Pista do Paço passa por um novo período histórico, mais recente, e por isso também é mais conhecido pela maioria dos seus frequentadores atuais.

4.2.1.3. Terceira fase: o abandono, a marginalização e as disputas espaciais

> [...] parece que a prefeitura não se interessava por isso aqui, queria mais que isso daqui virasse..., então isso aqui virou um polo meio de nóia, drogado, traficante, vagabundo. A gente era local, a gente vinha aqui e andava, mas não era um lugar agradável de se frequentar. (F/Sk. 2: M OS V)

Essa fala resume as características desse período, que compreende meados da década de 1990 até o ano de 2004, quando a Pista foi interditada. Esta fase está presente também

na memória dos outros skatistas entrevistados, a maioria deles já andava de skate nessa época e frequentava a Pista, mesmo que alguns ainda enquanto crianças. Os relatos sobre esse período evidenciam o caráter marginal que a mesma possuía: "Então todo mundo vinha pra cá. E..., e aí... a pista era muito marginalizada, né, porque tinha realmente alguns assaltos, tinha a galera que realmente usava drogas na, na área..." (F/Sk. 1: M NG V).

Essa visão de marginalização acabou ficando na memória daqueles que frequentaram apenas aquela fase antes do Parque. Uma das skatistas nos contou que acabou se abstendo de usufruir do espaço: "[...] eu deixei de frequentar essa pista um tempo, comecei a frequentar outras pistas por causa do trabalho, só podia andar à noite, e era perigoso vir pra pista aqui a noite, enquanto não era Parque [...]" (Sk. 4: F OS V).

Esse caráter de espaço marginalizado foi sendo construído a partir da falta de iniciativas públicas que garantissem sua manutenção, conservação e melhorias. Acreditamos que essa realidade, presente em muitos equipamentos públicos brasileiros, gera implicações que, por um lado, impedem sua apropriação, causando medo e consequente abandono da maior parte da população, restringindo seu uso a uma pequena parcela. Por outro lado, estimula o uso do espaço para atividades ilícitas, tais como pequenos furtos e o uso e comercialização de drogas, já que o espaço se encontrava à margem das leis e de medidas de controle social. "[...] por que isso aqui, muita gente tinha a fama daqui, que era um lugar só de *nóia*, antes dessa reforma, porque tava abandonado, nem polícia passava aqui pra ficar dando geral, nada. Pra você ver a situação, os governantes não queriam saber disso daqui" (F/Sk. 2: M OS V). Durante as observações um outro skatista também relatou que pouco tempo antes da pista ser fechada para a construção do Parque a mesma estava abandonada, frequentada por muitos usuários de crack: "Antes aqui era coisa feia" (DC, 26/08/2013).

Esses fatores estão em acordo com algumas características apresentadas por Carlos (2007) em relação ao plano do habitar. Para a autora, a crescente violência contribui para o isolamento das pessoas, que se refugiam em suas casas. Além disso, a deterioração do centro ocasiona processos de destruição dos referenciais urbanos.

Destarte, identificamos na fala dos skatistas que a Pista do Paço, no período em questão, passou por esse processo de deterioração dos espaços de sociabilidade dos centros urbanos expressados pela autora. Como segue no trecho a seguir:

> Por que aqui era uma área que tava abandonada, imagine: só essa pista aqui, a metade árvore, mato, meio escuro. Você vai passar a noite aqui? É um lugar, aonde não tem polícia, não tem iluminação, ninguém toma conta, então fica um lugar que a vadiagem se apropriou [com ênfase] disso daqui. (F/Sk. 2: M OS V)

Além disso, o uso e a venda de drogas ilícitas também influenciavam nas relações espaciais da Pista, que acabava submetendo as suas formas de uso e apropriação aos interesses do narcotráfico. Como explica Carlos (2007):

> A violência imposta pelo desenvolvimento do narcotráfico que coíbe e constrange o uso dos espaços da cidade, penetra a vida cotidiana a submetendo a sua convivência como condição de sua realização. O crescimento, na cidade, do narcotráfico como nova atividade econômica, por ser ilegal, se realiza dominando áreas imensas da cidade e imprimindo seu poder enquanto realização da violência explícita pela dominação do espaço da cidade. Esta atividade só ganha realidade fazendo a população prisioneira de suas estratégias. Através de diferentes formas, o narcotráfico invade e subordina os momentos da vida cotidiana, pela dominação do espaço. (CARLOS, 2007, p. 112)

Diante disso, começamos a compreender como a situação em que se encontrava a Pista naquela época influenciava o modo como os skatistas apropriavam-se dela, diante de todo um conjunto heterogêneo de pessoas que usufruíam daquele espaço e ainda sem o devido aporte de serviços públicos essenciais, tais como: segurança e serviço de atendimento de primeiros socorros. Essa realidade é percebida em algumas falas, como no depoimento seguinte de um skatista *old school* que lembra, com um certo ar de revolta, como era o seu cotidiano na Pista nessa fase:

> Que aí você não conseguia vir aqui pra usar, você tinha que vir cedinho, com uma turma grande, chegasse aqui a tarde e a noite, sozinho, certo, [...] Os cara te roubavam mesmo, cara. Infelizmente acontecia isso e a delegacia a cem metros daqui, os caras, quando você ligava, alguma coisa, os caras: - Ah, tá bom. Tipo, acho que desligavam. Caia alguém aqui, você ligava pra ambulância, alguma coisa, o cara: - Ah, tá joia. Não vinham, os caras não vinham. [aumenta o tom de sua voz] Era um lugar que, meu, era terrível! (F/Sk. 2: M OS V)

Dessa forma, os skatistas locais tinham que encontrar em seu cotidiano formas para usar que pudessem, de fato, se apropriar do lugar por meio de suas práticas. Uma delas era a escolha dos horários para andar de skate.

> É o que eu te falei, mesmo na época que tava largado, que tinha nóia, vagabundo, traficante aí, eu vinha com o meu filho andar, só que eu vinha, ele tinha uns nove anos, eu vinha de sábado e domingo de manhã, porque? Os nóias, traficante e os vagabundo tavam tudo dormindo, porque vagabundo passa cheirando, fumando, bebendo, fazendo vadiagem a noite inteira, cedo o cara tá dormindo. E meu filho falava: - não pai, mas eu vou a tarde. E eu falei: - não, não vai à tarde lá durante a semana, porque, você vai chegar, o cara vai tá doidão, ele vai te roubar. Eu conheço o cara, e ai, eu vou chegar lá, eu vou fazer o que? Eu vou matar o cara? Eu não posso. Eu falei: - Então infelizmente você vai comigo. (F/Sk. 2: M OS V)

Além disso, as falas expressam também uma espécie de código de conduta simbólico, não verbalizado ou formalizado, este legitimava a prática de alguns skatistas. Como segue: "Eu chegava aqui e andava, certo, com meus filhos, o cara: - Ôh, beleza. Respeitava, nunca fizeram nada, porque sabiam que eu tava aqui desde antes, certo, dele chegar. Mas se chegasse alguém de fora a noite: - ah certo, vamo dar um role... [...]" (F/Sk. 2: M OS V)

Para compreender melhor essas relações, tomamos como base o conceito de *habitus* desenvolvido por Bourdieu (2011), que o compreende enquanto o "sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes" (BOURDIEU, 2011, p. 191). A partir desse entendimento, conseguimos compreender o modo como as formas de apropriação eram forjadas naquele espaço, sem que houvesse qualquer tipo de formalização de regras de uso, possibilitando aos skatistas realizarem suas práticas, mesmo com a presença de outros atores possuidores de objetivos e ações distintos.

Ainda segundo Bourdieu (1994) a noção de *habitus* relaciona-se ao fato de que estruturas estruturadas podem funcionar como:

> [...] princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares' sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1994, p. 61).

Para Costa (2013), esse conceito de *habitus* compreende os processos sociais tanto como reflexos do espaço social, quanto a criatividade dos agentes. Sendo assim, as disposições duráveis e estruturantes podem ser criadoras de práticas reguladas e, ao mesmo tempo, não ser resultado unilateral da coerção direta de determinados arranjos sociais.

A seguinte fala demonstra o modo como o *habitus* da Pista se apresentava no período em discussão:

> Sim, andava. Comecei a andar aí na pista em 98, ainda no formato antigo, e tal, eu já tinha uns..., num sei, quinze anos, quatorze anos e queria vir pra cá, minha mãe não deixava, né. Porque, aquele lance, eu já não era tão novinho, mas não podia vir, então eu vinha escondido, porque pra mim nunca foi perigoso, eu sempre via ela [a pista] de um jeito bonito, sempre... A gente via o que acontecia ao redor, mas pra quem vinha pra praticar, pra respirar skate, nunca teve problema, a galera nunca mexeu. Assim, era com a galera que passava ao entorno e tal. No miolo, ali na gema, a gente nunca teve problema, nem quando eu era criança, adolescente, nunca, nunca tive problema na pista, não. (F/Sk. 1: M NG V)

Sendo assim, entendemos que o *habitus* da Pista era forjado sem que houvesse uma única fonte de arranjo social, ao contrário, dependia de um conjunto de fatores que envolvia a relação que cada ator possuía subjetivamente com aquele espaço, além dos fatores sociais e culturais já pré-estabelecidos diante da realidade de deterioração em que aquela parte do centro se encontrava.

4.2.1.4. A disputa pelo espaço: ser considerado ou não *local* da pista

Dentre o conjunto de características que formava esse *habitus* da Pista, identificamos uma categoria própria daquela localidade, esta pôde ser identificada na fala dos sujeitos por meio da expressão *local*, usada para caracterizar aqueles que se consideravam e eram, pelo grupo que já se apropriava do espaço, considerados *locais* da Pista Pública de SBC. Essa classificação forjava um motivo para a exclusão daqueles que não eram considerados *locais,* fazendo surgir, com isso, as disputas espaciais.

Por essa ótica, os *locais da Pista* eram não apenas moradores das imediações, mas também aqueles que frequentavam a Pista há mais tempo e que eram, assim, reconhecidos. Já aqueles que vinham de fora, que não moravam nas imediações, nem eram reconhecidos enquanto pertencentes aquele grupo, sendo considerados *não locais*. Estes últimos, muitas vezes eram recebidos com hostilidade por alguns *locais*:

> [...] quando eu cheguei aqui, era curitibano, então na época eu já era taxado assim como playboyzinho, só porque era do Sul e porque também outros que vieram e que eram skatistas famosos até no meio do esporte, vieram andar aqui e ficaram querendo folgar aí, né. [...] nessa época aí era muito difícil, aqui em São Bernardo pra andar, tinham caras que andavam aqui com faca, tesoura na mão, assim, que já era pra intimidar, você trombava com eles, assim já dava briga [...] (Sk. 6: M OS St.).

Os relatos sobre essa questão muitas vezes são baseados não apenas na memória desses sujeitos, mas em histórias contadas e recontadas que foram sendo assimiladas por aqueles que começaram a frequentar a Pista nos seus últimos anos antes do surgimento do Parque da Juventude:

> Assim, eu vi muita coisa acontecer, mas eu nunca participei de nada, porque como eu era muito criança então eu sempre tava longe deles né. Mas assim, de briga, porque existiam uma coisa de territorialismo, assim era a galera de São Bernardo, *local*, quem vinha de fora realmente tinha dificuldade pra andar aqui. [...] existia muito isso aqui na época. É o que a galera mais comenta é justamente a respeito disso. (Sk. 2: M NG O)

Na busca de compreender melhor essas relações sociais, encontramos uma semelhança entre o ser considerado ou não *local* e ser considerado ou não *do pedaço*, categoria da antropologia urbana desenvolvida por Magnani (2012), para esse autor ser considerado *do pedaço* possui conotações diferentes quando consideramos os espaços da periferia, e mesmo áreas residenciais do centro, e quando nos referimos a pontos de encontro e lazer de regiões centrais. Para o autor, nos primeiros, ser *do pedaço* significa estar situado e ser reconhecido numa rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, entre outros. Ou seja, a rede de relações permite forjar um código capaz de selecionar quem é e quem não é *do pedaço*. Já quando algum ponto de encontro ou de lazer do centro é analisado, o sentido de ser *do pedaço* muda, nesse caso seus frequentadores não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem "como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes" (MAGNANI, 2012, p. 92).

Por outro lado, ser considerado *local* da Pista do Paço, ao que nos parece, possuía particularidades presentes nas duas noções de *pedaço* desenvolvidas pelo autor. Ser *local* naquela época significava, por um lado, ser reconhecido enquanto portador de determinados símbolos, naquele caso, andar de skate e possuir hábitos e gostos próprios dos skatistas da época. Mas por outro lado, queria dizer também estar situado e ser reconhecido enquanto pertencente à mesma rede de relações, não de parentesco, mas de vizinhança – aqueles skatistas que moravam nas imediações eram, por isso, considerados *locais da Pista*, é o caso de um skatista que, quando indagado se conseguia andar nessa época, explica: "Eu era muito criança, conseguia. Pelo fato de morar, sempre morei aqui, então eu vivia aqui, não tinha como" (Sk. 2: M NG O). E também de procedência, ou seja, aqueles skatistas que já frequentavam a pista há muitos anos ou que fizeram parte da conquista daquele espaço, mesmo sendo naturais de outra região, também eram considerados *locais*. Essa ideia pode ser melhor compreendida a partir de um trecho da entrevista de um *Old School* curitibano:

> Eu, quando cheguei aqui, eu tinha um amigo e esse meu amigo, ele que veio aqui e me apresentou pro pessoal antigo, *local*, porque ele era *local*. Não, ele também era curitibano, mas já morava aqui há dez anos e ele já era considerado assim. (Sk. 6: M OS St.)

É importante explicar que o termo *local* não é exclusivo dessa pista, sendo muito difundido entre skatistas de um modo geral. É muito comum nos *picos* de skate a existência de grupos de usuários considerados *locais,* principalmente naqueles mais antigos e tradicionais. Esse fator pode ter uma relação com a origem em comum do skate e do surfe, como vimos no

Capítulo 2. O documentário *Dogtown* mostra o localismo da equipe *Z-Boys* em relação ao trecho da praia onde eles surfavam e posteriormente, como vimos, quando o grupo passou a andar de skate em piscinas esse localismo continuou.

Na Pista do Paço, existiam duas formas de um *não local* ser aceito: vir acompanhado de um *local* ou ainda ser reconhecido por meio de seu desempenho no skate, ou seja, ser considerado um bom skatista.

> Porque também tinha aquele lance de que quem era atleta e andava bem se enturmava mais fácil. Todo mundo quer conversar com quem acerta aquela manobra pra poder tirar umas ideias, poder acertar também, ninguém quer ficar ali com quem tá aí só atrapalhando na pista né. (Sk. 6: M OS St.)

Essa categoria, fortemente presente nas relações de apropriação da época, ainda se apresenta nas relações espaciais da atualidade do Parque, porém assume um sentindo diferente. "Porque a gente tem aquele lance da localidade, ela existe até hoje, porém hoje todo mundo é um pouco mais tranquilo com relação a isso" (Sk. 6: M OS St.). Nos dias atuais, aqueles que não são considerados *locais* não possuem restrições ou impedimentos de uso, porém não participam das mesmas relações de sociabilidade dos skatistas *locais*.

Certa vez, durante as observações, enquanto um grupo de skatistas conversa na guarita, surgiu uma dúvida sobre um skatista profissional, onde um deles achava que ele teria sido *local* da Pista de SBC antes de ficar famoso. Porém um outro falou: "Ah, ele gostava de andar aí, neh". A partir disso surgiu uma discussão sobre o que significava ser ou não *local*. Percebi uma falta de consenso sobre essa questão. Para alguns ser considerado *local* relacionava-se à proximidade residencial: "Na verdade essa história de localismo na verdade remete ser próximo a sua residência, que é o local que você vai frequentar". É válido ressaltar que quando eles falam sobre proximidade estão englobando não necessariamente a cidade de SBC, mas todo o ABC Paulista. "É, que na verdade o ABC é uma coisa só" (DC, 10/10/2013).

Porém, depois de um pequeno debate, percebemos que um fator muito importante para a definição do *ser local* nos dias de hoje é a sociabilidade. Segue trecho que exemplifica melhor esse entendimento:

> **Skatista 1**: Ele pode ser local por que ele vem aqui todo dia ou por que ele é considerado por todo mundo local neh, Mano. **Skatista 2**: Não, mas pra ser considerado local, o cara tem que vir aqui todo dia. Não dá pa só andar bem, Mano. **Skatista 1**: Ou conhecer todo mundo, igual nóis aqui, óh! [...] **Skatista 2**: As vezes o cara vem ai, anda bem mas não troca uma ideia [...] Oh nóis aqui óh, isso aqui é que é ser local. Ta ligado? Pow, você não precisa vir aqui de repente só pa andar de skate, as vezes eu tô, nem quero andar de skate, ah vou colar lá na pista. Hoje à noite, por exemplo, eu não vou descer pa andar de skate, mas eu desço, pa ver os cara, pa trocar

> ideia. Isso é ser local, ta ligado? Tem dia que você vem, anda 15 minutos e fica três horas na pista [gargalhadas de todos]. **Skatista 2**: Iiiiisso é ser local [risos]. (DC, 10/10/2013)

Percebemos, por meio disso, que, apesar de os skatistas não possuírem mais o poder de decisão quanto aos que andam na pista do Parque da Juventude, a característica de ser ou não considerado *local da pista* é ainda muito forte. Ela serve para diferenciar aqueles que possuem uma relação com o espaço e com seus frequentadores que extrapola o andar de skate e envolve o contato com o outro, as relações sociais, a partir de uma apropriação social do espaço. Assim compreendemos que as práticas de lazer estão intrinsecamente relacionadas às relações de sociabilidade, não podendo ser consideradas separadamente.

4.2.1.5. A disputa pelo espaço: skatistas, *bikers* e *rollers*

Uma outra forma de disputa pelo espaço envolvia a presença de praticantes de outras atividades, tais como a *bike* e o patins *in line.* Percebemos um grau acentuado de exclusão que partia dos skatistas locais, em relação aos praticantes não skatistas que pretendiam também usar a Pista. A fala a seguir explica um pouco a lógica dessa exclusão:

> [...] aí tinha o lance da bike, do *roller*, que não é porque é de outra tribo que briga, é porque a forma de andar dentro da pista é diferente, então você tromba muito fácil com um *biker*, então trombou dava briga, então tinha esse lance assim, um lado da pista era mais da bike, o outro era do *roller* e o skate dominava quase tudo assim né, porque a luta da pista foi os skatistas que conseguiram né, fazer a pista. Então tinha um pouco disso também. Chegava o pessoal que anda de *inline, roller*, quando foi fazer a pista, fazer reformas, você nunca viu ninguém lutar por ela, então quando a pista tá pronta eles chegavam pra andar, então tinha isso também, que era briga de tipo: - Pô meu, você não lutou pelo espaço e agora quer andar aqui e tal, então tem que esperar, então tem que ficar só no cantinho, então isso existia muito. (Sk. 6: M OS St.)

Um outro skatista, pertencente a nova geração, mas que frequentava a antiga pista quando era criança, explica como se dava a relação entre eles e os *bikers* e os rollers.

> [...] Existiam alguns que meio que mandavam, isso. Porque assim, é uma união né, se tem dez caras ali, vem um de fora pra andar, os dez põe ele pra correr, o cara não vai encarar dez caras, entendeu? E como aqui vivia sempre muito cheio, então sempre tinha muita gente aqui, pra que, se tivesse que armar uma briga, alguma coisa, pra defender o local aqui. Por isso que realmente *bike*, alguns *bikers* andavam. [...] E deixava andar, não era amigo. Eles deixavam andar, tipo, a gente vai andar, quando a gente não tá mais andando, você vem e anda. (Sk. 2: M NG O)

Compreendemos, com isso, que esses fatores envolviam relações de poder. Para entender melhor como estas aconteciam na antiga Pista de SBC, nos amparamos novamente nas ideias de Bourdieu, agora a partir de seu conceito de *campo de poder*.

Lima (2010), em seu estudo *Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu*, considera que o campo, para esse autor, é sempre caracterizado pelas lutas entre os agentes em torno de interesses específicos. Essas lutas, concorrenciais, podem ocorrer no interior de cada campo, mas também, em relação a outros campos. Dessa maneira,

> quando se fala de luta, de divisão em campos antagônicos, de jogo, quer-se dizer a relação a um poder. O campo é estruturado a partir das relações de poder, que se traduz em uma oposição de forças, distribuídas entre posições dominantes e posições dominadas, segundo o capital simbólico, econômico e cultural dos agentes e instituições (LIMA, 2010, p. 16).

Assim, para a autora, o campo de poder é o espaço de relações de força. Essas relações tanto podem acontecer entre os diferentes tipos de capital, como entre os agentes de um dos tipos de capital, no intuito de dominação do campo – capital diz respeito à quantidade de acúmulo de forças dos agentes em suas posições no campo. Assim, as relações do campo de poder espacial da Pista, se estabeleciam entre os agentes do capital social e simbólico presentes naquele espaço. O que legitimava seus processos de apropriação: impedindo ou permitindo que determinados sujeitos usassem a pista, ditando horários de uso, entre outros.

É importante destacar que nem todos os frequentadores da Pista nessa época participavam do grupo que excluía os *não locais* ou os *rolles* e os *bikers*, gerando conflitos e impedindo que muitos usufruíssem daquele espaço. Havia ainda aqueles *locais* que não concordavam com essa forma de dominação:

> [...] Então, toda pista tem os locais, tem aquele pessoal que meio que se acha dono, que manda, então isso aqui teve uma época do pessoal que eu até não gostava, eram meio folgados em relação a isso, queriam mandar. Vinha o pessoal de fora... Teve muitas tretas, muitas brigas. Né, por que o pessoal, só porque vem de fora, ou de bicicleta ou de patins: - não porque aqui é skate e num sei o que. E arrumava umas tretas. [...] e São Bernardo tinha essa fama, infelizmente mesmo, de o pessoal querer mandar assim, isso era, isso eu acho que não é legal, eu acho que não foi legal mesmo. Pesquisadora: Nessa época você andava aqui, era da turma? Entrevistado: Andava, toda essa época. Era, mas eu não participava disso porque eu não gostava né, meu! Pra mim a gente sempre andou com todo mundo. (F/Sk. 2: M OS V)

Nos dias atuais essa disputa se apresenta apenas enquanto um resquício dessa fase, marcada por constantes conflitos. Um skatista da nova geração que andava na antiga Pista quando era adolescente, nos contou:

> Patins num andava não. Eles andam agora porque tem a regra do parque aí. Pesquisadora: Não tinha patins, era só skate? Entrevistado: Lógico que não, era só skate. Pesquisadora: Por quê? O pessoal diz que eles não deixavam... Entrevistado: É, eles andam agora porque tem os guardinha aí, se não tivesse eles não andavam não. Pesquisadora: Por quê? Entrevistado: Porque não. Eles não andam, só vem ficar conversando aí. (Sk. 3: M NG St.)

Ou seja, por conta da nova configuração do Parque, que estabelece horários específicos para a prática de patins e *bike*, além do skate, atualmente, essa disputa não é mais explícita, ela passa a ser simbólica. "[...] hoje na verdade não existe mais. Hoje a gente brinca tipo, brasileiro e argentino. Assim, existe a brincadeira, mas não existe mais, a rivalidade não existe mais" (Sk. 2: M NG O).

A partir dos depoimentos dos entrevistados, percebemos, ainda, que havia uma diferenciação entre os skatistas que impunham suas regras na Pista do Paço e o grupo de pessoas que se aproveitavam de seu caráter marginal para dominá-la em alguns horários, fazendo uso, como visto, de drogas ilícitas e cometendo furtos, modificando, assim, os modos de apropriação daqueles que frequentavam o local para a prática de skate, *bike* ou patins *in line*, como segue: "Ah assim, mas esse pessoal meio que tocava o terror, não era skatista. [...] tinham os skatistas que se achavam o dono: - não, que num sei o que, pá. Mas quem tocava o terror era a vadiagem mesmo" (F/Sk. 2: M OS V).

Dessa forma, entendemos que as disputas espaciais, sejam elas concretas ou simbólicas, fazem parte do processo de apropriação do Parque da Juventude. É por meio dessas relações de poder que os skatistas de fato estabelecem uma relação de identidade com o espaço, que vão construindo, em seu cotidiano seus próprios modos de apropriação espacial, driblando os processos de dominação inerentes ao espaço urbano.

4.2.1.6. O surgimento do Parque da Juventude: o espaço é (re)conquistado pelos skatistas?

Como visto no Capítulo 2, em 2004 a Pista do Paço foi fechada para uma revitalização que culminaria no surgimento do Parque da Juventude e seria concluída apenas em 2007. O que se conta é que antes da aprovação da construção do Parque surgiram outras propostas que partiram da gestão da prefeitura da época: "Tinha vereadores querendo piscinão, outros a rodoviária, e outra parte o parque" (F/Sk. 2: M OS V). Na fala de outro skatista: "E aí a ideia inicial da prefeitura era quebrar a Pista e fazer um piscinão, depois veio a ideia de um novo terminal rodoviário" (F/Sk. 1: M NG V).

Diante disso, essa fase marca um outro momento em que os skatistas se mobilizaram para reivindicar em prol da Pista. Dessa vez, o motivo da mobilização não era apenas pedir melhorias e ampliação, mas resistir à ameaça de destruição do seu espaço de prática. As medidas tomadas na época para iniciar as negociações são lembradas por alguns skatistas: "Isso, nós fizemos lá na prefeitura, fomos com faixa e tudo, porque o negócio se deixasse..." (F/Sk. 2: M OS V).

Esse tipo de ação, bem como a negociação política entre skatistas e dirigentes da prefeitura, influenciaram a decisão final de realizar uma revitalização do local, ao invés de um terminal rodoviário ou um piscinão:

> e aí os skatistas lutaram, é, fizeram abaixo-assinados, conseguiram representação política, até porque era do interesse de algum político de, né, de outra, se envolver. E... mas teve muita luta, teve dia que veio trator e os skatistas deitaram na frente dos tratores e tal. E aí através do abaixo assinado, de representação de skatistas, de, eh..., de muuuita gente envolvida, eh..., eles criaram a ideia de fazer o parque. (F/Sk. 1: M NG V)

À medida que analisamos a fala dos skatistas percebemos que eles compreendem o surgimento do Parque como sendo fruto dessa resistência. Ou seja, não fossem eles, a Pista nem existiria mais, no seu lugar haveria uma rodoviária ou qualquer outro tipo de equipamento urbano não específico para a prática de skate. O Parque da Juventude é, portanto, considerado por muitos como uma conquista dos skatistas. Por meio do depoimento de um *old school,* que deixa transparecer um certo ar de empolgação em sua fala, percebemos como essa e outras conquistas são reconhecidas por eles como importantes para a história do skate da região.

> Nós consideramos uma conquista. Isso daqui é nosso, certo! Até dá raiva quando político fala. Você conseguiu o caramba, você não fez mais que sua obrigação. Né meu, porque ehhh ehhh eu ando de skate há 30 anos, mas tem um pessoal junto que [pequena pausa], né, que não parou, e através de todo esse grupo junto, conseguiu isso daqui, tem gente que anda há quarenta anos de skate, eu era garotinho ainda e tinha gente que já andava, que aí por causa deles também tudo isso aconteceu. Então é muito importante. E, e é o que a gente fala pra essa molecada hoje. A gente fala: - oh cara, num é porque tá aqui que tá legal. Vocês têm que, meu, correr atrás, porque se deixar cara...num, meu! A gente fez, só que vocês tem que dar a continuidade agora, agora é a vez de vocês. (F/Sk. 2: M OS V)

Percebemos, diante do exposto, que esse período de transição consiste em mais um momento de vitória na luta pela manutenção daquele espaço. Sendo assim, o surgimento do Parque da Juventude permanece, pois, na memória dos skatistas que fizeram parte ativamente desse processo – bem como no entendimento de muitos outros, que não participaram, mas viram as manifestações, ou que apenas escutam as histórias dessa época – não como uma imposição

externa, alheia a eles, mas como fruto das negociações, nas quais os skatistas tiveram voz. O Parque da Juventude, nesse sentido, surgiu como uma conquista política, permeada por disputas espaciais urbanas.

> Ainda bem que veio, porque se eu e mais um monte, certo, de gente não tivesse continuado a andar, não tivesse ido atrás, certo, hoje a gente não teria isso daqui. Se naquela época a gente: - ah, eu vou parar de skate, tá bom, faço outra coisa, nós não teríamos isso: um parque de esportes radicais. Talvez aqui seria um piscinão, uma rodoviária. Não teríamos isso. (F/Sk. 2: M OS V)

Depois da decisão final da construção de um parque de atividades radicais, os skatistas continuaram buscando negociação com a gestão da prefeitura, dessa vez para participar das decisões relativas ao projeto das áreas que seriam destinadas ao skate nesse parque:

> Bom, quando nós ficamos sabendo que aqui ia ser demolido, toda essa área pra construção de um parque onde ia ter pista de skate, então, e ai, nós, certo, como skatistas já, pow, fomos atrás da prefeitura – Não, quem que vai fazer, como que é? [...] Então a gente se envolveu, aí a prefeitura deu abertura pra isso - não, vamos chamar o Marcelo Sousa[46] – que é o que constrói a pista, ele fez o projeto, deram a área e aí a gente juntos, várias pessoas discutiram esse projeto – putz isso é legal, isso é legal. Ai foi assim que teve esse movimento das pessoas [...] (F/Sk. 2: M OS V)

Essas informações trouxeram um ponto de vista não percebido no início do processo de investigação. A impressão inicial que tivemos foi a de que o Parque havia surgido como uma decisão que teria cabido apenas à iniciativa pública, como uma medida de assepsia urbana naquele espaço deteriorado (CARLOS, 2007) do centro de SBC. Numa tentativa também de ordenar o uso daquele espaço e inibir práticas consideradas inapropriadas. Contudo, compreendemos que os skatistas não foram alienados desse processo, eles se impuseram, por meio de negociações políticas, enquanto agentes também produtores do seu espaço de prática.

Mas é preciso entender que essa última mudança espacial difere daquela primeira, na década de 1980, agora os serviços oferecidos pelo equipamento seriam ampliados, bem como seu público, além do surgimento de regras antes não existentes. Esses fatores modificaram completamente os modos como os skatistas usavam aquele equipamento e, consequentemente, novos modos de apropriação teriam que ser produzidos.

[46] Nome fictício.

4.2.1.7. O que mudou? O que se perdeu? O que se ganhou?

Nessa seção procuramos discutir e compreender quais as principais mudanças ocorridas no espaço de prática dos skatistas após o surgimento do Parque da Juventude. Partindo do entendimento de mudanças espaciais, não no seu sentido reduzido, referente apenas às modificações físicas e estruturais, mas a partir de um entendimento amplo de espaço – no qual as relações e práticas sociais que acontecem no cotidiano influenciam e são influenciadas pelas mudanças ocorridas no espaço.

A partir do questionamento sobre o que mudou após a última grande modificação pela qual a Pista passou, as respostas variam de acordo com o perfil de cada praticante. Para alguns, o que prevalece, quando indagados sobre esse assunto, é a evolução do skate. Como é o caso de um skatista praticante do estilo *overall*, que começou a andar na Pista no ano de 1998, quando era ainda uma criança. Na sua opinião, o Parque foi importante pois acompanhou o desenvolvimento da evolução do skate, já que anteriormente a Pista estava ultrapassada em relação às suas qualidades técnicas, variedade e modernização dos obstáculos. Sendo assim, ele percebe a mudança como algo necessário para que eles pudessem acompanhar a evolução natural por que a prática do skate vem passando:

> Eram muito bom os dois tempos, porque o esporte evoluiu. Questão de manobra, de técnica, então aquele tempo a pista que a gente tinha aqui abrangia toda a necessidade que o skate tinha, inclusive o skate profissional [...] Hoje, com a evolução dos esportes, mudaram as pistas, os obstáculos, tudo, porque ficou um esporte muito mais técnico. Então junto com a evolução do esporte eles estão evoluindo as pistas, todas as pistas que são muito antigas, eles estão reconstruindo com uma nova arquitetura, todo um projeto novo devido a essa evolução do esporte. (Sk. 2: M NG O)

Um outro skatista, praticante de *street*, que também frequentou a Pista quando era criança, ressalta, da mesma forma, a questão da diversificação dos obstáculos da pista, principalmente em relação ao *street*, como uma melhoria, só conquistada depois do surgimento do Parque. “Ah, então... a pista antes era só vertical, neh, não tinha *street*. Tinha uma *funbox* ali que era toda zuada, agora tem vários cano, tem um palquinho aqui, tem as borda, agora tá melhor pro *street*, antes era só vertical” (Sk. 3: M NG St.). Ademais, ele destaca também a manutenção da pista, que agora é responsabilidade das instâncias públicas: “Ahh agora né. A pista tá mais... tem manutenção, neh, antes era tudo quebrado. Agora tá legal” (Sk. 3: M NG St.).

A partir da fala desses dois skatistas, percebemos uma semelhança no modo como eles percebem essas mudanças, talvez por possuírem idades próximas, assim como modos de usar o parque e perfil social parecidos.

Uma skatista profissional, *old school* e praticante do estilo vertical, também ressalta a qualidade e manutenção da pista que foi adquirida com o Parque, o que facilitou a aprendizagem e evolução mais rápida dos praticantes:

> A diferença é que hoje tá tudo muito fácil. A pista hoje é perfeita, ela não tem uma falha de estrutura, de montagem, de projeto, então hoje pra você aprender uma manobra é muito mais fácil. A pista é muito perfeita, antigamente a gente tinha muita dificuldade, não tinha a manutenção que tem hoje. (Sk. 4: F OS V)

Porém, ao longo do discurso dessa skatista, percebemos uma diferenciação importante em relação aos anteriores:

> Pra você ser um skatista de ponta tá muito mais fácil. [...] Então hoje em dia a gente tem toda essa facilidade e até as prefeituras têm essa preocupação: vai construir uma pista de skate, ela é supervisionada ou pela Federação Paulista ou pela Confederação e o engenheiro responsável pela pista ele é terceirizado e ele é skatista. (Sk. 4: F OS V)

A fala da skatista apresenta uma série de elementos que caracterizam a institucionalização do skate como um esporte, tais como as federações e confederações e a busca pelo alto rendimento. Essa realidade faz parte de uma tendência crescente que consiste na esportivização de formas diferenciadas de práticas corporais que não possuem, em sua origem, ênfase na competição ou na institucionalização, adquirindo tais características na proporção em que vão sendo alvo das demandas do comércio e do lucro.

No caso do skate, esse fator teve início nos anos finais da década de 1970, quando sua prática passa por uma fase de intensa transformação. Como explicitado no Capítulo 2, a partir do final do ano de 1976 e início de 1977 o skate ganha autonomia, desvinculando-se do seu entendimento enquanto um apêndice do surfe; cresce o número de praticantes e junto a isso aparecem lojas e indústrias especializadas, os primeiros campeonatos e as primeiras pistas de skate; há uma maior divulgação de acessórios de segurança como capacete e joelheira; entre outros novos elementos (BRANDÃO, 2012b).

Esse processo de transformação por que passou o skate contribuiu para a sua legitimação

> como uma nova e promissora atividade esportiva, criando toda uma demanda por produtos e, com o tempo, os primeiros indícios para a formação de um 'campo esportivo', isto é, um mercado de interesses formado por técnicos, equipes, jornalistas, juízes, associações, federações, publicações especializadas etc. (BRANDÃO, 2012b, p. 31).

Para Honorato (2012), a consolidação dessa transformação do skate vivenciado como uma manifestação lúdica e espontânea de lazer para se tornar um esporte acontece nos anos 1970 e 1980. Nesse contexto de esportivização, os skatistas passaram a desenvolver regras, condutas racionais e especializadas, que levou a uma maior regulamentação e autocontrole dos comportamentos.

Junto a esse processo gradativo de transformação do skate em uma modalidade esportiva, há também a sua consequente trajetória rumo à profissionalização. Ao investigar o modo como o skate era divulgado em revistas da segunda metade da década de 1970, Brandão (op. cit., p. 36) constatou que: "principalmente em função das pistas de skate e do desenvolvimento dos campeonatos, marcas e empresas interessadas nesta atividade, a Pop passou a caracterizá-lo como uma prática, de fato, em vias de profissionalização".

Atualmente essa já é uma realidade que faz parte do universo da prática do skate: "Hoje você trabalha mais, entra numa marca no mercado, tem um monte de empresário pagando pra você andar de skate pra ele [...]" (Sk. 6: M OS St.). Quanto a isso, não podemos deixar de relacionar esse desenvolvimento da profissionalização do skate com a tendência, identificada por Dunning (1995), que se apresenta em todos os níveis de participação, mas com mais ênfase no meio esportivo, a uma crescente competitividade, seriedade e busca de triunfos. Fazendo com que as características próprias dos esportes praticados de maneira amadora, ou seja, suas atitudes, valores e estruturas, sejam substituídos pelas características próprias de sua forma profissional (Ibid.).

O trecho a seguir demonstra a ênfase à profissionalização do skate que alguns skatistas dão quando indagados sobre as mudanças advindas com a transformação do espaço:

> As dificuldades que eu tinha antigamente hoje eu tenho facilidade, então se eu tivesse uma pista dessa, hoje talvez eu nem precisaria nem trabalhar no consultório, eu estaria morando na Califórnia, mega profissional com milhões de patrocínios. Porque você pega hoje uma menina e em seis meses ela já dá tudo que é manobra, ela já aprende várias coisas diferentes justamente pela pista perfeita que ela tem que antigamente não era assim. (Sk. 4: F OS V)

Para mais, essa fala deixa transparecer um certo ar de decepção e frustação em relação ao que poderia ter sido a sua carreira profissional, já que a skatista que dá esse depoimento atua como profissional, mas não possui estabilidade suficiente para ter o skate

como sua única fonte de renda. É o caso também desse outro depoente: "Veio meio tarde pra um pessoal, certo, pra gente que andava mais profissionalmente lá nos anos noventa, mas veio" (F/Sk. 2: M OS V).

Para Dunning (1995), as formas desportivas mais dirigidas ao outro, orientadas à busca de êxitos, de recordes e à conquista de benefícios econômicos são frutos do nascimento das sociedades industriais modernas. Sendo assim, as pressões e controles, próprias dessas sociedades, urbanas e industrializadas, repetem-se na esfera do esporte, fazendo com que os esportistas de alto nível não possam mais jogar por si mesmos ou por diversão, pois são levados a uma participação esportiva séria, voltada ao outro, para satisfazer o objetivo de unidades sociais, tais como as grandes cidades, estados e países. Em troca disso, aos esportistas são oferecidos capital financeiro, prestígio e as condições necessárias para o treinamento de sua prática. Essa realidade faz com que uma grande quantidade de esportistas passe a realizar suas atividades visando lograr êxito a longo prazo, não mais como uma busca imediata de prazer.

Essas características identificadas pelo autor já são percebidas no campo do skate. Realidade esta que vem trazendo uma série de consequências semelhantes a outras práticas já consolidadas como esportes há mais tempo, tais como o futebol que, a partir de exemplos de jogadores que conseguiram mudar completamente sua realidade social por meio de seu desempenho na prática esportiva, cria uma falsa promessa de que o esporte é uma forma fácil de ascensão social, fazendo com que muitas pessoas dediquem muito tempo de suas vidas tentando conquistar esse feito, na maioria das vezes, sem êxito. Isto gera uma grande quantidade de pessoas frustradas e/ou em condições sociais precárias, já que não conseguiram se estabelecer em um meio profissional extremamente concorrido e excludente, onde são pouquíssimos aqueles que conseguem realmente conquistar grandes resultados por meio de sua performance esportiva.

Um exemplo do modo como essa realidade vem se apresentando no mundo do skate foi identificado na fala de um skatista que atuou na área como profissional quando mais jovem. Da mesma forma que a skatista citada anteriormente, ele reflete que poderia ter conquistado mais feitos em sua carreira profissional se tivesse tido o apoio que os jovens têm hoje:

> [...] Melhorou que hoje os skatistas tem mais conquistas. Só que qual que é a falha dessa nova conquista? Que os skatistas velhos ficaram pra trás, então quem tem conquista hoje são só os novos, de dois, três anos pra cá, quem é fenômeno e evoluiu, porque tem toda uma estrutura hoje. Hoje você tem universidades que fazem aula só pra treinar skatista, tem lá uma fisioterapia só pra skatista. Isso eu nunca tive. Eu por exemplo, no nível que eu já tive de skate, se eu tivesse um apoio de um fisioterapeuta, dos meus pais, hoje eu era um atleta internacional, quem sabe [...] (Sk. 6: M OS St.).

A fala desse skatista demonstra um pouco da lógica atual da competição no mundo do skate, uma verdadeira indústria que investe muito capital na formação de atletas, mas que segue a lógica da mão de obra como um produto descartável, que quando não consegue acompanhar as demandas de mercado do momento é excluído do sistema.

Em relação a isso, também é válido destacar as mudanças nos modos de se praticar skate ocasionadas a partir da lógica da competição, esportivização e da profissionalização, a semelhança do que Dunning (1995) nos apresenta como o desenvolvimento de formas esportivas orientadas à busca de êxito:

> *En todos estos sentidos la figuracion social, el patrón de dependencias entre los grupos característicos de toda nación-Estado urbana y industrial, genera restricciones que obstaculizan la puesta em práctica de la ética de afición, con su hincapié em el placer como meta central del deporte. O dicho com más exactitud, genera restricciones que son trabas a la obtención del placer imediato y a corto plazo, que impiden que cada encuentro desportivo sea um fin em sí mismo, sustituyéndolo, tanto para los jugadores como para los espectadores, por metas a más largo plazo tales como la victoria em una liga o copa, o por satisfacciones que tienen que ver de forma más directa com la identidade y com el pretigio.* (DUNNING, 1995, p. 265).

Encontramos em algumas falas uma tomada de consciência referente a esses processos que se apresentam como um fenômeno ainda recente no cotidiano das práticas dos skatistas:

> [...] Só que também perdeu um pouco daquela essência de rua, que é em andar de skate por amor. O cara acorda hoje e vai andar de skate porque ele tem que andar, por que é o trabalho dele, ele ganha pra isso. Então o skate perdeu um pouco da essência assim que a gente chamava lá no meu bairro. (Sk. 6: M OS St.)

Além do mais, acreditamos que o skate não se identifica totalmente com essa lógica, que parece atingir variados campos da sociedade, mas, principalmente, o campo das práticas corporais. O caráter particular dessa prática se apresenta de variadas maneiras, uma delas é a resistência em aceitar o skate como um esporte por grande parte de seus praticantes (BRANDÃO, 2012a; MACHADO, 2012b; SOARES; BRANDÃO, 2012).

Essa resistência foi encontrada em vários momentos da fala de alguns entrevistados. Uns relataram não reconhecer o skatista como um atleta, como é o caso do seguinte depoimento: "Mas como o skatista é uma situação..., é..., eu digo que não é um atleta o skatista, né, é um estilo de vida mesmo, ele é bem livre" (Sk. 6: M OS St.). Outros afirmaram ainda não dar tanta importância à competitividade, mesmo participando de campeonatos não focam nos resultados.

Outro caráter particular da prática do skate é a sua relação com o profissionalismo. Nesse sentido, Graeff (2012, p.176) chama atenção para três particularidades que envolvem o

aspecto profissional do skate: a primeira delas, identificada como *fazer o corre,* refere-se à disposição, comum entre os skatistas, para o "encaminhamento das atribuições individuais", ou seja, dar conta sozinho de se manter no meio profissional, sem necessariamente depender de patrocínios para realizar seus feitos; a segunda diz respeito a não haver uma estrutura rígida, tão presente em esportes como o futebol, tais como a existência de clubes, empresários, competições mundiais regulares, entre outros; a terceira característica refere-se à possibilidade de conquistar méritos sem vencer ou obter grandes resultados em competições, apoiando-se em formas alternativas, tais como aparições em revistas, sites, vídeos, entre outras formas de divulgação da imagem.

Na nossa pesquisa também constatamos a presença de alguns desses elementos, como é o caso de um skatista que possui uma marca que o patrocina, além de ter também uma marca própria, mas não se considera um skatista profissional:

> mas hoje em dia eu tô, tô tranquilo, tenho a minha marca também, e ando de skate por que eu gosto mesmo, entendeu? Nada de: - nossa, eu tô focado pra ser profissional, focado em ganhar patrocínio. Tenho um patrocínio também mas não sou focado tipo: - ah, sou encanado com isso. Veio com o tempo, veio natural, entendeu, nada de sair correndo atrás igual um louco. Ando de skate porque eu gosto. (Sk. 1: M NG St.)

Outro caso peculiar se traduz nas formas diferenciadas de um outro skatista exercer sua profissão, como podemos ver no relato a seguir. O seu caso exemplifica as três dimensões apresentadas por Graeff (2012) como particulares ao mundo profissional do skate:

> sim, na verdade por ser profissional de skate, acaba sendo frequente isso de, as vezes a gente tem o próprio equipamento, a gente produz material [...] Então a gente tá sempre fazendo aí imagem, tirando foto pra sair na revista, porque é o que mantém os nossos patrocínios, é mostrar o produto deles na nossa manobra, por que a gente tem que fazer a manobra, mas vestindo o produto deles, usando o produto deles, divulga a marca e mantém o patrocínio dessa forma. (F/Sk. 1: M NG V)

Ou seja, mesmo sendo um skatista patrocinado, para se manter ativamente na profissão é necessário, muitas vezes, produzir seu próprio material de divulgação, logo, *fazer o corre*. Essa necessidade se evidencia justamente pela falta de uma estrutura bem organizada, dividida em empresários, produtores etc. Ademais, o material produzido também serve para ele estar sempre em evidência nas mídias, ainda que não venha a lograr êxito em grandes campeonatos.

Para além dessa relação com o lado esportivo e profissional do skate, o Parque da Juventude também traz outras mudanças em relação à antiga Pista do Paço. Muitos skatistas

expressaram uma relação entre o antes e o depois do Parque com o fato de ter respectivamente mais e menos liberdade. O depoimento a seguir explica melhor esse entendimento:

> [...] só que antigamente tinha um lance de sentimento, que era sentar ali e ficar à vontade, a gente entrava na pista e tocava um violão, dentro da piscina, se reunia, fazia fogueira. Eu já passei até natal na pista. E, né, da galera se reunir no natal na pista de skate, e tal, então é o sentimento da da pista antiga de liberdaaade, de de eh, o sentimento era, pra quem leva isso como estilo de vida, não tão quanto esporte, mas como estilo de vida, o sentimento da da pista antiga era muito forte. Agora essa pista nova é muito boa também e tal, eu mesmo trabalhando aqui, mesmo sendo profissional e não reclamar de nada, é uma sensação de: você põe o capacete, fecha, tal, já tem umas obrigações a mais. Antigamente eu vinha jogadão, né, ficava aí naquela *nice*, agora eu venho pra andar de skate mesmo, eu dreno, dreno, dreno, vou fazer minha *nice* lá perto de casa, tocar um violão, tal, mas aqui é muito bom também, é um empate, eu acho, do do melhor terreno que é agora, com o melhor sentimento que era o de antes. (F/Sk. 1: M NG V)

O skatista deixa transparecer algumas diferenciações entre a antiga pista e a pista atual, que se dividem entre perdas e ganhos. A perda mais evidenciada é a de liberdade, o skatista cita ainda dois termos: *nice* e sentimento. O que reflete um sentido que foi perdido, de ter aquele espaço para eles fazerem o que quisessem, não necessariamente andar de skate, ou seja, a espontaneidade. Hoje parece que eles não possuem outra alternativa, o espaço é destinado a praticar, *drenar*, treinar. As outras formas de apropriação (ficar na *nice*, sentar e ficar à vontade, tocar violão) foram perdidas, junto com o sentimento, que nos parece ser de liberdade.

Acreditamos que essa liberdade identificada por alguns skatistas se traduz no *direito à liberdade*, que foi perdido ou reduzido, direito este que faz parte do *direito à cidade*, este

> [...] se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao *habitat* e ao habitar. O direito à *obra* (à atividade participante) e o direito à *apropriação* (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade (LEFEBRVE, 2001, p. 135).

Conseguimos perceber, desse modo, como o direito à cidade, descrito pelo autor, foi – se não totalmente perdido – bastante reduzido, a partir do momento em que os skatistas passam a se submeter à gestão do Parque da Juventude para usar seu espaço de prática. Na fala de alguns identificamos, além da perda do "direito à liberdade", também uma redução no que diz respeito à "individualização na socialização", apresentados pelo autor. Já que eles perdem a possibilidade de fazer uso do espaço de acordo com suas necessidades individuais, sendo supridas apenas as necessidades gerais dos skatistas. Como podemos perceber nessa fala: "[...]

você tinha um pouco mais de liberdade, lógico né, você podia entrar aqui, tomar uma cerveja e andar de skate e tal, e isso é o que todo mundo sente um pouco de falta" (Sk. 6: M OS St.).

Além disso, também foi reduzido o "direito à obra", pois aqueles skatistas que usam o Parque apenas na qualidade de usuário, não fazem mais parte dos processos de produção do espaço, pelo menos, não diretamente. Além disso, o "direito à apropriação" vem passando por um grande processo de modificação, no qual os skatistas tiveram que procurar novas formas de apropriação, diferentes daquelas que existiam na Pista do Paço que foram minadas quase que completamente:

> É, é... deu..., mudou a, a visão do, da galera que frequenta, né, porque com câmera, é... escolta da, da guarda municipal, policial à paisana que anda pelo parque, aí mudou né, não dá mais pros caras, tipo, droga, tudo não acontece aqui, não há possibilidade, porque pega, não dá pra pichar não dá pra fazer nada que tem câmera e guarda pra todo lado. (F/Sk. 1: M NG V)

As percepções sobre essas modificações se apresentam de diferentes maneiras no discurso dos participantes da pesquisa. Para os mais jovens, que não participaram, nem ao menos estiveram presentes nos momentos decisivos da trajetória da Pista Velha ao Parque da Juventude, prevalece o entendimento de que houve uma grande modificação, fazendo com que as características que são próprias da essência do skate não fossem preservadas, tal como a ausência de regras institucionalizadas. Percebemos isso no depoimento de um skatista de 16 anos, adepto do estilo *street*:

> Eu já num, não concordo, acho que se fosse antigamente os caras num iam nunca colocar essa coisa de ter que usar o capacete. Aqui tem tudo por trás, tem várias coisas por trás, não é só a questão: ah, tem que usar capacete, tem muita coisa aí que mudou, eu acho que a raiz de São Bernardo mesmo, a essência, já, já foi, já. (Sk. 1: M NG St.)

Entretanto, o que prevalece no discurso dos skatistas entrevistados é uma noção de troca, de acordo, um processo de negociação firmado entre as instâncias públicas e skatistas:

> Então pra mim não piorou. Pra mim é uma troca. Você organizou, tem mais diretriz. Tá desorganizado, tá tudo zuado, todo mundo faz o que quer, só que daí também você não tem uma pista com mais qualidade, com uma reforma periodicamente, num tem um bebedouro, porque alguém quebrou e não tem uma prefeitura por trás, e aí num vai arrumar, então eu acho que é uma troca e só que muitos skatistas dizem: ah, aqui não dá mais pra gente ficar à vontade e tal, mas isso é porque o skate envolve muitas outras coisas [...] Então organizar pra mim não é perder. (Sk. 6: M OS St.)

A fala de um funcionário, também skatista, relata esse mesmo entendimento.

> É, aí foi aaa ideia política, né de... Pô, se a gente fizer só a pista, é, vai ficar bonito mas vai voltar a, a ser o que era, então o que que a gente pode fazer pa ter segurança?

> Bom, então pra ter segurança não pode ser só pista, tem que ser um parque. Ah, então vamo fazer um parque, aí veio a ideia. (F/Sk. 1: M NG V)

Essa fala revela ainda como a decisão de construir um parque de esportes radicais, ao invés de apenas reformar e fazer melhorias na antiga pista, envolveu uma determinada medida de coerção e controle social. Esse tipo de medida condiz com o que Carlos (2007, p. 60) chama de racionalidade exacerbada na metrópole moderna, "marcada por mecanismos e planejamento que ganham materialidade no traçado da cidade e nas limitações do uso, impondo controle a toda a sociedade urbana".

Notamos ainda uma outra forma de perceber o processo de transformação do espaço. Aqueles que fizeram parte diretamente de sua conquista, impedindo sua total destruição, compreendem a nova organização do espaço como algo que faz parte dessas conquistas:

> Agora pô, hoje você tem, meu, essa estrutura, você tem água que antes você não tinha, você tem os buracos né, que a gente chama as piscinas, os buracos, os bowls, os Banks perfeito. O *pipe* do jeito que tem que ser. Então hoje, nossa, é uma maravilha, é um sonho né cara, é um sonho. (F/Sk. 2: M OS V)

Além disso, é válido ressaltar que as perdas e ganhos se apresentam de modo diferenciado para aquele skatista que, nessa nova conjuntura, exerce apenas o papel de usuário do Parque e para aqueles que assumem hoje a posição de funcionários desse espaço. Não faz sentido, por exemplo, falar-se de perda do direito à obra para aquele funcionário que é hoje responsável pelas melhorias da área do *street park*. O trecho a seguir demonstra um pouco dessa ideia:

> Então a, a essência, pra quem anda de skate, pra mim só melhorou do que era naquela época, não mudou. Agora pra uns e outros aqui que num, só queria aquilo lá, mudou. E é ruim porque o cara não tem mais o que ele achava que era dele. Isso aí é pros que se achavam donos. Pra mim, eu sempre fui dono daqui e vou continuar sendo, como todos outros que frequentam aqui. (F/Sk. 2: M OS V)

Entendemos que para os funcionários responsáveis pela organização do espaço do skate no Parque, que são também skatistas e usuários – inclusive o coordenador geral do Parque, que ficou na gestão até o mês de março de 2014 – possuem uma maneira diferente de usar e se apropriar daquele espaço, eles, mais do que os demais usuários, sentem-se donos daquele espaço.

Por fim, uma última característica que se evidenciou no novo espaço foi uma relativa mudança de público: enquanto determinados sujeitos permaneceram, como é o caso de muitos skatistas, outros surgiram. É o que expressa o depoimento abaixo:

> [...] Agora a família não vinha tanto, porque tinha esses problemas e tal, então algumas famílias conheciam esse problema e aí... acabavam não, não frequentando. Hoje é um lugar totalmente família, porque a família se sente segura, o pai pode tomar um café na lanchonete, um sorvete, dá pra ficar sentado no parque, é bem arborizado, é bem legal, no, no calor tem ah o ventilador que solta água, então pô, a galera fica bem à vontade, final de semana as famílias vem pra ficar no parque, né, eles se sentam, frequentam a lanchonete e tal, quem pratica, pratica os esportes e todo mundo aproveita. (F/Sk. 1: M NG V)

Diante dessa afirmação, perguntamo-nos se esse complexo processo de transformação do equipamento em questão, além de incluir uma grande quantidade de pessoas que estavam alienadas daquele espaço, também não excluiu outras que não conseguiram mais se estabelecer nessa nova conjuntura. Se foram excluídas, quem são elas? Para onde elas foram? Essas e outras indagações são frutos do emaranhado e complexo universo urbano atual, que muitas vezes faz com que a revitalização de centros urbanos também produza "a assepsia dos lugares, pois o "degradado" é sempre o que aparece na paisagem como o pobre, o sujo, o feio, exigindo sua substituição pelo rico, limpo, bonito" (CARLOS, 2007, p. 68).

Diante dessas reflexões, ao utilizarmos como medida de tempo o antes e o depois do Parque da Juventude, compreendemos que as relações de poder, assim como outras relações sociais e culturais, possuem características distintas nos dois momentos. Nesse sentido, identificamos uma modificação em tais relações que envolvem o uso e apropriação do espaço, ou seja, há uma reorganização do poder, que é consequência de uma também reorganização do *habitus* e do *capital social e simbólico* do espaço, havendo nesse processo uma inversão na concentração de poder, antes pertencente majoritariamente aos skatistas, hoje controlada pela gestão pública. De donos absolutos do *pedaço*, passam a ser apenas usuários.

Esse último fator, contudo, não significa dizer que a categoria dos skatistas perdeu totalmente seu poder, na verdade ele foi reequilibrado. Já que o poder se apresenta como algo flexível e relaciona-se com o funcionamento de redes de interdependência, no caso, entre skatistas e gestão pública. Este estaria "distribuído de acordo com a movimentação das relações na estrutura social e pode ser mensurado por uma balança de diferentes pesos, que poderá inverter a qualquer momento" (HONORATO, 2012, p. 59).

Dessa forma, acreditamos que à medida que a população skatista passa a usar aquele novo espaço, inicia-se também um processo de transformação espacial, ou seja, "o modo de

apropriação pelo uso liga-se ao cotidiano, dando-lhe sentido, articulando a memória e agindo, significativamente, na construção da identidade" (CARLOS, op. cit., p. 60). Os atores passam gradativamente a se (re)identificarem com o lugar e com suas novas práticas, ocasionando também uma reordenação, um reequilíbrio gradual daquele campo de poder.

4.2.2. O Parque da Juventude segundo os skatistas

Esta categoria contribuiu para responder por que os skatistas frequentam o parque e quais são as representações sociais deles em relação a esse equipamento. A partir disso pudemos refletir sobre como os sujeitos percebem seu espaço e o ressignificam.

As representações, segundo Moscovici (2003), possuem duas funções. A primeira é a função de dar convenção aos objetos, pessoas ou acontecimentos com os quais se entra em contato, ou seja, as representações os localizam em uma determinada categoria, lhes dão forma e os enquadram como um modelo que é compartilhado por um grupo de pessoas. Assim, as convenções nos possibilitam conhecer a que se refere cada representação. Isso quer dizer que nosso pensamento é organizado a partir de convenções predeterminadas, de preconceitos, por meio de um sistema que já está condicionado socialmente.

A segunda função, ainda segundo Moscovici (2003), está ligada à característica de prescrição, visto que as representações se impõem sobre nós com uma força irresistível, o que nos leva a encontrar uma resposta já pronta a questões e ações que encontramos durante a vida. Podemos entender, por meio disso, por que a representação que temos de algo não é necessariamente relacionada diretamente a nossa maneira de pensar, e ainda, por que o nosso pensamento depende de tais representações, pois estas "são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações" (MOSCOVICI, 2003, p. 37). As representações sociais são fenômenos específicos que necessitam ser descritos e explicados e estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar.

Baseados nessas premissas, analisamos as representações sociais dos skatistas, em relação ao Parque, a partir do que foi mais evidenciado em seus depoimentos, tomando como base para essa discussão a fala dos sujeitos da pesquisa em relação aos pontos positivos e negativos do Parque e às regras estabelecidas para o seu uso.

4.2.2.1. Os pontos positivos

Ao longo do discurso notamos na fala de todos os voluntários, em resposta a diferentes questões – umas mais evidentes que outras – menções às qualidades e pontos positivos do parque, porém os elementos destacados por eles apresentam diferenciações importantes.

Identificamos vários trechos de entrevistas nas quais os usuários destacam a influência e o reconhecimento nacional e internacional do Parque da Juventude, aliado a trajetória histórica da Pista como um fator positivo. Dos 8 entrevistados, 6 verbalizaram isso, alguns mais de uma vez durante suas falas, principalmente em resposta à indagação: "Qual a relação do Parque com o skate, em SBC e no ABC Paulista?" Como podemos ver, por exemplo, no discurso de um skatista da Nova Geração, adepto do *street*: "O que eu falei, é cultural. Na verdade não só em São Bernardo, em Santo André, mas no Brasil. Aqui é o berço do skate brasileiro. Muito começou aqui. Uma boa parte da história do skate veio desse lugar aqui." (Sk. 2: M NG O)

Esse mesmo entendimento pôde ser percebido também na fala de uma skatista *Old School*:

> É, o skate em São Bernardo tem uma história muito forte, tá. Bons atletas, boas pistas, projeção pro exterior, sabe, competições internacionais, então ela realmente é uma pista histórica, ela é uma das mais antigas do Brasil, e hoje ela é a maior da América Latina. Então ela é realmente muito importante pro estado de São Paulo e pro Brasil. [...] (Sk. 4: F OS V)

Essa importância dada ao seu reconhecimento e sua influência para o skate nacional, e até internacional, reflete "uma razão global e uma razão local que em cada lugar se superpõem e, num processo dialético, tanto se associam, quanto se contrariam". (SANTOS, 2006, p. 225). Nesse sentido, entendemos que o skate é compreendido por meio de uma ordem global, pois as características adquiridas com a sua consolidação nos EUA, a partir de sua disseminação para o mundo, acabaram se universalizando. O que pode ser percebido nos nomes das manobras (em sua maioria, em inglês), padrão de pistas, equipamentos, entre outros. Porém, não deixa de possuir também uma ordem local, que caracteriza modos particulares de práticas, sociabilidades e apropriações espaciais.

Essas duas ordens estabelecem uma relação dialética entre si, que é percebida na fala dos skatistas, quando estes relacionam o seu espaço de prática, com a sua cidade, estado, país e mundo. "[...] então, o parque, ele é uma coisa que virou uma joia de São Bernardo. E é modelo pra todas as outras cidades aqui, não só no Brasil, quanto no mundo" (Sk. 6: M OS S).

O Parque é entendido, assim, como um espaço de horizontalidade, sendo alvo de transformações frequentes, no qual "uma ordem espacial é permanentemente recriada, onde os objetos se adaptam aos reclamos externos e, ao mesmo tempo, encontram, a cada momento, uma lógica interna própria, um sentido que é seu próprio, localmente constituído" (SANTOS, 2006, p. 227).

Em relação a esse aspecto, foi também expressado como um fator positivo a grande procura pelo Parque da Juventude por pessoas de fora do estado de São Paulo e do país:

> [...] ela é referência no skate, tanto nacional quanto internacional, então qualquer pessoa que vem conhecer São Paulo, vem conhecer o Brasil, tem como referência o Parque da Juventude em São Bernardo, e quer vir conhecer, quer vir andar, então realmente essa pista é histórica. (Sk. 4: F OS V)

É válido destacar que todos aqueles que identificaram como um ponto positivo a relação do parque e da pista com a história e o reconhecimento do skate nacional e internacional estiveram presentes e frequentaram também a antiga Pista Pública de SBC, mesmo os skatistas da nova geração, eles já frequentavam o local quando eram crianças e adolescentes. Como é o caso de um funcionário e também skatista de 28 anos de idade:

> Eu tenho amigos que moram na França, amigos que moram nos Estados Unidos, que não são brasileiros, que são estrangeiros e vem pra cá pelo menos uma vez por ano, tem na sua rotina, tem skatistas como daqui, que trabalham lá e nas férias do trabalho vem pra cá, as vezes num conhece nem o Rio de janeiro, num conhece nada, mas conhece a pista, eles vêm pra ficar aqui. (F/Sk. 1: M NG V)

Esta fala reflete um certo sentimento de orgulho ao relatar que skatistas de várias partes do mundo, dentre outras opções de pistas e *picos* brasileiros, escolhem viajar para andar de skate no Parque da Juventude. Esse fator condiz com o que Carlos (1999, p. 27) chama de "estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar", este último entendido enquanto produto das relações sociais humanas, realizadas no plano do vivido, garantindo com isso, uma rede de significados e sentidos construídos pela história, que irão contribuir para a produção da identidade.

Essa relação de identidade entre o Parque e os skatistas foi sendo forjada cotidianamente ao longo de sua história, podendo hoje ser identificada nas representações sociais dos skatistas, quando estes exaltam, como vimos nas falas citadas, suas qualidades e seu reconhecimento.

Outras informações sobre os pontos positivos do Parque foram apresentadas pelos participantes da pesquisa, tal como a referência as qualidades técnicas do *street park*.:

> [...] é uma pista muito grande, tem uma das maiores variações de obstáculo, ela tem um obstáculo que é único aí no mundo, que é um túnel em curva, ela propicia pra você tanto se divertir, quanto praticar pra treino a nível profissional, ela é muito grande, chama muita gente dessa cidade e das cidades ao redor. (F/Sk. 1: M NG V)

Além disso, foi citado também a infraestrutura do Parque também como um fator positivo. "Pela segurança, pela infraestrutura, pelos banheiros que aqui é limpo, aqui tem guarda, tipo, 24 horas mesmo. [...] Mas então, o bom é que tem luz a noite, a luz é boa, é branca, tem uma parte de alimentação lá em cima." (Sk. 5: F NG S)

Ademais, outra opinião que chama atenção, pela quantidade que se repete, é a proximidade do Parque com o local de moradia dos skatistas, como podemos perceber na fala de um praticante adolescente, adepto da modalidade *street*: "Eu moro aqui perto, subindo aqui na Vergueiro, rapidinho, é só descer" (Sk. 1: M NG S).

Bem como na fala de um outro skatista, também da nova geração do skate, mas adulto e praticante do estilo *overall*: "[...] eu sempre morei aqui, então ando aqui desde a pista antiga, comecei a andar de skate aqui desde 98, ando até hoje [...] devido eu não ter carro, eu moro muito próximo daqui, então aqui é o mais fácil acesso" (Sk 2: M NG O).

A proximidade com o local de moradia é citada, não apenas como um fator positivo, mas também como um dos motivos pelos quais alguns skatistas priorizam andar na pista do Parque da Juventude:

> [...] Porque ela é a mais perto da minha casa e infelizmente hoje em dia a gente tem que levar isso em consideração devido ao trânsito [...] Eu também saio às 18 horas do trabalho e o acesso é muito importante. Infelizmente não comporta eu ir pra uma pista longe [...] (Sk. 4: F OS V)

Percebemos ainda, no depoimento de um skatista, que esse fator vincula-se também a questões financeiras, fazendo com que o praticante deixe de frequentar outros espaços da região do ABC, por não conseguir se deslocar até eles:

> Ando aqui porque é mais perto, quando eu tenho dinheiro eu vou pra lá, se eu tiver dinheiro eu vou pra lá[47]. Pesquisadora: porque você tem que pegar ônibus? Entrevistado: É, se eu tiver dinheiro eu não venho nem pra cá. Pesquisadora: Só vem mesmo porque é próximo? Entrevistado: Só porque é próximo. (Sk 3: M NG S)

Sabemos que o Parque da Juventude possui localização privilegiada, no centro da cidade e próximo a uma rodoviária intermunicipal e a um terminal de ônibus, o que facilita o

[47] Refere-se à pista pública da cidade de Santo André, localizada no Parque da Juventude Ana Brandão, conhecida por ter bons obstáculos da modalidade *street*.

acesso dos seus frequentadores. Seu público é formado por pessoas advindas não apenas da cidade de SBC, mas também de outras cidades do ABC Paulista, assim como da capital e, em menor quantidade, de regiões mais distantes do estado. Entretanto, a maior quantidade de usuários é proveniente de SBC, muitos destes, moradores daquele bairro e dos bairros adjacentes, já que possuem a vantagem de poder ir até o Parque a pé ou mesmo andando de skate, sem ter que enfrentar os congestionamentos, tão comuns em horário de pico, naquela região.

Por outro lado, essa localização também ajuda a contribuir com a segregação espacial, comum em grandes regiões metropolitanas, que tendem a concentrar seus equipamentos de lazer nas áreas centrais, desfavorecendo quem vive na periferia. Nesse caso, a cidade de SBC se apresenta como periférica em se tratando da Região Metropolitana da Grande São Paulo, porém, tomando-se como referência o ABC Paulista, ela está no centro da região.

No que concerne àqueles que moram nas proximidades do Parque, existe uma tendência maior ao desenvolvimento de uma relação de identificação e sociabilidade com outros skatistas moradores daquela região, podendo contribuir com a criação de laços de amizade: "É, também aqui tá toda amizade, todos os parceiro do dia a dia. Os moleque que eu cresci andando aí comigo né" (Sk 1: M NG S).

4.2.2.2. "Só tem rampa aí, cê é louco": os pontos negativos

Os aspectos negativos do Parque também puderam ser captados em alguns trechos de entrevistas. Cinco skatistas destacaram pontos falhos durante o transcurso de sua fala. Adeptos do estilo *street,* reclamaram da pouca quantidade de obstáculos para essa modalidade:

> Foi o que eu falei, aqui é bom, tudo, mas eu acho que deveria ter mais obstáculo, mais palco no solo, uns canos no solo. [...] Ah mano, acho que assim né meu, podia ser, o dinheiro podia ser melhor investido aqui na pista de skate, não no parque, o parque é bom, né, tem todas as coisas certinho, mais na pista de skate mesmo, entendeu? Uns corrimão no solo, umas coisa pra galera evoluir, mesmo, pra querer vir aqui e falar: ó mano, vou em São Bernardo que o baguio é da hora. (Sk 1: M NG S)

Opinião semelhante é expressa por uma jovem skatista, praticante da mesma modalidade citada anteriormente, como segue:

> Sei lá, acho que eu aumentaria o tamanho da pista. Tiraria o parque inteiro e colocava só pista de skate. [...] No nível do *street* eu não acho muito bom não, mas de *Banks*

> aqui tá ótimo. Mas no *street* eu acho que poderia ter mais coisas. Porque a pista é mais voltada pro *banks*. (Sk. 5: F NG S)

Percebemos, com isso, que aqueles mais jovens, que não vivenciaram a trajetória da pista até o surgimento do Parque, demonstram mais preocupação com o seu nível técnico e menos com o seu valor cultural e histórico. Chegando ao ponto de um deles expressar a vontade, mesmo que em tom de ironia, de destruir a Pista Velha, substituindo-a por mais obstáculos de *street*. "Ah, é boa né, mas dava pa melhorar mais alguma coisa. Ai é que é, os baguio é muito grande né. Tinha que tirar essa pista velha aqui e encher de palco, óh [fala sorrindo, em tom de ironia]. De cano de solo, só tem rampa aí, cê é louco." (Sk 3: M NG S)

Acreditamos, com isso, que o sentimento de identidade que foi percebido na fala de alguns não se apresenta de maneira uniforme para todos os skatistas que frequentam o Parque da Juventude. Como vimos, a produção da identidade envolve uma rede de sentidos e significados que vão sendo forjados ao longo da história (CARLOS, 1999), portanto, para aqueles mais jovens, que não acompanharam ou não fizeram parte da história da Pista, não existe ainda um sentimento de pertencimento e um vínculo de identidade efetivamente estabelecido.

Mais uma vez, segundo os pontos negativos, foi mencionada também a questão dos horários, algumas pessoas acham que os horários do *street park* reservados para os skatistas é insuficiente: "[...] O horário eu não vou reclamar, o horário ninguém gosta vai, mas tudo bem [...] Pesquisadora: Porque que o horário ninguém gosta? Entrevistada: Ah, porque tem gente que reclama." (Sk. 5: F NG S). A skatista está se referindo especificamente aos horários exclusivos para a prática de skate na área do *street park*[48].

A respeito dessa questão, percebemos dois motivos principais que baseiam as reivindicações sobre o horário do skate no Parque: 1 - Muitos acreditam que, já que foram os skatistas que lutaram pela revitalização e manutenção do espaço, eles deveriam ter mais privilégios: "[...] Só que as vezes dá uma ou outra encrenca por causa do horário, por que? Porque a galera skatista, que lutou pela pista, sempre quer ter o maior horário, o horário mais nobre [...]" (Sk 6: M OS S); 2 - A quantidade de skatistas frequentadores do Parque é superior quando comparada a de praticantes de *bike* e patins *inline*:

> [...] então tem que colocar esse tipo de horário aí, e aí as vezes a galera do skate encasqueta com a questão do horário, porque quer mais horário, porque aqui em São Bernardo, e na pista que nós estamos falando, a incidência de skatista é muito maior,

[48] O quadro de horários do *street park* pode ser visualizado na figura 8, exposta no Capítulo 3.

> então as vezes a gente se sente um pouco injustiçado com relação a alguns horários aí, final de semana, e a gente quer brigar por mais horário [...] (Sk 6: M OS S).

Quando analisamos em que períodos o *street* é exclusivo para a prática de skate, percebemos que, em sua maioria, acontecem durante o horário comercial. Em dias úteis existe apenas uma noite em que há bateria de skate, a quinta-feira. Acreditamos que esse fato influencia na concentração de uma grande quantidade de praticantes nas sessões de skate da noite de quinta-feira e nos finais de semana, percebida durante as observações. Ao passo que, nas manhãs e tardes durante a semana, o número de skatistas na pista é visivelmente menor. Fato que pode ser visualizado nas Figuras 15 e 16.

Figura 15: Sessão de sexta-feira
Fonte: Pesquisa de campo, 22/08/2013

Figura 16: Sessão de domingo
Fonte: Pesquisa de campo, 25/08/2013

Esses fatores fazem com que os skatistas que possuem jornada de trabalho de 8 horas por dia sejam desfavorecidos nessa divisão, o que levanta questionamentos, descontentamentos e reclamações. Essa distribuição de horários favorece o público jovem, em detrimento do adulto. Esse fator está presente também nos serviços ofertados pelo Parque, tais como as oficinas de esportes radicais, que são exclusivas, em sua maioria, para o público de até 29 anos de idade. Essa realidade justifica-se pelo fato do Parque da Juventude, como o próprio nome sugere, fazer parte e ser gerido, como visto no Capítulo 3, pela CAJUV, setor da prefeitura que cuida especificamente das ações voltadas ao público juvenil. Porém, isso acaba desfavorecendo um público bastante significativo de skatistas com idade acima de 29 anos.

Essa problemática nos remete a alguns questionamentos: Por que o Parque da Juventude ficou a cargo da administração da CAJUV, diante de uma grande variedade de público que o frequenta, não apenas skatistas, mas corredores, caminhantes, *bikers*, *rollers*, escaladores, entre outros, distribuídos nas mais variadas faixas etárias? Por que ele carrega esse nome (Parque Cidade Escola da Juventude Città Di Maróstica)? Uma resposta para essas indagações é a associação direta entre o fator radical de algumas atividades corporais e a juventude. No caso do skate, essa associação é percebida na sua divulgação em revistas especializadas, em programas de TV, no vocabulário utilizado nos artigos e reportagens sobre o assunto, nas vestimentas, equipamentos e acessórios que envolvem sua prática.

Um exemplo disso é a Revista Pop, que na década de 1970 foi o primeiro periódico impresso do Brasil a divulgar essa associação entre juventude e os esportes praticados à maneira californiana (posteriormente seriam chamados de esportes radicais) e mais especificamente à prática do skate (BRANDÃO, 2012a, 2012b). Esse fator se deu, muito provavelmente, pelo fato do skate nessa época ter se popularizado no Brasil a partir do público juvenil. Porém, não sabemos até que ponto hoje essa prática continua sendo essencialmente ligada à juventude ou se essa afirmativa é apenas fruto das representações sociais do poder público, bem como das grandes mídias, estudiosos, empresários, pais e também praticantes. Acreditamos que essa seja uma problemática a ser desenvolvida em outras investigações acerca do tema.

4.2.2.3. O que pensam os skatistas sobre as regras do Parque?

O discurso dos skatistas entrevistados sobre as questões que envolvem o conjunto de regras previstas no Decreto Nº 16.096, de 16 de agosto de 2007, já apresentado no capítulo anterior, bem como o controle estabelecido pela gestão do Parque e pela vigilância da GCM, tende a ser favorável à aceitação, entendidas como algo necessário. “[...] olha, pro

funcionamento do parque é perfeito, pra organização do esporte é perfeito [...] (Ent. Sk. 4: F OS V - 10).

Entretanto, 6 entre 8 voluntários afirmaram em suas falas que houve uma resistência por parte de alguns skatistas: "[...] essa pista passou então por uma terceira reforma, ela virou isso que é hoje, e a revolta dessa galera antiga é que a pista sempre teve livre acesso e hoje em dia ela é controlada com horários de entrada, de saída [...]" (Sk. 4: F OS V). Aqueles a quem a skatista chama de "galera antiga" são os skatistas citados no tópico anterior, os antigos *locais*, muitos deles responsáveis por impor as regras de uso, chegando a decidir quem poderia ou não usar a Pista. Ou seja, a nova realidade, além de trazer a institucionalização de regras, em um primeiro momento, inverte completamente a concentração de poder: "A galera que era os líderes, assim digamos, aqui na época antiga, quando começou, que tinha guardas e tal, eles estranharam um pouco, mas hoje viram que não tem como mesmo" (Sk. 2: M. NG St.).

Percebemos que as medidas tomadas pela prefeitura para controlar o uso do Parque são reflexo do que foi identificado por Brandão (2011) como disciplinarização dos corpos, que consiste em medidas desenvolvidas pelas várias instâncias do poder público para controlar a prática do skate, principalmente o *street skate,* nas ruas das cidades. Inicialmente essas medidas consistiam basicamente em atitudes repressivas, tais como abordagens severas da polícia e a proibição da prática do skate nas ruas de algumas cidades do país. Porém, esse tipo de ação não fez com que o skate parasse de ser praticado nas ruas, criando a necessidade de articulações mais efetivas para controlar essa prática, entendida como um vilão para à ordenação das cidades.

Assim, foram forjados, além das pistas, consideradas espaços apropriados para essa atividade (Brandão, 2011), campeonatos, tais como o já citado Circuito Sampa Skate, com o objetivo de influenciar a prática do skate em pistas, incentivar a disputa esportiva e manter os skatistas longe de atividades ilícitas (MACHADO, 2011, 2012b), entre outras estratégias. Sendo assim, acreditamos que o Parque da Juventude, com amparo da CAJUV, foi também uma medida de disciplinarização da prática skatista, aliado à necessidade de retomar o controle social do espaço compreendido pela antiga Pista do Paço Municipal de SBC. Para tanto eles não poderiam apenas revitalizar a Pista, criando-se, pois, um espaço cheio de regras, onde não houvesse mais a possibilidade de perda de poder público e marginalização daquele espaço do centro da cidade.

Como vimos no tópico anterior, as relações de poder são complexas, porém não acreditamos que houve uma inversão estanque do poder, passando das mãos dos skatistas para a iniciativa pública. As representações dos skatistas acerca disso demonstram mais um processo

de negociação, ou seja, para que eles pudessem ter o espaço com todas as qualidades necessárias à prática do skate e com os devidos investimentos públicos imprescindíveis para a manutenção constante da pista, houve a necessidade de acatar determinados códigos de conduta e regras de uso estabelecidos pela gestão pública: "Com as regras, sim, olha a pista perfeita que a gente tem, as reformas, nenhuma sai do nosso bolso, então é pesos equivalentes" (Sk. 2: M NG O).

Um outro skatista, *old school* e adepto do *street*, enumera uma série de fatores que justificam a necessidade dessas regras:

> [...] Se você quer um parque que tenha um bebedouro hoje aqui, que daí tem que ter um guarda, e aí tem uma prefeitura por trás, então isso envolve uma questão jurídica. Então se você não gosta de usar capacete aqui, você vai ferrar quem? A prefeitura. Porque a prefeitura não pode ceder um espaço desses sem tá lá exigindo um equipamento de proteção. Então essa parte do equipamento de proteção é realmente muito chata, é ruim usar o equipamento, mas ao mesmo tempo em que eu, se eu não tiver o equipamento, se eu não tiver a prefeitura, se eu não tiver uma questão jurídica por trás de tudo isso, eu tenho um parque largado e abandonado aqui (Sk 6: M OS St.).

As falas demonstram que a institucionalização e organização trazida com o surgimento do Parque acarretaram em um conflito de valores entre os skatistas, que se dividem entre a resistência, elemento inerente à prática e a identidade skatista, e a submissão às normas, necessárias à manutenção daquele espaço conquistado.

Sendo assim, alguns discursos entram em contradição. O que parece é que as representações sociais sobre essas questões ou ainda não estão bem formadas ou os skatistas não se sentem à vontade em falar abertamente sobre isso. Um mesmo skatista que em um primeiro momento defendeu a importância das regras para a manutenção do espaço: "[...] então eu me sinto confortável e acho muito bom [...]" (Sk. 2: M NG St.). Em um outro momento da entrevista apresenta uma perspectiva diferente, como no trecho a seguir:

> Assim, na verdade, não sei, espero que eles não ouçam, mas assim, eu acho que é tudo uma questão de ponto de vista, as vezes vem alguém lá de longe, já vi gente vindo lá de longe, tipo, de outro estado pra andar de skate aqui, chega aqui não sabia que tinha capacete, por exemplo, não sabia que o filho do cara tinha que fazer a carteirinha pra poder andar. Então assim, eu acho que se eu trabalhasse aqui, eu faria vista grossa. Existe exceções e exceções. (Sk. 2: M. NG. O)

Do mesmo modo, outra skatista inicialmente exalta a importância das regras e critica aqueles que se posicionam contra:

> O ser humano precisa de regras, ele precisa de leis, precisa seguir orientações, porque se você deixar livre vira um caos, então as pessoas não aceitaram bem essas mudanças, são resistentes até hoje, reclamam até hoje, mas na sociedade que a gente vive é necessário ter regras pra você poder conviver em paz. (Sk. 4: F OS V)

Mas logo depois faz menção a possíveis flexibilizações: "Se o skatista fosse mais unido, [...] a gente realmente conseguiria muito mais abertura, muito mais flexibilidade nessas regras, então como a gente não é unido então nunca foi mudado" (Sk. 4: F OS V).

As contradições aumentam quando comparamos com alguns eventos assistidos durante as observações, como o presenciado no dia em que a Sessão Feminina havia voltado a funcionar, depois de meses de suspensão:

> As skatistas que iam chegando recebiam uma folha contendo as regras da sessão feminina, uma outra folha com o conteúdo que seria ministrado na oficina de skate e um adesivo da AFSK. Enquanto as regras iam sendo distribuídas ouvia-se comentários em tom de ironia: 'essas são as regras que vamos ter que seguir agora' (risos) (DC, 06/08/2013).

Essas atitudes demonstram que não é consenso entre os skatistas concordar com todas as regras do parque, deixando transparecer ainda certo ar de desprezo em relação a algumas das quais e uma certa dúvida se estas necessariamente são seguidas. Em outro momento escutamos um skatista *old school* também se posicionando contra o excesso de regras estabelecido pelo parque: "Não isso, não aquilo [...] tudo que tem muita regra, vira quartel [...]" (DC, 26/08/2013).

Entre os entrevistados, apenas um deixou claro uma posição totalmente contrária ao sistema de regras estabelecido pelo Parque, porém esta merece ser examinada com mais cuidado, pois expressa muito do que estamos discutindo nesse tópico. "[...] não pode andar de skate fora do parque, né, é uma regra que, infelizmente foi estabelecida, e a prática mesmo é só dentro do local que eles fizeram pra andar de skate né, da *street park*" (Sk. 1: M NG St.).

Essa fala revela um entendimento da área restrita da pista enquanto um local construído artificialmente para ser usado como o único espaço adequado para a prática do skate no Parque da Juventude. Esse entendimento reflete uma tomada de consciência das tentativas de disciplinarização do skate pela gestão do Parque. Esse mesmo skatista segue sua reclamação explicando a contradição das regras com a essência do skate de rua:

> Então... eu, eu como skatista streeteiro, de rua, eu num..., essas regrinhas aí pra mim é regrinha de bicha, tá ligado? [...] Ah, eu acho que, com um monte de lei nada a ver, entendeu, tipo, não pode andar aqui fora, é, capacete, RG, os caramba a quatro aí, tem que vir pai e mãe fazer carteirinha. Então... Nunca foi isso, skate é arte de rua.

> Entendeu? Skate é... skate é skate meu! Nada desses negócio aí, o bagulho é andar livre, sem capacete, bonezão, sem camiseta [...] (Sk. 1: M NG S).

Essa tentativa de confinamento das práticas de skate em um único espaço condiz com o que Santos (2006) chama de "espaços da racionalidade". Estes contribuem com a transformação do natural em um mecanismo controlado: "O espaço racional supõe uma resposta pronta e adequada às demandas dos agentes, de modo a permitir que o encontro entre a ação pretendida e o objeto disponível se dê com o máximo de eficácia." (SANTOS, 2006, p. 204). Dessa forma, cresce o valor dado às normas de ação, que regulam os espaços da racionalidade.

Além da crítica expressada no último depoimento, é notável um esforço daquele skatista para explicar porque motivo, mesmo não concordando com elas, há uma aceitação das regras. "[...] mas enfim né, foi estabelecido essas regra e a gente pra andar aqui, infelizmente a gente tem que cumprir." (Sk 1: M NG S). Dessa forma, o usuário demonstra não estar alheio às tentativas de racionalização espacial presentes no seu espaço de prática, mas aceita os termos estabelecidos pela gestão, pois possui uma série de vantagens que contrabalançam esse controle, por exemplo, o fato da pista ser próximo a sua moradia ou de ser o local onde a maioria de seus amigos também frequenta: "[...] uma galera bacana aí que anda de skate comigo todo dia. Meus amigos mesmo. Eu fiz uns vínculos de amizade tipo da hora aí" (Sk. 1: M NG St.). O que demonstra que a representação que esse skatista possui sobre as regras não está completamente em desacordo com os demais, no geral eles demonstram aceitar as regras como um processo de troca.

Sendo assim, a partir das discussões referentes a essa categoria, vimos que algumas representações sociais se mostraram mais evidentes. Por exemplo, a visão do Parque enquanto um espaço reconhecidamente de grande importância para o skatismo, expressando tanto uma ordem local e uma ordem global, quanto um sentimento de pertencimento e identidade – mais local que nacional. O Parque é representado ainda enquanto um objeto que proporciona a evolução da técnica da prática do skate, além de desenvolver relações de sociabilidade e amizade.

Quanto ao caráter identitário por parte dos skatistas, ficou claro que aqueles que frequentam o espaço há mais tempo e que se envolveram mais na sua produção possuem um grau maior de identidade com o Parque. Os mesmos percebem as regras enquanto processos de negociação e entendem que eles possuem um direito adquirido de se apropriar daquele espaço, já que eles, além de ser maioria, foram os responsáveis pela sua conquista.

4.2.3. O uso do Parque da Juventude pelos skatistas

A terceira categoria evidenciada no discurso dos skatistas entrevistados foi o modo como estes usam seu espaço de prática no dia a dia. Esta reflete o cotidiano, dimensão de grande relevância no estudo do espaço urbano contemporâneo.

Nesse momento é relevante retomar a noção de cotidiano, já apresentada no segundo capítulo. Para Santos (2006), é através do entendimento do conteúdo geográfico do cotidiano – ou seja, do seu entendimento enquanto uma dimensão do espaço banal – que talvez possamos contribuir para a compreensão da relação entre espaço e movimentos sociais, enxergando na materialidade, esse componente "que é, ao mesmo tempo, uma condição para a ação; uma estrutura de controle, um limite à ação; um convite à ação" (SANTOS, 2006, p. 217). Do mesmo modo, o cotidiano "permite entender o processo de constituição da vida na trama dos lugares – nas formas de apropriação e uso do espaço" (CARLOS, 2007, p. 42).

Dessa forma, descreveremos aqui inicialmente as impressões obtidas por meio da observação; em seguida caracterizaremos o modo como cada skatista entrevistado realiza suas práticas de skate no Parque; depois destacaremos modos específicos de usos que se evidenciaram no cotidiano, com destaque para a Sessão *Old School* e para a Sessão Feminina; por fim, discutiremos as três subcategorias envolvendo esses modos de usar o Parque que mais se destacaram na fala dos sujeitos: a sociabilidade, a transgressão e os conflitos.

4.2.3.1. O skate na pista do Parque

Os skatistas costumam fazer uso dos variados segmentos do Parque da Juventude, de uma forma que se estende para além da prática do skate: encontram amigos, conversam, trocam informações sobre campeonatos, marcam encontros em outros equipamentos. Contudo, de toda a extensão do Parque da Juventude, a área do *street park* se configura como o lugar central dos skatistas. Nela eles encontram seus próprios códigos e maneiras de ocupar o espaço. Percebemos, por exemplo, que o uso de cada obstáculo acontece de forma que um não atrapalhe a sessão do outro. Era comum ouvir gritos de "olha o skate", evitando que o carrinho esbarrasse em alguém.

Além do mais, geralmente os praticantes se dividiam em grupos de no mínimo três pessoas, que se espalhavam pelos obstáculos da pista de acordo com a modalidade praticada, um aguardando a vez do outro para utilizar o obstáculo. Por exemplo, nas transições que dão acesso aos aparelhos da modalidade *street* nos horários em que a pista estava mais cheia, vimos

grupos de vários skatistas aglomerados, esperando a melhor hora para descer e realizar sua manobra (Figura 17).

Figura 17: Grupo de s*treeteiros*
Fonte: Pesquisa de campo, 04/10/2013

Era muito comum também ver os membros desses grupos tentando realizar uma mesma manobra repetidas vezes, enquanto trocavam experiências, corrigiam seus movimentos e vibravam cada vez que alguém conseguia acertá-la.

Ao analisar o discurso dos praticantes referente ao modo como estes incluem o uso do Parque nas suas vidas cotidianas, constatamos que todos os entrevistados frequentam o Parque assiduamente, estão lá pelo menos três vezes na semana, porém as singularidades desse uso se diferenciam de acordo com outras variantes, tais como idade, sexo e profissão.

O mais jovem skatista entrevistado tem 16 anos e é adepto do estilo *street.* O mesmo frequenta o Parque no seu contra turno escolar, no mínimo três vezes por semana, permanecendo lá de 5 a 6 horas, como afirma:

> Então, a prática é que a gente vem andar de street né, que é o corrimão, palco, borda, e... [pensativo] eu ando aqui pelo menos umas duas ou três vezes na semana, no mínimo. Toda semana eu to aqui umas três vezes por semana. [...] Então, eu cheguei, geralmente eu chego as duas, saio daqui umas sete horas, seis horas, depende. Tem vez que eu chego três, saio sete, chego as duas, saio sete. (Sk. 1: M NG St.)

Este jovem faz parte de um perfil de frequentadores caracterizado por fazer uso do Parque durante a semana, principalmente no horário vespertino. São, em sua maioria, jovens que estudam no horário da manhã, praticantes de *street* ou *overall,* e andam em grupos de sociabilidade: “Ah, mó galera da minha escola vem aqui né, estudo no Anézia, ali no Jardim Hollywood, aí tem maior galera que cola” (Sk. 1: M NG St.).

O segundo skatista, de 25 anos, praticante de *overall*, se enquadra no perfil daqueles que não possuem emprego formalizado, desempregados ou autônomos (o skatista em questão trabalha dando aulas esporádicas de skate), aproveitam o tempo livre de obrigações formais para andar de skate na pista do Parque nos horários em que esta não está superlotada, principalmente nas manhãs e tardes, de quarta a sexta-feira, mas não deixam de estar no Parque também à noite e nos finais de semana, como podemos constatar:

> [...] Então eu venho de skate, costumo vir, o parque ele funciona de quarta a domingo, ele funciona cinco dias, pelo menos uns quatro eu venho, costumo passar por aqui. Pesquisadora: Quais os horários, quantas horas? Entrevistado: Putz, ai varia muito de clima..., mas eu fico bastante tempo, justamente por eu estar sempre aqui, eu tenho amizade com muita gente, então sempre tem... (Sk. 2: M NG O)

O terceiro skatista, adepto do *street*, apresenta características semelhantes a esse perfil de usuário: é um pouco mais jovem, possui 23 anos, não estuda nem trabalha e está no parque de quarta a domingo, permanecendo lá durante muitas horas: "Então, o parque é legal, eu ando aqui... cinco dias por semana [...] Quarta a domingo. Pesquisadora: Quais os horários? Entrevistado: Ah, o horário disponível que tenho eu to aqui" (Sk. 3: M NG St.).

Uma das mulheres entrevistadas tem 22 anos e é adepta do estilo *street,* faz parte do grupo de mulheres que andam de skate no Parque apenas durante as sessões exclusivas para mulheres: "Eu costumo vir aqui... antigamente eu só vinha sábado e domingo, mas como sábado e domingo era muito lotado e antigamente não tinha o horário feminino e agora tem, eu só venho no horário feminino" (Sk. 5: F NG St.).

O quinto skatista entrevistado possui 37 anos de idade e 24 anos de skate; considera-se *Old School* e é mais adepto da modalidade *street*. Este faz parte do grupo de skatistas que utilizam o Parque nas horas desocupadas das obrigações trabalhistas formais, consequentemente, nos horários em que a pista de skate permanece mais cheia.

> [...] tem esse espaço que nós estamos falando hoje do *old school*, né eu por ter já essa idade acima dos 35 eu posso andar no *old school*, que é o horário que a gente tem em segunda feira, mas eu venho quase todo fim de semana, eu venho. [...] então, assim, eu venho, é sagrado final de semana e segunda feira. Mas no final de semana eu falho um ou outro. [...] Fico em torno de quatro, cinco horas assim, entre um intervalo ou outro do skate dá isso aí no total. (Sk. 6: M OS St.)

Uma das entrevistadas, adepta do estilo vertical e também *Old School*, com 39 anos de idade e 28 de skate, é skatista profissional, mas trabalha durante todo o dia em outra profissão, frequentando o Parque apenas à noite:

> [...] então, eu procuro me dividir da seguinte forma: durante a semana eu treino e me divirto, principalmente, e aproveito e treino junto também, mas eu foco na semana pra tá treinando. Então eu também faço academia, trabalho o dia todo e a noite eu venho pra pista pra treinar. E pra fazer também a manutenção do horário feminino eu ministro essas oficinas de skate [...]. (Sk. 4: F OS V)

Essa praticante é também membra da AFSK e é uma das responsáveis por organizar a Sessão Feminina. Além dessas atribuições, ela oferta, junto com outras associadas, uma oficina de skate para iniciantes durante o horário feminino. Diante disso, sua prática de skate mistura-se às obrigações voluntárias que ela possui no Parque, e ainda ao seu treinamento visando as competições e a manutenção de seus patrocínios.

Outra modalidade de usuário que não possui uma separação estanque entre prática de skate e obrigações é o skatista que trabalha no Parque da Juventude. O primeiro funcionário entrevistado, tem 28 anos, pratica várias modalidades de skate, mas é profissional na modalidade vertical. Por ser OEE, ele está no Parque quase todos os dias da semana:

> É, na verdade, eu ando de skate aqui praticamente todos os dias. [...] Às terças feiras eu não venho porque são as aulas e o horário feminino, no *old school* também não porque eu cuido da, da bateria e acabo não andando, agora de quarta a domingo, se eu não tiver trabalhando com filmagem e foto, eu to... aí andando, me divertindo, surfando. (F/Sk 1: M NG V)

Além de ser operador do Parque e skatista profissional, ele também faz fotografias e filmagens de skate. Dessa forma, não existe no seu cotidiano uma separação exata entre o seu envolvimento com o skate de modo profissional e como lazer.

O outro funcionário que prestou depoimento tem 48 anos, é *Old School*, com 33 anos de prática de skate, principalmente na modalidade vertical. Trabalha fazendo projetos e criando novos obstáculos para a pista do Parque da Juventude. Ele também possui uma marca de produtos de skate. Seus horários de prática no Parque são também flexíveis:

> Ah, eu ando umas três vezes por semana, numa média de duas a três horas. [...] porque aqui a gente trabalha nos finais de semana, então é mais fácil andar durante a semana e menos de final de semana. Quando tem folga a gente anda aqui, mas é uma média de três vezes assim. Tem vez que anda mais, mas tem vez igual: Essa semana, terça eu tava construindo os obstáculos, quarta e hoje, então já três dias que eu não andei, amanhã eu vou andar, sábado e domingo também, então essa semana... (F/Sk. 2: M OS V)

Durante as observações, a dinâmica dos funcionários no Parque era por vezes confusa. Quase sempre havia mais de um funcionário na guarita (Figura 18), onde eles se revezavam para conseguir, além de cumprir com suas obrigações, realizar e editar vídeos e fotos

de skate, vender produtos (alguns deles) e fazer suas próprias sessões no *street*. Essas práticas às vezes envolvia a troca não oficial de turnos entre eles.

Figura 18: Skatistas e funcionários na guarita
Fonte: Pesquisa de campo, 11/10/2013

Tais fatores deixam claro a complexidade das práticas de uso e apropriação do Parque por aqueles sujeitos que, além de serem funcionários, são também skatistas e usuários assíduos. Isto nos faz compreender como as relações de lazer se estabelecem imbricadas com as demais dimensões da vida, no caso, principalmente das relações de trabalho, tão evidente que quando não conhecíamos quem eram os funcionários, era difícil de distinguir, dentre aqueles que estavam na guarita – conversando, vendo ou editando vídeos, escutando música, fumando cigarro – quem estava trabalhando e quem estava no seu tempo/espaço de lazer.

Essas variadas características do modo como os diferentes sujeitos utilizam o espaço nos permitem refletir sobre o lazer como uma dimensão da cultura (Gomes; Elizalde, 2012), não como algo que se apresente em oposição ou totalmente separado das demais dimensões da vida, mas ao contrário, estabelecendo relações diretas com o tempo, o espaço e as demais práticas culturais cotidianas. O depoimento a seguir expressa melhor essa ideia:

> Eh, o meu caso a opção de trabalhar é porque eu trabalho é pro skate, eh eu viajo, tenho os meus patrocínios e tudo, e a opção é que eu tenho o tempo de tá aqui e ao mesmo tempo consigo treinar e pra mim é como se eu vivesse o tempo todo de skate mesmo, porque aqui é só skate, né, eu respiro skate, eu ando de skate o dia inteiro, eu instruo, eu tô dentro do skate o tempo todo. (F/Sk 1: M NG V)

Nessa conjuntura, é preciso considerar a noção de produção do espaço, enquanto produção ininterrupta da vida, o que contempla a noção de apropriação, englobando os

momentos de lazer, do trabalho, das demais obrigações, desenvolvendo, pois, o sentido de dinamismo entre necessidades e desejos que pautam a reprodução da vida. (CARLOS, 2007).

Isso explica a forma como os skatistas articulam suas práticas no espaço mantendo a constante relação com os demais momentos que fazem parte do desenvolvimento de suas vidas cotidianas, e ainda com aquilo que é imposto pela logica racional necessária à manutenção do sistema vigente. Este último estabelece um conjunto de necessidades e normas, tais como horários predeterminados para trabalho, alimentação, divertimentos, de modo quase que invariável, de acordo com os objetivos da sociedade vigente e não das necessidades individuais. Estando incutidas nisso ainda, as regras estabelecidas especificamente para o uso do espaço utilizado.

Carlos (op. cit.) acredita que faz parte desse dinamismo não apenas o estabelecido, o normatizado, o poder estipulado pela regra, que pretende dominar a vida enquadrando-a nos limites necessários apenas à reprodução das relações sociais e a uma sociedade determinada, mas também o que foge, se rebela e resiste à essa lógica. Como vimos, as relações que se estabelecem com a prática do skate conseguem se articular bem entre estas duas formas destacadas pela autora, dando prioridade, na maioria das vezes, à segunda.

4.2.3.2. A Sessão *Old School*

A Sessão *Old School* foi idealizada por um funcionário do Parque da Juventude, juntamente com outro skatista, seu amigo. Ambos frequentam a pista do Parque desde a sua origem, na década de 1980. Em entrevista, um deles declara: "Bom, o *old school*, quando abriu a pista, ehh... tinha horário de *bike*, skate, patins e o mirim. E eu e outro amigo, a gente: Caramba né meu, e a galera *old school*? *old School* e nada... E a gente ficou pilhando, pilhando" (F/Sk. 2: M OS V).

A categoria *old school* marca uma nova fase da prática do skate, o qual sempre foi reconhecido como uma prática juvenil. De fato, sua origem no Brasil foi marcada pela ocorrência de jovens andando de skate pelas ruas, eram "[...] jovens que faziam uso do skate, mais do que simplesmente transitar pela cidade, passavam a tomá-la como um local de interpretação, lendo-a das mais diversas formas" (BRANDÃO, 2008, p. 12).

Entretanto, com o passar do tempo essa juventude envelheceu, dando lugar a outros jovens que hoje, com a evolução da prática, possuem novas formas de andar de skate. Mesmo assim, o antigo estilo de andar, que pode ser identificado pelos tipos de manobras, surgidas nas décadas de 1970 e 1980, não se extinguiu. Hoje, aqueles skatistas pertencentes à vanguarda do

skate, e que continuam ou voltaram a andar, criaram um novo perfil de praticantes que vem ganhando muitos adeptos nos últimos anos, destacando-se, inclusive, no universo do skate de competição, com o surgimento de categorias em campeonatos e de patrocínios para esse tipo específico de competidor.

Segundo um dos idealizadores da Sessão *Old School*, ser considerado pertencente a essa categoria, não é apenas uma questão de idade:

> O *old school* é o cara que vem lá dos anos oitenta [...] o *old school* mesmo, pra gente, é o cara que tem uns quarenta anos ou mais, cara. Tem que ter no mínimo uns trinta anos de skate, aí, no mínimo nas costas, uns trintinha tá bom. Já tem alguma história pra contar (F/Sk. 2: M OS V).

Para que essa sessão fosse estruturada, foi criado um horário especial e estipulada uma idade mínima como critério de participação. A partir disso, a Sessão *Old School* passou a funcionar na segunda-feira, dia em que a secretaria do Parque da Juventude está fechada e que as atividades chamadas de radicais não estão abertas ao público. Seria um horário exclusivo apenas para aqueles que possuem idade acima de 35 anos, que funcionaria inicialmente das 19 horas às 22 horas. A sessão está ativa até hoje, com uma pequena mudança no horário, cujo início se dá às 18 horas e o término, às 21 horas e 30 minutos. A mesma é frequentada por uma grande quantidade de skatistas, porém nem todos são considerados pertencentes à categoria *Old School*:

> [...] cara, é o que a gente vê, hoje assim. O cara que começou a andar aí em 1990, nós, que somos da..., eu sou da segunda geração de skate, o pessoal lá da primeira, não considera, meu! Que, pô! O cara começou agora, tem vinte e poucos anos de skate... E uma, hoje em dia tem muita gente que tem 35 anos que vem na sessão *old school*, só que o cara não é *old school*, tem uns que se acham, só que começou a andar agora com trinta anos, só que ele consegue andar porque ele tem 35 anos, então qualquer um com 35 a mais compra um skate vem aí e anda na sessão *old school*, mas não é consideraaaado, porque, meu, ele não participou das, daquela fase do skate. (F/Sk. 2: M OS V)

Apesar disso, a sessão continua sendo para todos que possuem idade superior a 35 anos. Observando, escutando conversas e conversando com alguns usuários, foi possível perceber skatistas com faixa etária variando entre 35 e 53 anos, e tempo de skate entre 10 e 30 anos. Alguns nunca haviam parado de andar, outros retornaram há poucos anos. É notável, também, a prática de modalidades variadas, mas principalmente *street, overall* e vertical. Os adeptos das duas primeiras, em sua maioria, aparentam ser mais jovens que os adeptos do vertical.

Percebemos ainda que essa heterogeneidade em relação à idade gerava, na prática, um certo sentido de disputa espacial. Em uma observação dessa sessão foi possível ouvir uma reclamação em relação a isso, de um skatista de 53 anos de idade e mais de 30 de prática, como segue no trecho do diário de campo a seguir:

> Um skatista começou a mostrar umas manobras estilo *old school*. Se aproximou de mim e comentou que tinham poucos ali que tinham mais de 50 anos. Que ele achava que deveria ter uma categoria para os maiores de 45 anos. Reclamou que ele é obrigado a andar com "um monte na faixa dos 35". Me mostrou a sua tatuagem no braço, escrito *old school*, falou que só mandou fazê-la quando ele completou 45 anos. "Tem cara aí que nunca andou" (em relação aqueles que tem mais de 35 mas é iniciante no skate). (DC, 02/09/2013).

Entendemos, pois, que para aqueles que, de fato, se reconhecem enquanto pertencentes à geração *old school*, a sessão possui um significado diferenciado. É interessante ver o modo como um dos idealizadores da sessão relembra com entusiasmo como aconteceram as primeiras sessões. Como segue:

> Os cara: – Pô mais será que vai ter os tiozinhos andando de skate? Aí os caras: – Acho que vai ter uns dez, quinze. E eu falei: – Cara, vocês não sabem quantos são. Aí bolamos a carteirinha, tudo, acima de 35 anos, na primeira sessão tinha uns setenta caras, os caras ficaram: - O que? [...] como você já falou que você acompanhou, você pega uma segunda feira com tempo bom, isso daqui já teve cento e cinquenta caras ali dentro, de você olhar e falar: - Pô! (F/Sk. 2: M OS V)

Acreditamos com isso, que a Sessão *Old School* está intrinsecamente relacionada com toda a trajetória histórica da Pista Velha, representando uma homenagem àqueles que fizeram parte de sua trajetória, àqueles que lutaram pela sua permanência e melhorias e àqueles que começaram a andar de skate quando este era marginalizado, não desistindo de sua prática até os dias atuais.

Esse foi também o entendimento divulgado pela mídia especializada em skate na época do surgimento da sessão. A Revista Cemporcento Skate Magazine divulgou em sua página virtual que a Sessão *Old School* seria uma forma de reconhecimento daqueles que trouxeram muitas conquistas importantes e que contribuíram para o crescimento do skate, não apenas em SBC, mas no Estado de São Paulo, e também no Brasil (PORTAL CEMPORCENTO SKATE, 2008).

A sessão *Old School* representa um momento em que o mais importante não é a prática em si do skate, mas o (re)encontro, a sociabilidade, como podemos perceber na fala de um funcionário que também frequenta a sessão como usuário:

> o *old school,* eu venho, sabe, pra trocar ideia, pra ver o outro [...] o pessoal aqui na sessão old school, 90% mais bate papo do que vem pra andar de skate mesmo. Anda um pouquinho, dá ali umas batidinhas, né, desenferruja, relembra os velhos tempos, encontra os amigos, isso é muito legal". "[...] muitos compram o skate da época dos anos 80, né, porque o skate dos anos 80 pra você andar hoje, você não consegue evoluir, mas o cara não tá preocupado em evoluir, ele tá preocupado em: não, caramba, massa voltar a andar de skate, encontrar o outro, vem, dar umas batidinhas... (F/Sk. 2: M OS V)

Ou seja, "o fim é a própria relação" (DAYRELL, 2005, p.182), como confirma o depoimento: "E e é isso né, é um encontro da galera, assim, galera que num... Não tem o encontro do futebol? Fazer um encontro do skate, né, depois tem um churrasco, e tal, bem natural" (F/Sk. 1: M NG V).

As práticas observadas também demonstraram isso. Existia um tom de descontração e intimidade entre a maioria dos frequentadores, que não era percebido nos demais dias e horários. Em todas as sessões observadas no centro da Pista era possível visualizar um grupo de skatistas conversando, alguns se preparando para começar sua sessão, outros num momento de descanso, à medida que o tempo ia passando esse grupo aumentava. Era comum também ouvir troca de gozações entre eles e um ar de saudosismo, manobras antigas eram demonstradas, acompanhadas de frases do tipo: "aqui é skate de verdade" (DC, 26/08/2013).

Essas constatações nos fazem perceber a referida sessão como um desdobramento dos processos de negociação que discutimos no tópico anterior. Note-se que muitos dos que frequentam assiduamente esse horário especial são aqueles *locais* da antiga pista, aqueles que, segundo os depoimentos, foram os que mais sentiram a racionalização atual daquele equipamento.

Dessa forma, acreditamos que naquele momento específico, e principalmente para os que se consideram e são considerados pelo grupo pertencentes ao perfil de *old school*, o velho sentido de ser *local da pista* é retomado; naquele espaço/tempo eles estão no seu *pedaço*, pois se reconhecem como portadores dos mesmos símbolos: todos são *olds* e por isso se assemelham pelo jeito de falar, de andar de skate, de se vestir, seus *shapes* são mais largos, os mesmos utilizados por eles em décadas passadas (ou semelhantes), e, por último, identificam-se por terem andado de skate numa mesma época, passando pelas mesmas dificuldades e conquista espaciais.

Mesmo tendo que dividir o espaço com outros grupos, aqueles reconhecidamente pertencentes à categoria *old school* ainda são maioria em sua sessão. O surgimento de um horário próprio constituiu um momento em que, simbolicamente, a pista pertence a eles, o que

afeta os modos de apropriação daquele espaço/tempo. A fala a seguir demonstra um pouco dessas diferenciações:

> [...] aqui não acontece só um role de skate [...] não é só aquele espaço pra andar de skate, é um espaço que a gente vem, se reúne, encontra todos os "tiozão", a galera antiga do skate, vários que eu respeito, que eram pessoas que antes eu conhecia só por revista e hoje eu ando de skate com eles aqui, então esse espaço é nosso assim, e é super valioso assim, porque separou um pouco daquele mundo mais do skate mais... da turma mais nova, que são mais fervorosos, são atletas e tal, daí eles dropam na tua frente, ele quer mostrar que ele tá andando, e aqui a gente que é mais velho, a gente se respeita um pouco mais por ser da mesma época. (Sk 6: M OS St.)

Outra peculiaridade desse horário é o fato de seu surgimento ter influenciado muitos skatistas a voltarem a andar de skate depois de muitos anos afastados da modalidade: "Teve gente que voltou a andar, muita gente tá voltando. / Pesquisadora: Gente que estava parado? / Entrevistado: É, parado a quinze, vinte anos" (F/Sk. 2: M OS V). Entendemos, com isso, que a sessão permitiu que alguns dos que foram excluídos do espaço no processo de transformação pudessem voltar a se apropriar deste de uma forma um pouco aproximada das anteriores.

4.2.3.3. A Sessão Feminina: finalmente, a vez é das meninas

Semelhante à Sessão *Old School*, a Sessão Feminina é também um horário especial dentro do cronograma do Parque da Juventude. Consiste em um espaço de tempo que foi criado especialmente para atender à demanda de mulheres que estavam iniciando na prática do skate. Esse horário, que teve início no dia 14 de julho de 2009, surgiu a partir da mobilização de uma skatista, que organizou um abaixo assinado e o apresentou para a organização do Parque. A partir de então foram destinadas três horas exclusivas ao skate feminino no *street park*, passando a funcionar todas as terças-feiras, das 19 horas às 22 horas (HIROSHI, 2009).

Quando paramos para observar, seja de perto, de dentro da pista como aprendiz, seja de forma mais distante, circulando pelas demais dependências do Parque, podemos perceber a invisibilidade dada ao skate feminino no Parque da Juventude: durante a semana quase não encontramos mulheres no *street*; nos outros espaços do parque, visualizamos um número um pouco maior, mas em sua maioria não estão andando de skate, e sim reunidas em grupos, descansando nos bancos, namorando e somente algumas aprendendo a andar de skate. No final de semana é possível encontrar um número maior, principalmente crianças, mas ainda muito inferior ao dos homens.

Durante as Terças Femininas foi possível contar até 55 mulheres. Nas primeiras observações, logo após o retorno daquela sessão, que estava suspensa desde o início de 2013, ouvíamos algumas relatando motivos para a existência daquele horário exclusivo para elas: a falta de segurança, visto que a maioria dos homens são mais fortes e mais experientes; timidez; ciúmes do namorado ou cônjuge e a falta de cuidado, por parte dos homens, não respeitando a vez de cada um nos obstáculos, podendo ocasionar colisões.

A seguir segue a explicação dada pela presidente da AFSK e atual organizadora da Sessão Feminina:

> [...] favorecer as meninas que estão iniciando no esporte pra poder estar praticando sem risco à integridade física. Porque é um esporte de impacto e a mulher, por ser mais frágil, sofre com essa diferença física entre homem e mulher, então é muito importante esse espaço reservado só pra mulher. (Sk. 4: F OS V)

Ela conta ainda como se deu o surgimento desse horário especial, deixando claro que este reflete a necessidade de um maior reconhecimento e investimento no skate feminino.

> O horário feminino ele foi iniciativa da Luciana Melo junto com a Eduarda Soares[49], elas tinham os filhos que elas traziam aqui pra pista e elas também queriam praticar então como elas eram iniciantes, elas sentiram na pele essa necessidade de um horário separado só pra mulheres [...]ela fez essa proposta pra ele [diretor], com uma boa justificativa né, que era realmente pras garotas iniciantes poderem praticar sem correrem risco e ele topou a ideia e daí teve o início do horário feminino. (Sk. 4: F OS V)

Por ser o skate representado como uma atividade essencialmente masculina, muitas vezes as mulheres skatistas necessitam encontrar alternativas para legitimar sua prática. Para Figueira e Goellner (2012), o skate é representado como uma dimensão da cultura mais associada ao universo masculino que ao feminino, fazendo com que as mulheres skatistas e suas práticas sejam muitas vezes invisibilizadas. Segundo as autoras, quando nos atemos para as questões de gênero que envolvem a prática do skate:

> Apontamos para distinções existentes, no Brasil, entre a visibilidade conferida a mulheres e a homens no entorno da sua prática. A adesão e a permanência de sujeitos do sexo masculino nesse esporte são de tal modo naturalizadas que não precisam ser ditas, nomeadas ou chamadas a ver. Por essa razão, os discursos que circulam em diferentes artefatos culturais referem-se, sobretudo, a eles – os skatistas, atletas, espectadores, comentaristas, dirigentes e editores – como os protagonistas desse esporte. (FIGUEIRA; GOELLNER, 2013, p. 244)

[49] Os nomes citados foram substituídos por nomes fictícios para preservar o anonimato.

Essa realidade faz surgir estratégias desenvolvidas por mulheres skatistas na busca pelo seu reconhecimento enquanto sujeitos dessa prática. Entendemos, portanto, que a reivindicação pelo Horário Feminino, atrelado à luta pela sua manutenção, é uma forma das skatistas serem também reconhecidas enquanto sujeitos, usuárias e produtoras do espaço de prática do skate, de modo geral, e do Parque da Juventude, especificamente.

A Sessão Feminina não vem obtendo a mesma estabilidade que foi percebida na Sessão *Old School*. Desde que foi lançada, passou por algumas dificuldades para permanecer ativa: durante os quatro anos de sua existência o horário foi modificado algumas vezes, sendo reduzido, depois ampliado, passando por vários períodos de paralização.

No início do ano de 2010, a sessão que estava parada desde o final de 2009, é reativada a partir da iniciativa da recém fundada AFSK, porém deixou de ser exclusiva para as praticantes de skate e passou a ser dividida com as adeptas de patins e *bike*, com uma mudança de horário, o qual passou a funcionar das 18 horas às 20 horas, uma hora a menos que no ano anterior.

No dia 30 de novembro de 2010, aconteceria a última sessão do Horário Feminino daquele ano. Desde o seu lançamento, é comum a atividade paralisar nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, pois seguem a mesma programação das oficinas de esportes radicais, que possui três meses de férias todos os anos. Uma das skatistas entrevistadas relata esse fato: "Então, rola aquele negócio: entrou de férias, os horários entram de férias também. Tipo entrou as férias, corta o horário feminino" (Sk. 5: F NG St.). Sendo assim, a nota fazia uma chamada para que as frequentadoras da sessão não faltassem no último dia daquele ano, temendo que houvesse dificuldades para recomeçar, três meses depois, caso não houvesse uma quantidade significativa de mulheres utilizando a pista (SKATE FEMININO BRASIL, 2010).

Nos anos de 2011 e 2012 a sessão continuou com o mesmo horário de 2010, sendo paralisada apenas na época das férias. Porém houve um descontentamento com esse horário, por não contemplar aquelas que trabalhavam até tarde ou que moravam longe e não conseguiam chegar ao Parque a tempo, o que provocou a reivindicação pela mudança de horário, desta vez para que o mesmo se estendesse até às 22 horas. O que, de fato, não veio a acontecer naqueles anos.

No ano 2013, a Sessão Feminina foi suspensa, não voltando no mês de março, como de costume. A gestão da CAJUV alegou que não havia quórum suficiente que justificasse a abertura do *street* exclusivamente para o público feminino, além do Parque não dispor de funcionários suficientes para seu monitoramento. Diante desse impasse o horário ficou suspenso por oito meses, o que provocou a realização de uma petição *online* e algumas

negociações entre a AFSK e a prefeitura, a fim de que a sessão retornasse, iniciativas que surtiram efeito, fazendo com que as atividades retornassem, e ainda com horário ampliado, funcionando das 18 horas às 21 horas e 30 minutos. Segue trecho de depoimento da skatista e presidente da AFSK, relatando tal processo:

> [...] E aí a gente começou uma batalha grande desde o início do ano, pra voltar o horário feminino. Foi uma guerra que nós travamos sabe, e aí com muita luta e com uma boa justificativa, preparando um dossiê, nós conseguimos o nosso horário de volta e com a vantagem de ter o horário integral pra gente na terça. (Sk. 4: F OS V)

Dessa forma, acreditamos que o modo como a Terça Feminina vem sendo desenvolvida no Parque da Juventude é um reflexo do modo como o skate feminino é desenvolvido no Brasil. Este passou a ser mais reconhecido e visibilizado nas mídias, ganhando espaço também no mundo competitivo, nos últimos anos. Muito dessa conquista foi proporcionado pelas próprias skatistas, já que são elas, na grande maioria das vezes, que produzem informações sobre o skate feminino (FIGUEIRA; GOELLNER, 2012).

Atrelado à prática em si do skate, as mulheres do Parque da Juventude vêm, na ocupação daquele espaço/tempo, uma forma de resistência e legitimação da sua categoria. O depoimento a seguir destaca esse fator e acrescenta ainda uma relação às causas em prol das conquistas feministas:

> A gente realiza bastante ação aqui no Parque da Juventude, o prefeito apoia bastante, ele gosta muito de skate, ele apoia muito o skate feminino, a esposa do prefeito também defende muito as ações femininas em prol das mulheres, justamente pelo preconceito que a gente sofre. A gente sofre mesmo, sabe, não só no skate, mas em todas as nossas relações sociais [...]. (Sk. 4: F OS V)

No ano de 2013, depois da volta da sessão, iniciou-se um novo ciclo para o skate feminino no Parque da Juventude, com a preocupação voltada para a tentativa de se manter um número significativo de mulheres usufruindo da pista no horário destinado a elas, para que este não corresse o risco de ser interrompido novamente. Uma skatista usuária da Sessão Feminina explicita essa nova realidade em sua fala:

> Ah, isso daí foi um corre da AFSK, foi algumas assinaturas. E o que mais mantém o horário feminino não é mais nem tanto a AFSK, agora são as meninas, se as menina não colar, pode ser cortado a qualquer momento, então é bom as meninas tá indo. Porque não adianta a AFSK ficar o tempo todo entrando na frente e falar: vamo manter, vamo manter, vamo manter, porque se não tem menina, não tem como manter. (Sk. 5: F NG St.)

Essa característica foi também percebida em suas práticas durante as sessões. Evidenciando, dessa forma, um modo particular que elas têm de se apropriar daquele espaço/tempo. Percebemos uma preocupação constante em incentivar a permanência de um número significativo de mulheres andando de skate. Muitas delas entendem sua presença como um dever e uma responsabilidade, sendo notável o esforço das mais experientes, algumas delas engajadas na AFSK, em incentivar as iniciantes a continuarem praticando, em chamar a atenção das mais próximas para que não faltem nas sessões seguintes, além de registrar a presença das praticantes e de manter a pista ocupada e em funcionamento durante todo o horário. Um trecho do diário de campo exemplifica esses fatores: "Uma garota estava reclamando sobre umas skatistas que tinham ido embora antes do término do horário reservado para a Sessão Feminina: 'Todo mundo indo embora já, aí depois perde o horário...'" (DC, 27/08/2013).

Outro fator que caracteriza o modo como as mulheres, garotas e meninas se apropriam do Parque por meio das Terças Femininas é o contato e a oportunidade de compartilhar a prática do skate entre iguais: "Conheci as meninas, aí logo depois surgiu a AFSK, associação do skate feminino, depois começou a rolar as terças-feira feminina, [...] e assim a gente foi evoluindo, todo mundo junto" (Sk. 5: F NG St.). Dessa forma, elas podem dividir seus medos, suas dificuldades e conquistas com outras pessoas que possuem suas mesmas necessidades:

> Nossa, é ótima, porque tem muita menina que vê as fotos no facebook e fala: nossa, quero colar, quero colar. E acaba andando, conhecendo, fazendo mais amizades, evoluindo junto, aprendendo manobra, caindo, se esborrachando, compartilhando risos, dores (Sk. 5: F NG St.).

Esse fator também foi observável na dinâmica das sessões, onde as garotas, além de andar de skate, aproveitavam o tempo desfrutando o encontro e o reencontro de amigas, conversando sobre eventos cotidianos de suas vidas, trocando informações sobre campeonatos e mostrando sua coleção de fotos de skate. Algumas ainda marcavam sessões em outras pistas e tentavam manter o contato por meio das redes sociais. Outra característica marcante na sessão era a solidariedade, expressa nas palavras de incentivo e no modo como as mais experientes ajudavam na aprendizagem das iniciantes. Em consequência, as novatas não sentiam dificuldade em se enturmar, recebendo todo apoio possível, inclusive informações sobre o esporte, sobre quais materiais eram melhores e onde poderiam ser comprados.

Além destes aspectos, pudemos verificar que era comum ver a presença de alguns homens acompanhando os horários femininos, os quais conversavam com as garotas, ajudavam

as iniciantes com as primeiras manobras, demonstravam alguns movimentos e até davam algumas voltas, principalmente nos últimos minutos da sessão. Percebemos essa dinâmica como um acordo não declarado entre as partes, no qual àqueles poucos (2 ou 3, amigos e namorados) era dada a permissão de estar ali, visto que também eram considerados importantes no processo de conquista daquele espaço.

De forma semelhante à Sessão *Old School*, encontramos na Sessão Feminina modos particulares de apropriação espacial, apesar de a grande maioria das frequentadoras não possuir o mesmo grau de identidade com o espaço que os frequentadores da segunda-feira, pois poucas delas têm idade acima de 35 anos e, mesmo assim, não possuem tantos anos de skate para serem consideradas pertencentes à categoria *old school* – exceto a presidente da AFSK, que apesar disso, não deixa claro em sua fala considerar-se nessa categoria. De qualquer forma, aquele espaço/tempo é dividido por pessoas que se reconhecem por serem todas mulheres e por terem as mesmas dificuldades de legitimação de sua prática e conquista espacial.

É válido esclarecer que a Sessão *Old School* não é exclusiva para homens, pois mulheres acima de 35 anos também têm autorização para andar. Entretanto, como vimos no tópico anterior, na fala dos skatistas em relação à sessão, não percebemos menção à participação de mulheres skatistas ou a qualquer benefício que elas tenham recebido com o seu surgimento. Apenas algumas poucas vezes foram vistas no máximo duas mulheres se beneficiando da Sessão Old School. Do mesmo modo, quando a história da antiga pista e do Parque é contada, elas também não são mencionadas, o que nos faz entender o grau de importância da Sessão Feminina, já que é uma das únicas formas em que a prática do skate feminino é efetivamente visibilizada no Parque da Juventude.

4.2.3.4. A galera do skate: a sociabilidade

Antes de apresentarmos os depoimentos dos sujeitos acerca das possibilidades de sociabilidades advindas com suas práticas, achamos por bem fazer uma diferenciação entre socialização e sociabilidades. Para tanto, tomamos como base o entendimento de socialização juvenil proposto por Dayrell (2005), em que o autor a compreende como "os processos por meio dos quais os sujeitos se apropriam do social, seus valores, normas e papéis, a partir de uma determinada posição e de uma representação das próprias necessidades e interesses" (DAYRELL, 2005, p. 182). De tal modo, a forma como o sujeito se apresenta é fruto de múltiplos processos, os quais envolvem os modos como ele interpreta e age em sua realidade.

Na sociabilidade, por sua vez, "encontramos uma relação na qual o fim é a própria relação, a pura forma, e é por ela que se constitui uma unidade. [...] os indivíduos se satisfazem em estabelecer laços, e esses laços tem em si mesmo sua razão de ser" (Ibid., p. 184), o que faz a mesma acontecer nas relações cotidianas, onde sua dinâmica é capaz de expressar diferentes gradações que distinguem aqueles mais próximos dos mais distantes (Dayrell, 2007).

Ao longo de seus discursos, os diferentes sujeitos da pesquisa foram explicitando suas formas particulares de sociabilidade. Demonstrando que a prática do skate por si só já é uma forma de sociabilidade: "Meus amigos que tão comigo no dia a dia são o pessoal que anda de skate comigo no dia a dia" (Sk. 2: M NG O).

Além disso, identificamos na fala de diferentes skatistas o modo como os laços de proximidade e identificação existente entre eles se formam pelo simples fato de serem skatistas:

> [...] mesmo sendo um esporte individual, tal, você nunca tá... você nunca ta sozinho, porque aonde você vai você vai encontrar skatista e amigos. E skatista é muito... você pode não se conhecer, chegou com skate, o cara anda de skate, já cumprimenta, já tem uma troca de olhar, já pronto, já tá junto, já. Apesar de ser um esporte individual, você nunca tá sozinho. (F/Sk. 1: M NG V)

Esse depoimento demonstra ainda uma contradição entre a individualidade da prática do skate e o fato do skatista nunca andar sozinho, ou seja, é fácil estabelecer laços entre eles, pois a prática do skate em si faz com que eles se reconheçam enquanto pertencentes aos mesmos processos de socialização, contribuindo para formar e fortalecer laços de sociabilidade.

Assim, existem variados grupos sociais que se diferenciam entre aqueles praticantes de skate, seja por modalidades de prática, idade ou demais tipos de afinidades. O que leva à busca de outras formas de sociabilidade, à medida que vão se diferenciando os laços de amizade. O depoimento a seguir demonstra o modo como se expressa a dinâmica que estabelece as gradações de proximidade, diferenciando *a galera do skate,* de um modo geral, dos considerados *mais chegados*:

> Sim, lógico. A gente sempre tá no rolê. Geralmente tem festinha, tem um churrasco, que a gente vai junto, tem alguma *party* assim que ó: vai ter uma festa ali, vamo aí, vamo aí! Aí cola todo mundo, a galera do skate, as vezes tem a *première* de um vídeo de alguém que lançou, vai mó galera também, tá todo mundo junto, mas tem os mais chegados né, que vai em casa, noite da pizza, troca uma ideia, rola uma pizza. (Sk. 1: M NG St.)

Percebemos que a sociabilidade verbalizada no discurso dos frequentadores do Parque da Juventude não foi forjada, necessariamente na relação com o outro, a partir do espaço específico do Parque em estudo. Essa relação é estabelecida, antes de tudo, a partir da prática

do skate e das relações de igualdade que se estabelecem entre seus praticantes. Não queremos dizer com isso, que o espaço não faça parte desse jogo de relações sociais, mas que não depende de um espaço especificamente. Isto porque os skatistas de um modo geral, nunca, ou quase nunca, utilizam apenas um espaço, uma pista, uma rua ou uma praça para andar de skate (o que será melhor discutido no tópico intitulado *Os outros lugares do skate*):

> Sim, muitos dos meus amigos, a gente é amigo de sair junto e tudo. Pesquisadora: Fizeram amizade aqui ou não? Entrevistado: Assim, na verdade não aqui, na verdade é do skate. A gente se encontra em outras pistas, e é do skate. Isso é uma coisa legal do skate, ele proporciona muitas amizades em locais muito diferentes. (Sk. 2: M NG O)

Os laços de sociabilidade formados entre eles também se evidenciam nos campeonatos. É comum a reunião para participar de uma competição, ainda que no grupo formado provavelmente haja competidores que irão disputar o mesmo título. Os campeonatos podem proporcionar, mais até do que o espírito competitivo, uma forma de reunião, ou seja, eles não se reúnem para competir, ao contrário, participam de campeonatos para se reunir, para estar em grupo, entre iguais: "Eu compito porque, tipo, a gente vai pra competição só pra: - Ah, vamo aí, vai a galera toda, a gente vai se divertir, as vezes pega pódio, as vezes não pega" (Sk. 1: M NG St.).

Machado (2011, 2012b), ao estudar as competições do Circuito Sampa Skate, constatou algo parecido, ao perceber que os skatistas participantes das etapas desse circuito veem nele muito mais do que uma competição esportiva, cheia de regras pré-estabelecidas, pois muitos deles priorizam e criam discursos acerca do caráter lúdico propiciado pelas disputas e pelas formas de sociabilidade encontradas no evento.

Compreendemos, portanto, cada vez mais, que a sociabilidade pode ser entendida enquanto uma dimensão do lazer, sendo esta dimensão o que faz com que práticas carregadas de aspectos racionais e mesmo aquelas que possuem caráter de obrigação, tal como um treino ou a participação em competições para manter um patrocínio, por exemplo, possam ser vivenciadas como uma prática de lazer. Justamente quando a intenção está fundamentada na busca pela sociabilidade, não se afastando do caráter lúdico.

4.2.3.5. As práticas transgressivas

Foram identificados em alguns momentos dos depoimentos dos entrevistados referências a determinados tipos de transgressões às regras ou concessões e flexibilizações ao

que está determinado na Lei que regulamenta o Parque. É válido explicar que, a despeito dessa modalidade de uso ter se apresentado bastante evidente na fase de observações, durante as entrevistas a maioria dos skatistas não falou sobre esse assunto de maneira aberta, aqueles que comentaram sobre algum tipo de transgressão ocorrida no parque falavam que sabiam ou já haviam presenciado alguma ocorrência com terceiros.

Contudo, consideramos de extrema importância para os objetivos propostos, a discussão referente às variadas formas com que os diferentes sujeitos expressam esse assunto em seus discursos, principalmente quando o contrapomos com a realidade percebida nas suas práticas. Já que a transgressão é uma dimensão fundamental para entender os processos de apropriação de um espaço que é, como vimos, marcado por várias formas de racionalização.

Para debater esse assunto buscamos os conceitos de transgressão estabelecidos por Szpacenkopf (2002). A autora apresenta dois entendimentos de transgressão, no primeiro deles os indivíduos passam a fazer as suas próprias regras ao gozo de transgredir, por não suportarem a proibição imposta pela lei. Na segunda definição a autora a compreende enquanto "um movimento que pode nos aproximar do criativo e do inovador, do que precisa desamarrar-se do conhecido para fazer aparecer o que ainda não pôde ser pensado ou mesmo que foi pensado, mas recusado" (SZPACENKOPF, 2003, p. 05).

Nos depoimentos, encontramos as duas formas destacadas pela autora. A primeira delas é exemplificada na fala de uma das duas únicas pessoas a assumir já ter burlado algum tipo de regra do Parque, uma jovem, de 22 anos, que alegou ter transgredido uma vez quando era mais jovem.

> Andar aqui no parque... eu comecei quando tinha 16 anos, eu nem tinha carteirinha ainda. Porque era proibido entrar quem não tem a carteirinha [ainda é proibido], as criança que são de menor. Beleza, eu entrei lá pelos fundos porque eles me barraram pela frente. (Sk. 5: F NG St.)

O outro skatista a assumir ter burlado alguma regra foi o mais jovem que participou das entrevistas, com apenas 16 anos. Ele nos contou uma de suas estratégias.

> Ah, de vez em quando tem que dá uma escapada, né! [...] Ah, pego o skate, vê que quando os guarda não tá né, vê quando não tem ninguém olhando, manda umas manobra no banco, bem, bem de rua memo, he! [baixa a voz e olha para os lados ao falar]. (Sk. 1: M NG St.)

Aqui o sentido de "dá uma escapada" equivale a conseguir realizar, dentro do espaço racionalizado, movimentos que fazem parte da essência do skate de rua. Como o Parque

não possibilita isso, eles precisam fazer por meio da transgressão. Ou seja, "a transgressão questiona o sistema normativo, propondo outras maneiras de regulação" (BIRMAN, 2002, p. 49).

A segunda possibilidade é apresentada por um dos funcionários do Parque, na verdade, por meio do mesmo exemplo destacado pelo skatista adolescente. Ele explica um outro modo de compreender esse tipo de transgressão.

> Aqui dentro você vê, tem esses bancos, o pessoal gosta de andar num banquinho porque, é o skate. Se você põe isso aí no meio, ai o cara vem pula, ele pula, certo, dá uma batida com o skate e sai girando do outro lado, então o skate é isso. – Ah pô, mas a gente fez a pista, porque você tá andando aqui na praça? Por que o skate é livre cara, é livre, é criatividade, aonde tem um lugar que você acha que é legal andar, você vai lá e anda. (F/Sk 2: M OS V)

Ou seja, o sentido de transgredir para o skatista é a criatividade, se ele seguir apenas o que está estipulado na regra, esta não consegue se manter. Se eliminamos a transgressão como forma de ultrapassagem, como possibilidade de existência e de criação fora dos padrões preconizados, eliminamos automaticamente a condição para a capacidade criativa (BIRMAN op. cit.). Pois "é pela possibilidade de transgressão que o existir e o criar podem comparecer, muitas vezes sinalizando resistência e liberdade em relação a determinadas injunções" (SZPACENKOPF, 2002, p. 38).

O ato de pular a cerca para não passar pela portaria e assim ter que apresentar documentação ou ser obrigado a usar o equipamento de segurança obrigatório foi a ação transgressora mais citada entre os sujeitos da pesquisa. Conforme segue no seguinte depoimento.

> Sim, as vezes você vê um ou outro aí que no final de semana, onde você tem uma intensidade maior de vai e vem da pista, você tem muitas pessoas hoje que vêm andar de skate porque viram na TV. E aí ele vem aqui e aí ele fala: vou seguir lei de skatista nada. Vou pular a cerca aí, com o capacetinho de obra e acha que vai poder andar (Sk. 6: M OS St.)

Um outro skatista, ao ser indagado sobre transgressões presenciadas por ele, alegou nunca ter visto algum OEE consentir que qualquer skatista fizesse algo que não seja admitido pelo regulamento, mas sobre os usuários revelou: "Acontece, [...] já vi gente pular, porque a grade não é muito grande né, o pessoal vai lá pra trás e pula, então eu já vi muito isso" (Sk. 2: M NG O).

Ressaltamos que foram percebidas algumas incongruências entre a fala dos sujeitos durante as entrevistas e as ações observadas em campo. Ao contrário do que foi explicitado na

fala do skatista, testemunhamos a ocorrência de concessões por parte dos OEE, tal como a entrada de crianças menores de 12 anos no *street* em horários não permitidos. O trecho do diário de campo a seguir exemplifica essa dinâmica:

> Na guarita entra um garotinho, acompanhado de um adulto, este fala pra o garoto entrar na pista, mas o garoto fala que não é permitido. O adulto então foi falar com o operador, este olhou para o outro operador com cara de dúvida, o outro fez sinal negativo com a cabeça. Os dois passaram a explicar que a sessão infantil no *street* é apenas nos finais de semana e que naquele horário só poderiam entrar crianças a partir de 12 anos de idade e que ele deveria andar na pista mirim. Minutos depois o garoto voltou com o pai [a pista mirim estava fechada], um dos operadores então falou que ele poderia andar porque a pista estava vazia. E conclui: 'mas o normal é ele andar lá no fundo' [se referindo ao *street* mirim] (DC, 11/10/2013).

Nesse mesmo dia um dos operadores já havia permitido que outra criança acompanhada do pai entrasse, justificando que era um horário em que havia poucos skatistas na pista. Além disso, conversamos com um garoto que disse ter 11 anos e que estava ali em horário de aula porque na sua escola estava havendo jogos e, portanto, não haveria aula naquele dia.

Uma outra forma de transgressão bastante comum era a prática de skate em lugares não permitidos, tais como os locais de passagem e a pista de caminhada, onde existiam placas advertindo sobre a proibição. Essas práticas aconteciam com maior frequência nos finais de semana e em dias de campeonatos, quando o Parque estava cheio. A Figura 19 mostra uma sessão de skate de alguns garotos em um final de semana, que acontecia paralelamente a sessão da pista no térreo do Parque.

Figura 19: Garotos fazem sua própria sessão de skate
Fonte: Pesquisa de campo, 25/08/2013

Esse tipo de ação nem sempre era reprimida pela GCM e quando acontecia isso não impedia que os skatistas retomassem sua prática tão logo o guarda não estivesse mais à vista.

Uma outra forma de burlar as regras estabelecidas, percebida durante as entrevistas, foi a comercialização de equipamentos de skate em variados espaços do Parque[50]. Um skatista que frequenta a Sessão *Old School*, enquanto falava sobre ela, explicou um pouco dessa prática: "aí aqui não acontece só um role de skate e tal, um treino, aqui o pessoal que trabalha aqui, que é antigo, tem marca de skate, então vem fazer entrega de skate um pro outro, de material, vem fazer um negócio novo [...]" (Sk. 6: M OS St.).

Esse tipo de transgressão foi uma das mais presenciadas durante as observações. A comercialização era feita tanto dentro da pista, como na guarita e em outras partes do Parque. Os comerciantes eram tanto skatistas usuários como funcionários. Durante a pesquisa, nós compramos um rolamento novo para o nosso skate e toda a comercialização e a troca do material foi feita ali, nas imediações do *street*.

Várias outras ações transgressoras foram presenciadas, bem como determinados tipos de concessão, tal como ocorreu algumas vezes durante as Sessões Femininas, a permissão de entrada sem portar a carteirinha específica. Ou como o presenciado em uma manhã de quinta-feira, quando estavam presentes na guarita, além de nós, o coordenador do Parque, um funcionário que trabalha na coordenação e um OEE. Eles conversavam sobre a escala dos operadores na pista. Em um momento o funcionário fez uma pergunta para o coordenador, que não foi escutada porque fora feita em tom baixo, o coordenador responde "Acordo interno ai dos caras", ao passo que o outro ainda denuncia que era para dois operadores estarem na guarita naquele momento. O OEE presente logo defende o colega dizendo que ele já voltaria. A conversa encerrou dessa forma. (DC, 10/10/2013).

Os exemplos de transgressões apresentados aqui demonstram como a regulamentação apresentada no capítulo anterior não se apresenta completamente enquanto um determinante racionalizador e disciplinarizador. Vimos como algumas de suas determinações já foram ultrapassadas, tal como a exigência de alongamento antes das sessões. Dessa forma, compreendemos essas ações como algo que faz parte do processo de negociação e reequilíbrio do poder que se iniciou depois do surgimento do Parque da Juventude e vem se desenvolvendo por meio da dinâmica cotidiana.

[50] Segundo Decreto-Lei Nº 16.096, que regulamenta a Lei Municipal nº 5.698, de 28 de junho de 2007, "Art. 26. Ficam vedadas no Parque as seguintes condutas: VI - exercer atividades comerciais ou venda, a qualquer título, sem autorização".

Esses fatores ajudam a compreender ainda a aceitação das regras vistas na sessão anterior, ao que parece, os skatistas aceitam a imposição das regras, em troca dos benefícios advindos com a gestão do Parque, ao mesmo tempo em que sabem que estas não necessariamente serão seguidas à risca, ou seja, eles sempre poderão transgredi-las.

4.2.3.6. As disputas espaciais

Como vimos no primeiro tópico deste capítulo, as disputas espaciais sempre estiveram presentes na dinâmica do equipamento em estudo. A esse respeito, Torres e Moranta (2012) creem que o espaço público nunca tenha sido um lugar totalmente harmônico e acessível, já que sempre foi palco de dinâmicas instáveis e processos de exclusão. Essas dinâmicas e processos se fundamentam em uma lógica de controle e disputa estabelecida entre a estrutura normativa da sociedade hegemônica e as práticas de ação de sujeitos e grupos que estabelecem diferentes tipos de laços com essa sociedade.

Na dinâmica dos skatistas no Parque da Juventude percebemos a materialidade dessa concepção nas transgressões discutidas no tópico anterior e, de uma maneira mais direta, em alguns conflitos de interesse entre os skatistas e os guardas da GCM. Além disso, existem ainda aquelas disputas espaciais que se desenvolvem internamente, no cotidiano das práticas dos diferentes grupos de usuários, sendo mais evidenciada a disputa entre skatistas homens e skatistas mulheres, além das já discutidas no primeiro tópico desse capítulo.

A disputa travada entre determinadas práticas dos skatistas e a ação coercitiva dos funcionários da GCM foram citadas várias vezes durante as entrevistas. Alguns falaram em tom de reclamação: "[...] não pode andar fora, os polícia [GCM] já chega enquadrando aqui dentro, uns amigo meu aí já foi tirado pra fora, aí, os polícia humilhando, entendeu?" (Sk. 1: M NG St.).

Esse tipo de ação enunciada por um jovem skatista *streeteiro*, reflete ainda um sentido de "repressão ao uso do skate nos centros urbanos", que ganhou grande intensidade na década de 1980, quando o *street skate* ganha popularidade no país, havendo uma maior visibilidade da luta por espaços travada principalmente entre skatistas e policiais (BRANDÃO, 2012a, p. 227). Apesar desse tipo de disputa ter sido fortemente minimizado pelas inúmeras tentativas de controle das práticas no espaço do Parque da Juventude, mas também por causa delas – já que, como vimos, o ambiente controlado incita à transgressão como uma busca por mais criatividade e liberdade e esta, automaticamente, ocasiona a ação das entidades que

possuem a permissão para coibir esse tipo de prática – não foram raras as menções a conflitos entre skatistas e membros da GCM.

Como é o caso da denúncia de um skatista que alegou já ter presenciado vários excessos de conduta cometidos por alguns guardas da GCM:

> Ah, já vi bastante gente aqui, tipo, os polícia chegando, eh tipo chegando já de uma maneira já que não é certo, entendeu? Acho que a gente é skatista, mas a gente também é cidadão, normal, tem uns moleque aí que paga, que é favelado, pah! Mas até aí, cada um é cada um. O trabalho deles é só alertar que não pode andar, chegar e sair fora na moral. Né? já vi vários moleque saindo aqui, os policial jogando pa fora aí, chega xingando. Acha que a gente é... É qualquer um, entendeu? (Sk. 1: M NG St.)

É como se a lógica da repressão, tão comum no cotidiano do skate de rua em tempos passados e ainda presente nos dias atuais (BRANDÃO, 2011), invadisse também os espaços racionalizados, a partir do momento em que estes são ameaçados pelas ações transgressoras dos skatistas, principalmente os streeteiros. Estes últimos são os que mais se envolvem nessas disputas pela própria característica de sua prática, pois no *street skate* o skatista, ao circular pelos espaços urbanos, ressignifica as finalidades atribuídas aos seus equipamentos (MACHADO, 2011). Não seria diferente no Parque da Juventude, já que este possui a mesma lógica da rua, quando esta "é também o lugar privilegiado da repressão imposta de forma clara ou sub-reptícia em função das estratégias do Estado" (CARLOS, 2007, p. 56).

A respeito desse mesmo tipo de disputa espacial, um outro skatista, que já foi também funcionário do Parque, relata o modo como acontece a abordagem da GCM, se expressando enquanto favorável a determinadas condutas mais truculentas, quando consideradas por ele como necessárias:

> Daí é o que eu digo, que você entra aqui com o pessoal que trabalha, os instrutores da pista, vão orientar, vão tirar a pessoa da pista e aí a gente, como eu já trabalhei aqui eu posso falar, a gente, a gente usava a educação: ó, tem uma lei aqui e tal, quem usa de truculência, a gente vinha aqui e chamava a GCM, Guarda Civil Metropolitana, conforme o nível de truculência do cidadão a GCM chegava no mesmo nível que ele. Precisou chegar acima do nível de truculência? Já precisou, porque teve gente que não entendeu, falava: Ah! [...] (Sk. 6: M OS St.)

Nessa situação o skatista se vê na outra posição da disputa, quando ele não é mais o alvo da repressão e representa aquele que repreende. Ou seja, no jogo do reequilíbrio de poder, ele acaba sendo beneficiado, passando a fazer parte das estratégias políticas por meio das quais a produção espacial regulariza os fluxos, "impondo um espaço regulador, repressivo e contraditório" (CARLOS, 2007, p. 56).

Um outro exemplo de disputa entre skatistas e GCM aconteceu durante a Sessão *Old School* e desencadeou a sua suspensão por três semanas, retomando apenas depois de uma reunião entre usuários e membros da gestão do Parque e da prefeitura para acertar a oficialização de suas regras, quando indagado sobre isso um funcionário do Parque explicou:

> [...] Só que eles, pow, mas aí, teve umas duas vezes que parece, néh, que o monitor ali pediu pra os indivíduos, e os cara – não, porque eu vou acertar a última – E aí, meu, saiu essas coisas, néh, ninguém levou desaforo pra casa, saiu uma desavença, aí teve uma paralisação assim, assim, de umas três semanas, teve essa reunião pra resolver isso, tanto que eles conseguiram ganhar uma hora a mais, que eles queriam. [...] Pesquisadora: Mas teve intervenção da GCM na época? Entrevistado: Não, não. Não é, é porque ali dentro, ai um cara, ai parece, certo, que falou alguma besteira pro monitor, aí chamou o GCM, sabe, aquela coisa toda, aí já tava meio briga mas, mas alguma coisa assim, mas, chamou mais só pra ver se esquentava os ânimos mas aí a galera se segurou, e agora parece que tá tudo tranquilo, tá na boa. [...] mas meu, foi só uma meia dúzia e aí já resolveu, já passou e pronto. (F/Sk. 2: M OS V)

Percebemos, no modo vago e um tanto contraditório como o funcionário relata o fato ocorrido, que os funcionários do Parque não se sentem confortáveis em falar sobre o assunto. Tanto que durante a entrevista do outro funcionário que fez parte da Pesquisa – que é também um dos responsáveis pela Sessão *Old School*, sendo ele o monitor citado no depoimento acima – quando indagado sobre essa paralisação da sessão, sua explicação foi diferente do relato dado pelo seu colega, ele preferiu não entrar em detalhes, relatando apenas a oficialização das regras:

> A paralisação que teve foi uma só, foi uma paralisação de três sessões só, porque tava se criando..., as regras do *old school*, porque o *old school* tinha regra de boca a boca, mas não tinha nada documentado, então pra se criar esse estatuto, tal, pra ser uma coisa oficial teve que ter essa paralisação de apenas três dias e logo em seguida voltou a funcionar. (F/Sk. 1: M NG V)

Essa falta de clareza pertinente aos assuntos que fogem à dinâmica normal do cotidiano do Parque deixa transparecer a dinâmica que se estabelece entre os skatistas e os processos de racionalização do espaço. Parece haver uma cumplicidade e união de forças entre os skatistas contra as medidas de controle e repressão, da qual participam inclusive aqueles que fazem parte do quadro de funcionários que compõe a gestão do Parque. Esse fator pode ser percebido sutilmente no decurso do depoimento dos skatistas, tanto aqueles apenas usuários – quando ocultam determinadas ações dos skatistas funcionários – quanto da parte desses últimos quando procuram minimizar ou justificar determinadas transgressões de alguns skatistas, como nesse caso do conflito durante a Sessão *Old School*, o qual só pudemos perceber a partir da comparação da fala dos dois funcionários sobre o mesmo acontecimento.

Além desse tipo de disputa espacial, encontramos vários depoimentos que expressam uma tensão entre a prática de skate feminina e masculina. Nenhum dos homens fez qualquer comentário ou menção às práticas femininas de skate, tampouco sobre qualquer tipo de conflito de gênero, mas é evidente na fala das duas skatistas entrevistadas a existência desse tipo de disputa e como esta se reflete negativamente no grupo delas.

O próprio surgimento do Horário Feminino, discutido anteriormente, foi desencadeado por esse tipo de conflito:

> [...] por conta dela ouvir muita reclamação das meninas que não conseguia andar porque os cara passava por cima, surgiu a ideia [...] É isso mesmo. Então, ela tava ouvindo muito problema de tipo – Ah, não consigo andar, os caras não deixam. Aí surgiu a ideia – Pô, se tem o horário do *old school*, porque que não pode ter o horário feminino. Tem o horário do mirim, tem o horário do amador, do patins, da bicicleta, vamo por um feminino aí. (Sk. 5: F NG St.)

Na época, a insegurança sentida pelas skatistas iniciantes, que alegavam a maneira perigosa como os homens passavam por elas, foi, como visto anteriormente, uma das justificativas apresentadas para a conquista desse horário. Podemos ter uma noção do modo como esse conflito acontece no cotidiano do Parque a partir do seguinte depoimento:

> [...] então, infelizmente essa meia dúzia que não quer a nossa presença vem pra cima, acabam derrubando a gente, trombando. Eles são bem desagradáveis, cortando a vez, e a garota inexperiente cai, e se machuca porque ela ainda não tem aquela habilidade e destreza que exige nesse tipo de esporte. (Sk. 4: F OS V)

Uma passagem do diário de campo também exemplifica esse fator:

> Fui fotografar a parte da *saboneteira* e *boomerang*, onde tinha uma concentração de skatistas praticando. Lá encontrei três mulheres num canto. Já as conhecia da Sessão Feminina, cumprimentei uma delas [...] Ela iria competir junto com os homens porque não teria uma categoria feminina. Eu perguntei: 'você não vai aquecer?' Ela respondeu 'eu já aqueci, correr agora é suicídio'. Ela voltou a conversar com as meninas, perguntou se elas não iriam andar. Elas falaram que não dava por que tinham muitos homens na pista, vários de uma só vez na saboneteira, apontaram para lá. [...] (DC, 17/08/2013).

Essa mesma tensão entre homens e mulheres foi também um dos motivos que ocasionou a suspensão da sessão feminina no ano de 2013. Segundo as entrevistadas, os homens reivindicaram o horário das Terças Femininas, alegando que não havia um número de mulheres suficiente para justificar sua permanência. "Os problemas que nós encontramos são justamente esses né, a pista tá sempre cheia e alguns caras ficam revoltados que a pista tá fechada só pras mulheres" (Sk. 4: F OS V). Na fala da outra skatista: "[...] aí os cara: tem pouca menina, vamos

supor, tem cem caras querendo andar na pista e três menina andando. Pô, isso daí é zuado, aí os caras foram tentando boicotar, foram tentando cortar a gente, mas não conseguiram, enfim, a terça é nossa" (Sk. 5: F NG St.).

Essa disputa pelo horário da terça-feira envolveu também alguns frequentadores da Sessão *Old School* que, segundo uma das skatistas, "começaram a brigar, que queriam nosso espaço, porque eles eram em maior quantidade e eles não enxergam a necessidade da mulher iniciante" (Sk. 4: F OS V).

Um outro fato interessante, relatado por uma das skatistas, era a dinâmica da Sessão Feminina quando esta antecedia a sessão de skate mista:

> Então o que acontece, o horário feminino era das seis as oito [noite] e das oito em diante abria pro público em geral, então realmente, a mulher sai do trabalho as seis, mas até chegar na pista, com trânsito, com distância, ela chega umas sete, sete e meia, então muitas deixavam de vir porque daí a meia hora já abria o portão pra boiada entrar, porque a gente falava que parecia um estouro de boiada, era impressionante como eles entravam, [...] **era um estouro de boiada. Uma coisa absurda, eles vinham com tudo pra cima, atropelando e de certa forma expulsando a nossa presença lá e com raiva porque a gente tava ali naquele horário**. (Sk. 4: F OS V)

A fala da skatista evidencia a disputa espacial existente naquele momento entre esses dois grupos, que possuem o objetivo comum de se apropriar daquele espaço de prática. As mulheres procuravam legitimar e realizar suas práticas no Parque de forma segura e confortável, reivindicando, para isso, a manutenção e ampliação do Horário Feminino, com consequente exclusão dos homens que andavam na sequência. Os homens viam nelas um impedimento para que eles pudessem dispor de toda a noite para andarem à vontade na pista, impedimento este, que, segundo os depoimentos, para eles parecia ser injustificado, já que o número de skatistas que usufruíam da pista no horário exclusivo feminino era muito reduzido. Na época, esse conflito foi resolvido com o fechamento da pista nas terças-feiras e a suspensão das sessões exclusivamente femininas. Todos foram, portanto, penalizados, até que a Sessão Feminina voltou a funcionar em agosto de 2013, como já mencionado anteriormente.

4.2.4. Os outros lugares do skate

Para finalizar as discussões referentes às informações adquiridas com a pesquisa de campo, apresentaremos uma breve discussão sobre a busca pelos lugares dos skatistas, bem como a descrição de outros *picos* de prática, além do Parque da Juventude. Para tanto, achamos por bem retomar o conceito de lugar.

Carlos (2007, p. 17-18), a partir de uma reflexão sobre algumas ideias de Milton Santos, defende que "o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, [...] vivida/ conhecida/ reconhecida em todos os cantos". Este lugar, para a autora, só pode ser compreendido em suas referências, que envolvem os sentidos produzidos pelo uso.

O lugar se define ainda, como vimos no Capítulo 3, como identitário, relacional e histórico. Assim, compreendemos que o espaço do Parque da Juventude como um todo, não pode ser naturalizado como um lugar, já que este foi repertoriado, classificado e transformado em lugar de memória (AUGÉ, 2012). Com a sua ampliação, tanto de espaço físico como de variedade de serviços ofertados, bem como de quantidade e heterogeneidade de público, as características próprias da antiga Pista Pública de SBC, tais como a identidade e a história, foram minadas.

No entanto, isso não quer dizer que não há produção de lugares no espaço do Parque. Os skatistas, por meio das variadas formas de uso e de apropriação, muitas delas expressadas nas falas dos sujeitos entrevistados, conseguem produzir seu lugar dentro do Parque, pois o lugar se refere ao vivido, ao plano do imediato:

> Podemos buscar o entendimento do lugar nas práticas mais banais e familiares o que incita pensar a vida cotidiana segundo a lógica que lhe é própria e que se instala no insignificante, no parcelar, no plural. A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico. (CARLOS, 2007, p. 20)

Contudo, a prática do skate não acontece apenas em um lugar, os skatistas transitam pela cidade e se apropriam de seus espaços como uma forma de habitá-la por meio de suas práticas, vão assim produzindo cada vez mais novos lugares do skate. Ao perguntar aos skatistas entrevistados se eles andavam de skate em outros espaços além do Parque, nos surpreendemos com o fato de todos eles listarem uma série de outros equipamentos urbanos que são corriqueiramente frequentados por eles. Mas dentre os espaços e lugares habitáveis pelos skatistas não há apenas aqueles próprios para andar de skate, existem ainda os lugares do encontro e da sociabilidade.

Em relação às pistas, muitas delas se repetem na fala de vários skatistas, sendo que em sua grande maioria localizam-se na região do ABC Paulista e na cidade de São Paulo. "Ando em todas as pistas que tem aqui na região" (Sk. 2: M. NG. O). "Tem a *skate park* do Ana Brandão, ali em santo André, tem São Caetano [...] tem o Silvina, tem a quadra lá do Seleta [em SBC]" (Sk. 1: M NG St.). Além das cidades da região, foram citadas também pistas em cidades

do interior paulista, tais como Campinas, Mauá, São Mateus, Amparo, Guaratinguetá, e do litoral, como Santos e Bertioga.

A procura pelas pistas depende, entre outros fatores, do estilo de prática. Os skatistas que preferem a modalidade vertical citam pistas mais especializadas nesse estilo, geralmente particulares: "Ah, eu me concentro bastante nessas duas que eu te falei: São Bernardo [Parque da Juventude] e Tent Beach [particular], que é em Santo André, essa que tem um half pipe e uma minirrampa" (Sk. 4: F OS V).

Outro fator, citado por uma skatista profissional, que influencia a procura por outras pistas é a competição. Além disso, o fato do Parque estar com o seu *half pipe* interditado desde agosto de 2013[51] também faz com que alguns procurem *halfs* em outros espaços, muitas vezes em pistas particulares:

> [...] e depois eu me concentro nas pistas que vão ter competições, neh. CEU Butantã tem bastante competição, CEU Aricanduva, CEU Campo Limpo, as pistas do CEU elas são bem bacanas pra você tá andando, mas como é muito longe (risos), você demora uma hora, uma hora e meia pra chegar [...] Como a gente tá com o h*alf* interditado, então se eu tenho um campeonato de h*alf* vertical, o *half pipe* programado, aí eu ando mais na *Tent*. Se eu tenho um campeonato de Banks programado eu venho andar em São Bernardo, então aí também varia da competição que eu tenho prevista pro final de semana. (Sk. 4: F OS V)

A capital paulista possui 45 unidades de CEUs, possuem o objetivo de proporcionar aos moradores dos bairros mais afastados acesso a equipamentos públicos de lazer, cultura, tecnologia e práticas esportivas, contribuindo com o desenvolvimento das comunidades locais. Abertas todos os dias da semana, todas as unidades possuem quadra poliesportiva, teatro, *playground*, piscinas, biblioteca, telecentro e espaços para oficinas, ateliês e reuniões. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO (SMESP), 2014).

Como os CEUs foram idealizados para atingir a população residente nas regiões mais periféricas da Região Metropolitana de São Paulo, eles se localizam em áreas de difícil acesso para quem mora nas regiões centrais, e por isso não são muito frequentados por skatistas de SBC.

Outro motivo que influencia na escolha de outras pistas, além da pista do Parque da Juventude, se relaciona à sua qualidade técnica, principalmente para a modalidade *street*:

> é, as pistas daqui [ABC] é, na minha opinião, na área *street* mesmo que tá, que é da hora pra andar mesmo é só Santo André, ali no Ana Brandão, o resto, nem aqui em São Bernardo já num... é um lugarzinho que da pra você vir e se divertir com seus

[51] Continua fechado até os dias atuais, abril de 2014.

> amigos, mas a evolução mesmo, pra você pegar uma evolução da hora, tá longe dessa pista aqui. [...] Foi o que eu falei, aqui é bom, tudo, mas eu acho que deveria ter mais obstáculo, mais palco no solo, uns canos no solo. (Sk. 1: M NG St.)

Essa pista, como vimos, conhecida como Ana Brandão, localiza-se no interior do Parque da Juventude Ana Maria Brandão (conhecido como Parque Ana Brandão), na cidade de Santo André, foi citada ainda por outros três skatistas como o espaço que possui uma melhor qualidade para a modalidade *street* quando comparado à pista do Parque da Juventude de SBC. "Santo André é melhor [...] Ah, dá pra evoluir mais lá que aqui né" (Sk. 3: M NG St.). Esse parque possui 23.000m² de área, possui pistas de caminhada, academia ao ar livre, banheiros e vestiários, parque infantil, área para shows, quadra de basquete, campo de futebol, além de uma vasta área verde. Além da pista de skate que possui uma vasta área de obstáculos de *street*.

Essa pista tem também uma complexa história iniciada em 1996, passando por diversos momentos de reivindicação por parte dos skatistas devido ao seu abandono durante muitos anos. Foi destruída para a construção de uma outra no mesmo local em 2009, porém teve na época várias irregularidades apontadas pela CBSK e, portanto, foi impedida pelo órgão de ser inaugurada. Desde então foi alvo de várias medidas reivindicatórias por parte da comunidade skatista pedindo melhorias, tais como a formação de uma comissão específica para tratar desse assunto, organização de petição online, elaboração de vídeos e documentos relatando seus problemas (ESPN, 2010). Depois disso, em 2011, passou por mais uma reforma, sendo hoje considerada por muitos a melhor pista do ABC Paulista para a modalidade *street*.

Contudo, o fato dos skatistas procurarem outros espaços para suas práticas, apesar de serem *locais* do Parque da Juventude, não é influenciado somente pelos problemas que o Parque apresenta, na verdade é comum na prática do skate a procura por equipamentos urbanos diferenciados, que proporcionem maiores possibilidades de movimentos. "Eu procuro intercalar, porque o skate é um esporte que você não pode ficar na mesma pista, se quiser evoluir você tem que ir pra outras, né, trocar os obstáculos" (Sk. 6: M OS St.)

Além das pistas, um outro espaço muito citado pelos skatistas é a rua, geralmente é o primeiro nome que aparece quando indagamos em que outros espaços eles praticam skate: "se eu não tô aqui, tô em algum lugar da rua, andando na rua e em outras *skate park"* (Sk. 1: M NG St.). "Ando, na rua, e em outras pistas também" (Sk. 3: M NG St.).

Essa realidade se contradiz à tendência crescente, iniciada na década de 1970, de confinamento das práticas de skate em espaços ditos apropriados, as pistas de skate, *skate parks*, *street parks*, passando a ser algo que autorizava e legitimava o uso do skate, além de se configurar enquanto um potencial meio de retorno financeiro e a possibilidade de tirar

definitivamente os skatistas da rua, evitando assim os acidentes que nessa época eram comuns, tais como, choques com carros e transeuntes e atropelamentos (BRANDÃO, 2012b).

O que se percebe hoje é que, mesmo depois de cerca de quarenta anos, essa tendência em substituir a rua do skatista pelas pistas de skate como um espaço considerado mais adequado ainda não foi concretizada. Como é relatado na fala de um *streeteiro* ao ser indagado em que outros lugares da cidade ele anda de skate além do Parque. Ele começa a listar uma série de *picos* de rua, alguns deles, como a Praça Roosevelt e o Vale do Anhangabaú, já considerados tradicionais no *circuito*[52] do skate do estado de São Paulo:

> Na rua né, São Bernardo tem alguns pico aqui na rua, aqui no paço municipal também, de vez em quando. [...] Que mais... a gente vai bastante pra São Paulo, ali na praça Roosevelt, Vale do Anhagabaú, Praça da Sé, toda a região ali do centro de São Paulo. (Sk. 1: M NG St.)

O depoimento a seguir nos possibilita compreender melhor por que a rua ainda é o espaço natural do skatista:

> O skate é rua. O *street* é, é muito forte, o skate *street* é muito forte, de rua. Porque a rua têm os obstáculos naturais, têm aquela escada, aquele corrimão, aquela pareeede, né o desnível, então essas coisas que é, o desafio. Aqui o cara chega, tem sempre aquela rampa, com aquele cano, ta tudo seguro. Ali na rua, de repente, puta merda, ali a gente só pode andar a noite por que é a entrada de um banco, e tem que ser rápido porque o segurança vem tirar [...] A rua é, meu, anda-se muito [...] aonde tem um lugar que você acha que é legal andar, você vai lá e anda. E a gente não tá estragando, nós estamos é expandindo os conhecimentos, evoluindo. (F/Sk. 2: M OS V)

Ou seja, o obstáculo natural para o skatista é aquele encontrado nos espaços da cidade, obstáculos que não foram projetados especificamente para a prática do skate, mas que são conquistados à medida que o skatista consegue acertar uma manobra nele. Uma outra dimensão que podemos destacar na fala anterior é a transgressão que se reflete na atitude de andar arriscando-se a ser flagrado por um segurança. Esse sentido de transgressão expressado pelo skatista condiz com o conceito já apresentado anteriormente, que envolve a busca pela criatividade, pela inovação, pelo que não é conhecido.

Mesmo assim, o número de pistas vem crescendo significativamente nos últimos anos. Inicialmente, tinham basicamente o formato de piscinas arredondadas, baseadas nas famosas piscinas norte americanas, como visto anteriormente. Estas serviam principalmente à

[52] Circuito nesse caso significa "o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço em estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais" (Magnani, 2012, p. 97).

modalidade vertical. Nos dias atuais as novas pistas servem também, e principalmente, à modalidade *street skate*. O poder público vem investindo uma grande quantidade de verba para a construção desses espaços considerados apropriados para essa prática. Numa tentativa de coibir, direta ou indiretamente, sua prática em espaços da rua, ou seja, espaços não considerados apropriados (MACHADO, 2012a).

Para Brandão (2008), as pistas que apresentam obstáculos que simulam superfícies próprias dos espaços urbanos, tais como escadas, bancos, corrimãos, "somente vieram a ser construídas a partir da necessidade, percebida pelos órgãos públicos, de delimitar e disciplinarizar a prática do skate de rua" (BRANDÃO, 2008, p. 22). Sendo percebidas pelo autor como a única solução encontrada pela iniciativa pública para apaziguar os inconvenientes causados pelo skate de rua.

Acreditamos que, se estas iniciativas não conseguiram ainda atingir o grau de controle desejado, acaba influenciando nos modos como os skatistas se apropriam dos espaços urbanos. Um exemplo disso é a diferenciação entre *streeteiros* e *pistoleiros* (MACHADO, 2011) ou *pisteiro*, como expressado na fala a seguir:

> Então, **eu ando muito de skate na rua, porque a minha essência assim é mais *streeteira,* neh,** como eu já falei. Então eu sou um cara assim que, eu as vezes, eu até brinco com alguns amigos meus aqui de São Bernardo, que eu falo: **Aêh seus 'pisteiro'! (risos) Que tem muita gente que, existe hoje assim gente que só, que anda muito na pista, daí quando vai pra rua se bate um pouco**. E é só uma brincadeira, claro, neh, mas eu sou, eu gosto de andar muito na ~~pista~~, na rua, em obstáculos assim, monumentos tal. Causa um pouquinho de problema ai até pra, pra prefeitura. Mas a gente, eu ando em todas as pistas públicas também aqui da cidade de São Bernardo, de São Paulo, no geral, no interior todinho de São Paulo e no Paraná também sempre vou pra lá, andar nas pistas de lá. (Sk. 6: M OS St.)

O que se identifica, na verdade, é uma espécie de conciliação entre a pista e a rua. Como percebemos nos skatistas que frequentam o Parque da Juventude, todos eles citaram, além de vários espaços da cidade que não foram projetados especificamente para a prática do skate mas que são apropriados dessa forma, também muitas pistas, em sua maioria públicas.

A fala a seguir demonstra melhor o que estamos chamando de apropriação da cidade por meio de uma conciliação entre os diferentes tipos de equipamentos urbanos:

> Ando sim [em outros espaços]. Skatista anda em muitos lugares, eu ando em todas as pistas aí, ando na rua, skatista é ilimitado né, a gente já vê a rua como uma pista de skate: a gente anda no chão, sobe nos bancos, pula escada, desce corrimão, então abriu o olho você já tá numa *skate park*. Skatista, ele vê o mundo diferente. (F/Sk. 1: M NG V)

Ou seja, a partir do momento em que determinado espaço da cidade é considerado um lugar *skatável*, este passa a ser entendido pelos skatistas enquanto um lugar adequado para andar de skate, seja ele uma praça, um monumento, uma escadaria ou mesmo, uma pista de skate.

É interessante destacar que a procura da rua, bem como o entendimento desta como o espaço natural do skatista, não foi identificado apenas no depoimento dos adeptos do estilo *street*, mas também na fala daqueles que se dedicam mais ao estilo vertical, inclusive em um profissional desta modalidade. Além de um outro, adepto do estilo *overall*.

Além disso, uma outra característica que contribui para que essa essência de rua do skate não acabe, é uma outra modalidade de apropriação, que consiste em fazer fotos e vídeos acertando manobras para serem divulgados em revistas, *sites* especializados, *blogs*, perfis e *fun pages* em redes sociais.

Quando vasculhamos alguns perfis de skatistas que foram entrevistados na pesquisa, encontramos muitos vídeos e fotos, muitos deles feitos em espaços abertos da cidade[53]. Estes podem ter sido produzidos tal qual nos foi explicado nessa narrativa: "então os caras andam hoje e amanhã, ai vai noutro dia lá, certo, já arma, que é pra fazer uma foto, uma filmagem, então isso é legal também" (F/Sk. 2: M OS V).

Ademais, identificamos a procura por *picos*, não apenas para andar de skate, mas também para se reunir, desvendar outros lugares de sociabilidade. Como é o seguinte caso: "pra fazer um rolêzinho a gente se encontrar nas pistas. Outras pistas sem ser essa. Final de semana geralmente a gente procura pistas que são mais vazias." (Ent. Sk. 5: F NG St. - 10). O conceito de rolêzinho, nesse caso, seria andar de skate entre amigos, não em qualquer espaço, mas naqueles mais vazios, que possibilitem o encontro dos seus iguais.

Esse encontro também acontece em espaços que extrapolam o *circuito* compreendido pelo ABC Paulista e a capital do estado, onde a maioria mora e anda de skate cotidianamente. Como segue nos seguintes exemplos: "[...] vou pra Guaratinguetá, onde tem uma pista de skate na fazenda de um amigo nosso" (F/Sk. 2: M OS V).

> É eh, na maioria dos lugares eh... a gente vai, e já já faz o que a gente chama de barca, né, a gente enche o carro de amigo e já vai. Nas pistas que são, ou lugares que a gente frequenta que são mais próximos, a gente vai e já se reúne lá. Agora quando a gente vai viajar e tal, fazer umas *trips*, a gente vai na barca né, que é todo mundo. (F/Sk. 1: M NG V)

[53] É o caso do vídeo promocional de um skatista profissional divulgado no portal *Youtube*. Este mostra manobras do praticante em espaços variados da cidade, pistas públicas, privadas, escadarias, entre outros. Link do vídeo: < https://www.youtube.com/watch?v=S0yHEx-Jhvs>

Além dessa busca por lugares *skatáveis*, o encontro também acontece em espaços que proporcionam outras formas de lazer, podendo ser frequentados também por outros grupos de sociabilidade, não necessariamente skatistas:

> [...] Ah, a gente sempre se reúne. Tem o churrasco, tem na casa de um amigo, comer alguma coisa, ver um vídeo, e se encontrar pra tomar uma cerveja lá num lugar, num outro, ou viajar, ou ir pra praia, né porque andar de skate só que a gente tem a vida comum igual de outras pessoas, né, que cê vai no cinema, cê sai pra comer, um churrasco na praia. Então, isso é legal, assim, todos meus amigos hoje andam de skate, vai 90%, tem um ou outro que não anda mas gosta de skate, então noventa por cento é skatista. (F/Sk. 2: M OS V)

Alguns desses equipamentos de lazer, quando apropriados pela comunidade skatista, acabam entrando também para o *circuito* dos skatistas de SBC e do ABC Paulista, formado por um conjunto de equipamentos que não envolvem apenas lugares *skatáveis*, mas também lojas especializadas, restaurantes, bares, entre outros, que são reconhecidos em seu conjunto por seus usuários habituais e possibilitam a sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos. Um exemplo de um equipamento que faz parte desse circuito é um bar localizado próximo ao Parque da Juventude, o *Cadillac Surf e Skate Bar,* mais conhecido como Bar do Deco "o bar do skate, ali" (F/Sk. 2: M OS V).

Figura 20: Bar do Deco
Fonte: Pesquisa de Campo, 09/09/2013

O Bar do Deco é conhecido por ser o bar dos skatistas, porém na segunda-feira ele é o Bar dos *Olds School*. Já que desde a época do surgimento da Sessão *Old School* do Parque da Juventude ele passou a ser frequentado pelos skatistas que saem da sessão e vão para lá. Como descrito no depoimento a seguir:

> Isso, que eu conheci o bar do Deco, que eu acho que já existia, através dos skatistas daqui, pô, acabava o parque as dez horas, o cara: Ah, vamo tomar uma cerveja! Ah, vamo ali no bar do Deco, aí já faz churrasquinho então e tem uma tradição que no *old school* de segunda feira, acaba a sessão, o pessoal vai para lá, tem um rapaz amigo nosso, ele faz um recolhe de dinheiro, cinco reais de cada um, ele sai e compra as carnes. Aí você chega lá e paga só a bebida, né, porque as carnes, é mais um encontro, nem é pra comer muito, certo, bebe um pouco, come, troca uma ideia, vê os amigos, e ali vai até meia noite. E é segunda-feira, então o pessoal *old school* eles consegue a alforria lá com as esposas (risos) de segunda-feira e vai e se alonga até mais tarde, vem pro *old school* e fica até meia noite, uma hora, é muito legal lá. (F/Sk. 2: M OS V)

É como se o encontro no Bar do Deco e o churrasco, fossem um prolongamento da Sessão *Old School*, naquele lugar todos se reconhecem enquanto pertencentes às mesmas redes de relações. O depoimento a seguir explica melhor esse fator. "[...] ai tem os antigos que fazem o churrasco lá, então já virou também assim uma coisa interligada ao *old school* e a pista né, porque daí o refúgio da gente tomar uma é lá, sai daqui e vai pra lá, então é tradicional, é o *old school* com o Deco" (Sk. 6: M OS St.). Ou seja, o *pedaço* dos *olds shcool*, da mesma forma que pode ser identificado durante as Sessões *Old School* se constitui também naquele bar, pois este não é fixo, ele pode acontecer em lugares e tempos diferentes, nesse caso, na segunda-feira, a partir das 22h, no Bardo do Deco.

Diante do exposto nesse capítulo, pudemos entender como se deu o processo de modificação do espaço estudado, compreendendo os modos de apropriação encontrados em cada fase de sua história. Entendemos ainda que os skatistas estiveram presentes e atuaram enquanto protagonistas nos vários momentos dessa transformação espacial que perdura ao longo de mais de 32 anos e faz parte da própria história do skate daquela região.

A discussão permitiu também conhecer os variados tipos de sujeitos que se apropriam do Parque da Juventude por meio do skate, quais suas representações sociais sobre o Parque e como eles usufruem daquele espaço. Deixando claro que há um sentimento de conquista daquele espaço e que as perdas e ganhos fazem parte dos processos de negociação travados entre skatistas e gestão pública, mesmo que não sejam totalmente explícitos. E, apesar de nem todos concordarem com as regras advindas com o Parque, elas são aceitas por serem o

meio de garantir sua qualidade e manutenção, mas por outro lado são transgredidas como uma forma de negociação, resistência e criatividade.

Foram percebidas ainda variadas formas de sociabilidade, além de modos particulares de apropriação que vão sendo forjados a partir da formação de grupos sociais, tais como os *olds school*, as mulheres skatistas, os *streeteiros*, as crianças, os jóvens, os funcionários, entre outros.

Por fim, ficou claro que o Parque da Juventude não consegue suprir sozinho todas as necessidades de apropriação espacial urbana que envolvem a prática do skate, ele é apenas um componente do *circuito* que envolve essa prática naquela região.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos o projeto dessa pesquisa tínhamos a intenção de responder o questionamento que mais nos chamou atenção em relação ao equipamento de lazer que despertou nosso interesse acadêmico. Esta envolvia os processos de uso e apropriação espacial desenvolvidos no Parque da Juventude pelos skatistas, considerando ainda as transformações espaciais sofridas por esse equipamento ao longo do tempo.

Sendo assim, logo percebemos a necessidade de traçar caminhos com base em uma metodologia qualitativa que permitisse fazer uma reflexão efetiva da complexidade do objeto proposto para a investigação. Baseamos ainda nossos caminhos teórico metodológicos a partir de uma abordagem interdisciplinar, sendo a pesquisa de campo inspirada nos pressupostos da antropologia urbana e da etnografia.

A construção do marco teórico também foi feita de maneira interdisciplinar, utilizando referenciais de matizes epistemológicas diferentes. No intuito de fazer uma discussão e uma aproximação teórica em torno das linhas gerais dessa investigação, o lazer e o espaço urbano, na busca de uma relação entre as manifestações culturais de lazer com os espaços da cidade contemporânea.

As discussões nos mostraram que o campo do lazer vem seguindo um crescente processo de consolidação e sistematização, por meio do aumento do número de grupos de pesquisa, publicações, eventos científicos e cursos de formação, em nível de graduação e pós-graduação. Multiplicam-se também os enfoques, as perspectivas epistemológicas e os embates teóricos em torno dos conceitos que envolvem o campo. Sendo ainda necessários mais estudos que discutam a questão conceitual do lazer de maneira mais profunda.

Com a revisão acerca dos conceitos de lazer, compreendemos ser importante um olhar que não seja pautado em modelos pretensamente universais e hegemônicos. Sendo necessários maiores esforços na busca de estudos teóricos que contribuam para uma compreensão mais contextualizada do lazer. Uma compreensão que ultrapasse o seu entendimento como mero apêndice do trabalho. O conceito de lazer deve considerar a ludicidade, as manifestações culturais, o tempo/espaço social e o seu entendimento como uma necessidade humana que estabelece relações constantes com as necessidades de fruição e apropriação dos espaços urbanos. Diante disso, o estudo das práticas de skate deve considerá-lo primordialmente como uma vivência de lazer por meio da produção, transformação e apropriação do espaço urbano.

O estudo dos desdobramentos do skatismo nos mostrou que essa prática cultural vem passando por modificações importantes e ganhando notoriedade desde que se desvinculou da prática do surfe. Inicialmente se caracterizava por ser apenas uma vivência lúdica, hoje está difundido mundialmente com forte divulgação de sua dimensão esportiva, competitiva, profissional e espetacular. Todavia, não se desvinculou da ludicidade e de possuir relações complexas e contraditórias com os espaços e equipamentos da cidade. Da mesma forma, o equipamento estudado vem acompanhando esse processo histórico do skate, passando por transformações espaciais que contaram com a participação dos skatistas, sendo eles os que, até os dias atuais, mais usufruem do Parque da Juventude.

Quanto ao referencial sobre o espaço urbano, ficou claro que as cidades contemporâneas são marcadas pela complexidade, descontinuidade e contrariedade. São frutos das interações humanas e por isso devem ser pensadas a partir da consideração dos processos históricos e sociais. Além disso, percebemos ainda que o espaço caracteriza-se pela sua indissociabilidade entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Sendo o cotidiano uma dimensão primordial do espaço, principalmente no que toca a apropriação, entendida enquanto uma articulação entre cotidiano, lugar e identidade. Nesse contexto, considera-se ainda a importância do lugar, esta se dá pela possibilidade da realização do real, do encontro, do permanente, da identidade, da relação e da história, que se realiza no plano do cotidiano.

O espaço urbano no qual o equipamento estudado se encontra, compreende a cidade de SBC, que está inserida na região metropolitana do ABC Paulista. Esta passou por complexas transformações espaciais que acabaram influenciando no modo como os equipamentos de lazer são distribuídos pela cidade e nas manifestações de lazer que fazem parte de sua dinâmica. Sendo a prática do skate uma das mais marcantes e importantes de suas manifestações.

Ao iniciarmos a análise dos dados da pesquisa de campo compreendemos que os processos de apropriação daquele equipamento eram mais complexos do que havíamos imaginado. É latente que os determinantes históricos do Parque da Juventude se configuram como o primeiro elemento que deve ser considerado para o entendimento desses processos. Por isso, ao longo da pesquisa documental e de campo, ficou claro a contribuição também da história, além das demais disciplinas que fizeram parte dessa investigação interdisciplinar. Essa contribuição se evidencia nos elementos históricos que foram necessários, resgatados por meio de artigos de jornais e revistas, fotos e demais documentos. Do mesmo modo, a memória dos skatistas, retomada em muitos depoimentos, também foi crucial para os desdobramentos dos objetivos dessa dissertação.

O desenvolvimento histórico do equipamento estudado se dividiu em 4 fases. A primeira marcou o surgimento da Pista Velha que teve uma apropriação reduzida aos skatistas de SBC. A segunda se caracterizou pela ampliação espacial e pelo aumento dos usuários, advindos de outras cidades e estados. E ainda pela união dos skatistas da região, conquistando mais e melhores espaços para a prática do skate e fortalecendo essa prática na cidade de SBC. Já a terceira fase foi marcada pelo abandono da iniciativa pública, deterioração, marginalização e disputas espaciais. Esses fatores influenciaram diretamente nos modos de uso e apropriação daquele espaço pelos skatistas. Códigos de conduta simbólicos foram forjados, havia um *habitus*, fruto do espaço social e da criatividade dos skatistas.

A quarta fase é a atual, esta teve início a partir do surgimento do Parque da Juventude. Ficou claro que durante toda essa trajetória houve envolvimento direto dos skatistas no processo de transformação espacial, estes participaram enquanto agentes também produtores do seu espaço de prática, desde o surgimento da Pista Velha, passando pelas suas reformas e revitalizações, até sua transformação em parque. Porém, o novo equipamento trouxe modificações permanentes no que toca o espaço físico e sua relação com as práticas socioculturais, atingindo principalmente o modo como os skatistas o usam e dele se apropriam.

O grupo de skatistas que frequenta o parque é bastante heterogêneo, formado por crianças com menos de dois anos de idade até adultos de mais de 50 anos. Existem pessoas que estão começando a andar de skate, outros que possuem décadas de experiência e outros ainda que estão voltando a andar depois de muito tempo parados. Não possuem modos homogêneos de se vestir e de se caracterizar, ou que os definam em algum tipo de movimento, além da prática do skate. Pertencem a diferentes classes sociais. A maioria participa de competições, mas não anda de skate profissionalmente, porém alguns são patrocinados ou trabalham com o skate. As modalidades mais praticadas são *street skate* e *overall*, seguidas do vertical. São, em sua maioria, homens, mas o lugar das mulheres está sendo cada vez mais consolidado.

Existem representações sociais em relação ao Parque da Juventude marcadamente reconhecidas no discurso dos skatistas, tais como o seu reconhecimento nacional e internacional, a qualidade técnica e diversidade de obstáculos do *street park* – considerado um dos melhores do mundo – e a proximidade com local de moradia como pontos positivos. O reduzido número de obstáculos para a modalidade *street* e a insatisfação com os horários do skate foram mais percebidos como pontos negativos do Parque. Já as representações sobre as regras se apresentam de maneira contraditória, demonstrando que os skatistas não estão totalmente alheios aos processos de racionalização impostos pela regulamentação e gestão do Parque.

Quanto ao uso, ficou claro que os skatistas, além de andar de skate, transitam no Parque para se reunir, conversar, marcar *rolês* em outros *picos* e estar entre seus iguais. Além disso, o modo como fazem uso do parque varia principalmente de acordo com a idade, profissão e modalidade praticada. Os funcionários possuem relações de apropriação mais complexas que os demais, suas práticas de lazer estão imbricadas com a dimensão de trabalho. As atividades de obrigação desenvolvidas por eles no Parque se confundem com suas práticas de skate. O mesmo acontece com os skatistas profissionais.

Essa complexidade demonstra que formas tradicionais de conceituação de lazer, que o definem basicamente em oposição às obrigações, de maneira a ser um tempo separado das demais dimensões da vida, não serve para a compreensão de práticas culturais como as descritas nessa investigação. O que percebemos é que na prática de muitos skatistas não existe uma separação nítida entre suas vivências de lazer e suas obrigações, ou entre seus tempos/espaços de lazer e de trabalho. Com isso, compreendemos que o lazer estabelece relações com as demais dimensões da vida, inclusive com a do trabalho e não necessariamente precisa de um tempo específico e pré-determinado para acontecer.

Ainda quanto ao uso do Parque, modos particulares de apropriação foram percebidos em espaços/tempos determinados. A Sessão *Old School* é frequentada por tipos diferentes de usuários, sendo assim, nem todos são considerados pertencentes à categoria *old school*. Mas para aqueles pertencentes, a sessão possui um significado diferente, para eles o que importa, mais do que a prática do skate, é a sociabilidade, o encontro, onde o fim é a própria relação. Existe um sentido maior de identidade deles entre si e entre eles e a Pista, pois esta, mais do que o Parque da Juventude como um todo, naquele espaço/tempo, a eles pertence.

Formas particulares de apropriação também foram encontradas no uso do equipamento pelas mulheres, principalmente por meio da Sessão Feminina. Elas veem na ocupação daquele espaço/tempo, uma forma de resistência e legitimação da sua categoria, nele a prática do skate feminino é efetivamente visibilizada. Além disso, elas podem compartilhar suas práticas entre iguais, são meninas, jovens e mulheres que se reconhecem por passarem pelas mesmas dificuldades de reconhecimento de sua prática e conquista espacial.

Além disso, a análise dessas relações espaciais nos mostraram ainda dinâmicas cotidianas complexas extremamente importantes no modo como os skatistas se apropriam do Parque da Juventude.

Nesse contexto, as disputas espaciais se apresentam como algo que esteve presente em diferentes períodos da história daquele equipamento, desenvolvidas de formas distintas. As disputas entre os *locais* e os *não locais* foram mais marcantes nos tempos anteriores ao Parque,

quando havia processos de exclusão de *não locais* e as disputas se apresentavam de maneira mais violenta. Da mesma forma aconteciam as disputas entre skatistas e praticantes de outras modalidades consideradas radicais, estas envolviam relações de poder bem delimitadas. Os skatistas *locais* chegavam a decidir se um *biker* ou *roller* andaria e em que momento eles poderiam andar. Nos dias atuais essas disputas acontecem apenas no âmbito simbólico. Hoje o sentido de ser *local* é definido principalmente pela sociabilidade, ela serve para diferenciar aqueles que possuem uma relação com o espaço e com seus frequentadores, que extrapola o andar de skate e envolve o contato com o outro. Quanto à relação entre skatistas e não skatistas, esta hoje se apresenta discretamente. Um exemplo é a reivindicação por mais horários exclusivos para o skate no *street*, os skatistas alegam possuírem mais direitos porque foram eles que lutaram pelo espaço e por serem maioria no Parque da Juventude.

Além dessas, outras duas formas de disputa espacial marcam a atual fase de apropriação, a disputa entre skatistas e GCM, mediatizadas pela regulamentação imposta pela Lei que rege o Parque. E entre skatistas homens e skatistas mulheres, enquanto as mulheres procuram assegurar e legitimar suas práticas naquele equipamento, os homens veem nelas um empecilho às suas práticas de skate.

Diante de tudo o que foi exposto compreendemos que os processos de racionalização impostos pela regulamentação e gestão pública do Parque da Juventude não impedem os skatistas de se apropriarem efetivamente daquele segmento espacial, visto que os processos de apropriação vão sendo forjados por meio do uso cotidiano, ao longo da história. Assim, os skatistas do Parque da Juventude conseguem produzir seu lugar dentro do Parque, pois o lugar se refere ao vivido, ao plano do imediato.

Essa apropriação espacial é hoje possível pelos processos que permitem um reequilíbrio constante do poder por meio da rede de interdependência existente entre skatistas e gestão pública. Faz parte desse reequilíbrio os métodos de negociação, nos quais os skatistas aceitam determinadas imposições, não por serem alienados dos processos de produção espacial, mas por entenderem que dessa forma estarão garantindo a permanência, a qualidade e o desenvolvimento daquele equipamento e de suas práticas de skate. Entendemos ainda que a transgressão é um elemento de extrema importância nessa conjuntura, pois se configura como uma ferramenta de luta contra a racionalização espacial. Quando olhamos de perto, percebemos que a transgressão faz parte dos meios de negociação, pois o skatista cede ao aceitar as regras impostas pelo Parque como uma condição para a sua prática, mas entende que estas poderão ser transgredidas, impedindo assim que o skate perca sua essência e criatividade.

Um outro elemento que faz parte desse processo é a sociabilidade, esta se apresenta de formas diferenciadas no cotidiano dos skatistas no Parque da Juventude, e faz parte da construção cotidiana dos modos de apropriação espacial. Ela permite a formação de grupos, como vimos, e é por meio dela que diferenciamos os *locais* dos *não locais* ou aqueles que pertencem à categoria *old school* e quem não pertence; entre outros grupos, como os *streeteiros* e as mulheres skatistas. Permite ainda explorar outros lugares *skatáveis* e lugares de encontro.

Sendo assim, compreendemos que a sociabilidade pode ser entendida também enquanto uma dimensão do lazer, essa dimensão faz com que práticas carregadas de aspectos racionais e mesmo aquelas que possuem caráter de obrigação, possam ser vivenciadas como uma prática de lazer, quando a intenção está fundamentada na busca pela sociabilidade.

Um outro fator de importância para a apropriação desse equipamento é a relação de identidade que os skatistas possuem como ele. O uso cotidiano produz a identidade dos skatistas com o Parque da Juventude, envolvendo também a história desse equipamento, esses elementos contribuem para a produção dos lugares do skatista no Parque. Sem o processo histórico que levou às transformações daquele espaço não haveria uma identificação tão forte entre skatistas e Parque. Sendo assim, o sentimento de identidade parece ser mais forte nos skatistas funcionários e nos mais velhos. Nos jovens, que não fizeram parte da história da Pista Velha, da Pista do Paço Municipal de SBC, os vínculos de identidade estão ainda sendo estabelecidos.

Entendemos também que para os skatistas estudados, é latente a necessidade de desvendar outros lugares, o skate não acontece apenas em um segmento espacial. O transitar pela cidade na busca de lugares *skatáveis*, apropriando-se de seus espaços como uma forma de habitá-la, faz parte da natureza dessa prática. Diante disso, o Parque da Juventude não consegue suprir sozinho as necessidades de apropriação espacial dos skatistas, ele é apenas um dos equipamentos do *circuito* do skate naquela região.

Além disso, compreendemos que o surgimento do Parque da Juventude, em substituição à Pista do Paço Municipal, contribuiu para melhorar a qualidade das relações espaciais daquela região. Já que, aquele equipamento, agora revitalizado, se configura como um incentivo ao lazer e ao esporte. Demonstrando que a participação do Estado naquele segmento espacial trouxe importantes benefícios ao espaço urbano estudado, possibilitando a um maior número de pessoas se apropriarem daquele equipamento e melhorando a qualidade dessa apropriação. Se configurou ainda, enquanto uma conquista, contribuindo para o reconhecimento da cidadania da população da região, bem como uma maior democratização do espaço, já que agora ele é frequentado por uma diversidade maior usuários. Pelos relatos dos

skatistas, ficou claro que a omissão da iniciativa pública é pior do que a intervenção, a primeira leva ao abandono, deterioração e segregação dos equipamentos públicos.

Por fim, acreditamos que a grande contribuição dessa pesquisa é trazer à luz novas perspectivas de se pensar o espaço urbano por meio das manifestações de lazer. Compreendemos o skate como uma prática cultural em constante relação histórica com os espaços citadinos e uma forma de resistir aos processos racionalizantes, hegemônicos e fragmentários, apontados como dominantes na realidade das grandes regiões metropolitanas. Sendo assim, olhar para determinadas formas de vivências de lazer nas cidades contemporâneas, tal como o skate, nos possibilita compreender o quanto é possível exercer formas efetivas de apropriação do espaço urbano nas cidades contemporâneas.

Desejamos, com isso, que as respostas conquistadas por meio dessa investigação e, principalmente, as questões que por hora não puderam ser respondidas, se transformem em fontes de inspiração para que novos olhares se voltem para as questões que envolvem esse complexo e emaranhado campo que constitui as formas de apropriação do espaço urbano por meio do lazer.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Tempo livre, In: _____. **Industria cultural e sociedade**. Seleção de textos Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Paz e Terra LTDA, 2002.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

AMÉSTICA, M. C. et al. El skate urbano e juvenil: una practica social y corporal em tiempos de lá resignificácion de la identidad juvenil chilena. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 39-53, set. 2006. Disponível em: < http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/37/44> Acesso em: 12 de dezembro de 2012.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012. 111 p.

BACKLANR, Marshal. **Skatercater.** EUA, 1968.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

BARREIRA, Irlys A. F.; LIMA, Geísa M. A. Subversões do olhar: evidências temporais de uma microssociologia dos espaços urbanos. **Cad. CRH [online]**. 2013, vol.26, n.69, pp. 529-544. ISSN 0103-4979.

BARROS, J. M. **Cultura e comunicação nas avenidas do contorno em Belo Horizonte e La Plata**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BIBLIOTECA GUIMARÃES ROSA. **Descrição de atrativos turísticos**. Acervo para consulta, São Bernardo do Campo, 2013.

BIRMAN, Joel. Nas bordas da transgressão. In: PLASTINO, Carlos Alberto. (org.) **Transgressões.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

BOAVENTURA SANTOS, S.; MENESES, M. P. Introdução. In.: _____. (orgs.) **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2010. 637 p.

Borden, I. M. **Skateboarding, space and the city**: architecture and the body. Berg: Bloomsbury Academic, 2001. 318 p.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 361 p.

_____. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu / Sociologia.** Trad. Paula Monteiro. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994, p.46-81.

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes**: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972 – 1989). 2006. 138 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2006.

_____. Entre a marginalização e a esportivização: Elementos para uma história da juventude Skatista no brasil. **Recorde: Revista de História de Esporte.** v. 1, n. 2, s/p. dez. 2008.

_____. **A cidade e a tribo skatista**: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural / – Dourados : Ed. UFGD, 2011. 160p.

_____. **Por uma história dos "esportes californianos" no Brasil**: o caso da juventude skatista (1970 – 1990). Tese (Doutorado em História Social) – Pontífica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012a.

_____. "O surfe de asfalto": a década de 1970 e os momentos iniciais da prática do skate no Brasil. In: BRANDÃO, Leonardo e HONORATO, Tony. **Skate e skatistas**: questões contemporâneas. (org.). Londrina: UEL, 2012b. 248 p.

BRITTO, E. (org.). **A onda é dura**: 3 décadas de skate no Brasil. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARLOS, Ana F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. O turismo e a produção do não lugar. In: YÁZIGI, Eduardo et al (org.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

_____. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **O espaço urbano:** novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CBSK. **Dados do esporte**. Pesquisa Datafolha 2009. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/docs/Pesquisa%20Datafolha%202009%20(1).pdf> Acesso em: 06/06/2014.

CBSK. **Home**. História do skate no brasil. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/conteudos/historia-do-skate-no-brasil> Acesso em: 30/01/2014.

CEMPORCENTO SKATE MAGANIZE**. Dia do skate.** São Paulo: Editora ZY, 1995, nº 3. p.21. Disponível em: <http://issuu.com/editorazy/docs/edicao_3> Acesso em: 25/01/2014.

CEMPORCENTO SKATE MAGANIZE. **São Caetano.** São Paulo: Editora ZY, nº 5, 1996. Disponível em: <http://issuu.com/editorazy/docs/edicao_5> Acesso em: 25/01/2014.

CEMPORCENTO SKATE MAGANIZE. **Fiksperto**. São Paulo: Editora ZY, 1997, nº11. Disponível em: <http://issuu.com/editorazy/docs/cemporcentoskate11> Acesso em: 25/01/2014.

CHAUI, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O direito a preguiça**. São Paulo: Hucitec: Unesp, 1999.

COSTA, Jean H. Reflexões sobre a indústria cultural a partir de Pierre Bourdieu: a importância dos conceitos de Habitus e Capital Cultural. In: **Revista Espaço Acadêmico**. Ano XII, n. 140, pp. 12-21, jan. 2013.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 100, Campinas, 2007.

DE GRAZIA, Sebastián. **Tiempo, Trabajo e ócio**. Madrid: Tecnos, 1966.

DOGTOWN AND Z-BOYS: onde tudo começou. Produzido por Stacy Peralta. EUA: Alliance Atlantis, 2001, 89min.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **Questionamento teórico do lazer**. São Paulo: Sesc, 1975.

_____. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DUNNING, Eric. La Dinámica del deporte moderno: notas sobre la búsqueda de triunfos y la importancia social del deporte. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995. 352 p.

ESPN. Post. **O Caso da pista de skate de Santo André**. Data de publicação: 27/12/2010. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/post/167074_o-caso-da-pista-de-skate-de-santo-andre> Acesso em: 25/04/2014.

FIGUEIRA, Marcia L. M.; GOELLNER, Silvana V. O skate feminino no Brasil: estratégias de se fazer ver. In: BRANDÃO, Leonardo e HONORATO, Tony. **Skate e skatistas**: questões contemporâneas. (org.). Londrina: UEL, 2012. 248 p.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. "Quando você é excluída, você faz o seu": mulheres e skate no Brasil. **Cad. Pagu [online].** 2013, n.41, pp. 239-264. ISSN 0104-8333. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332013000200014&script=sci_arttext> Acesso em: 24/04/2014.

FLORES, J. **Análisis de datos qualitativos:** aplicaciones a la investigación educativa. Barcelona: PPU, 1994.

FOLHA DE SÃO PAULO**.** Esportes. Da reportagem local. **Associação terá calendário nacional.** São Paulo, 29 de dezembro de 1986, p. 16. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1986/12/29/2> Acesso em: 06/06/2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Cidades. A cidade é sua. **Trânsito e rampa**. São Paulo, 03 de outubro de 1986, p. 19. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1986/10/03/2/> Acesso em: 06/06/2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Cidades**.** Da reportagem local. **São Bernardo abre espaço para skate e grafiteiros**. São Paulo, 08 de fevereiro de 1988, p.16. Disponível em: < http://acervo.folha.com.br/fsp/1988/02/08/339/> Acesso em: 06/06/2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Folhinha. **Skate na tela da TV**. São Paulo, 27 de março de 1988, p. 7. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1988/03/27/32/> Acesso em: 06/06/2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Esportes. Da reportagem local. **Norte americanos fazem show em São Bernardo do Campo**. São Paulo, 30 de novembro de 1988, p. 4. Disponível em: http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=norte+americanos&site=fsp&periodo=acervo Acesso em: 06/06/2014.
FRIEDMANN, Georges. **O trabalho em migalhas**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GAELZER, Lênea. **Lazer**: bênção ou maldição? Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 1979.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GETUR-SBC. São Bernardo Turística. Onde ir. Atrativos turísticos. Culturais. **Pavilhão Vera Cruz.** 2013 Disponível em: <http://www.turismosaobernardo.com.br/locais/ir/exibir/local=110> Acesso em: 06/06/14.

GOMES, C. L. Lazer: ocorrência histórica. In.: _____. (org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Estudos do Lazer e Geopolítica do Conhecimento. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.3, s/p, set. 2011. Disponível em: <https://www.ufmg.br/prpq/index.php?option=com_content&view=article&id=149&Itemid=90&ed=29> Acesso em: 03 de junho de 2014.

GOMES, C. L.; MELO. Victor A. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n.1, p. 23-44, mai. 2003.

GOMES, C. L., PINTO, Leila M. S. M. O lazer no Brasil: Analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, C. et al (org.). **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GOMES, C. L.; ELIZALDE, R. Análise teórico-conceitual do lazer e da recreação na América Latina. In: _____. **Horizontes latino-americanos do lazer / Horizontes latinoamericanos del ócio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GRAEFF, Billy. O que é, o que é...skate? In: BRANDÃO, Leonardo e HONORATO, Tony. **Skate e skatistas**: questões contemporâneas. (org.). Londrina: UEL, 2012. 248 p.

HIROSHI, Marcos. **Portal Cemporcento Skate**. Home. Fiksperto. 1ª Sessão na pista de São Caetano do Sul, 2008. Disponível em: <http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto.php?id=3912> Acesso em: 25/01/2014.

_____. **Sessão feminina todas as terças na pista de São Bernardo.** Portal cemporcento skate. 2009. Disponível em: <http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto.php?id=4582> Acesso em: 06/06/14.

HONORATO, Tony. **Uma história do skate no brasil**: do lazer à esportivização. In.: Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SP- UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.

_____. Skatistas, escola e poder. In: BRANDÃO, Leonardo e HONORATO, Tony. **Skate e skatistas**: questões contemporâneas. (org.). Londrina: UEL, 2012. 248 p.

IBGE. **Censo Populacional 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=9&uf=00>. Acesso em: 03 de junho de 2014.

IBGE. Canais. Banco de dados. Cidades. São Paulo. **São Bernardo do Campo**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354870&search=sao-paulo|sao-bernardo-do-campo>. Acesso em: 06 de junho de 2014.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEITE, Rogerio Proença. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Dados [online]**. Rio de Janeiro, vol. 53, n. 3, p. 737-756, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/dados/v53n3/a07v53n3.pdf> Acesso em: 06/06/2014.

LIMA, Denise M O. Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu. **Cogito [online].** vol.11, 2010, pp. 14-19. ISSN 1519-9479. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792010000100003&script=sci_arttext> Acesso em: 24/04/2014.

MACHADO, G. M. C. **De "carrinho" pela cidade**: práticas do *street skate* em são Paulo. 2011. 268 f. Dissertação (Mestrado em antropologia social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. Dilemas em torno da prática do street skate em São Paulo. **Esporte e Sociedade.** v. 7, n. 19, s/p, mar. 2012a.

_____. De skate pela cidade: quando o importante é (não) competir. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 21, p. 171-188, out. 2012b.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - VOL. 17 Nº 49, junhor/2002. Disponível em < http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf> Acesso em: 12 de dezembro de 2012.

_____. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: UNESP, 2003.

_____. Introdução. In: MAGNANI, J. G. C. e SOUZA, Bruna M. (orgs). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuito de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. 279 p.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lilian de Lucca (orgs). In: **Na metrópole**: textos de etnografia urbana. 3ª Ed. São Paulo: Editora de universidade de São Paulo, Fapesp, 2008. 318 p.

_____. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012b. 349 p.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas. Papirus, 1983.

_____. **Lazer e educação**. Campinas. Papirus, 1987.

_____. **Pedagogia da animação**. Campinas. Papirus, 1990.

_____. **Estudos do Lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996. (Coleção Educação Física e Esportes).

_____. Lazer e sociedade: algumas aproximações. In: MARCELLINO, N. C. (Org.) **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Editora Alínea, 2008.
MARCELLINO, N. C; BARBOSA, F. S.; MARIANO, S. H. As Cidades e o Acesso aos Espaços e Equipamentos de Lazer. **Impulso**, Piracicaba, v. 17, n. 44, p. 55-66, 2006.

MARINHO, Alcyane; PIMENTEL, G. G. A. Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes as teorias do lazer. In.: PIMENTEL, G. G. A. (org.) **Teorias do lazer**. Maringá: Eduem, 2010.

MARICATO, Ermínia. Brasil 2000: qual planejamento urbano? **Cadernos IPPUR**, Rio de Janeiro, Ano XI, n. 1 e 2, p. 113-130, 1997.

MARX, Karl. **A mercadoria**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores, vol. I)

MEDEIROS, Ethel B. **Lazer**: necessidade ou novidade? Rio de Janeiro: SESC, 1975.

MÉDICI, Ademir. **São Bernardo do Campo 200 anos depois**: a história da cidade contada pelos seus protagonistas. São Bernardo do Campo: PMSBC, 2012.

MELO, V. A.; ALVES JÚNIOR, E. D. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003.

MELO. V. A. Estudos do lazer: um panorama. In: MELO, V. A., ALVES JUNIOR, E. D., BRETAS, Angela. (org.) **Lazer e Cidade**: reflexões sobre o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

_____. Contribuições da história para o estudo do lazer. In.: _____. (org.) **Lazer**: olhares multidisciplinares. Campinas: Editora Alínea, 2010.

_____. O lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; SILVA, Sílvio Ricardo da. (Org.). **Estudos do lazer**: um panorama. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. ed. 4 São Paulo: Hucitec, 1996. 406 p.

_____. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de janeiro: Vozes, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p. (Psicologia Social).

MUNNÉ, Frederic. **Psicologia del tiempo libre**: un enfoque critico. México: Trillas, 1980.

Moraes, Josie. **Raninho indica seu roteiro de skate**. Seu roteiro. Boardsports. Disponível em: http://www.boardsports.com.br/seu_roteiro/07_04_raninho_indica.shtml. Acesso em: 01 de novembro de 2013.

NASCIMENTO, Flávio e PRETTO, Carlos. A história do skate em São Bernardo do Campo. In: Comemoração de 30 anos da Pista Velha de São Bernardo do Campo, 1, 2012, São Bernardo do Campo. **Exposições...** São Bernardo do Campo: Parque da Juventude Città Di Maróstica, 2012. s/p.

OLIC. M. B. **Entre o liso e o estriado**: skatistas na metrópole. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

OLIVEN, R. G. Por uma antropologia em cidades brasileiras. In: VELHO, Gilberto (coord.). **O desafio da cidade**: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. **A antropologia de grupos urbanos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

ONG SKATE SOLIDÁRIO. Dicas. **História do skate**. Do surf no asfalto aos skatistas profissionais. Disponível em: http://www.skatesolidario.org.br/noticias/index.php?option=com_content&view=article&id=40&Itemid=70 Acesso em: 30/01/2014.

OYAMA, Thaís. Faltou onda na Califórnia e alguém resolveu surfar no chão, ai nasceu o skate. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 de outubro de 1986. Caderno Folhinha. p. 4-5. Disponível em: < http://acervo.folha.com.br/fsp/1986/10/19/32/> Acesso em: 06/06/2014.

PARKER, Stanley, **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PELLEGRIN, Ana De. Espaço de Lazer. In: GOMES, C. L. (org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PEREIRA, D. W.; MENEZES, E. O skate em São Bernardo do Campo. In: Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 3, 2008, Santa Teresa-ES. **ANAIS III CBAA...**, Santa Tereza, 2008.

PETERS, Paulo Moura. **Mar de asfalto**: a pista de skate da Ermida Dom Bosco. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia) – Universidade de Brasília, 2009.

PINTO, Leila. M. S. M. **Sentidos e significados de lazer na atualidade**: estudo com jovens belo-horizontinos. 2004. Tese (Doutorado em educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. Vivência lúdica no lazer: humanização pelos jogos, brinquedos e brincadeiras. In.: MARCELLINO, Nelson C. (org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

PMSBC. Economia. Banco de dados. **Compêndio estatístico 2008**. Disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/SECRETARIAS/sp/geoportal/COMPENDIO/economia.pdf> Acesso em: 06/06/14.

PMSBC. A cidade em números. Turismo, lazer, esporte, comércio, serviços. **Uma cidade de desenvolvimento e oportunidades**. Disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/comuns/pqt_container_r01.asp?srcpg=bemvindo&lIHTM=true> Acesso em: 06/06/14.

PORTAL CEMPORCENTO SKATE. **Guia de Pistas 100% SKATE 2006**. Disponível em <http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto.php?id=2350> Acesso em: 08/03/2013.

PORTAL CEMPORCENTO SKATE. Fiksperto. **Pista de São Bernardo Agora tem Sessão Old School.** 28 de março de 2008. Disponível em: < http://www.cemporcentoskate.com.br/fiksperto.php?id=3557> Acesso em: 06/06/14.

SMESP. CEU. **Apresentação.** Disponível em: <http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/ceus/Anonimo/apresentacao.aspx?MenuID=11> Acesso em: 25/04/2014.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUT, Luc Van. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RECHIA, Simone. **Parques públicos de Curitiba**: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer. 2003. 189 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. O pulsar da vida urbana: o espaço, o lugar e os detalhes do cotidiano. In: CARVALHO, J. E. (org.) **Lazer no espaço urbano**: transversalidade e novas tecnologias. Curitiba: Champagnat, 2006. p. 91-102.

REQUIXA, Renato. **O lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

_____. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

RODRIGUES, I. J.; RAMALHO, J. R. (Orgs.) **Trabalho e sindicato em antigos e novos territórios produtivos**: comparações entre o ABC Paulista e o Sul Fluminense. São Paulo: Annablume, 2007.

SARAVÍ, Jorge Ricardo. **Skate, espacios urbanos y jóvenes en la ciudad de La Plata.** 2012. 208 f. Dissertação (Maestría en Educación Corporal) – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata. La Plata, 2012.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **A Natureza do Espaço**: técnica, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. ed. 4, 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 210 p.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 236 p.

_____. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 176 p.

SÃO BERNARDO DO CAMPO, **Decreto-Lei Nº 16.096**, de 16 de agosto de 2007. Regulamenta a Lei Municipal nº 5.698, de 28 de junho de 2007, que dispõe sobre a criação e denominação do "Parque Cidade Escola da Juventude Cittá di Maróstica", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.saobernardo.sp.gov.br/comuns/pqt_container_r01.asp?srcpg=parque_esportes_radicais&lIHTM=true> Acesso em: 06/06/14.

SILVA, Mary Anne Vieira. Cotidiano e lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino. In: Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino: a didática e os diferentes espaços, tempos e modos de aprender e ensinar, 2., 2007, Anápolis – GO. **Anais Eletrônicos...** Anápolis: CEPED, 2007. Disponível em: <http://www.ceped.ueg.br/anais/IIedipe/trabalhos.html> Acesso em: 01 de novembro de 2013.

SKATE CURIOSIDADE. Pistas skt. **Pista extinta – Wave Park – Lendária pista – 1977 a 1981**, 2008. Disponível em: <http://www.skatecuriosidade.com/pistas-skt/lendaria-pista-extinta-em-1981> Acesso em: 05/06/2014.

SKATE CURIOSIDADE. Filmes. **VHS – Sea Club Overall Skate Show**, 2009. Disponível em: <http://www.skatecuriosidade.com/filmes/vhs-sea-club-overall-skate-show> Acesso em: 25/01/2014.

SKATE FEMININO BRASIL. Matérias. Novembro. **Horário feminino na Pista de Skate de SBC.** Data de publicação: 29/09/2010. Disponível em: <http://skatefemininobrasil.blogspot.com.br/2010_11_01_archive.html> Acesso em: 24/04/2014.

SKATE, O ESPORTE EMOÇÃO. Direção de Marcelo Laxe e Haroldo Nogueira. São Paulo: **Vision Sports Films/Phoenix**, 1987, 56min 50s.

SKATERCATER**.** Produção de Marshal Backlanr. EUA: **Byway Productions**, 1965, 17min 38s.

SOARES, Carmem L. e BRANDÃO, Leonardo. **Voga esportiva e artimanhas do corpo**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 11-26, jul/set de 2012.

STANGORLINI, Mario. **As colônias do Bairro Assunção**. São Bernardo do Campo: Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1988.

SZPACENKOPF, Maria I Oliveira. Um espaço para a instituição e para a transgressão. In: PLASTINO, Carlos Alberto. (org.) **Transgressões.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

_____. Resistência e dominação na relação psicanalítica. In: **Estados Gerais da Psicanálise**: Segundo Encontro Mundial. Rede dos Estados Gerais da Psicanálise. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/> Acesso em: 27/04/2014.

TEIXEIRA, Juliana C.; FREITAS, Gustavo da Silva; CORREIA, Jones M. O skate como tema na produção de conhecimento em periódicos na área da educação física. **Revista Didática Sistêmica**, v. especial, n. 1, 2012, p. 124-139.

TORRES, Héctor B.; MORANTA, Tomeu V. **La noción de espacio público y la configuración de la ciudad**: fundamentos para los relatos de pérdida, civilidad y disputa. In: **Polis [online].** 2012, vol.11, n.31, pp. 57-80. ISSN 0718-6568.

TOKITAKA, Alexandre. Skatistas promovem "passeata" para reivindicar pista pública. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 24 de junho de 1988. Cidades, p. 12. Disponível em: http://acervo.folha.com.br/fsp/1988/06/24/2/> Acesso em: 06/06/2014.

TOMISAKI, Sérgio. Pista de São Bernardo reúne até três mil skatistas. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 20 de maio de 1988. Cidades, p. 11. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=pista+s%C3%A3o+bernardo+re%C3%BAne&site=fsp&periodo=acervo> Acesso em: 06/06/2014.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Lazer na adolescência**: uma análise sobre os skatistas do ABC Paulista. 1997. 165 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

VIDA SOBRE RODAS. Direção: Daniel Baccaro. Brasil: Goma Filmes, 2010, 110 min.

VIEGAS, Marcelo. Campeonato Brasileiro de Banks Profissional São Bernardo do Campo. **Cemporcento Skate Maganize**. São Paulo: Editora ZY, nº 9, p. 19-20, set. 1996. Disponível em: < http://issuu.com/editorazy/docs/cemporcentoskate09> Acesso em: 25/01/2014.

WOOLLEY, Helen & JOHNS, Ralph. Skateboarding: The City as a Playground. Journal of **Urban Design**. v. 6, n. 2, 2001. p. 211-230.

APÊNDICE A – TCLE – Skatista

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Lazer e espaço urbano: uma análise do skate no Parque da Juventude

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar desta pesquisa, realizada pela PESQUISADORA ALLANA JOYCE SOARES GOMES, com orientação da Profa. Dra. Ana Claudia Porfirio Couto, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EEFFTO da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Pretendemos investigar o skate como uma prática cultural urbana de lazer que estabelece relações com o espaço. Para isso o objetivo geral da pesquisa é: investigar como os skatistas usam e se apropriam do equipamento de lazer conhecido como Parque da Juventude. Você será convidado a se encontrar com a pesquisadora, conforme sua disponibilidade e agendamento prévio, para que possa responder a uma entrevista que será gravada em formato de áudio, por meio de um equipamento de gravação digital.

Por se tratar de uma entrevista em que você responderá apenas questões relativas a sua prática de skate, não há riscos. O tempo que será cedido para a sua participação trará benefícios por meio de maiores informações sobre a prática do skate no Parque da Juventude e em São Bernardo do Campo. Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Será garantido o seu anonimato, os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores. Por meio deste, também é consentido que ao final do estudo os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos. Sendo garantido que você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponibilizado qualquer forma de remuneração.

DECLARAÇÃO DO (A) PARTICIPANTE: Eu, _____fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Portanto, concordo com o que foi exposto acima e dou o meu consentimento.

São Bernardo do Campo, _____de_____2013.
Assinatura do (a) voluntário (a): _____
Assinatura da pesquisadora: _____

Telefone da pesquisadora: 92540209. Comitê de ética em pesquisa (UFMG). Av Antonio Carlos, n°6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte – MG Cep: 31.270-901. Unidade administrativa II, 2º andar, sala 2005. Telefone: 3409-4592.

APÊNDICE B – TCLE – Responsável pelo adolescente

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Lazer e espaço urbano: uma análise do skate no Parque da Juventude

Você está sendo convidado (a) a autorizar a participação voluntária do (a) adolescente, sob sua responsabilidade, nesta pesquisa, realizada pela PESQUISADORA: ALLANA JOYCE SOARES GOMES, com orientação da Profa. Dra. Ana Claudia Porfirio Couto, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EEFFTO da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Pretendemos investigar o skate como uma prática cultural urbana de lazer que estabelece relações com o espaço. Para isso o objetivo geral da pesquisa é: investigar como os skatistas usam e se apropriam do equipamento de lazer conhecido como Parque da Juventude.

O (A) adolescente sob sua responsabilidade será convidado (a) a se encontrar com a pesquisadora, conforme sua disponibilidade e agendamento prévio, para que possa responder a uma entrevista que será gravada em formato de áudio, por meio de um equipamento de gravação digital.

Por se tratar de uma entrevista em que o (a) adolescente responderá apenas questões relativas a sua prática de skate, não há riscos. Além disso, o tempo gasto com a entrevista benefícios por meio de maiores informações sobre a prática do skate no Parque da Juventude e em São Bernardo do Campo.

Você e o (a) adolescente sob sua responsabilidade serão esclarecidos sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. O (A) adolescente é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação do mesmo é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Sendo garantido ainda o seu anonimato, os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa pelos pesquisadores.

Por meio deste, também é consentido que ao final do estudo os resultados sejam publicados em forma de uma dissertação e também artigos acadêmicos. Sendo garantido que o(a) adolescente sob sua responsabilidade não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

A participação no estudo não acarretará em custos e não será disponibilizado qualquer forma de remuneração.

Declaração do (a) responsável: Eu, _____, responsável por _____, fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim ou para o adolescente sob minha responsabilidade. Portanto, concordo com o que foi exposto acima e dou o meu consentimento.

São Bernardo do Campo, _____de_____2013.

Assinatura do (a) responsável: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Telefone da pesquisadora: 92540209. Comitê de ética em pesquisa (UFMG). Av Antonio Carlos, n°6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte – MG Cep: 31.270-901. Unidade administrativa II, 2º andar, sala 2005. Telefone: 3409-4592.

APÊNDICE C – Carta de anuência da coordenação do parque

Ilmo Sr. Carlos Alberto de Lima – Coordenador Geral do Parque Cidade Escola da Juventude Città Di Maróstica

Mediante o contexto atual em que se encontra os desdobramentos do skate no Brasil, fica claro que ainda existem muitas questões a serem discutidas no que toca o uso do espaço urbano para essa determinada prática cultural. Sendo assim, pretendemos investigar o skate como uma prática cultural urbana de lazer que estabelece relações com o espaço. Para isso o objetivo geral da pesquisa é: Investigar como os skatistas ressignificam o espaço de lazer Parque da Juventude, em São Bernardo do Campo-SP.

Diante dessa breve apresentação solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada ***Lazer no espaço urbano: uma análise do skate no Parque da Juventude,*** a ser realizada no **Parque Cidade Escola da Juventude Città Di Maróstica**, pela mestranda do Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) **ALLANA JOYCE SOARES GOMES,** sob orientação da **Profa. Dra Ana Claudia Porfirio Couto,** que utilizará de análises documentais, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Necessitando portanto, ter acesso aos dados a serem colhidos na coordenação do referido parque, documentos referentes a sua implantação, dados quantitativos sobre seus frequentadores e informações referentes às atividades relacionadas ao skate. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que a pesquisadora possa fazer observações das práticas de skate que ocorrem dentro do Parque, para isso ela precisará de autorização para ter acesso à área do Street Park. Pedimos ainda anuência para que o nome deste Parque possa constar no relatório final, bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 196/96 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Coordenadoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Belo Horizonte, 27 de maio de 2013

_____

Profa. Dra. Ana Claudia Porfirio Couto
Coordenadora/Orientadora do Projeto

( ) Concordamos com a solicitação **( )Não concordamos com a solicitação**

_____

Carlos Alberto de Lima
Coordenador Geral do Parque

Telefone da pesquisadora: 92540209. Comitê de ética em pesquisa (UFMG). Av Antonio Carlos, n°6627, Campus Pampulha, Belo Horizonte – MG Cep: 31.270-901. Unidade administrativa II, 2º andar, sala 2005. Telefone: 3409-4592.

APÊNDICE D – Guia de entrevista – OEE (street park)

GUIA A – OPERADOR DE EQUIPAMENTO ESPORTIVO

Nome:

Idade:

Anda de skate? ( ) Sim ( ) Não Há quanto tempo?

Modalidades/estilo:

Amador ( ) Profissional ( )

Participa de competições? ( ) Sim ( ) Não

Questão básica norteadora: Fale sobre a história da Pista e do Parque da Juventude e sobre o modo como os skatistas usam o Parque.

Componentes:

- ✓ Como ocorreu a transformação da Pista no que ela é hoje?
- ✓ Qual a participação dos skatistas nesse processo?
- ✓ Quais mudanças em relação ao uso do espaço ocorreram após essa transformação?
- ✓ Como os skatistas usam a Pista e o Parque?: Como eles lidam com as regras. Há transgressões, quais? Quais as concessões? Acontecem divergências, conflitos, brigas?
- ✓ Quem frequenta a Pista no horário em que você monitora? Faixa etária, amadores, profissionais, modalidades que praticam, quais os horários mais cheios?
- ✓ Fale sobre o uso da Pista nos vários horários que você monitora. Como é durante a semana, manhã, tarde, noite, final de semana.
- ✓ Fale sobre a Sessão Old School: como ela surgiu, de quem foi a iniciativa, conte sobre sua trajetória, mudanças de horário, suspensões, divergências, por que ela parou no início desse ano? O que foi discutido na reunião antes do seu retorno?

APÊNDICE E – Guia de entrevista – Skatista nova geração

GUIA B – REPRESENTANTE DA NOVA GERAÇÃO DO SKATE

Nome:

Idade:

Tempo de skate:

Modalidades/estilo:

Amador ( ) Profissional ( )

Participa de competições? ( ) Sim ( ) Não

Questão básica norteadora: Você pode falar sobre a prática do skate no Parque da Juventude?

Componentes:

- ✓ Por que você anda de skate na Pista do Parque?
- ✓ Além dessa Pista em que outros lugares você pratica skate?
- ✓ Qual a relação da Pista e do Parque com o skate em São Bernardo/ABC Paulista/ Brasil?
- ✓ Como você usa o Parque?: quantos dias por semana, por quanto tempo, vem sozinho ou acompanhado, com quem você anda?
- ✓ Existem encontros entre você e outros skatistas fora do parque?: onde, em que ocasiões, com quem você se reúne?
- ✓ Você andava na Pista antes do surgimento do Parque?
- ✓ Se sim:
- Fale sobre a história da Pista de São Bernardo do campo.
- Como era andar na Pista Velha?
- Como é andar na Pista hoje, dentro do parque?
- O que mudou?
- Como ocorreu a transformação da Pista Velha no que ela é hoje?
- Qual a participação dos skatistas nesse processo?

APÊNDICE F – Guia de entrevista – Skatista do sexo feminino

GUIA C – REPRESENTANTE DO SKATE FEMININO

Nome:

Idade:

Tempo de skate:

Modalidades/estilo:

Amador ( ) Profissional ( )

Participa de competições? ( ) Sim ( ) Não

Questão básica norteadora: Você pode falar sobre a prática do skate no Parque da Juventude?

Componentes:

- ✓ Por que você anda de skate na Pista do Parque?
- ✓ Além dessa Pista em que outros lugares você pratica skate?
- ✓ Qual a relação da Pista e do Parque com o skate em São Bernardo/ABC Paulista/ Brasil?
- ✓ Como você usa o Parque?: quantos dias por semana, por quanto tempo, vem sozinho ou acompanhado, com quem você anda?
- ✓ Existem encontros entre você e outros skatistas fora do parque?: onde, em que ocasiões, com quem você se reúne?
- ✓ Fale sobre a sessão feminina: como ela surgiu, de quem foi a iniciativa, conte sobre sua trajetória, mudanças de horário, suspenções, divergências, confusões, por que ela parou no início desse ano? O que foi feito para que a sessão voltasse?
- ✓ Qual a importância da Pista e do Parque para o skate feminino?
- ✓ Você andava na Pista antes do surgimento do Parque?
- ✓ Se sim:

- Fale sobre a história da Pista de São Bernardo do campo.
- Como era andar na Pista Velha?
- Como é andar na Pista hoje, dentro do parque?
- O que mudou?
- Como ocorreu a transformação da Pista Velha no que ela é hoje?
- Qual a participação dos skatistas nesse processo?

APÊNDICE G – Guia de entrevista – Skatista geração *old school*

GUIA D – REPRESENTANTE DA GERAÇÃO OLD SCHOOL DE SKATE

Nome:

Idade:

Tempo de skate:

Modalidades/estilo:

Amador ( ) Profissional ( )

Participa de competições? ( ) Sim ( ) Não

Questão básica norteadora: Você poderia falar sobre a história da Pista de Skate de SBC, contando suas transformações até o surgimento do Parque da Juventude e falar como a prática do skate acompanhou essa transformação?

Componentes:

- ✓ Fale sobre a história da Pista de São Bernardo do campo.
- ✓ Como era andar na Pista Velha?
- ✓ Como é andar na Pista hoje, dentro do parque?
- ✓ O que mudou?
- ✓ Como ocorreu a transformação da Pista Velha no que ela é hoje?
- ✓ Qual a participação dos skatistas nesse processo?
- ✓ Por que você anda de skate na Pista do Parque?
- ✓ Além dessa Pista em que outros lugares você pratica skate?
- ✓ Qual a relação da Pista e do Parque com o skate em São Bernardo/ABC Paulista/ Brasil?
- ✓ Como você usa o Parque?: quantos dias por semana, por quanto tempo, vem sozinho ou acompanhado, com quem você anda?
- ✓ Existem encontros entre você e outros skatistas fora do Parque?: onde, em que ocasiões, com quem você se reúne?
- ✓ Fale sobre a Sessão Old School: como ela surgiu, de quem foi a iniciativa, conte sobre sua trajetória, mudanças de horário, suspensões, divergências, por que ela parou no início desse ano? O que foi discutido na reunião antes do seu retorno?